

Pesquisa em Jornalismo,
conhecimento e resistência:
o legado de Adelmo Genro Filho

Pesquisa em Jornalismo,
conhecimento e resistência:
o legado de Adelmo Genro Filho

Alciane Baccin
Marcos Paulo da Silva

Pesquisa em Jornalismo,
conhecimento e resistência:
o legado de Adelmo Genro Filho

Edição 01

Brasília, Brasil
SBPJor
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gestão 2019-2021

Diretoria Executiva

Presidente: Marcos Paulo Silva (UFMS)

Vice-Presidente: Danilo Rothberg (Unesp)

Diretora Administrativa: Laura Storch (UFMS)

Diretor Científico: Rafael Bellan (Ufes)

Diretora Editorial: Alciane Baccin (Unipampa)

Conselho Científico

Ana Carolina Temer (UFG)

Beatriz Alcaraz Marocco (Unisinos)

Fernando Firmino (UEPB)

Lia Seixas (UFBA)

Paula Melani Rocha (UEPG)

Rita Paulino (UFSC)

Roseli Figaro (USP)

Conselho Administrativo

Claudia Nonato (CPCT-ECA/USP)

Mateus Yuri Passos (UMESP)

Vitor Curvelo Fontes Belém (UFS)

Revisão de textos

Julianny Cardoso (Unipampa)

Editoração Gráfica e Diagramação

Tuãne Araújo (Unipampa)

Pesquisa em Jornalismo, conhecimento e resistência: o legado de Adelmo Genro Filho

Apresentação (pág. 9)

Em meio a tantas perdas a resistência da pesquisa

Alciane Baccin

Marcos Paulo da Silva

Conferência de abertura (pág. 13)

Jornalismo “no front”

Rafael Bellan

Mesa de debate (pág. 33)

O Jornalismo como forma de conhecimento: o legado de Adelmo Genro Filho

Felipe Simão Pontes

Tarso Herz Genro

Pedro Luiz Osório

Eduardo Meditsch

Posjor (pág. 49)

Sobre os desafios da pós-graduação: o segundo ano da pandemia

Cíntia Xavier

Edgard Patrício

Rogério Christofolletti

JPJor (pág. 55)

A consolidação do JPJor e as sementes da pesquisa

Vitor Belém

Alciane Baccin

Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo

Pesquisador Sênior (pág. 62 e 73)

Como flor no asfalto: Nilson Lage e o legado de uma carreira de resistência

Marcos Paulo da Silva

Ao mestre Nilson Lage, com amor e gratidão

Samuel Pantoja Lima

Doutorado (pág. 79)

O contexto no jornalismo como objeto de pesquisa

Ana Paula Lückman

Mestrado (pág. 98)

A ‘arte de sujar os sapatos’ com a pauta social - Grande reportagem e o cotidiano dos indivíduos (extra)‘ordinários’

Luiza Gould

Carla Baiense Felix

Iniciação Científica (pág. 119)

Jornalismo e inovação: uma análise dos projetos financiados pelo Google News Initiative – Innovation Challenge em 2019

Bruna Eduarda Meinen Feil

Laura Strelow Storch

Relatos das Redes de Pesquisa da SBPJor

Rede Jortec (pág. 142)

JorTec e SBPJor: parceria na reflexão e pesquisa sobre jornalismo e tecnologia

Adriana Barsotti

Alciane Baccin

Alessandra de Falco

Claudia Quadros

Elaide Martins

Maíra Evangelista de Sousa

Marlise Brenol

Mirna Tonus

Raquel Ritter Longhi

Rede Radiojor (pág. 157)

Jornalismo sonoro diante da longa pandemia e do extremismo político

Luân Chagas

Valci Zuculoto

Marcelo Kischinhevsky

Rede Renami (pág. 164)

As tessituras da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporânea

Alda Costa

Maurício Guilherme Silva Jr.

Mara Rovida

Rede Renoi (pág. 175)

Três anos febris: a RENOI e a crítica da mídia nos tempos da Covid-19 e de ataques ao jornalismo

Rafiza Varão

Rede Retij (pág. 186)

A realização do evento na modalidade virtual no contexto da pandemia

Janaina Visibeli

Rede Telejor (pág. 193)

As contribuições da Rede Telejor e do telejornalismo na luta pela preservação e ampliação dos direitos humanos e da cidadania

Cárlida Emerim

Ariane Pereira

Parte I

Pesquisa em Jornalismo,
conhecimento e resistência:

o legado de Adelmo Genro Filho

Em meio a tantas perdas, a resistência da pesquisa

Alciane Baccin

Depois de passarmos por um ano difícil (2020), repleto de incertezas sobre o presente e o futuro, por conta da pandemia do quase desconhecido vírus Sars-Cov-2, o Coronavírus causador da Covid-19, iniciamos 2021 com a esperança da possibilidade de vacinação em massa da população mundial. Porém, o atraso na aquisição dos imunizantes por conta dos governos, retardou o controle do vírus e a possibilidade do povo brasileiro retornar a uma vida mais próxima da que vivia antes da pandemia. O ano de 2020 encerrou contabilizando cerca de 200 mil mortes. E o pior ainda estava por vir. No dia 29 de março de 2021, as mortes atingiram o pico máximo da pandemia, totalizando 3.322¹ vidas perdidas em um só dia. As universidades continuavam com o Ensino Remoto Emergencial. Nesse momento, os professores ainda não tinham tomado dose alguma de imunizantes e a vez dos alunos estavam longe de chegar. A escalada de mortes foi tão assustadora que, em 19 de junho de 2021, o país atingiu a triste marca de 500 mil mortos por Covid-19, encerrando o ano com a soma de 620 mil óbitos em decorrência da doença.

Diante dessa realidade, não podíamos sequer pensar em realizar o 19º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e do 11º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) presencial. Pelo segundo ano consecutivo, foi necessário mantermos o evento remotamente. E, mais uma vez, adiamos a realização do Encontro na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza. Novamente a Diretoria Executiva da SBPJor contou com o apoio dos conselhos Científico e Administrativo e com as coordenações de suas seis redes de pesquisa: a Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (JORTEC), a Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RADIOJOR), a Rede de Pesquisa em Telejornalismo (TELEJOR), a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (RENAMI), a Rede de Pesquisa Trabalho e Identidade no Jornalismo (RETIJ) e a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RENOI) para planejar a realização do 19º Encontro da SBPJor e do 11º JPJor.

¹ De acordo com o Boletim Epidemiológico nº 73 do Ministério da Saúde.

Os eventos da SBPJor de 2021 foram marcados por enfrentar alguns desafios, entre eles de mais um ano no modo remoto, com interações sociais e científicas à distância, sem a troca de afeto entre os pesquisadores de todos os níveis de qualificação num mesmo espaço. Afetos e trocas que ocorriam nos corredores, nas mesas de bar depois das sessões, nos almoços em conjunto. O outro desafio foi promover discussões e interlocuções sobre a crescente onda de desinformação, por meio de ataques ao jornalismo e descrédito da ciência. Realizar os eventos e discutir o momento atual foi um ato de resistência de nós pesquisadores e da nossa SBPJor.

Por isso, os eventos realizados de 09 a 11 novembro tiveram como tema “Jornalismo como forma social de conhecimento em um cenário de expansão da desinformação”. Esta temática foi abordada na conferência de abertura com a participação do pesquisador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa – Portugal, José Luís Garcia. Na tarde do mesmo dia, após a cerimônia de entrega do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo 2021, ocorreu a mesa em homenagem póstuma a Nilson Lage, pesquisador premiado na Categoria Sênior do Prêmio Adelmo Genro Filho (PAGF) 2021, com a participação das filhas do homenageado Angela Carvalho Lage, Nildes Macedo Lage, Janaína Lage e Clara Macedo Lage, e ainda com os ex-alunos Samuel Pantoja Lima (UFSC) e Lara Viviane de Lima (UFSC). O relato da conferência de abertura e da mesa de homenagem ao pesquisador Nilson Lage, bem como os resumos dos trabalhos premiados no PAGF 2021 constam como capítulos nesta obra.

A programação do evento ainda reuniu dez oficinas de formação em pesquisa, a mesa “O Jornalismo como forma de conhecimento: o legado de Adelmo Genro Filho”, com os debatedores Eduardo Meditsch (professor da UFSC/UNB), Tarso Genro (advogado, ex-Ministro da Educação e ex-Governador do Rio Grande do Sul) e Pedro Luiz da Silveira Osório (jornalista, ex-professor da Unisinos e ex-presidente da Fundação Piratini e da Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais). O VIII Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo, o PósJor, importante momento de articulação que mais uma vez reuniu representantes dos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo ou em Comunicação com ênfase na pesquisa em Jornalismo.

Além de todos esses espaços, o evento congregou 208 trabalhos científicos de 393 autores. Foram realizadas 19 sessões de Comunicações Livres que reuniram 98 trabalhos, mais cinco propostas de Sessões Coordenadas e 20 Sessões Coordenadas de Redes de Pesquisa somando 110 nessas categorias. Já o 11º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) recebeu 55 artigos de 107 autores, o que resultou em 11 sessões temáticas.

De modo geral, o 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e o 11º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) superou os desafios e obstáculos, conseguindo atingir seu principal objetivo: ser um espaço qualificado de interlocução entre pesquisadores e de discussão de temáticas pertinentes e necessárias para o momento histórico que vivemos, momento esse de muitas perdas, perdas de vidas, de valorização da ciência, de trocas de afetos. Por tudo isso, este livro é um relato potente de um período de grandes desafios, que resiste em manter viva a pesquisa e o olhar crítico e criterioso para o jornalismo.

Desejo a vocês uma prazerosa leitura!

Os organizadores.

Jornalismo “no front”

Rafael Bellan

O tema do evento do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor 2021) foi “Pesquisa em Jornalismo, conhecimento e resistência: o legado de Adelmo Genro Filho”. Com essa temática, a SBPJor buscou homenagear um dos principais teóricos brasileiros na área do Jornalismo, Adelmo Genro Filho, que em 2021 completaria 70 anos, e destacar o papel do jornalismo e dos repórteres como produtores de conhecimento na contemporaneidade.

Para isso, a Diretoria Executiva da entidade teve como objetivo a proposta de trazer aos estudiosos do campo do jornalismo uma provocação, no sentido de atualizar e refletir sobre as teorias do pensador marxista gaúcho, deslocando suas ideias para as problemáticas e contradições que afligem o jornalismo como modalidade social de conhecimento - frente aos desafios do presente histórico.

Indispensável lembra aqui o contexto social, econômico e político ao qual se dá o Encontro de 2021. Remoto por conta da necessidade imperiosa de isolamento social, no cerne de explosão desenfreada de contaminações pela Covid-19, que ceifou mais de 680 mil vidas no Brasil. A barbárie social do capitalismo pandêmico encontrou na infodemia da desinformação (o constante negacionismo sobre o vírus) sua face mais perversa. O governo proto-fascista de golpistas, terraplanistas, jagunços e milicianos divulgou remédios sem comprovação científica, enquanto a compra de vacinas não foi vista como prioridade. O jornalismo parecia recuperar seu papel social, no entanto, as infovias digitais apareceram como obstáculo para a circulação das informações bem apuradas.

Para auxiliar o intento de compreender o papel da produção noticiosa nesse cenário de desmanche, a conferência de abertura do Encontro perseguiu a temática “Jornalismo como forma social de conhecimento em um cenário de expansão da desinformação”. E para problematizar as relações entre a atividade jornalística, entendida como produtora de um tipo de conhecimento específico, e as mudanças tecnológicas decorrentes de um novo momento da sociedade capitalista, capitaneada pela produção em massa de informações inverídicas, foi convidado o pesquisador Jose Luis Garcia, docente português com larga experiência nos cruzamentos necessários para a reflexão sobre os desafios do jornalismo no século XXI.

José Luís Garcia é doutor em Ciências Sociais e Investigador Principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Nesta instituição portuguesa, tem se dedicado aos estudos interdisciplinares, buscando sempre congregiar uma densa fundamentação teórica com as análises dos fenômenos sociais, com destaque recente para as transformações nas sociedades contemporâneas

advindas das mudanças tecnológicas. Essas mutações reestruturam os laços entre Estado e Mercado e produzem consequências nos planos da cultura, da ciência, da comunicação, da ecologia, da política e da ética. Para pesquisar essas engrenagens, José Luís Garcia aproxima a teoria social crítica, a sociologia da ciência e da tecnologia, a economia política, a comunicação e os estudos do jornalismo.

Ele atuou nos cursos de graduação ou pós-graduação em sociologia e comunicação do ISCTE-IUL, em comunicação e cultura da Universidade Católica Portuguesa, em jornalismo na Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa e comunicação social e novos media na Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Coimbra. É docente de teorias sociológicas clássicas no programa de doutoramento em Sociologia e estudos sociais da ciência e tecnologia no Programa doutoral FCT em Filosofia da Ciência, Tecnologia, Arte e Sociedade. Foi também professor visitante na Universidade de São Paulo, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e na Universidade do Iowa, nos EUA. Ele também é ativo em inúmeras associações científicas e membro do corpo editorial em importantes periódicos de vários países.

Em sua conferência, destaca-se o mergulho histórico sobre os condicionantes da caracterização moderna do conhecimento, o desenho múltiplo do significado do que seria o jornalismo em suas bases constitutivas, a crítica certa ao relativismo e a reflexão sobre a ideia de verdade, tema que não pode jamais ser descartado, sob pena de fornecer munição ao inimigo.

José Luís Garcia

O tema que a SBPJor me traz é o do jornalismo como forma de conhecimento em um cenário de expansão da desinformação. É um tema muito vasto e pode ser tratado de várias maneiras, como é evidente. Eu vou tratá-lo, enfim, de uma forma sumária, por conta do tempo. Realmente a problemática é vasta, mas vou dar importância para, pelo menos, três grandes problemas. O primeiro problema tem a ver com a ideia do jornalismo como forma social de conhecimento.

Eu vou desenvolver e problematizar esta tese e depois fazer um excuro sobre a situação, digamos assim, do jornalismo no nosso tempo. Em terceiro lugar, vou tentar evidenciar que o problema da desinformação é um problema que tem sido consubstancial no momento do aparecimento das grandes máquinas de comunicação. Isto é, pelo menos, desde o rádio e a televisão até agora nos computadores, se não antes. Evidentemente, no quadro dos media anteriores da época moderna também se colocava o problema da desinformação.

Começando pelo primeiro grande tema: a ideia do jornalismo como forma social do conhecimento, algo que permanece como questão no quadro do jornalismo brasileiro. Em termos internacionais, podemos considerar esta ideia de que o jornalismo é uma forma social de conhecimento como uma tese no jornalismo. É assim que vou considerar este problema. É uma tese que pode

ser contrariada e, de fato, ela é contrariada por muitas perspectivas e práticas atuais no campo do jornalismo. Vou chamar a atenção para as tendências das plataformas digitais e também dos vários meios tradicionais para negar ou ultrapassar a distinção entre o jornalismo e as atividades emergentes da chamada produção de conteúdo para os media, portanto, essa ideia de que o jornalismo é uma forma social de conhecimento é por mim considerada uma tese no jornalismo.

A situação atual, empurrada pelas novas condições de produção, divulgação e inserção da informação propiciadas pela internet, impele a indistinção jornalística e a chamada produção de conteúdo. Com muita frequência, conteúdos de marca e de marca comercial, são conhecidos pelo nome inglês de *branded content* - que são acordados, negociados com anunciantes ou empresas, e nesse caso, o jornalista trabalharia em uma espécie de zona de fronteira. Segundo a designação anglo-saxônica, também podemos chamar de *boundary-work*. Portanto, deste modo, seria mais adequado dizer que há uma tese que afirma que o jornalismo é conhecimento e conhecimento diferente do senso comum. Esta tese é perfilhada, adotada ou defendida por aqueles que pretendem que o jornalismo seja conhecimento ou se mantenha como conhecimento e não como produção de conteúdos, ou de *branded content*, ou de informação passiva de ser feita, por exemplo, por robôs. Ou seja, é uma tese defendida por aqueles que querem cada vez mais que o jornalismo seja um conhecimento aprimorado, um conhecimento justificado. Na linguagem filosófica de Platão, há uma crença justificada, porque as relações entre conhecimento e crença são muito fortes. Não há conhecimento isento de crença. Embora não seja exatamente o mesmo que uma crença, é uma questão que trataremos na segunda parte da minha intervenção.

Não podemos esquecer que esta tese pode ter muitas nuances, podem ter divergências. Lembro aqui das ideias tão citadas de Robert Park, mas também as propostas do teórico brasileiro do jornalismo, Adelmo Genro Filho, ou as análises do outro colega do Brasil, Eduardo Meditsch, ou o tratamento profundo que Felipe Simão Pontes realiza de Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo na sua tese de doutorado, que fez na modalidade de sanduíche aqui em Lisboa comigo. Todo esse setor pode ter muitas divergências. Todos eles participam de uma reflexão conceitual crucial. Uma reflexão que pode ser vista como um movimento filosófico sobre o jornalismo, sobre a sua ontologia, a sua epistemologia, o seu arcabouço conceitual direto, prático e metodológico. Isto não quer dizer que esse movimento filosófico que estamos a falar seja feito por filósofos, embora nele possam e devam participar filósofos.

Este movimento filosófico é um movimento necessário numa conjuntura crítica para toda a esfera da comunicação, da cultura, da simbolização e da política numa época em que surgiu uma nova máquina, ou melhor dito, um sistema tecnocientífico com grande valência comunicacional: internet e o computador, que têm capacidade para produzir alterações profundas em todo o processo de criação e circulação simbólica cultural e cognitiva.

Por esta via, infletar e alterar o mundo social, ou até melhor dito, também os mundos sociais, criando novos mundos sociais. Porque o que se joga na criação da comunicação, na criação da cultura, e na criação da simbolização, claramente também, a modificação do mundo social. O mundo social não se circunscreve a criação simbólica, ou simbólica cultural, comunicacional, mas não circunscreve a isso, porque existe na sociedade e no mundo das relações sociais as tecnologias, as coisas, e as interações entre os seres humanos, as relações, mas o mundo comunicacional do mundo cultural, do mundo simbólico é um mundo que configura também este mundo social, que atravessa este mundo social, e que o altera.

Por essa razão, a internet e os computadores são hoje em dia modos que refletem esse mundo social. Alterando, reconfigurando e antes que o movimento que se interroga sobre o jornalismo como forma de conhecimento, é um movimento de crise que só pode ser ultrapassado através de uma reflexão de cariz filosófico, psicológico, sociológico, histórico e comunicacional. Mas isso não significa que seja feito apenas por filósofos ou por sociólogos, ou por historiadores ou por comunicólogos. Ela pode e deve ser feita pelos jornalistas e suas entidades. Aliás, eu devo dizer que o padrão de ocorrência dessas crises em outras áreas do conhecimento, até do conhecimento científico, e até das ciências naturais, é que esses movimentos de crise são discutidos, debatidos, conceitualizados no interior dessas próprias disciplinas no interior das próprias ciências pelos próprios.

Algo que está também, precisamente, no jornalismo, por meio de iniciativas desse tipo. Portanto o momento atual deve ser definido como um momento de um jornalismo conceitualmente reflexivo. Embora isso seja um truísmo, porque a reflexividade é consubstancial ao próprio jornalismo. De que tipo de conhecimento é o do jornalismo? O jornalismo nasceu e desenvolveu-se até os nossos dias como uma forma social cognitiva, que realiza um certo tipo de articulação entre o indivíduo e o conjunto social. É um tipo de articulação que pode ter várias designações. A mais conhecida no plano conceitual é o de mediação. Diríamos que o jornalismo realiza a mediação entre o indivíduo e o conjunto social. Ou seja, o que é próprio desta forma social de conhecimento, da sua gênese e desenvolvimento é fazer conhecer, para que haja conhecimento coletivo, mesmo que esse conhecimento coletivo seja de uma coletividade em luta interna, ou uma coletividade conflitual ou onde existe conflito. Algo que é comum, que as formas de conhecimento que vem ao conjunto social, mas isso que é comum está atravessado pela conflitualidade. Portanto é um conhecimento que é plural, diferenciado, e ao mesmo tempo conjunto do que é característico de uma democracia política.

No mundo moderno, o jornalismo surge entrelaçado pelas capacidades mecânicas, primeiro associados ao livro e depois desenvolvidas com o jornal, pela constituição de públicos, de coletivos por meio de conhecimentos de informação, de simbolizações que são criadas e difundidas por este ator. O jornalismo produz uma esfera pública, uma espécie de espaço invisível que reflete e refrata na própria sociedade e no poder público.

O jornalismo nasce da potencialidade das tecnologias mecânicas informarem correntes de opinião. De formarem sensação de opinião, sensação de um conjunto que se forma pela leitura das notícias, das reportagens, das informações do produto intervenção do jornalista. Isso é muito bem tratado pelo Gabriel Tarde no seu famoso livro “A opinião e a multidão”. Essa capacidade que a disseminação da informação, das notícias, dos conhecimentos, tem de configurar correntes, de configurarem rios, como diz o Gabriel Tarde, de opinião. Ou melhor, de se configurarem em públicos, de originarem sensação de uma articulação do conjunto social. Sabemos que é fragmentado, que é fraturado, que é divergente, mas que no fundo está reunido ao assistirem essa divergência. Esses tipos de condições geraram outras formas culturais muito importantes, por exemplo, o romance moderno, para falar de uma outra a qual o mundo do jornalismo não é completamente alheio, até pela permuta dentro dos mundos e através de várias formas jornalísticas, como por exemplo da crônica, muito próxima da literatura, como nós sabemos.

O trabalho do jornalista, desde as suas origens, do seu desenvolvimento, desenvolve-se nessa esfera simbólica, da cultura, nessa esfera comunicacional em que realiza uma mediação, uma articulação de fatos. Ou seja, de coisas que ocorreram mas também coisas que ocorreram e que foram escolhidas enquanto fatos pelos próprios jornalistas. Tem a mediação nesse sentido complexo de fato, mas também dos discursos, também dos conhecimentos e dos problemas. Pois segundo o *métier* do jornalismo, merecem conhecimento público ou seja, o *métier* jornalístico tem critérios de notabilidade que fazem ressaltar certas coisas em certas alturas e prescindir de outras que podem vir em outras circunstância. Portanto, o jornalista tem um trabalho consubstanciado em discursos, na produção de discursos, que devem ser considerados fatos jornalísticos. Mas também os sociólogos, os politólogos, e até os políticos se quiserem, e os historiadores, fazem discursos e também constroem fatos sociológicos, fatos políticos.

Há ocorrências que depois são construídas enquanto fatos em um certo sentido. No entanto, temos que sair da ingenuidade da ideia de fato não construído. Os acontecimentos existem, mas quem os transforma em fatos históricos, jornalísticos, sociológicos ou políticos são esses grupos. Os fatos jornalísticos estão associados a valores, são ilocutórios. Isto é, que acontecem quando se dizem, e também são por locutórios, isto é, que produzem qualquer coisa pelo fato de serem ditos. Por exemplo, o conhecimento do jornalístico consubstancia-se num discurso que referencia fatos e ocorrências, mas o que caracteriza é sempre ser um novo fato, ou seja, construir um novo fato. Mesmo que as ocorrências possam ter existido. Muitas vezes o que o jornalista faz é provocar uma ocorrência. Por exemplo, quando faz entrevistas, por exemplo quando faz inquirições, e quando faz sondagens. O que é produto do trabalho do jornalista é sempre o produto de um fazer jornalístico, que é produtor de um certo tipo de conhecimento e de notabilidade deste conhecimento.

O que a pessoa vê induz a que existam novos acontecimentos, novas interações geradas por esses conhecimentos e por essas informações que são tornadas públicas. O nexos entre a atividade do

jornalista e do conjunto da sociedade é um nexos cognitivo e, simultaneamente, profundamente moral. Aliás, não é cognitivo, não está associado a valor. Até porque o cognitivo é um valor. Podemos falar de valores cognitivos, ou seja, valores de conhecimento. É precisamente o que está na origem da pergunta que forma conhecimento, ou seja, que valores cognitivos são as formas de conhecimento do jornalismo. Este sentido moral do conhecimento produzido pelo jornalismo é extremamente importante, porque no âmago da profissionalização desta atividade existe a procura do reconhecimento social entre um determinado ator, que é o jornalista, e o exercício da cidadania, o exercício dos direitos civis e políticos em um quadro da Cidadania, em um quadro da democracia política.

O jornalista pode ser considerado um mediador cultural, um mediador comunicacional ou um construtor de fatos jornalísticos. Tem que ter um reconhecimento legal que advém de cumprir um determinado papel social, mas está enquadrado no quadro moral, isto é, ele produz formas de conhecimento, não importa agora caracterizar como é esse conhecimento, mas são formas de conhecimento fundamentais para o exercício dos direitos políticos do cidadão, o que pressupõe a democracia política e o pluralismo. Ou seja, este criador de conhecimento, este criador simbólico que é o jornalista, procura estabelecer relações de sentido e de cidadania na vida pública. Este é o trabalho do jornalista, mas também poderia ser o trabalho do sociólogo, o trabalho do historiador, o trabalho dos cientistas. É uma atividade que está no quadro de uma engrenagem onde pode ter maior ou menor autonomia. Onde ele pode aprofundar, de maneira mais autônoma, as possibilidades epistemológicas do conhecimento ou mais heterônoma.

Ou seja, o trabalho do jornalista situa-se em uma teia de meios e fins, isto é, rotinas de produção, hierarquias, tecnologias, objetivos de racionalidade, por exemplo, capitalista das empresas. Estão muito próximos, muitas vezes, do mundo da persuasão, mas também que toma a forma de uma engrenagem sociotécnica, burocrática e comercial na qual o jornalista, enquanto profissional, tem que trabalhar e qual tem que manifestar. É muito importante a coragem, se conseguir e se tiver - o mesmo para sociólogos, historiadores - para seguir a sua simples vocação profissional e o quadro de valores éticos e ideológicos que o guiam. É isto que o jornalista é. Ele é um produtor de um tipo de conhecimento, um produtor cultural, um produtor simbólico que está articulado em uma engrenagem sociotécnica, mas o mesmo podemos dizer dos sociólogos, dos historiadores, dos psicólogos, dos médicos e muitas outras atividades profissionais. Elas estão enredadas em um certo tipo de engrenagem sociotécnica, muitas vezes no caráter empresarial, muitas vezes ligadas a uma racionalidade qualquer, e todas elas estão sujeitas a certos tipos de constrangimento e até de tirania. Constrangimentos estes que, evidentemente, são o contexto da produção do conhecimento. Portanto, o problema da autonomia do jornalismo, ou da autonomia de todas as ciências, é extremamente importante, porque embora não haja conhecimento que não esteja contextualizado, é evidente que

esse conhecimento é mais do que uma mera ideologia se ele for menos constrangido por pressões ideológicas, políticas ou comerciais.

Reparemos que muito do conhecimento do nosso tempo, do próprio conhecimento científico, e não só do nosso tempo, é enviesado, precisamente por essas pressões. O que não significa que no núcleo do conhecimento que tem um valor cognitivo em si. Esse é o problema. A questão aqui da forma do conhecimento do jornalismo é precisamente esta: as formas de conhecimento não são imunes aos contextos. Essa é uma questão absolutamente imperiosa, mas ela também não é produto linear dos contextos. Esta também é uma questão extremamente importante, então é um problema muito debatido nas Ciências Sociais/Ciências Humanas. Eu creio que existe uma visão monocêntrica do conhecimento. Muito desta discussão tem a ver com uma visão monocêntrica do conhecimento. Visão esta monocêntrica, porque afirma uma espécie de conhecimento científico em ruptura, o famoso senso comum, ou de um conhecimento das ciências sociais em ruptura com outras formas de conhecimento. Em ruptura, porque o conhecimento científico tem sido visto de uma forma muito monocêntrica, como um conhecimento que é pautado por uma objetividade pensada, como máxima objetividade, como uma espécie de ilusão realista do conhecimento como se conhecimento refletisse e não retratasse as realidades. Como se o conhecimento não fosse sempre uma forma de construir. É uma visão monocêntrica do conhecimento.

A epistemologia das ciências e do conhecimento é muito plural, mas a verdade é que no século XX triunfou largamente uma epistemologia, vamos dizer, positivista, muito objetivista, e contra esta epistemologia ergueu-se também uma epistemologia, porventura, extremamente subjetiva e pouco crente na busca pela verdade ou pouco crente na atitude da objetividade. Reparem quando eu falo da busca da verdade, na atitude da objetividade, eu não estou falando de conseguir a objetividade, nem de conseguir a verdade, mas a sua procura, a sua busca. Ela nunca é igual a verdade. Isso não passaria de uma ilusão transcendental. Seria não perceber que as nossas representações da realidade não são a realidade, são sempre uma refração da realidade, não um reflexo da realidade. Não há reflexos da realidade e sim refrações da realidade. Portanto, esta visão monocêntrica banaliza, muitas vezes, a discussão em torno da forma do conhecimento do que é o jornalismo.

Também está dentro dos conflitos que existem nas epistemologias das ciências sociais. Para certas visões de positivistas, muito objetivistas, que acreditam precisamente que é possível refletir as realidades, que é possível se ter a verdade última das realidades, destaca-se a ideia de que as formas do conhecimento precisam estar completamente divorciadas dos valores. Tem que estar divorciada dos contextos, tem que ser universais. Toda esta epistemologia foi questionada ao longo do século XX por inúmeros filósofos do conhecimento, por inúmeras epistemologias que fazem articulações do conhecimento, ou às formas de poder, ou portanto, certo tipo de contexto social, ou até certo

tipo até de disciplina. O que nós sabemos hoje em dia é algo muito claro: não há uma posição de neutralidade absoluta. Todo o crescimento está sobre enquadramento histórico, social, cultural. O conhecimento é sempre condicionado por certos tipos de pensamento e pelo valor desse contexto social, pelo processo cooperativo da própria vida de um determinado grupo, neste caso, por exemplo, do jornalista e da comunidade epistêmica dos jornalistas. Comungar dessa ideia do jornalismo enquanto atividade coletiva, partilhar dessa ideia, desta argumentação, não implica sustentar, ou ser confundida, com nenhuma tese de determinação estrita do conhecimento pela realidade social. Eu não estou defendendo isso. É preciso ser dialético nesta questão. Muito menos desabar na normatização das condições sociais do pensamento, ou da produção social do conhecimento das ideias, porque o condicionamento do conhecimento não tem que ser do tipo causa e efeito.

As relações entre o conhecimento e a realidade social admitem uma pluralidade de formas de condicionamentos. Podendo esta ser mais ou menos consciente, ou mais ou menos autônomas as circunstâncias sociais. Todos os sistemas de pensamento, todos os sistemas de conhecimento estão vinculados a estruturas sociais. Podemos ver correlações entre diferentes grupos produtores desse conhecimento em competição, mas isso não significa que podemos atingir alguma vez um conceito não avaliativo, digamos, de ideologia. As ideologias e os valores penetram no centro dos conhecimentos. O que nós temos que fazer precisamente? Um tipo de movimento reflexivo, como é que eu proponho no jornalismo, em que refletimos sobre os seus próprios conceitos, sobre os métodos, sobre o seu trabalho, sobre suas práticas e sobre as ideologias que perpassam o próprio jornalismo. Não é possível outra forma. Todos os conhecimentos têm vertentes ideológicas. Não há uma posição de plena exterioridade para um observador das ideologias. Não há um ponto 0 para uma visão, para uma produção do conhecimento não avaliativa. Não há um jornalista descomprometido e não avaliativo. Isso não significa, necessariamente, ignorar as presenças dessas ideologias.

O que é muito importante é perceber a presença dessas ideologias para não ser completamente capturado por elas, porque a realidade é sempre mais do que qualquer ideologia. Portanto, eu creio que existe uma visão muito monocêntrica do conhecimento e muitas das discussões do jornalismo como forma de conhecimento são herdeiras do conflito entre tentativas das ciências humanas/ciências sociais refutam o senso comum. Colocam-se em um plano distinto do chamado senso comum e com frequência abraçam um cunho objetivista, positivista que nega a presença dos valores e dos contextos no conhecimento social. Já apresentei argumentos suficientes para mostrar que não é possível isso. Eu queria chamar a atenção para o fato de existirem epistemologias e filosofias do conhecimento muito diferentes destas.

Quero chamar a atenção para a epistemologia, por exemplo, do Michael Polanyi em uma obra muitíssimo importante chamada “Conhecimento Tácito” em que é simples ou, por exemplo, de

outro filósofo muitíssimo importante chamado Alfred North Whitehead. Qualquer um desses dois rebatem a ideia de um conhecimento científico, objetivista, em ruptura completa com o chamado senso comum. É extremamente importante esta visão não monocêntrica do conhecimento que procura que esse processo cognitivo do conhecimento esteja justificado. O programa trata-se, portanto, de que o movimento, que chamo de filosófico, que perpassa o jornalismo e conceitualiza as formas do que é conhecer e produzir conhecimento no quadro do jornalismo. Que processo cognitivo é esse? Que conhecimento exatamente é esse? Que ideologias perpassam nesse conhecimento? É precisamente isso que eu creio que as obras, tanto do Felipe Pontes, tanto do Eduardo Meditsch, tanto do Adelmo, e muitas outras obras fizeram.

Podemos dizer que todo o conhecer é um processo cognitivo que cresce sempre de uma justificação. Esta justificação pressupõe-se da elucidação da questão originária sobre o que conhece e sobre isso existem muitas respostas, não exista apenas uma resposta. É no interior destas respostas balizadas com a ideia da busca pela verdade sendo na busca pela justificação do processo cognitivo que deve assentar este movimento filosófico extremamente importante em uma época de crise como a nossa: o conhecimento do jornalismo.

A terceira fase da minha comunicação diz respeito precisamente ao mundo que está construído ao redor dos processos comunicacionais e que estão a colocar o jornalismo em um quadro de grande dificuldade, até talvez de ilusão, ou porventura, profunda configuração. O problema é que essa configuração vai se transformar em uma destruição do que eram os fundamentos do próprio jornalismo. Curiosamente essa destruição dos fundamentos do jornalismo seria uma destruição do próprio tipo da esfera pública, acerca dos direitos cívicos e políticos próprios, daquilo que chamamos de democracias políticas. Essa ligação entre o jornalismo e a democracia política é outro dos aspectos, junto às questões da forma do conhecimento, extremamente importantes em um movimento filosófico de discussão sobre as bases conceituais do jornalismo. Vou passar para a terceira parte, mas quero fazer aqui esta síntese que esta discussão em volta da forma social do conhecimento no jornalismo é um movimento filosófico. E quero dizer que, sendo um movimento filosófico, não tem que ser feito apenas pelos filósofos. Os filósofos, com certeza, podem ter lugar, mas pode e deve ser feito e está a ser feito por jornalistas e por outros teóricos do jornalismo, e por outros teóricos da sociologia, da comunicação, etc. É um movimento filosófico aberto, como são todos os movimentos filosóficos em redor das disciplinas. Os próprios, embora não sendo filósofos, podem e devem participar dos movimentos filosóficos, porque a filosofia não é apenas uma disciplina baseada em um conjunto de autores e na erudição ao redor destes autores. A filosofia é a discussão reflexiva sobre os fundamentos, ou do conhecer, ou uma profissão, ou de uma atividade, ou do ser, ou da existência, etc.

O jornalismo já diz: é parte do mundo cultural simbólico da sociedade, mas o jornalismo em

definição ainda é insuficiente. O jornalismo é uma instituição. Nesta terceira parte vou dar muita importância a este problema. O jornalismo é uma instituição produtora de conhecimento e de cultura. É uma instituição produtora de um conhecimento e de uma cultura específica cuja formação e trajetória tem vindo a acompanhar o mundo moderno, através das capacidades da reprodutividade técnica e das várias tecnologias da informação e da comunicação, da formação concomitante dos estados-nação, do crescimento urbano, da industrialização, das transformações radicais nos transportes e das formações dos mercados nacional e mundial. O jornalismo surgiu em articulação, e ao mesmo tempo, refletindo sobre esse mundo, considerando as características que citei. O jornalismo é o primeiro grande produtor de cultura, produtor institucional de cultura, que foi conduzido a transformar um hábito de tipo literário como homens-letrados e mulheres-letradas.

Por força da industrialização e do alargamento do mercado, ou seja, o jornalismo foi a primeira grande instituição de produção cultural que a força da industrialização e distribuição do mercado adotou procedimentos, normas, técnicas e práticas que não tinham que corresponder verdadeiramente às necessidades sentidas pela própria profissão ou pela própria sociedade, mas sim as imposições de outras instituições. O jornalismo é uma instituição cultural dentro de outra instituição, os chamados media. Os media são instituições também, geralmente do tipo empresarial, que estão norteadas para a obtenção dos lucros para a produção de uma mercadoria subordinada às condições industriais e a venda rentável ou então sub ligadas a tirania do poder político. O fato interessante do jornalismo é que ele se expandiu como profissão e até criou uma relativa autonomia, precisamente nesse processo. Ou seja, enquadrou-se nesse processo. Desse contexto, o jornalismo só esteve na vanguarda de algo que está acontecendo nos finais do século XX e no século XXI, que é instituições culturais se transformarem cada vez mais em instituições com características mercadológicas. Isso aconteceu como nós sabemos com as indústrias culturais do século XX, tão analisadas por teóricos como Durkheim e Adorno, e muitos outros. E isto está acontecendo com a produção da ciência. Inclusive com o mundo da universidade. É o que o mundo ensina, seus profissionais começam a usar cada vez menor autonomia, estão cada vez mais vinculados a destreza tecnológica, a propósitos comerciais e aos cálculos empresariais, a negociação entre os cálculos empresariais ou a ligação entre os cálculos empresariais e os cálculos políticos do estado. As vicissitudes do conhecimento do jornalismo são vicissitudes que são anteriores, do que aconteceu com muitas das formas de conhecimento no século XX e no século XXI. Nós vemos uma ciência comercializada do princípio até ao fim. Uma produção tecnológica comercializada do princípio até ao fim, muitas vezes por culpa do Estado.

Como ficou absurdamente claro, mesmo quando as suas intenções podem ser até positivas, no quadro da pandemia com a produção das vacinas em que a ciência, tecnologia e estados produziram uma mercadoria distribuída de uma forma igual no mundo. O jornalismo, neste ponto de vista, é

um antecessor na produção de formas de conhecimento e de criação independentemente de como se pode caracterizar, faça senso comum ou faça ciências humanas. Discussão esta que, na minha opinião, está minada, adulterada por visões monocêntricas e redutoras do próprio conhecimento, vindas das ciências humanas e que em nossos dias estão a ter uma velocidade enorme nos constrangimentos sobre estas instituições culturais, como é a instituição do jornalismo.

Então quer dizer que os media são uma instituição muito particular, em condicional ao jornalismo, como aliás está acontecendo com as instituições Universitárias e com as instituições científicas. Os medias são instituições culturais, mas também são instituições industriais. Também podemos falar de ciência industrial no nosso tempo. Claramente a ciência é uma indústria teorizada como indústria. Hoje em dia, na filosofia da ciência e na filosofia do conhecimento são também instituições empresariais na sua maioria. Para estas instituições que são os media, têm procedimentos inseridos em estruturas de recursos organizacionais, financeiros, profissionais e de funções com identidade e normas que buscam atingir objetivos pré-fixados e que são constitucional ao nível micro das práticas dos próprios jornalistas, mas também das práticas do nosso tempo, dos cientistas, dos professores da universidade. Em breve instalarão câmeras de filmar nas salas de aula para ver a relação entre professores e estudantes e o que está se passando. Aí perdeu-se a autonomia. Já existe o cientista estrela, o cientista empresário. Já existe o professor estrela, o professor que passa três meses numa universidade pois passam outros três meses em outra universidade, e assim por diante, enquanto a maioria está em uma situação precária.

A vida com o conhecimento foi tornando um curso fundamental das nossas sociedades e da capacidade de formar correntes de opinião e ver a capacidade do conhecimento se transformar em tecnologias, o conhecimento científico e tecnológico. O próprio conhecimento começou a ser enquadrado de uma forma empresarial para fins mercadológicos e políticos. O quadro das duas guerras mundiais é fundamental para perceber que o processo de desinformação foi desencadeado por parte de todos os estados, do estado democrático até o estado dito totalitário. Os primeiros grandes gabinetes de censura, desinformação e de propaganda foram formados na Inglaterra no contexto da Primeira Guerra Mundial. Foram largamente copiados e aperfeiçoados pelo Hitler no quadro da sua ascensão ao poder. Ele era um leitor atento do que se passava com a propaganda inglesa, que ao contrário da propaganda alemã da primeira guerra mundial era muito mais afinada e muito mais coordenada e feita por jornalistas, por escritores, por ficcionistas, e por homens da publicidade.

O quadro da desinformação e do condicionamento da opinião tornou-se um quadro fundamental da luta política do mundo moderno. Não só a nível nacional, mas ao nível internacional é feita hoje em dia em redor dos fluxos de informação, dos fluxos do conhecimento, e evidentemente que os jornalistas têm aqui um papel extremamente importante. Coloca também o jornalismo

enquanto profissão que procura ter a sua própria autonomia e um conhecimento não condicionado de forma completamente constrangedora por parte do poder político ou do poder da busca do lucro. Ou seja, o jornalista é um produtor de conhecimento que aliado, intrínseco, a duas entidades. O primeiro é o aliado intrínseco da democracia política, do pluralismo político, do debate político, do pluralismo no espaço comum, na convivência na conflitualidade. Ele é o produtor deste processo, não é possível de substituir. Pretender substituí-lo é pretender destruir este processo, e pode ser destruído. O jornalismo é outra coisa além disso, extremamente importante, absolutamente fundamental. O jornalismo é aquela entidade que no quadro da criação simbólica tem um papel de constituinte do sentimento, do sentido que as lutas políticas podem ter. Ele é um ator de onde passa uma boa parte do processo de conflito da própria sociedade. Como ator, ele é plural. É um ator que, a partir do qual, constituem fluxos de opinião que refletem na sociedade.

De um certo sentido, como dizem os sociólogos, constroem parte da realidade social. Constrói, dá sentido, ou distorce o sentido. Não é possível construir a história, o processo histórico do século XX ou do século XXI sem perceber o papel desses fluxos de informação, de conhecimento, de cultura por parte dos jornalistas. Não é possível. O desfecho das situações políticas dependem desses fluxos de opinião, dessas correntes de opinião. Já falava o Gabriel Tarde, estes rios de ideias, de conhecimento. Como dizia Gabriel Tarde, desse contágio sem contato. O que acontece no nosso tempo é que esse ator social está sendo, ou está se estrangendo extraordinariamente, ou está sendo eliminado pela robotização, ou continua em condições de tirania caso de ameaça, no caso da China, no caso da Rússia, mas também no caso de muitos países democráticos através da ameaça do desemprego, da ameaça salarial, da precariedade. Tudo isso é uma ameaça extremamente importante. Este ator foi o antecessor das formas de condicionamento do conhecimento que se tornaram tão importantes no século XX, a partir do quadro das guerras mundiais. Tiveram pessoas a pensá-las de uma forma extraordinária como o caso do George Orwell e muitos outros. Nós vivemos hoje em dia em uma sociedade que a gente pode chamar de sociedade da economia do conhecimento, ou da economia capitalista do conhecimento, ou do conhecimento orientado para fins comerciais, ou do conhecimento orientado para fins políticos. Essas formas de condicionamento do conhecimento, os conhecimentos que se transformam em tecnologias, ou se transformam em forma de influência pública são altamente condicionadoras do mundo social. Creio que esse é o problema do nosso tempo.

A questão de nossa época é a forma com que os computadores e a internet foram se reconfigurando no plano comercial e tornando-se altamente ligados e dependentes de gigantes informáticos com fins comerciais e não apenas com fins comerciais. Como por exemplo, a China, originou um processo muito conhecido da modificação das condições de produção de difusão e recepção das informações e dos conhecimentos que eram próprios deste ator que era o jornalismo e que estão, portanto, minando

por um lado a profissão do jornalismo. Ameaçar, constrangê-la, deteriorá-la, a originar uma enorme ilusão, mas também é verdade que gera novas formas do jornalismo, por enquanto ainda muito minoritárias. Também há novas formas interessantes que irão surgir, mas que esse processo é parte de um processo mais geral das formas de condicionamento do conhecimento e da tecnologia na nossa sociedade. O que se passa é que ao minar, ao fazer essa ilusão do conhecimento do jornalismo é deteriorar as condições da esfera pública. Passamos a não ter uma esfera pública, como uma arena imaginária, imaterial, incomum onde a divergência surge e é dirimida. O que passa a existir são bolhas, distantes e separadas. Construídas pelas capacidades dos algoritmos para fins comerciais ou políticos, que por sua vez, minam, deterioram e originam uma ilusão da esfera pública, dos direitos políticos e dos direitos civis. Instaura-se uma sombra ou a possibilidade de uma era de fim das formas de democracia, tanto formal, como da democracia econômica ou social. Portanto, a luta dos jornalistas pelo enobrecimento, pelo aprimoramento do seu conhecimento é mais importante do que as dúvidas, se é uma forma de conhecimento assim ou assado. Contudo, é importante manter as dúvidas. Este movimento filosófico que estou falando, é também no fundo um movimento político. É um movimento político de salvação da democracia política. Precisamente foi isso que se viu na pandemia. Quando os estados, em especial, um deles, um grande país como o Brasil, infelizmente dirigido por uma pessoa que não pode ser considerada estadista. O que aconteceu no Brasil é que mesmo com todos os problemas que os medias comerciais têm, que essas instituições midiáticas têm, o jornalismo se mostrou importante.

O jornalismo apareceu claramente, pelo menos em uma primeira ou uma segunda fase da pandemia. Como é que aqueles atores que conseguiram gerar um fluxo de informação e de conhecimento do próprio quadro pandêmico? O que significava uma pandemia? O que estava acontecendo? O que significava? Utilizando metáforas, procurando atenção, procurando aprender o mundo. Dando no fundo, uma forma cultural a uma experiência social. Para mim, o jornalismo deve ser designado como uma forma cultural da produção do conhecimento social. O produto de um certo tipo de experiência social, que do jornalismo é a interação com aqueles que o recebem. Balizado, por fins morais ligados aos direitos cívicos e políticos. Portanto, o jornalismo é um trabalho criativo, imaginativo. Como diz o James Carey, o jornalismo avalia as situações, nomeia os seus elementos, mas nomeia eles de uma maneira que mantenha uma atitude em relação a esses movimentos. Mas eu já disse, essa atitude é própria de todas as formas de conhecimento social, ela está lá. James Carey diz que o jornalismo, utilizando das palavras de Kenneth Burke que eu cito no meu último livro dedicado às questões do jornalismo, chamado “O choque tecnoliberal, os media e o jornalismo”, é um conjunto de estudos que eu dirigi sobre as alterações que estão ocorrendo no jornalismo em Portugal, o James Carey se refere às palavras de Kenneth Burke e para mim são absolutamente cruciais para perceber

que o jornalismo fornece estratégias para as situações. “Estratégias para se tornar inimigos e aliados, para socializar as perdas, para afastar o mal, para sacralizar outros, para dar consolo e vingança. Para admoestar e exortar. Para dar informações implícitas de um tipo ou de outro é uma forma de conhecimento ativa explicitamente ativa e assim deve ser para que a democracia política exista.”

Essa é uma questão, como se costuma dizer, de um milhão de dólares. O que se passa com o jornalismo tem paralelo, e eu considero antecessor, com as principais esferas do conhecimento. Ou seja, do conhecimento científico, do conhecimento das ciências naturais, do conhecimento das ciências médicas, das ciências sociais, etc. O conhecimento do jornalismo é, independentemente de agora estudarmos as suas características mais afastadas, menos afastadas dos chamados senso comum ou das ciências humanas, esse conhecimento é um conhecimento que é produtor que exportou um processo que a sociedade enxerga ela própria de tal maneira. O papel do jornalismo é extraordinário. É uma tentativa da sociedade ver-se própria através do ofício do jornalista. Ver como? Ver-se através de suas várias dimensões, através da área da saúde, na área política, na área dos divertimentos, as rivalidades políticas, as várias ideias e assim vai. Quando o jornalista produz esse processo em que a sociedade vê-se a si própria, ele ao mesmo tempo, está de alguma maneira produzindo não só essa sociedade.

Portanto, não só a sociedade vê-se a si própria, como a sociedade que vê-se a si própria já está alterada pelo próprio produtor dessa informação, desse conhecimento. Porque não há produção de conhecimento sem valores. A responsabilidade do jornalista é extraordinária, porque de alguma maneira é um alimentador dos espíritos, das ideias, do conhecimento social. Ele próprio para ele próprio. Sendo que ele próprio são os jornalistas e ele próprio sociedade. Reparem que o que um médico faz é também produzir um certo tipo de conhecimento e agir esse conhecimento em um ser humano. Em um corpo de um ser humano. É isso que os médicos também fazem: é um conhecimento que vem do exterior para que o próprio ser humano perceba o que se passa consigo e há uma própria ação dele. A responsabilidade do jornalista é uma responsabilidade que está ligada a essa circunstância, e é parecida com a responsabilidade de, por exemplo, um sociólogo, de um cientista político, ou de um historiador. Do historiador, por exemplo, é toda a questão da memória que vai sendo reconstruída. Ano após ano há uma reinterpretação de algum fato da história do Brasil. Vai se modificando. Em cada época surgem novas interrogações, novas interpretações, e vão buscar novas ocorrências que transformam novos fatos históricos. O jornalismo não é mais nem menos do que isso. A ligação do jornalismo é indelevelmente com a democracia política. Ou seja, a sociedade vê-se ela própria, no seu pluralismo, e convivendo, e coexistindo no quadro das suas rivalidades, no quadro das suas divergências. Mas como o jornalismo tem uma forte influência nas correntes de opinião nacionais e internacionais, e é muito importante no mundo globalizado percebermos isto, o que acontece é que

este quadro do jornalista, mas também apareceu o cientista hoje em dia. Porque pode ser produtor de tecnologias muito importantes em todas as áreas, incluindo a área militar. O jornalista está colocado na entidade, em um quadro, em instituições em que ela opera com finalidades que podem não ser suas enquanto ator. Também pode ser um médico, que pode ter guidelines na sua clínica para fazer atendimentos de 15 em 15 minutos e gerar não sei quanto dinheiro e fazer não sei quantas operações estéticas. Pode acontecer isto e acontece, se formos estudar com a medicina comercial. Se vamos falar da medicina, podemos falar do direito e da justiça. Ou seja, o que temos é uma onda muito grande de condicionamentos dessas formas de conhecimento e de intervenção através do conhecimento na sociedade por parte dos poderes restringindo a autonomia dos produtores desse conhecimento, ou corrompendo a razão. Temos que considerar que todos aqueles médicos que seguiam guidelines comerciais, estão, em parte, corrompidos comercialmente. Ou aqueles juristas também, etc. Portanto, o que aconteceu com o jornalismo no nosso tempo foi uma situação, mas está acontecendo com outras formas de conhecimento também, é que apareceu uma autêntica revolução tecnocientífica ou tecnológica, extraordinária que atingiu em cheio as formas de comunicação.

Esta revolução, como sabemos, é a revolução da computação e da internet. A alteração do processo comunicacional em si, não apenas no jornalismo, mas em todos os campos. Através da computação e da internet passamos a ter novas formas de socialidade. Mal temos palavras para isso, porque são diferentes das anteriores. Temos novas formas de lecionar, novas formas eróticas em movimento, há novas formas de construir conhecimento, há novas formas de fazer ciência, novas formas de vigilância, novas formas de condicionamento da realidade, de construção da realidade, por exemplo as deep fake, etc. Ou seja, a revolução da internet, a revolução da computação é uma revolução nas condições de comunicação, e por sua vez é uma revolução das próprias formas de sociabilidade e de construir mundos sociais. A computação e a internet estão a reorganizar toda a esfera tecnológica da nossa sociedade. Isto é, o conjunto da sociedade está em um impulso, em um movimento de grande hegemonia para digitalização. Quer dizer, o que a computação e a internet estão fazendo é transformar todas máquinas em peças desta grande máquina. O jornalismo, mas não apenas o jornalismo, o ensino, as conferências que estão aqui a acontecer, os congressos, tudo isto está a ser profundamente alterado. No quadro da pandemia essa alteração ganhou velocidade e, diga-se de passagem, também a outra área fundamental da revolução tecnológica de finais dos anos do século XX, a biotecnologia, ganhou grande velocidade com as vacinas. Estas duas áreas ganharam enorme velocidade do quadro da pandemia.

O que acontece nesse processo é que existem hoje em dia outros processos de produção, e sobretudo, de difusão e de recepção de informações e conhecimentos que erodiram o papel de mediador deste ator central que era o jornalismo. Mais ainda, as capacidades da computação, através

dos algoritmos, permitem direcionar, permitem reencaminhar os indivíduos. Tem capacidade de cálculo através de perfis que são construídos, que conseguem fazer com que haja agrupamento, que podemos chamar de bolhas de indivíduos com algum tipo de afinidade. Este processo erodiu não só jornalismo, como está a deteriorar a esfera pública, ou seja, aquilo que a gente pode chamar de grande público. O que nós temos neste momento é muito a ascensão de uma fragmentação que se torna praticamente orgânica, sistematicamente alimentada.

Todo esse processo pode ser ainda mais incrível, mais extraordinário. A transformação do Facebook em Meta. É, de fato, um metaverso. Ou seja, de fazer um universo paralelo ao nosso universo. A ideia é nós passarmos a trabalhar através das redes sociais do Zuckerberg, é fazer compras através desta rede social, é receber notícias e informações. Tudo isto é uma gigantesca empresa comercial que está desafiando os próprios Estados, os próprios poderes políticos como conhecemos. Vê o seu enorme poder comunicacional e o seu enorme poder de interação social e de construção das novas mercadorias de conhecimento, informação, imagens, etc. Não é só o jornalismo que está diante de um dilema. A humanidade está diante de um dilema extraordinário. Parte-se dessas empresas, fragmenta-as e retira o poder destas empresas ou os Estados passam a ter um problema com influência social e com legitimidade social. Meus caros amigos, reparem que isso já está acontecendo com os Estados Unidos da América e mesmo em outros países como a Alemanha, etc. Há uma parte da população que não quer se vacinar, porque está profundamente influenciada por autênticas centrais de desinformação, de notícias falsas, de teoria da conspiração. Estão fechadas sobre si próprias e causando consequências muito grandes na vida em comum dos próprios norte-americanos.

A humanidade nunca tinha conhecido empresas gigantescas com tal poder, que é um poder simultaneamente comercial e um poder de influência e de estabelecimentos de relações sociais absolutamente extraordinários. Ou seja, um poder político também. Então de uma maneira de construção de um universo paralelo com profundas influências psicológicas e também metafísicas se quisermos. Posso ter o mundo que quiser, e não esse mundo físico difícil que temos. O jornalismo está diante de uma circunstância em que essas grandes empresas estão a transformar, estão a usar o jornalismo para não fazer jornalismo. Estão muitas vezes no mundo da formação e do jornalismo gente que depois não vai fazer propriamente jornalismo, que vai fazer, portanto, informação, vai fazer encaminhamento, vai fazer conteúdos dos mais diversos tipos, ao mesmo tempo emanam informação, não é informação jornalística. Não tem os critérios de uma instituição cultural que é o jornalismo com a sua própria autonomia, com a sua própria tradição, com a sua própria história, ou sua própria deontologia, e sua própria moral, e que procura fundamentalmente ter uma atitude de procura a verdade, buscar a verdade. Por sua vez, esse tipo de empresas que estão também incentivando plataformas jornalísticas, do tipo quase jornalístico, vão fazendo a ilusão dos grandes jornais, dos

grandes canais da televisão no futuro. Estão a tentar ocupar todos os espaços que ocupavam os próprios media tradicionais e o jornalismo.

É como eu chamo: a forma como capitalismo digital ou digital algoritmo, está a engolir o capitalismo tradicional jornalístico. O capitalismo do Pulitzer. O que estamos a assistir é o capitalismo digital e o algoritmo é utilizar, comprar e engolir o antigo capitalismo midiático tradicional. Nesse processo estamos a assistir uma modificação profunda no Ethos dos próprios aspirantes a jornalista. Como estamos a assistir uma mudança no Ethos dos cientistas. Muitos cientistas hoje em dia acreditam que devem fazer ciência para que os produtos sejam mais rentáveis. As propagandas de todos os estados é para que os cientistas e os universitários produzam produtos que possam ser vendidos no mercado mundial. Esta é a ideia, isto que eles chamam de inovação. O que significa colocar os cientistas e os jornalistas, etc, em funcionários desse empreendimento comercial. O que se joga é o fim das profissões intelectuais e do conhecimento tal como elas foram constituídas, algumas ao longo de muitos séculos. É isso que nós temos diante de nós. A forma como o jornalismo ou a ciência podem sair dessa situação pode passar pela constituição de novas instituições. Estou a crer que algumas instituições, por exemplo, midiáticas então neste momento já sendo substituídas por outro tipo de instituições também midiática cooperativas, jornalistas, editorialistas, cooperativas de escritores, sites que fogem mais para o lado mais comercial, ou que procuram apenas a venda para subvencionar os seus produtos, etc. Na ciência também estamos a ver o surgimento de algumas resistências e de outras instituições. É possível que tenham que existir outras instituições que não científicas que a gente conheça e menos universitárias. As instituições universitárias e as instituições jornalísticas desaparecem, existem várias instituições nascendo da comercialização e da tecnificação, algumas instituições virão a surgir para que o espaço público continue sendo democrático. Para que o conhecimento seja viável. Para que a gente não duvide que estão nos fazendo tomar outra vacina, não apenas para fazer comércio. Porque se não a dúvida instala-se completamente.

O nexa entre o jornalismo ou o cientista e a sociedade é moral, porque tem interesse pela sociedade. Esse interesse não quer dizer desinteressado do ponto de vista dos valores. O que é sempre, de alguma maneira, evadido de ideologias, de ideias, etc, mas que não deve estar plenamente a serviço do poder ou do comércio. Hoje em dia nós temos epistemologias que dizem que todos os cursos estão ligados ao poder e ao comércio. Eu não acredito nessa perspectiva epistemológica. Eu creio que constroem os sistemas de poder e os sistemas de comércio, constroem as formas de conhecimento, mas elas não têm que ser determinísticas e há sempre uma margem de manobra que os coletivos humanos podem ter que fazer esses processos. Ou seja, a maneira de não nos rendermos a pura tirania do poder e do dinheiro, que é o que se passa hoje em dia.

Eu só queria ressaltar que o problema aqui é de atitude, ou seja, a atitude da objetividade, da

busca pela verdade. Isso não significa precisamente que nós conseguimos atingir, mas nós temos uma atitude para atingir. Por que esta precisão é importante? Porque se o jornalismo, ou por exemplo, a ciência social, fosse apenas a difusão de ideologias, a formação de discurso para colocar ideias ou para difundir ideias. Se estas áreas fossem isso, então não precisava do jornalismo, das ciências sociais e das ciências humanas. Teríamos os ideólogos e eles falam e já está, mas não. As sociedades cresceram precisamente de formas de conhecer a si próprias e de ver que estão balizadas para um outro norte, por alcançar o máximo de conhecimento possível sem que os óculos apertados da ideologia não deixem ver aquilo que pode falsificar ou não corrobora com a ideologia. A aspiração pelo conhecimento surgiu no mundo moderno, ou se desenvolveu melhor no mundo moderno é que tenhamos muitas vezes nessa parte ingênua, num conhecimento muito objetivo, etc. É uma aspiração que a gente conhece para além dos óculos apertados da ideologia, que na altura da Europa moderna eram os óculos do mundo religioso, sendo protestante ou católico. O que pretendia-se ver era além dos óculos apertados da ideologia, isso foi uma conquista do conhecimento. Uma revolução cognitiva extremamente importante, o surgimento da ciência moderna e do próprio jornalismo. Foi uma grande conquista do conhecimento da sociedade que no fundo queria ver a si própria no que é comum, no que é conflitivo e conseguir conviver e ir se alterando neste processo. O que está aqui é que esta necessidade social profunda de um outro tipo de conhecimento e por outro lado uma constatação ontológica extremamente importante, porque a realidade é sempre muito mais rica que os nossos óculos apertados da ideologia ou mesmo das nossas formas de conhecimento de hoje. É sempre mais rica. Quando essa realidade é dos sujeitos do conhecimento, é porque os conhecimentos do jornalismo e das ciências humanas é um conhecimento das ciências conhecedoras. O que isso significa no plano epistemológico? Que é um conhecimento sempre previsível, se é que os outros conhecimentos também não são. Mas ele é sempre previsível e significa que a cada ano que passa, a cada período que passa, nós começamos a ver o passado, o que aconteceu, e etc, de outra forma melhorada. Portanto, nós podemos ver que o conhecimento é relativo mas não relativista. É relativo a contextos, é relativo a épocas, é relativo a muitas vezes constrangimento que existem, mas não é relativista no sentido que esse conhecimento não é apenas a transmissão simples de uma ideologia, não é apenas uma comunicação formal. Para mim, o jornalismo deve ser definido como uma forma de comunicação substantiva no mundo que está cheio de comunicação formal, ou seja, que é comunicação que não é comunicação.

O que eu chamo de comunicação formal? É a comunicação que tem como propósito fins que não são os da convivência humana, os da necessidade dos seres humanos de se darem uns com os outros, se encontrarem com os outros, forjarem a vida e os futuros com os outros. A comunicação formal é a comunicação ao serviço de fins que não são esses, que são fins para ganhar dinheiro, que

são fins para tiranizar os outros, as populações. Nós podemos estabelecer aqui uma diferença entre comunicação formal e comunicação substantiva. O nosso mundo está cheio de comunicação formal. Aparentemente ela é comunicação, mas não é comunicação, porque não põe em comum. Porque não é a verdadeira conversação entre nós, porque a propaganda, porque a desinformação, porque quer mentir, porque não procura a verdade, portanto, a comunicação como tudo na vida, e o jornalismo dentro do seu interior é uma procura de compreensão do mundo. É compreensão de realidade e partilhar com os outros, de compreender com os outros. O jornalismo é precisamente a forma mais configurada, vamos dizer, mais evoluída até, que foi constituída no mundo do século XVII, XVIII, XIX, XX, que permitiu que a sociedade de alguma maneira se veja, se conheça a si próprio em cada momento nas suas diferenças, nas suas especificidades, mas também na sua unidade, sendo que é uma unidade que se olha de alguma maneira a si própria nas suas divergências. Isso é o jornalismo. Isso é o cerne da democracia também, no seu sentido mais substantivo e não meramente no sentido formal.

O jornalismo é, portanto, uma forma de conhecimento institucionalmente cultural e socialmente mais evoluída da comunicação substantiva. A comunicação substantiva é essa que procura conhecer melhor a realidade, que procura a seguir o sentido com os outros das realidades. Ou seja, a comunicação não é um meio, nem o jornalismo é um meio, é um fim. O jornalismo é um fim a si próprio, e esse fim é a sociedade conhecer-se a si própria. É sociedade conviver com si próprio nas suas diferenças. O jornalismo não é um meio para se vender. A comunicação não é um meio para dizer mentiras ou para convencer para persuadir, para vender. De maneira que o amor não é para fazer dinheiro. Da mesma maneira que amizade não é para fazer dinheiro, ou chegar ao poder. O jornalismo formal seria como uma amizade formal ou um amor formal - não amizade substantiva, não amor substantivo, não jornalismo substantivo, não comunicação substantiva. Temos que ir ao básico do nosso tempo. Ao cimento das grandes problemáticas morais.

Creio que muitas das epistemologias do nosso tempo são profundamente relativistas e são muito perigosas, não só no jornalismo como são cínicas como são perigosas na ciência. Quando um cientista pensa que pode vender o seu conhecimento para qualquer fim, ou seja para torturar, para matar melhor, para vender medicamentos que não seriam necessários, este cientista não é um cientista, é uma outra coisa. Provavelmente um empresário que usa a ciência, ou um empresário vestido de cientista. É um híbrido, e talvez o nosso tempo esteja cheio de híbridos. Talvez uma das missões do nosso tempo seja clarificar as questões, por isso creio que o vosso movimento de discussões é extremamente importante e deve ser criado como um movimento filosófico sem peias, e o movimento político para que o jornalismo permaneça no jornalismo. O ideal do jornalismo é que seja a verdade, mas é esse ideal que nos guia, não são as baixezas que nos guiam. São ideais, mas

os nossos ideais não podem ser completamente irrealis, irrealizáveis, ou seja, são ideias articulados com a condição humana, portanto, que não são perfeitos. A condição humana não pode chegar à perfeição.

○ Jornalismo como forma de conhecimento: o legado de Adelmo Genro Filho

Felipe Simão Pontes¹

Tarso Herz Genro²

Pedro Luiz Osório³

Eduardo Meditsch⁴

Adelmo Genro Filho completaria 70 anos em 25 de dezembro próximo, se naquele 11 de fevereiro de 1988 a vida do pensador e teórico marxista não fosse abruptamente interrompida. Menos de um ano antes, em abril de 1987, Adelmo Genro Filho legou ao jornalismo uma contribuição teórica incontornável “O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo”. A obra expressa que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no singular. Inseriu essa atividade profissional como um produto histórico da práxis humana, que responde ao processo crescente de universalização do gênero e que, potencialmente, contribui para a liberdade humana. Realizando uma inversão da sentença de Marx, Genro Filho (1987, p. 231) nos diz no último parágrafo do Segredo da Pirâmide que: “A consumação da liberdade humana exige o desenvolvimento da imprensa em geral. Vale acrescentar, em especial, do jornalismo”.

Diante do momento histórico urgente em que a humanidade em geral, o Brasil em particular,

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordena o grupo de pesquisa Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização. Autor do livro “Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo”. E-mail: fsPontes@uepg.br.

² Tarso Herz Genro, irmão de Adelmo Genro Filho, foi vereador em Santa Maria (1968); vice-prefeito (1989-1992) e prefeito de Porto Alegre (1993-1996 e 2001-2002), deputado federal (1989-1990), Ministro da Educação (2004-2005), Ministro da Secretaria de Relações Institucionais (2006-2007), Ministro da Justiça (2007-2010), e governador do estado do Rio Grande do Sul (2011-2014).

³ Pedro Luiz da Silveira Osório é graduado em Comunicação Social pela UFSM. Especialista em Sociologia e Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e doutor em Ciência Política pela mesma universidade. Atuou nos jornais Correio do Povo, Gazeta Mercantil, Diário do Sul e O Interior, entre outros. Foi Secretário de Comunicação do governo municipal de Porto Alegre de 1993 a 1996 e presidente do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural Piratini (de 2011-2014). Assessor de Comunicação do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul (desde 2021). Foi professor do curso de Jornalismo da Unisinos por 30 anos (1989 a 2020).

⁴ Eduardo Barreto Vianna Meditsch é professor aposentado pelo Departamento de Jornalismo e da Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Professor Visitante da Universidade de Brasília. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo em 1979 na UFRGS, Mestre em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela USP e Doutor em Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa em 1997. Realizou pós-doutorado na University of Texas at Austin (2010/2011). Recebeu os prêmios Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos (1980), Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação (Liderança Emergente em 2003; Maturidade Acadêmica em 2019), Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo (Pesquisador Sênior, 2015) e Personalidade do Ano no Ensino de Jornalismo (Prêmio Abej, 2021). Participou da Comissão de Especialistas que elaborou as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Jornalismo. Sócio-fundador da SBPJor, foi seu primeiro diretor científico.

coloca-se questões incontornáveis para o futuro; em que a peste nos atingiu e revelou nossas mazelas; em que o fascismo revela seus dentes; a desigualdade aumenta e grassa e a mentira impera; os pesquisadores e jornalistas são convocados a revisar as teorias e rever direções. Com este convite, a Diretoria do SBPJor (2019-2021) trouxe à reflexão as contribuições do pensamento de Adelmo Genro Filho e oferece a oportunidade de discutir melhores caminhos para a teoria e para a prática do jornalismo.

Sob o signo do conceito de práxis, as palestras de Tarso Genro, Pedro Osório e Eduardo Meditsch ofereceram perspectivas para visitar a carreira e o trabalho de Adelmo Genro Filho. As falas integraram mesa realizada no dia 10 de novembro de 2021, parte da programação do XIX Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, em transmissão online pelo YouTube devido às restrições impostas pela pandemia da Covid 19.

Tarso Genro explorou como Adelmo Genro Filho estabeleceu debates intelectuais com vistas a (re)pensar a práxis política rumo à liberdade humana. Pedro Osório, por sua vez, revisitou a contribuição de “O Segredo da Pirâmide” e a urgência de entender o jornalismo como uma forma de conhecimento – também produto da práxis. Por fim, Eduardo Meditch dirigiu a atenção para as contribuições de Genro Filho para a institucionalização da teoria do jornalismo, e para o diálogo com a teoria educacional e libertária de Paulo Freire. No limite deste texto, são reproduzidas as contribuições desses três intelectuais em suas respectivas palestras. Pessoas que conviveram e refletiram com e a partir de Adelmo Genro Filho.

A práxis do intelectual político

Noutras palavras, a existência de uma dialética da natureza é um pressuposto materialista que está contido na ontologia, mas esta é mais complexa que aquele simples pressuposto. A ideia de práxis, esta sim, porque contém o pressuposto de uma dialética da natureza e, ao mesmo tempo, a apropriação histórico-social (prática e teórica) dessa dialética por outra que envolve a subjetividade e a liberdade, é a premissa filosófica fundamental do marxismo. É por isso que o núcleo ontológico do marxismo tem na práxis a sua categoria-chave, à medida que permite reconhecer tanto a dialética da natureza como a dialética histórica, a unidade e a oposição entre elas. Isto é, a identidade originária do mundo como dialética da natureza, que forma o substrato natural dos homens e do seu mundo histórico, e a ruptura ocasionada pela emergência da humanidade como subjetividade e consciência (GENRO FILHO, 1986, p. 34).

Adelmo Genro Filho defendia que a teoria deveria obrigatoriamente servir para um propósito de transformação da realidade. Por outro lado, o pensar é o que distingue a capacidade humana de atuar na realidade. A liberdade plena do pensar é a condição do próprio gênero, pois suprassume, dialeticamente, a natureza, reconhecendo-a como ser e potência, ao mesmo

tempo que nesse exercício potencializa a própria subjetividade. O exercício da teoria seria essa condição do pensar, ao mesmo tempo conhecimento das causalidades e potência do agir.

Tarso Genro, em sua palestra, recupera a tarefa do intelectual como daquele que se coloca diante do momento histórico – das questões do seu tempo – com vistas ao reconhecimento e à superação da realidade. A capacidade de diagnóstico com a acurácia do prognóstico. Ao definir o momento histórico em que Adelmo Genro Filho viveu, Tarso Genro recupera três debates realizados por seu irmão que denotam problemáticas políticas: o debate sobre democracia como valor universal – de Genro Filho com Carlos Nelson Coutinho; as críticas de Genro Filho a Caio Navarro de Toledo com vistas a “profanar” uma visão naturalista e dogmática do marxismo; e a problemática do conceito de ideologia na obra de Marilena Chauí. Democracia, a tarefa do marxismo e a ideologia sob o crivo de Genro Filho.

Tarso Genro pontua alguns momentos significativos da produção intelectual e da participação política de Adelmo Genro Filho. A ação política e intelectual de Adelmo estiveram, sobretudo, vinculadas ao desenvolvimento de organizações políticas, revolucionárias da esquerda marxista daquele período do regime militar, em torno do qual se trabalhava a ideia de um socialismo renovado, o socialismo revolucionário fora dos parâmetros propagados pela experiência do socialismo soviético, destaca o palestrante. O elemento fundamental desse debate, segundo Tarso Genro, era a questão da teoria marxista do partido revolucionário. “Era o debate promovido pela esquerda à academia e para sua produção teórica, não só em relação ao jornalismo, mas também em relação à ação revolucionária que se desenvolvia naquele momento”. Um momento que, como reforça Tarso Genro, era de enfrentamento à ditadura militar e de ações com vistas à democracia operária e popular.

Pontes (2015) explica que o início da carreira nacional de Genro Filho é demarcada nos debates da esquerda com o artigo “A Democracia como Valor Operário e Popular”, publicado em 1979 no volume XVII da revista da Civilização Brasileira. O texto é uma análise crítica do artigo de Carlos Nelson Coutinho (1979) intitulado “A Democracia como Valor Universal”. Resultado do momento histórico brasileiro após a primeira abertura da Ditadura Militar, com a Lei da Anistia de 1979 (Lei n.º 6.683/79), e da trajetória de Coutinho, que passou alguns anos na Itália e recebeu influência do Eurocomunismo italiano, “Democracia como Valor Universal” é um texto importante para as táticas dos partidos e agrupamentos políticos e intelectuais de esquerda (Pontes, 2015). Genro Filho (1979) critica Coutinho ao indicar que a democracia é estruturada pela burguesia. A democracia, continua Genro Filho (1979), não pode ser elevada a valor universal sem ser substantivada como das elites burguesas ou da classe operária e popular. Nesses termos, Genro Filho evidencia a necessidade de uma ruptura revolucionária ao modelo burguês como fundamental para uma democracia operária. Esse debate entre a ruptura e a conciliação de classes permeia a relação da esquerda com a democracia. Tarso Genro, ao recuperar esse debate, aponta-o como fruto do

momento histórico, em que, na visão dele, nenhum dos dois autores estava plenamente correto, pois a democracia seria resultado de uma práxis contínua e histórica na visão do palestrante.

Outro momento da produção de Genro Filho lembrado por Tarso Genro, está cristalizado no debate com o professor da Unicamp Caio Navarro de Toledo. Genro Filho realiza críticas crescentes ao marxismo, com dardos ao que chama de naturalismo dogmático presente nas interpretações de Engels e que, em textos posteriores, localiza nas contribuições de Marx. No debate com Toledo, Genro Filho aponta que Engels concebe a natureza como necessidade, um encadeamento previamente determinado que subjugaria o acaso, e, com isso, a margem de liberdade para os sujeitos também fazerem história. Genro Filho critica Toledo por não perceber que essas tensões no interior do pensamento de Engels serviram como fundamento – a despeito da intenção de Engels – para justificar o determinismo e o reformismo no interior do marxismo.

Como expresso em Pontes (2015), essa visão crítica a Engels se radicaliza nos últimos textos, nos quais Genro Filho propõe profanar o marxismo, revolucionar seus princípios, pois a práxis política dos últimos cem anos de socialismo não condizia com o proposto nas teorias. Cerca de meio ano após o lançamento de “O Segredo da Pirâmide”, Genro Filho (1988) escreveu “Filosofia Marxista e o Legado dos ‘Hereges’”, um artigo de apresentação em que expõe uma crise teórica, política e filosófica do marxismo. Trata-se de seu último texto publicado. Para o autor, há “[...] A auto-ilusão marxista da superação da filosofia” a partir de uma ciência positiva que captaria a objetividade (em especial no Marx das últimas obras) e “[...] a vocação suicida das categorias e a dissolução das mediações”, com a proposta de fim do direito, da filosofia, do Estado, da política, e do jornalismo – este último presente em muitas interpretações de marxistas e não em Marx – no comunismo. “Não há abertura ontológica efetiva para o fenômeno humano, pois a práxis acaba estrangida como uma mediação ativa pela qual o homem haverá de se cumprir como tal”. Esse “cumprir-se como tal” pressupõe uma anterioridade que tornam homens e mulheres cumpridores dos desígnios do ser social e da história. Essa crítica a Marx revela uma tensão entre a referência ao marxismo como uma “filosofia do sujeito” ou como “ciência” – e Genro Filho opta pela primeira perspectiva, sob o princípio da práxis – como também destaca Tarso Genro.

O terceiro debate recuperado por Tarso Genro está presente em uma crítica de Genro Filho ao conceito de filosofia de Marilena Chauí. O texto “A Ideologia da Marilena Chauí” traz indicações de que a autora realiza o mesmo movimento de Althusser, o que coloca poder em demasia nas mãos dos intelectuais e teóricos. Genro Filho argui que o conceito de ideologia de Chauí advém de um “socialismo de cátedra”, como se as questões da realidade pudessem ser resolvidas a partir da proposição de uma teoria. Portanto, “[...] só realizável efetivamente como tese de mestrado ou doutorado. Trata-se de uma vulgar pedagogia, na qual o proletariado entra apenas como cobaia para que “o saber real” demonstre toda sua grandeza” (GENRO FILHO, 1986, p. 96). Por isso, Genro Filho critica a interpretação

unilateral da proposição de Marx de denúncia à ideologia apenas como a zona de erro, percebendo a ideologia também como espaço propositivo e de disputa. Como explica Lênin e desenvolve Gramsci, Genro Filho julga que contra uma ideologia burguesa é necessária uma ideologia revolucionária, que ajude a trazer as proposições da teoria na luta por hegemonia (Pontes, 2016). “Dizer que toda ideologia é, necessariamente, um instrumento de dominação significa pensar na luta de classes na forma de uma paródia na qual se enfrentam não o proletariado e a burguesia, mas uma suposta sabedoria teórica [...] e a alienação dos dominados” (Genro Filho, 1986, p. 97). Ao tecer a crítica ao texto de Chauí, o teórico gaúcho caracteriza grande parte das teorias sobre a ideologia de correntes marxistas e de antagonistas do marxismo as quais se opõe – uma vez que ao localizar a ideologia apenas na zona do erro, a esquerda dogmatiza suas “verdades”, retirando o sentido de práxis (Pontes, 2016).

Tarso Genro finaliza suas reflexões – aqui pontuadas por textos de Genro Filho e de outros autores – com um trecho de “O Segredo da Pirâmide”, no qual faz a crítica às teorias do sistema. “Se o capitalismo é um sistema integrado e articulado que tende a reproduzir-se a imagem de fins humanos conscientemente definidos, nem por isso a história enquanto totalidade que possuem passados e futuros possíveis, pode ser reduzida ao automatismo sistêmico desse modo de produção” (Genro Filho, 1987, p. 77). Daí ele cita o Kosik: “O homem existe sempre dentro do sistema, e como sua parte integrante é reduzido a alguns aspectos (funções) ou aparências (unilaterais e reificadas) da sua existência. Ao mesmo tempo, o homem está sempre acima do sistema e - como homem - não pode ser reduzido ao sistema”. Na visão de Tarso Genro, trata-se “de um exemplo flagrante de como ele [Adelmo Genro Filho] aborda o Marxismo como filosofia do sujeito, e é de onde se origina o Segredo da Pirâmide”.

O conhecimento para a práxis do jornalista

Pedro Luiz Osório inicia sua palestra com a constatação de que a celebração do legado de Adelmo Genro Filho é uma demonstração da vigência e pertinência da sua teoria, ainda que tenha transcorrido 34 anos desde a publicação de O Segredo da Pirâmide. “Assim ocorre com os clássicos”. O autor pretende ratificar a qualidade do pensamento de Genro Filho ao retomar sinteticamente seus principais conceitos e recorrer a algumas lembranças do convívio de ambos. A tarefa neste momento do texto é transcrever o mais fiel possível a palestra de Pedro Osório – inclusive abdicando das aspas na maior parte do texto com vistas a dar fluidez ao relato. Salienta-se que a potência das ideias contidas neste item é do palestrante. E os eventuais problemas, limitações deste relato.

Genro Filho e Pedro Osório foram contemporâneos do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria na década de 1970. Militaram no movimento estudantil, em organizações políticas clandestinas e legais. Segundo Osório, mantiveram interlocução afetiva e profissional, frequentemente abordando aspectos do jornalismo.

Osório considera que as extraordinárias transformações ocorridas nas comunicações - notadamente nos últimos 10 anos - e os seus reflexos específicos na práxis jornalística geram tensões na teoria de Adelmo Genro Filho. Porém, considera que os pressupostos centrais da teoria existem. As transformações alteram e estão a alterar significativamente a forma de aquisição do conhecimento. Essa constatação aproxima pesquisadores e jornalistas da pedra angular da teoria em questão: o jornalismo como forma social de conhecimento, cuja força persiste – reforça Osório. Ao mesmo tempo em que pensa o jornalismo como uma forma de conhecimento, Adelmo considera que a apreensão da realidade de modo produtivo e jornalisticamente consequente presume um conhecimento razoável sobre tal realidade.

“Antes de tudo, o jornalista deve saber como conhecer a realidade, como dela se aproximar” – expressa Osório em paráfrase à Genro Filho. Adelmo considerava esse atributo como algo prévio às técnicas da redação jornalística. Sabe-se que para bem noticiar, ao jornalista cabe a apropriação rápida e pertinente da realidade. Mas também são óbvias as dificuldades para fazê-lo como repórteres, quando orientados predominantemente pelas indagações básicas do método jornalístico. Essa dificuldade está presente ao procurar oferecer aos estudantes de jornalismo referências epistemológicas que balizam uma aproximação razoavelmente segura da realidade a ser reportada. Para Adelmo Genro Filho, explica Osório, a epistemologia representa um elemento chave do método jornalístico adequado à apreensão da realidade a ser codificada. Uma apreensão compreensiva e crítica conduz à percepção da notícia e suas dimensões particulares e singulares, tal como Adelmo às define.

Faz perceber as contradições do fato a ser reportado, pois a notícia socialmente útil será aquela que estabelecer os nexos não aparentes entre determinadas informações e fatos desvendando aspectos essenciais da realidade abordada. Isto é, aspectos essenciais das relações sociais, que segundo ensina a boa filosofia, a primeira vista manifestam-se como fenômenos naturais. Perceber a realidade, perceber as relações sociais como efetivas decorrências das ações humanas com determinados propósitos e não como situações naturalmente existentes, exige uma abordagem minimamente teórica. Para Adelmo, portanto, dominar conceitos básicos da epistemologia é condição indispensável da prática do jornalismo. Conceitos estes, que devem ser proporcionados aos futuros jornalistas, assim como as práticas dos mesmos, aos quais recorrerão ao seu exercício da profissão. Disso se pode depreender, portanto, que compreender e valorizar a teoria do conhecimento favorece a compreensão do jornalismo como forma de conhecimento (Osório, 2021).

Osório explica que a não compreensão da gênese do conhecimento produzido pelo jornalismo aumenta as possibilidades de noticiar fatos sem o reconhecimento da complexidade das suas origens, sem distinguir seus fenômenos geradores e a essência dos mesmos. Logo, há a tendência de abordar a

realidade como coisa dada e a reproduzÍ-la acriticamente. Aliás, a propósito da menção aos fenômenos, Osório salienta que para a teoria proposta por Adelmo Genro Filho, não há fatos por si, mas fenômenos.

Adelmo Genro Filho (1987) refere o surgimento do jornalismo no transcorrer dos séculos XIV a XIX ao gradual avanço da civilização burguesa, que estimulou o surgimento e a consolidação de múltiplas formas e meios de informação e comunicação. Não foi, todavia, essa ênfase uma predominante determinação econômica, mas uma potencial imposição social - desta decorreram meios de comunicação de massa e, dentre suas práticas, o jornalismo. Nesta “imposição social” (Adelmo Genro Filho a denomina como necessidade social) está a gênese do jornalismo definido como forma de conhecimento social. Diversamente da abordagem bibliográfica tradicional, Adelmo Genro Filho não acredita predominantemente no surgimento do Jornalismo e sua consolidação a partir das imposições e necessidades do sistema capitalista. Se assim o fizesse, de um lado ratificaria a versão funcionalista, segundo a qual o jornalismo progrediu, porque de modo dito objetivo imparcial historicamente, produz informações que organizam e orientam a sociedade, ou seja, reproduz e fortalece o já estabelecido. De outro lado, ratificaria determinada visão de esquerda segundo a qual o jornalismo é pura mercadoria e instrumento da dominação burguesa. Genro Filho se recusa a avaliar tais explicações, pois vê no jornalismo diferentes atribuições e possibilidades potencialmente humanizadoras. Sem deixar de reconhecer os interesses econômicos e de classe burguesa que permeiam o advento do jornalismo, Genro Filho sustenta que a informação jornalística surge e ganha espaço quando a sociedade, os indivíduos, passam a depender para as suas existências, de informações que já não estão ao alcance das suas relações espaciais nos âmbitos da economia, da política, da religião, por exemplo. Informações cada vez mais vitais na medida em que a aldeia se torna cada vez mais global. Essa demanda social pelo jornalismo é também referida por outros autores, confirma Osório, mas não com a principalidade que Adelmo lhe dá. Acrescida de um atributo inédito: uma forma social de conhecimento está contida no jornalismo demandado.

Como ensina a epistemologia, continua Pedro Osório, o núcleo de um conceito assenta-se nas suas premissas dominantes. Assim, Genro Filho sustenta que, para além de suas outras características e origem, o jornalismo vem da demanda social, representando o esforço vital do ser humano para apropriar-se do mundo imediato, mas do mundo do qual não pode se apropriar diretamente pelo seus sentidos. O jornalismo é uma forma social de conhecimento centrada na categoria filosófica chamada singular. Valendo-se dessa categoria, Adelmo Genro Filho conceitua e explicita a geração de conhecimento proporcionada pelos jornalistas. Ele conjuga, esta categoria, denominada “singular”, com as categorias “particular” e “universal”, originárias da filosofia clássica alemã, e o faz guiado pela dialética marxista, que sustenta que o ser precede a consciência e que as sociedades se estruturam coletivamente no devir histórico em permanente autoconstrução (Osório, 2021).

Estando a história humana em permanente movimento, transitoriedade, nela estão abrigados fenômenos físicos, sociais e culturais que modelam os seres humanos, enquanto por esses são modelados (Osório, 2021). Genro Filho (1987) explica que o jornalismo não lida originalmente com fatos, e sim fenômenos. É da percepção e interpretação destes, da compreensão e revelação de suas conexões, propósitos, ou resultados que devem resultar os fatos constituintes na notícia. Tais fatos devem ser relatados a partir de seus aspectos singulares, que Genro Filho considera matéria-prima do jornalismo. Neles se cristalizam, ou para eles convergem, as dimensões particulares e universais do evento a ser narrado. Cabe ao jornalista escolher a dimensão singular que será destacada, por meio da qual estabelecerá os nexos ou as particularidades do evento.

Em exemplo trabalhado na palestra, Osório expõe uma situação vivenciada por ele, ao relatar a destruição de um acampamento sem terra pela polícia, a partir da cena da mãe chorosa a juntar o que sobrou do modesto enxoval de casamento que a filha vinha adquirindo com seu salário de empregada doméstica. Enxoval cuidadoso e carinhosamente preservado em uma mala destruída e pisoteada pelos agressores. A partir do exemplo, Pedro Osório explica que essa dimensão singular ocorrida por si só conduz a um determinado tipo de conhecimento, remetendo à percepção das injustiças, desigualdades e opressões constituintes do mundo imediato, que assim se torna relativamente mediato. A singularidade será completada na notícia com as particularidades do evento, como a situação da reforma agrária, o quadro fundiário regional, a postura das autoridades responsáveis. Quanto às dimensões universais, não integram o relato, mas o orientam. As dimensões universais representam a compreensão do mundo do repórter, a capacidade de percebê-lo como um processo e como resultado da ação humana (Osório, 2007). Em momentos como esse são valiosos os ensinamentos epistemológicos, continua Osório. Eles orientam a construção da matéria, partindo do aspecto singular escolhido, pois sempre há muitas singularidades à disposição. A escolha determina se a notícia contribui para a interpretação da desigualdade ou para a sua redução ou eliminação. Seja como for, proporciona-se à sociedade um tipo de conhecimento. O conhecimento sobre a questão agrária pode ser obtido por meio da ciência, que transita pelo sistema educacional e oferece explicações de caráter universal ou por meio da arte, outra forma de conhecimento, que cristaliza o típico apoiado em particularidade.

Essas formas de conhecimento, a ciência e arte, podem ser, e geralmente são, de difícil acesso e não acompanham o cotidiano. O conhecimento necessário à sobrevivência diária é (ou pode ser) suprido pelo jornalismo ao reproduzir um evento pelo ângulo da singularidade. O jornalismo assim constitui-se como uma forma social de conhecimento diverso das demais formas.

Naturalmente, notícias jornalísticas a partir das singularidades são publicadas há muito tempo, pela sensibilidade profissional de repórteres e seus editores – continua Osório. O que Genro Filho fez, de forma inédita, foi demonstrar teoricamente a potencialidade do singular para

o método jornalístico, e a partir dele, tipificar o conhecimento oriundo do jornalismo. Além disso, ao evidenciar que as manifestações singulares são muitas e o jornalista realiza uma escolha, ao demonstrar que os fatos narrados expressam determinadas conexões entre fenômenos - conexões estas que precisam ser percebidas e aprendidas para além do aparente - sua teoria combate conceitos de neutralidade e objetividade, tal como foram historicamente aceitos pelo jornalismo. No caso da objetividade, sustenta que a objetividade pura não tem significação própria, sendo necessário extraí-la, sempre estabelecendo uma mediação com a objetividade concreta, para que a notícia não se reduza à concepção de quem a relata. No caso da neutralidade, sustenta que a captação de um fato constitui uma relação subjetiva do sujeito com a história. Não se trata, porém, apenas do jornalista perceber o fato e de atribuir uma qualidade, mas de se perceber em um mundo em construção, onde ele se posiciona na prática, teórica e eticamente (Osório 2021; Osório, 2007).

Osório finaliza sua exposição sobre as principais concepções de “O Segredo da Pirâmide” com observações sobre o Lead. Para Genro Filho a notícia se estrutura do singular para o particular. Não necessariamente do mais importante para o menos importante. Todavia, na sua concepção, o lead não perde a importância, não deve ser desprezado.

Abordar os aspectos básicos da teoria do jornalismo como forma de conhecimento, considera Osório, requer mais do que reconhecer a sua potência epistemológica. É preciso não perder de vista que ela advém de um inovador sistema teórico-prático que revisa conceitos e altera técnicas clássicas do relato jornalístico. Ao fazê-lo, o autor não pretende reivindicar para o jornalismo o estatuto de ciência social, mas sim qualificar a sua práxis. Ele reposiciona socialmente o jornalismo, permite

Pensar a cultura em geral e o jornalismo em particular como práxis. Não apenas como manipulação e controle. De um lado em virtude da propriedade privada dos meios de comunicação e da hegemonia ideológica burguesa, o jornalismo reforça a cosmovisão dominante, e o outro a apreensão e reprodução do fato jornalístico podem estar alicerçadas na perspectiva de uma cosmovisão oposta e de uma ideologia revolucionária (Genro Filho, 1987, p. 212).

Como pondera Pedro Osório, não está posta a possibilidade revolucionária tal como Genro Filho a pensava ao escrever o seu clássico.

Mas está sobre os nossos ombros a tarefa árdua de, por meio da práxis jornalística, contribuir para o fortalecimento de uma cosmovisão oposta àquela que hoje governa nosso país, bem como contribuir para a formulação e a disseminação e o sistema de ideias que proporcione o esclarecimento e a autonomia dos indivíduos de modo que todos possam atribuir no sentido humano na sua vida, construindo uma nação onde predomina a diversidade na solidariedade e a igualdade. (Osório, 2021)

o método jornalístico, e a partir dele, tipificar o conhecimento oriundo do jornalismo. Além disso, ao evidenciar que as manifestações singulares são muitas e o jornalista realiza uma escolha, ao

A práxis do e para o ensino e a teoria do jornalismo

Eduardo Meditsch, por diferentes motivos, é o pesquisador brasileiro quem mais longe levou o projeto de institucionalização das teorias do jornalismo. Realizou contribuições inquestionáveis ao longo de sua carreira para a teoria e a pedagogia do jornalismo, bem como para os estudos de radiojornalismo (Pontes, 2015; Rudiger, 2021) . Ao recuperar sua exposição, este texto trilha de perto suas palavras na palestra, quase numa transcrição. Em parte, porque a trajetória do pesquisador Eduardo Meditsch se entremeia com sua fala, ator dos percursos que a teoria proposta por Genro Filho toma na pesquisa em jornalismo no Brasil. De outra monta, pelas influências e vivências com pesquisadores que encontra no caminho e destacados em sua palestra: Nilson Lage, Daniel Herz e Paulo Freire. Ele inicia sua exposição lembrando de Nilson Lage.

Lembrar do professor Nilson Lage, que foi homenageado ontem aqui no congresso da SBPJor, que foi também um amigo meu e foi também uma pessoa com quem o Adelmo dialogou, embora nunca tenham se encontrado. Eu diria que no livro O Segredo da Pirâmide, o único autor com quem o Adelmo propõe realmente um debate sobre jornalismo é Nilson Lage. Os outros, ele adota uma retórica de combate, de crítica bastante dura, como fazia parte do nosso estilo de militância da esquerda muito influenciada ainda pelos movimentos estudantis. [...] Dentro desse estilo retórico, ele bate muito forte em diversos autores que comenta, mas conversa de outra maneira com a obra do professor Nilson Lage. Eu diria que desse diálogo, que depois o professor vai responder, inclusive incorporando essa concepção do jornalismo como conhecimento, que ele vai dizer que o Adelmo nos propôs e ele acaba aceitando essa concepção e incorporando no debate, na sua própria obra. Desse diálogo entre os dois nasce a teoria do jornalismo. Quando eu digo isso, eu quero dizer que uma disciplina não nasce apenas do trabalho de várias pessoas que teorizam sobre jornalismo. Tem um teórico norte-americano da ciência, o Whitley, que diz que é necessário não apenas um trabalho do ponto de vista intelectual, mas também um trabalho, ou uma institucionalização cognitiva, ou seja, da formação de um mínimo de consenso e isso fica bem caracterizada neste diálogo do Nilson com o Adelmo. Também de uma institucionalização social, ou seja, é preciso que se crie associações como SBPJor, que se crie cursos, como se constituiu naquele momento a partir desse diálogo o curso de jornalismo [da UFSC].

Meditich recupera que Genro Filho passou a trabalhar como professor do curso de Jornalismo da UFSC trazido por seu primo, Daniel Herz [para mais detalhes da influência de Herz no trabalho de Genro Filho e na sua disseminação, ver Herz (2013) e Pontes (2015, p. 156-166; 195-208)]. De acordo com Meditsch, Herz convenceu Genro Filho a vir para o curso de jornalismo da UFSC para desenvolver uma teoria do jornalismo, para com isso constituir uma escola.

O Daniel era muito ousado, e quando veio para a UFSC não queria apenas criar um curso, ele se propôs a criar uma escola de pensamento que tivesse influência pelo Brasil. De certa maneira, nós que tivemos o privilégio de trabalhar com Daniel naquele período inicial do curso, adotamos aquela proposta ousada. O curso de jornalismo da UFSC acabou sendo uma referência para muitas pessoas, justamente por propor esta concepção do ensino de jornalismo, a partir de uma teoria do jornalismo e de uma teoria do jornalismo que o Adelmo nos mostrou que, primeiro, era necessária e depois que era possível. Que era necessária, ele já vinha nos apontando há muito tempo. Inclusive, relendo alguns textos do Adelmo, alguns que foram publicados originalmente nos anos 1970 e recuperamos, publicados na Razão de Santa Maria e que depois a gente republicou na nossa revista acadêmica da UFSC. Dá para ver que, primeiro, ele já discutia a necessidade de uma teoria do jornalismo desde que era estudante de graduação em jornalismo. [...] Criou-se toda uma escola de pensamento a partir de lá que depois a gente vai, do ponto de vista do jornalismo, vamos seguir desenvolvendo na UFSC. Não só na UFSC, a primeira vez que surgiu a institucionalização de uma disciplina de jornalismo foi na UFRGS, a partir da professora Rosa Nívea Pedroso, também por influência de Adelmo.

Na UFSC, Adelmo cria a disciplina de Teoria do Jornalismo dentro da disciplina de Teorias da Comunicação, como Teoria da Comunicação II. “Mesmo que já existisse teorização sobre jornalismo de vários outros autores antes, mas por uma série de circunstâncias históricas da nossa área acadêmica acabaram sendo, de certa maneira, bloqueadas” (Meditsch, 2021). Meditsch destaca que no Jornalismo estudado na década de 70, não havia bibliografia de teorias de jornalismo nos cursos de jornalismo. A influência estava circunscrita inicialmente ao funcionalismo estadunidense, à teoria da informação e à teoria dos sistemas. Mais tarde, a Escola de Frankfurt, discutindo a mídia, mas não o jornalismo de forma específica. Esse vazio de teoria sobre o jornalismo é evidenciado no livro de Genro Filho.

Adelmo Genro Filho teve esse papel, não apenas para na institucionalização cognitiva, mas também para a institucionalização a partir do seu trabalho na UFSC, explica Meditsch. Nilson Lage, na visão do professor, prosseguiu e teve um papel importante nas institucionalização da disciplina mediante as funções ocupadas no Ministério da Educação, na comissão do

Provão, na comissão de especialistas em jornalismo que acabou forçando a institucionalização da teoria do jornalismo, o que se consolida nas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais.

Meditsch defende que a proposta de O Segredo da Pirâmide vai além da intenção de Genro Filho naquele momento, que seria de um diálogo dentro da esquerda e com jornalistas de esquerda. Ao afirmar o jornalismo como conhecimento, O Segredo passa a ser uma preocupação não apenas daqueles que compartilhavam com ele o mesmo posicionamento político, o mesmo posicionamento filosófico, mas como uma questão central para definir o jornalismo e para pensar o jornalismo. Especialmente no ambiente de transformação completa em que o jornalismo se realiza, em que há uma redobrada tensão internacional sobre a questão do jornalismo como conhecimento.

Outro professor citado por Meditsch é Paulo Freire, festejado em 2021 devido ao seu centenário. Meditsch destaca que teve a oportunidade de contar para o Paulo Freire a respeito do trabalho do Adelmo. “Eu disse para ele: ‘professor, o senhor disse que a educação é uma teoria de conhecimentos posta em prática e o Adelmo propõe uma teoria de conhecimento muito próxima da sua, posta em uma outra prática’, e o Paulo Freire achou aquilo fascinante” (Meditsch, 2021).

A dissertação de Meditsch (1990), publicada em livro (Meditsch, 1992) tem por fundamentos as obras de Freire, Genro Filho e Lage. E no prosseguimento de suas produções, Meditsch (2012) continuou apropriando-se desses autores para pensar o jornalismo. E para fazer essa conexão, Meditsch também relembra Karel Kosik, autor mencionado anteriormente por Tarso Genro e referência para Genro Filho e Freire. “O caminho da verdade é um desvio”. A verdade é um desvio, porque é necessário sair do fenomênico para a abstração – isso foi feito por Genro Filho ao mostrar a necessidade de uma teoria do jornalismo. Kosik também afirma que, por ser um desvio, muitos ficam no caminho ou se perdem dentro dele. Genro Filho, na visão de Meditsch, não teve tempo de fazer o retorno desse caminho, porque faleceu. Mas permaneceu a questão “E aí, como colocamos isso em prática no jornalismo?” (Meditsch, 2021).

Genro Filho faz a proposta de inverter a pirâmide e essa inversão se daria do ponto de vista epistemológico e não do ponto de vista da exposição da notícia. Mas Meditsch afirma que simplesmente inverter o lead não era o caminho de volta da teoria para a prática. “Acho que a experiência do Paulo Freire na educação é um indicador desse caminho para a gente voltar à prática, e principalmente, no momento em que vemos que o chamado jornalismo de referência atinge uma parte muito pequena da população brasileira” (Meditsch, 2021).

O palestrante defende que não se pode pensar em um processo democrático e emancipatório, como Adelmo Genro Filho pensava, e como o Paulo Freire pensava, sem um jornalismo que atinja a maior parte da população brasileira numa perspectiva emancipatória. Defende que “[...] estudar Paulo Freire é um desdobramento natural de estudar Adelmo e é uma maneira de

buscar esse caminho de volta sem se perder pelo caminho”. Nesse sentido, lembra Meditsch, muitas pessoas cobravam de Adelmo um manual. Mas - pondera ele - assim como Paulo Freire sempre se recusou a fazer um manual, também Genro Filho critica os manuais em seu livro.

A questão não é um manual, porque justamente a realidade está permanentemente em movimento. Não se pode fixar uma receita de como enfrentá-la. É preciso que se pense no método mas não no manual e nesse sentido, também o Adelmo tem que ser reinventado, assim como o Paulo Freire dizia que ele próprio teria que ser reinventado. Não poderia ser simplesmente aplicado. Em cada situação, seria necessário superar o que ele tinha proposto e reinventá-lo. Nesse sentido acho que é muito importante a reinvenção também do Adelmo e acho que a leitura do Karel Kosik é muito indicada para todo mundo (Meditsch, 2021).

Meditsch finaliza sua exposição citando Darcy Ribeiro, que costumava dizer que tinha dois santos, Anísio Teixeira e Marechal Rondon. “Eu coloco aqui três santos na mesa: Nilson Lage, Adelmo Genro Filho e Paulo Freire. Acho que numa combinação entre eles a gente pode avançar muito em termos de teoria do jornalismo”. E nesse aspecto, Meditsch propõe ao público trilhar com ele o principal caminho de suas reflexões teóricas.

Considerações

Para que se possa compreender as potencialidades liberadas pelo jornalismo, as carências que ele vem suprir no processo histórico global, é preciso perceber que está em jogo uma nova dimensão do relacionamento entre o indivíduo e o gênero humano. Uma dimensão inaugurada pelo desenvolvimento da sociedade capitalista, mas equacionada segundo os interesses da classe dominante. Assim, sob a capa da ideologia e da manipulação que ela procura imprimir ao processo, surge uma modalidade de conhecimento – que deve ser compreendida e recuperada na perspectiva revolucionária e no sentido humanizador. (GENRO FILHO, 1987).

O jornalismo é uma forma social de conhecimento. Assim como a ciência e a arte. Difere delas, mas tem contribuição similar a elas. O jornalismo integra o esforço humano de conhecer a realidade, de transformar a realidade e de contribuir reflexivamente sobre o sentido histórico desse processo de conhecimento e transformação.

Marx (2007) ensina nas Teses ad Feuerbach que a realidade, para ser compreendida, precisa ser explicada como produzida pelos sujeitos. Isso não significa dizer que não existe realidade ou que a realidade é relativa ou que a realidade é um construto. Significa pensar que a realidade é dinâmica, concreta e histórica. Sob esse aspecto, uma teoria que explique o jornalismo integrado somente ao reforço

do status quo, como produto da burguesia, como inerentemente reificado e reificante, ou como uma mercadoria, encerra o sentido para o que o jornalismo pode ser. Diferente do que propõe Genro Filho.

Dizer isso não significa ser contra a existência da realidade ou contra a tarefa de que o jornalismo deve reportar a realidade, mas perceber que a cada ato técnico, a cada operação, a cada notícia publicada – de algum modo – o jornalista responde a uma forma de entender a realidade, e de oferecer um projeto para essa mesma realidade.

Está inerente à proposição de *O Segredo* um projeto de sociedade. Genro Filho convida a pensar um mundo que transcenda o presente, e que transcenda também o passado. Nesse aspecto, as reflexões aqui postas, no momento histórico vivenciado, colocam a necessidade de revistar o clássico “Segredo da Pirâmide”. Tarso Genro, Pedro Osório e Eduardo Meditsch oferecem reflexões sobre diferentes perspectivas da vida e das ideias de Genro Filho, que foram tecidos nesse relato sob a articulação da categoria ontológica da práxis.

A obra de Genro Filho nos convida a pensar o mundo como um projeto humano, aberto, inacabado, mas coletivo no sentido mais amplo do termo. E diante de tais valores, pensar o trabalho dos jornalistas, com vistas a atender esse projeto ético-político coletivo - o jornalismo - como práxis. Não somente com a tarefa de compreendê-lo e inserí-lo no arcabouço teórico e filosófico de sua gênese. Mas de pensar desdobramentos e formas de discutir caminhos para o jornalismo e a partir do jornalismo, com vistas a um mundo menos desigual, mais justo e fraterno.

Referências

GENRO, Tarso. Palestra Online. O Jornalismo como Forma de Conhecimento: o legado de Adelmo Genro Filho. 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, 10 nov. 2021. Disponível em: https://youtu.be/v2H5cC_pDNk.

GENRO FILHO, Adelmo. A Democracia como valor Operário e Popular (Resposta a Carlos Nelson Coutinho). In: SILVEIRA, Ênio et al. Encontros com a Civilização Brasileira, vol 17. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GENRO FILHO, Adelmo. Introdução à Crítica do Dogmatismo. Teoria e Política, São Paulo, Brasil Debates, v. 1, n. 1, p. 81-95, 1980.

GENRO FILHO, Adelmo. Sobre Engels e o dogmatismo. Teoria e Política, São Paulo, Brasil Debates, v. 1, n. 3, p. 112-144, 1980b.

GENRO FILHO, Adelmo. A Ideologia da Marilena Chauí. Teoria e Política, São Paulo, Brasil Debates, v. 2, n. 7, p. 69-88, 1985.

GENRO FILHO, Adelmo. Marxismo, filosofia profana. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

GENRO FILHO, Adelmo. Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GENRO FILHO, Adelmo. A Filosofia Marxista e o Legado dos “Hereges”. In: GENRO FILHO et al. Filosofia e Práxis Revolucionária. Cadernos de Formação Marxista 2. São Paulo: Brasil Debates, 1988. p. 7-22.

MEDITSCH, Eduardo. O Conhecimento do Jornalismo: elo perdido no ensino da Comunicação. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 1990.

MEDITSCH, Eduardo. O Conhecimento do Jornalismo. Florianópolis, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir. Florianópolis:

MEDITSCH, Eduardo. Palestra Online. O Jornalismo como Forma de Conhecimento: o legado de Adelmo Genro Filho. 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, 10 nov. 2021. Disponível em: https://youtu.be/v2H5cC_pDNk.

OSÓRIO, Pedro S. O Segredo da Pirâmide – algumas notas e lembranças. In: AMARAL, Márcia F et al. A Contribuição de Adelmo Genro Filho. Santa Maria: FACOS, 2007, p. 37-49.

OSÓRIO, Pedro S. Palestra Online. O Jornalismo como Forma de Conhecimento: o legado de Adelmo Genro Filho. 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, 10 nov. 2021. Disponível em: https://youtu.be/v2H5cC_pDNk.

PONTES, Felipe S. Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

PONTES, Felipe S. O conceito de ideologia na teoria do jornalismo de Adelmo Genro Filho. Galáxia, (São Paulo, Online), n. 32, p. 151-162, ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016223601>

PONTES, Felipe S. Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo: 30 nos de O Segredo da Pirâmide. Brazilian Journalism Research, v. 13, n. 1, p. 164-181, jan-abr, 2017.

RUDIGER, Francisco. Teorias do Jornalismo no Brasil. Florianópolis: Insular, 2021.

Sobre os desafios da pós-graduação: **o segundo ano da pandemia**

Cíntia Xavier
Edgard Patrício
Rogério Christofolletti

O Pós-Jor é um momento à parte na programação dos encontros da SBPJor, no qual os programas de pós-graduação se reúnem para debater os desafios sobre a pesquisa, e mais especificamente a pesquisa em Jornalismo. Em 2021, tivemos pelo segundo ano consecutivo as atividades relativas ao Pós-Jor na modalidade remota, assim como a realização do 19º Encontro da SBPJor. Reuniões remotas foram regra, no ano de 2021, em que as atividades presenciais ainda estavam vetadas pelos perigos do vírus.

Na perspectiva negativa as atividades on-line foram o centro da agenda dos pesquisadores, professores, pelo país afora. Reuniões remotas foram as responsáveis por várias horas na frente dos computadores, na única possibilidade de interação segura para o período. Muito tempo diante de telas, com a exigência de conexão adequada, trouxe exaustão.

Ao olhar o copo meio cheio, foi o modelo remoto que possibilitou inúmeras disciplinas transversais, ofertadas pelos programas de pós-graduação, articuladas pelas redes de pesquisa, vinculadas à SBPJor. Para realizar formalmente cada disciplina ofertada foram necessárias adaptações e arranjos, quer pela perspectiva dos calendários próprios dos PPGs, em sua organização burocrática, quer no formato de oferta, ou ainda nos modos de avaliação. Superadas essas diferenças, foi possível ofertar seis (06) disciplinas a partir das redes (Retij, Jortec, Renoi e Renami), uma disciplina organizada por uma professora que teve participação de membros da Telejor. As seis (06) disciplinas reuniram 25 Programas de Pós-Graduação de todas as regiões do país.

Embora o fórum seja uma iniciativa independente, não é uma iniciativa da SBPJor, ele nasce organicamente e dentro do espaço de discussão que utiliza, no momento do evento da SBPJor. O Pós-Jor é um espaço de reunião, para articular, pensar iniciativas, projetos, programas, enfim, reflexões mesmo, articulações entre os programas com eixo no Jornalismo.

Nas palavras do presidente da SBPJor (2019/2021), Marcos Paulo da Silva:

(...) pensar essas articulações garante uma organicidade para o fórum e essas iniciativas, que não deixam de ser de resistência nesse momento de cortes e recursos, de dificuldades mesmo. Trilhar a construção da pós-graduação em comunicação com ênfase em jornalismo especificamente como também os programas que tem a característica do jornalismo, que é o âmbito de atuação da SBPJor (SILVA, 2021).

No âmbito dos seminários do Pós-Jor estão presentes programas que têm área de concentração em jornalismo, programas que têm linhas de pesquisa em jornalismo e programas que não têm nenhuma dessas especificidades, mas que têm grupos de pesquisa ou que se dedicam aos estudos do jornalismo.

No espaço da realização do 8º PósJor foi aclamado o documento que faz parte do livro da SBPJor de 2021 - Proposta de Acordo para Cooperação de PPGs: “Transformações no jornalismo e seus impactos locais: produção, circulação e consumo” que está incluso no texto: A pós-graduação no primeiro ano da peste -, resultado das discussões realizadas no âmbito do 7º Pós-Jor e posteriormente, entre o final de 2020 e durante o ano de 2021.

No processo de apresentação do que foi o contexto no período entre o fim de 2020 e 2021 estavam duas certezas: uma que não seria fácil e outra que só seria possível o enfrentamento juntos. Especialmente pelo cenário formado não só pela pandemia, mas também pelos cortes de investimentos em ciência e tecnologia, além de um processo de fortalecimento, de integração, de articulação entre programas de pós-graduação que se dedicam de algum modo aos estudos do jornalismo.

Entre as questões positivas para a organização do documento norteador do Pós-Jor estão: i) transformações no jornalismo e seus impactos locais: produção circulação e consumo; ii) as diversidades, as assimetrias regionais mas também o que a nossa capilaridade, a nossa potência, a nossa amplitude que se dedica ao jornalismo podem oferecer - um exemplo, vários programas, desse grupo de 14 instituições, começaram a divulgar na nossa lista de e-mails as disciplinas que iriam oferecer e também as formas de como poderiam receber alunos externos; iii) cooperação na oferta de disciplinas no ensino de pós-graduação, na realização de pesquisas e estudos, na execução de ações de extensão; iv) participação de bancas, em exame de qualificação, defesa de teses; v) realização de eventos; vi) na efetivação de produtos editoriais; vii) concepção e produção de livros e coletâneas entre PPGs.

A experiência das disciplinas a partir das redes de pesquisa

A Rede de Pesquisa Trabalho e Identidade no Jornalismo (Retij) apresentou duas experiências de disciplinas. A primeira nominada Transformações no Mundo do Trabalho dos Jornalistas integrou 12 programas de pós-graduação da área incluindo a Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal de Roraima,

Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal Goiás, Universidade Federal do Maranhão e também Universidade Federal Sergipe. A disciplina contou com 13 painéis temáticos, sendo que os dois primeiros e o último reuniram todas as Universidades, entre maio e agosto de 2020. Da oferta da disciplina foi organizada uma publicação. A segunda disciplina, que ficou sob organização da Retij, foi ofertada pela UFPI e UFC. A partir da perspectiva dos Produtos e Processos Comunicacionais em Tecnologias Digitais, no período de setembro até novembro de 2021.

Na Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Reni), foi ofertada a Disciplina Crítica de Mídia, que teve adesão de oito (8) programas de pós-graduação do país. Os PPGs envolvidos foram da Universidade de Brasília, Universidade Federal do Tocantins, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal de Sergipe. A disciplina ocorreu de agosto a novembro de 2021. As atividades foram realizadas de forma síncrona, complementadas por atividades assíncronas. O plano de ensino foi montado de forma coletiva, com cada professor, professora propondo temática. O número de estudantes variou em cada programa, totalizando quase uma centena de estudantes. Então, por exemplo, foram 20 estudantes matriculados na UnB, 13 na Federal de Santa Catarina, 16 na Federal do Mato Grosso do Sul, 13 na Federal do Espírito Santo; cinco na Federal de Goiás. Entre os desafios, o principal é relativo ao calendário das Universidades. A partir das discussões da disciplina novos projetos foram sendo gestados, debatidos e discutidos, novos livros, novas possibilidades de disciplina, iniciativas de projetos de pesquisa.

A Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec) ofertou a disciplina sob o título Estudos e Tendências em Cibercultura. Foi a primeira experiência de disciplina compartilhada. Foram ofertados 15 encontros remotos, optou-se por trazer convidados que fossem referência da cibercultura. Estabeleceu os acordos com os programas de pós-graduação para administrar algumas questões técnicas de acompanhar o aprendizado. Participaram da dinâmica nove (9) docentes de oito (8) programas da Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Unipampa; Universidade Federal do Pampa; Universidade Federal do Maranhão. A disciplina contou com um total de 133 alunos. Para elaborar a disciplina montou-se um documento compartilhado com o plano de ensino e o calendário para discutir estudos, pensadores e tendências na cibercultura, além de discutir fenômenos atuais a essa temática, debater esses temas e intercessão com as tecnologias digitais no jornalismo. A partir da disciplina ofertada pela Jortec surgiu a proposta de publicação de um livro em parceria com a editora da Puc-Rio e com a Federal Fluminense. Foi

realizado um balanço de quantas visualizações tiveram as aulas até o momento da realização do Pós-Jor, no YouTube. Pode-se observar que os vídeos tiveram 2.500 visualizações. Então, a avaliou-se que a experiência foi bastante positiva.

No âmbito da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), apresentou duas disciplinas. A primeira delas, a disciplina de Comunicação e Territorialidade, que envolveu seis programas, sendo eles da Universidade de Sorocaba, Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal de Roraima, Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade Federal do Espírito Santo. A disciplina foi ofertada no primeiro semestre de 2020, de março e junho. Dentro dos temas estiveram presentes os estudos decoloniais, com paradigma de extensão do território, de comunicação das periferias, ressignificação da ação de periferia, jornalismo de periferia, epistemologia das territorialidades na comunicação, os desterritorializados e topologias da comunicação, vincos territoriais e significados em ambientes virtuais. A segunda disciplina no âmbito da Renami, chamada de Jornalismo Literário, foi ofertada no segundo semestre de 2021. A disciplina envolveu três programas, vinculados à Universidade Metodista de São Paulo, ao Programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e ao Programa de Mestrado em Jornalismo da Universidade de Antioquia, na Colômbia. A proposta da disciplina, dentro do jornalismo literário, debate os métodos e perspectivas teóricas distintos. A Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário é um aspecto a ser destacado. O debate gira em torno da complementaridade de pontos de vista, que por vezes gerem discordância, aspecto considerado saudável.

A última disciplina fruto de uma oferta interinstitucional foi liderada pela professora Beatriz Becker, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela propôs a disciplina Jornalismo Audiovisual em Múltiplas Telas: Rupturas e Permanências, que contou com representantes ligados à Telejor. A disciplina foi ofertada a partir da linha de pesquisa Mídias e Mediações, iniciada em setembro de 2021. A professora Beatriz Becker convidou pesquisadores de jornalismo audiovisual integrantes dos programas de pós-graduação de seis universidades: Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal de Goiás; Federal de Juiz de Fora; Federal de São Paulo; Universidade Federal de Santa Catarina; e da própria Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cada PPG pode matricular 10 alunos de cada instituição, perfazendo em torno de 70 alunos originários dos 07 programas envolvidos. Toda disciplina foi sediada no sistema Google Plus, vinculado à organização do programa de pós-graduação da sede da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os professores de cada programa foram responsáveis pela parte de organização mais interna de cada PPG, mas todos estavam integrados às atividades e sob essa coordenação geral do PPG da ECO-UFRJ. Entre os temas abordados nos encontros estão os modos como narrativas jornalísticas audiovisuais têm conformado um lugar de produção de sentido de reprodução no

mundo real na passagem do século 20 para o século 21; a função pedagógica do telejornalismo como lugar de segurança referência à luz das contribuições de Paulo Freire e suas representações sociais e singularidades; como gênero jornalístico na contemporaneidade; a dramaturgia do telejornalismo.

No conjunto de disciplinas e relatos apresentados durante o 8º Pós-Jor entendemos que é importante trazer essa variedade de professores e de experiências para dentro dos seus programas. Na perspectiva das coordenações também houve necessidade de “quebrar a cabeça” de como realizar cada disciplina dentro da estrutura curricular de cada PPG, tendo em conta a burocracia das Universidades.

Ao observar a descrição das disciplinas, o modo de integralizar os créditos nos respectivos programas, é possível observar dois modelos. Um deles centraliza a disciplina num programa específico, com matrículas e oferta da disciplina. O outro, que foi o mais comum, a disciplina ficou baseada em cada um dos programas que realizaram a oferta. Cada instituição gerenciou seus alunos matriculados, ficou responsável pelas avaliações dos respectivos alunos. Houve alguns casos em que os professores dos outros programas foram cadastrados no sistema das universidades como professores convidados.

Projeto Coletivo de Pesquisa – Perfil do Jornalista Brasileiro

O Pós-Jor abriu espaço para o compartilhamento de um projeto coletivo de pesquisa em jornalismo. Foi o momento de apresentar a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, realizada em 2021. O foco de interesse foi apresentar a estratégia de mobilização e dados preliminares, relato via articulação da rede compartilhada desde o começo.

O projeto de pesquisa foi finalizado no começo de novembro de 2020. Depois de circular uma primeira versão, fechou com uma discussão ouvindo os membros da Retij. O projeto foi encaminhado para aprovação no colegiado do programa de pós-graduação em jornalismo da UFSC, com solicitação de apoio institucional, que foi concedido.

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro realizada em 2021 é também um trabalho de comparação dez anos depois. A pesquisa Perfil do Jornalista conta com a parceria da Associação Brasileira de Imprensa, Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Associação dos Profissionais Jornalistas de São Paulo, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), com seus mais de 30 Sindicatos filiados no País. O pré-teste do questionário foi realizado entre 8 e 22 de Maio de 2021, com a participação de 94 jornalistas, dos 100 convidados. O campo aconteceu de dezesseis de agosto a 1º de outubro de 2021, com 7.020 respostas. A equipe de pesquisa contou com 17 pesquisadoras e pesquisadores.

A iniciativa talvez possa estimular e fortalecer alguns projetos que já existem, incorporar essas

relações, dentro desse processo de articulação da Retij, seja na capilaridade, como uma contribuição específica para cada uma dessas etapas da pesquisa. Na contribuição fez algum diferencial, dentro do escopo da pesquisa, a questão da representatividade Regional e as especificidades das práticas de jornalismo. O trabalho realizado pela Retij facilitou a mobilização dos profissionais, na divisão de forma territorial. No Nordeste, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará mantém uma articulação muito forte com os demais sindicatos do Nordeste. O Sindicato e o grupo de pesquisa PráxiJor (UFC) articularam essa rede de programas, pois já tinham um processo de mobilização. Na apresentação dos dados preliminares da pesquisa, foi constatado que 35% de jornalistas se autoidentificaram pessoas pretas e pardas ou pessoas negras. Esse resultado chama atenção para as cotas de políticas de inclusão. Observar que o jornal Folha de São Paulo passou os últimos 15 anos fazendo furiosos editoriais contra as políticas de integração racial no país.

Algo que foi bem interessante dentro do processo de mobilização foi o envio de mensagens específicas a partir dos nossos status, para que esses respondentes pudessem mobilizar outros respondentes para participação na pesquisa.

Considerações finais e desafios do 9º Pós-Jor

A partir dos relatos das ofertas das disciplinas foi possível produzir duas coletâneas, organizadas no interior das redes de pesquisa, que tiveram como eixos as disciplinas ofertadas.

Os presentes ao seminário também relataram impactos no financiamento dos seus programas de Pós-Graduação, bem como manifestaram preocupação com a paralisação da Avaliação do Sistema de Pós-Graduação, situação que causou intranquilidade em toda a comunidade científica brasileira. No debate sobre os encaminhamentos para o Pós-Jor para o ano de 2022 ficou a perspectiva de se tratar dos resultados da Avaliação Quadrienal da Pós-Graduação na área da Comunicação/Jornalismo (2017-2020). Uma reunião de representantes dos programas prevista para abril de 2022 também foi aventada, mas acabou não se concretizando também por diversas dificuldades, entre as quais as incertezas geradas pelo atraso na conclusão do processo de avaliação dos programas de pós-graduação.

Em setembro, com atraso de meses, os resultados da Avaliação Quadrienal passaram a ser anunciados às coordenações dos Programas de Pós-Graduação, permitindo que pesquisadores, gestores e estudantes discutissem seus avanços no período. O tema da avaliação e os rumos da pós-graduação devem permanecer no horizonte de preocupação dos PPGs de jornalismo tendo em vista as incertezas sobre que políticas serão adotadas a partir de 2023 com o início de nova gestão no governo federal.

A consolidação do JPJor e as sementes da pesquisa

Vitor Belém¹
Alciane Baccin²

O contexto ainda pandêmico

Novamente 2021 foi um ano desafiador em vários sentidos para o cenário da educação, do jornalismo, bem como das ciências em geral. Embora boa parte da população adulta já havia tomado a primeira dose das vacinas contra o Coronavírus, ainda ocorriam óbitos, por isso o congresso pela segunda vez consecutiva foi realizado de modo remoto, o que não comprometeu a qualidade do evento e das discussões propostas pelo mais de 55 jovens pesquisadores que tiveram seus trabalhos aceitos para apresentação e publicação nos anais do 11º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor). Por outro lado, temos consciência que faltaram as trocas afetivas e científicas que ocorrem nos intervalos de uma ou outra sessão, nos coffee-breaks e saídas para um happy-hour.

Nesse contexto pandêmico que ainda vivíamos em novembro de 2021, mais uma vez o jornalismo cumpriu o seu papel de ser o mediador das informações de interesse público, informando sobre a realidade alarmante que passávamos, desmentindo desinformações, dando voz à ciência e, principalmente, levando ao conhecimento da população o avanço e a eficácia das vacinas. Embora muitas vezes atacado, tanto o jornalismo, quanto a ciência, pelos descrentes e negacionistas de órgãos governamentais, a realização de mais uma edição do JPJor demonstra o comprometimento da comunidade acadêmica (discentes e docentes de jornalismo) com a pesquisa e a busca de práticas cada vez qualificadas e ancoradas na ciência.

A Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) reconhece o JPJor como um espaço de fomento à produção científica na área. Sempre atrelado ao Encontro da SBPJor, o evento dos jovens pesquisadores já reuniu centenas de trabalhos que foram publicados por graduandos e recém-graduados de todo o país. Em 2021, não foi diferente, a variedade de temáticas abordadas pelas produções científicas de Iniciação Científica destaca pelo menos seis eixos temáticos: Jornalismo, narrativa e produção de sentido; Trabalho jornalístico e rotinas produtivas; Jornalismo e tecnologias; Telejornalismo e jornalismo audiovisual; Fundamentos teóricos do Jornalismo. Este capítulo resume a abrangência do 11º JPJor.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: vitorbelem@academico.ufs.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: alcianebaccin@unipampa.edu.br

A abrangência do 11º JPJor

O JPJor surge no momento em que os pesquisadores associados à SBPJor perceberam a importância de visibilizar e discutir as produções dos discentes de graduação. Quando a SBPJor completou oito anos e na realização do seu 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro), promoveu pela primeira vez o Encontro dos Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor), que teve e tem como objetivo até hoje estimular a participação desses estudantes em eventos no meio acadêmico e oferecer um espaço para que possam compartilhar seus trabalhos de pesquisa, além de promover a troca de conhecimentos e experiências. A coordenação científica do evento sempre esteve a cargo de algum associado da SBPJor. Ao longo desses 11 anos, o JPJor teve a coordenação de cinco pesquisadores de oito universidades (públicas e privadas). Confira o Quadro 1 com a relação de todos os coordenadores.

Quadro I – Histórico dos 11 anos do JPJor

Edição	Sede	Cidade	Coordenação
2011	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro/RJ	Victor Gentilli (UFES) e Josenildo Guerra (UFS)
2012	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Curitiba/PR	Victor Gentilli (UFES) e Josenildo Guerra (UFS)
2013	Universidade de Brasília	Brasília/DF	Liziane Guazina (UnB)
2014	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul/RS	Josenildo Guerra (UFS) e Marcelo Träsel (PUCRS)
2015	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	Campo Grande/MS	Marcelo Träsel (PUCRS)
2016	Universidade do Sul de Santa Catarina	Palhoça/SC	Marcelo Träsel (PUCRS)
2017	Universidade de São Paulo	São Paulo/SP	Marcelo Träsel (PUCRS)
2018	FIAM-FAAM Centro Universitário e Universidade Anhembi Morumbi	São Paulo/SP	Rodrigo Botelho-Francisco (UFPR) e Alciane Baccin (FIAM-FAAM)
2019	Universidade Federal de Goiás	Goiânia/GO	Alciane Baccin (Unipampa) e Rodrigo Botelho-Francisco (UFPR)
2022	Virtual	-	Vitor Belém (UFS)
2021	Virtual	-	Vitor Belém (UFS)

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao longo desses 11 anos de realização do JPJor, foram aprovados 599 trabalhos científicos (Quadro 2). Os trabalhos são submetidos à avaliação de pelo menos dois pareceristas mestres, doutores ou doutorandos, os autores recebem os feedbacks e quando solicitado, providenciam as alterações necessárias para a aprovação, provocando reflexões teóricas e metodológicas. Essa dinâmica contribui

na formação científica do graduando, bem como na qualificação da pesquisa dos recém-graduados.

Quadro 2 – Histórico de trabalhos aprovados no JPJor

Edição	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI
Trabalhos	57	70	67	58	28	32	30	76	52	74	55

Fonte: Elaborado pelos autores

Além de dar visibilidade e motivar as produções científicas na graduação, a realização desses 11 anos de JPJor também promove a integração entre os jovens pesquisadores e os pesquisadores mestres e doutores, pois estimulam o contato entre pesquisadores de diferentes estágios de formação e realidades geográficas, concretizadas desde o processo de avaliação à participação nas conferências e nas sessões de apresentação de trabalhos.

Nesse período, a SBPJor abriu portas para graduandos e recém-graduados divulgarem resultados de pesquisas, conhecerem e experimentarem os processos de produção, redação e comunicação científica. A formação de um pesquisador começa já nos bancos escolares, nos primeiros contatos com a ciência, devendo ser estimulada e orientada na graduação para que o interesse e o gosto pela pesquisa possa ser despertado. Porém percebemos ao longo dos anos dificuldades para a participação dos graduandos em eventos científicos, como a falta cada vez maior de recursos e fomento para quem produz ciência no Brasil. A redução de verbas orçamentárias para a educação no país tem impedido que muitos pesquisadores possam participar de eventos científicos. Percebemos que quando os eventos são em centros maiores, onde concentram-se um número maior de universidades, onde a facilidade de transporte e menor custo de deslocamento para essas cidades a participação, principalmente, dos jovens pesquisadores é ampliada. Por outro lado, destacamos ao longo desses 11 anos a persistência de docentes (que orientam e orientaram as pesquisas apresentadas) e jovens que diante de um cenário de desvalorização resistem promovendo trocas enriquecedoras e potencializando conhecimentos, por meio das discussões iniciadas no JPJor.

Em um cenário ainda de reflexos da pandemia, a décima primeira edição do Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo manteve a média de trabalhos apresentados, sendo 55 artigos científicos discutidos em somente um dia de Encontro. Para além de números, a programação do encontro demonstra a diversidade de temas e de visões em torno de práticas profissionais e acadêmicas (Quadro 3).

Quadro 3 – Sessões temáticas do IIº JPJor

Títulos	Trabalhos	Autores jovens*	Coordenador(a)
Jornalismo, narrativa e produção de sentido I	5	6	Ana Paula Lückman (IFSC)
Jornalismo, narrativa e produção de sentido II	5	5	Bianca Rosa (Unisinós)
Jornalismo, narrativa e produção de sentido III	6	7	Dairan Paul (UFSC)
Fundamentos teóricos e questões profissionais	4	4	Alexandre Maciel (UFMA, Imperatriz)
Jornalismo, tecnologia e plataformas digitais I	5	6	Jamir Kinoshita (USP)
Jornalismo, tecnologia e plataformas digitais II	3	4	Fabia Ioscote (UFPR)
Jornalismo especializado e práticas laboratoriais	6	6	Érica Rizzi (Umesp)
Telejornalismo	6	6	Simone Martins (UFJF)
Trabalho jornalístico e rotinas produtivas I	5	5	Lynara Ojeda de Souza (UFSC)
Trabalho jornalístico e rotinas produtivas II	5	7	Cicélia Pincer (ESPM)
Jornalismo, rotinas produtivas e política	5	7	Leopoldo Neto (UFSC)

*Excluídos os(as) orientadores(as)

Fonte: Elaborado pelos autores

No total, esta edição contou com 11 sessões, com um média de 5 apresentações em cada. O agrupamento de trabalhos se deu pela aproximação temática, vislumbrando o estímulo ao debate e reflexões em torno das intersecções entre os pesquisadores. As sessões Narrativas Jornalística I, II e III tiveram o maior número de exposições, com 16 trabalhos, envolvendo 18 autores jovens, além de seus respectivos(as) orientadores(as); seguida das temáticas Trabalho jornalístico e rotinas produtivas I e II, com 10 trabalhos produzidos por 12 jovens pesquisadores, e Jornalismo, tecnologia e plataformas digitais I e II, com 8 trabalhos e 10 autores.

A coordenação das mesas temáticas foi realizada por 11 doutorandos e doutores, reforçando a integração dos jovens com pesquisadores associados à SBPJor. Parte desses coordenadores também colaboraram na etapa de avaliação dos trabalhos submetidos ao Congresso. Ressaltamos ainda a diversidade institucional destes pesquisadores, com representação de 8 universidades diferentes. A pluralidade do evento é também observada a partir da diversidade regional dos autores. Foram 63 jovens pesquisadores vinculados a 21 instituições de ensino de 12 estados diferentes que apresentaram produções científicas que abordam visões analíticas e críticas do jornalismo (Quadro 4).

Quadro 4 - Distribuição dos trabalhos por região - 11º JPJor

Região	Estado	Instituição	Trabalhos
Norte	PA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	2
		Universidade da Amazônia	1
Nordeste	MA	Universidade Federal do Maranhão	6
	SE	Universidade Federal de Sergipe	3
	PE	Universidade Federal de Pernambuco	3
Centro-Oeste	MT	Universidade Federal de Mato Grosso	6
	DF	Universidade de Brasília	3
		Centro Universitário IESB	2
Sul	PR	Universidade Estadual de Ponta Grossa	4
		Centro universitário Uninter	5
		Universidade Estadual de Ponta Grossa	4
	RS	Universidade Federal de Santa Maria	6
		Universidade Federal do Rio Grande do Sul	4
		Universidade Federal do Pampa	4
		Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	3
		Universidade Federal de Pelotas	2
		Universidade Feevale	2
Sudeste	SP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2
	RJ	Universidade Federal Fluminense	3
	MG	Universidade Federal de Ouro Preto	4
	ES	Universidade Federal do Espírito Santo	4

Fonte: Elaborado pelos autores

A região Sul contou com a maior variedade de universidades e maior quantidade de autores e trabalhos apresentados no 11º JPJor, com 9 universidades ou centros universitários, com o envolvimento de mais da metade dos jovens pesquisadores que participaram do evento, 34 autores. A edição de 2021 do JPJor serviu para consolidar os resultados de uma história de onze anos de estímulo à formação científica de jovens pesquisadores. O 11º JPJor foi um espaço de debate e de divulgação científica sobre várias temáticas pertinentes ao fazer jornalístico.

As sementes são lançadas

Mais uma vez a edição remota nos deixou o gostinho de quero mais, mais ambientes de socialização dos jovens pesquisadores entre si e desses com os mais experientes, mais diálogos e trocas nos corredores que prolongam os debates das mesas temáticas, muitas vezes até para pós-evento, com projetos sendo desenvolvidos em parcerias gestadas nas conversas informais que só os eventos presenciais proporcionam.

Mas, se por um lado o evento remoto limita nossas interações durante a realização do

Encontro, por outro facilita a participação em tempos de recessão, crise econômica e cortes drásticos dos investimentos em pesquisa e educação no país. Poucos são os estudantes que conseguem, no Brasil de 2021 e 2022, com recursos próprios, se deslocarem de um estado para outro para apresentar suas produções científicas e debater o Jornalismo. E esse é apenas um dos desafios que as instituições científicas precisam refletir nos próximos anos: como viabilizar a participação de jovens pesquisadores que estão interessados em fazer ciência?

A SBPJor direciona um olhar especial para o JPJor, porque acredita fortemente que as sementes que dão frutos são as que são cuidadas, regadas e nutridas. Os jovens pesquisadores são para nós essas sementes lançadas no terreno fértil da pesquisa que, logo ali, num futuro não tão distante, serão os pesquisadores que manterão e fortalecerão ainda mais a pesquisa em Jornalismo.

Parte 2

Prêmio Adelmo Genro Filho **de Pesquisa em Jornalismo**

Como flor no asfalto: Nilson Lage e o legado de uma carreira de resistência

Marcos Paulo da Silva¹

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralitem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

(Carlos Drummond de Andrade – trecho de A Flor e a Náusea)

As palavras de Carlos Drummond de Andrade sobre a flor resistente e teimosa que insistiu em irromper no asfalto poetizam a magia de um legado edificado como arrimo. Não casualmente, elas desabrocham na mesa de homenagem póstuma ao pesquisador Nilson Lemos Lage durante o 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor 2021), solenidade ocorrida de forma remota, em 9 de novembro de 2021, para celebrar a fortuna crítica do autor contemplado em 2021 com o Prêmio Adelmo Genro Filho na categoria sênior².

Infelizmente, não houve tempo hábil para a que merecida homenagem ocorresse em vida. Ao longo do ano, a partir de uma sugestão do professor Rafael Bellan Rodrigues de Souza, Diretor Científico Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), o nome de Nilson Lage esteve em pauta no âmbito da Diretoria Executiva da entidade para o recebimento da premiação, honraria destinada a celebrar a carreira de nomes que deram contribuições significativas à pesquisa em jornalismo no Brasil. Entretanto, três meses haviam se esvaído e, como afirmara o professor Samuel Pantoja Lima durante a mesa de homenagem, “Nilson Lemos Lage se encantou, na noite

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pesquisador visitante (2022) na School of Journalism da Michigan State University (East Lansing, Michigan, EUA) com bolsa de pós-doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche na Syracuse University (Syracuse, Nova Iorque, EUA). Foi Diretor Científico (2017-2019) e Presidente (2019-2021) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), ocasião na qual coordenou a mesa de homenagem a Nilson Lemos Lage, pesquisador agraciado de forma póstuma com o Prêmio Adelmo Genro Filho 2021 na Categoria Sênior.

² A mesa de homenagem foi realizada de forma remota em razão da crise de contágio da covid-19. A íntegra da homenagem pode ser acessada no link: <https://youtu.be/r--IqsWtW8k>

veloz de 23 de agosto de 2021, em em Florianópolis, outrora chamada Nossa Senhora do Desterro”.

Diante da profunda perda para o campo do jornalismo brasileiro, a SBPJor decidiu por conceder de modo inédito a premiação póstuma. Numa linhagem que desde 2007 celebrara a carreira de Christa Berger (2007), Marcos Palacios (2008), José Marques de Melo (2009), Muniz Sodré (2010), Luiz Gonzaga Motta (2011), Graça Caldas (2012), Alfredo Vizeu (2013), Zelia Leal Adghirni (2014), Eduardo Meditsch (2015), Dulcília Buitoni (2016), Cremilda Medina (2017), Beatriz Dornelles (2018), Edvaldo Pereira Lima (2019) e Sonia Virginia Moreira (2020), o Prêmio Adelmo Genro Filho 2021 – cujo patrono, inclusive, teve interlocução acadêmica com o homenageado em pauta – foi de forma justa e devida entregue a Nilson Lage. Não havia, contudo, regra ou lastro sobre como proceder a homenagem. Em todas as ocasiões anteriores, os pesquisadores agraciados na categoria sênior receberam pessoalmente a honraria e discursaram aos participantes nos respectivos encontros anuais da SBPJor, tradição de sempre do prêmio.

Desta vez, a decisão acertada da Diretoria da SBPJor foi pela realização de uma mesa que celebrou – junto à família, amigos, ex-alunos e admiradores – a vida e a obra do autor. Foram convidadas a ex-esposa, professora Nildes Macedo Lage, e as filhas Angela Carvalho Lage, Janaína Lage e Clara Macedo Lage, além dos jornalistas e ex-alunos Samuel Pantoja Lima e Lara Lima. Uma rede de palavras doces e verdadeiras se teceu sobre o legado do homenageado.

Nilson Lage edificou uma carreira de muitas contribuições à pesquisa e ao pensamento crítico. Jornalista, mestre em Comunicação, doutor em Linguística e Filologia, foi professor da Universidade Federal Fluminense, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e aposentou-se em 2006 no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, com 50 anos de atividades profissionais. Referência obrigatória nas grades curriculares dos cursos de Jornalismo, seus textos e livros formaram e têm formado profissionais de diferentes gerações em todas as regiões do país. Entre suas obras principais, destacam-se “Ideologia e Técnica da Notícia”, de 1979, considerado um marco nas teorias do jornalismo no Brasil, e “Linguagem Jornalística”, de 1986, texto didático para momentos iniciais da formação acadêmica, além da obra de referência “A Reportagem, Teoria Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística”, lançado em 2001, que trata do papel do repórter e da apuração bem realizada para a construção da narração jornalística. Além de uma sólida referência acadêmica, porém, Nilson Lage também foi companheiro, pai, amigo e mestre.

Como destacara a ex-esposa Nildes Lage, o pesquisador sempre valorizou muito seu papel como educador:

Conheci o Nilson na década de 1970. Ele vivia uma situação, por vezes, constrangedora. Era aluno na Faculdade de Letras, ao mesmo tempo era professor na Faculdade de Jornalismo na UFRJ. Isso criava uma série de problemas, pois os professores chegavam na sala de aula e viam-no sentado na cadeira de estudante e outras vezes os próprios colegas de aula estranhavam o que ele estava fazendo ali. Na verdade, toda essa questão de ele não ser graduado, de ele não ter ainda formação em Letras, não impediu que ele desse excelentes aulas e que fosse um professor brilhante. O Nilson sempre foi um professor muito dedicado. Preparava as suas aulas com esmero, com muita dedicação. Ele tinha uma grande responsabilidade em formar profissionais que iriam atuar em uma sociedade complexa e contraditória, e que precisavam ser competentes, éticos, responsáveis e críticos. Alunos estes, que ele sempre teve muito orgulho. Ele não escrevia nada por acaso. Muitas vezes as pessoas escrevem na mídia e parece que é fruto de um momento, mas o Nilson escrevia no Twitter, no Facebook com a mesma dedicação com que escrevia seus artigos e seus livros, sempre com base no conhecimento, com muito estudo e muita reflexão.

Nildes Lage ainda recordara como Nilson Lage foi um ser humano *sui generis* em sua relação com o conhecimento e na interlocução com as próprias pessoas próximas:

Um fato bem estranho para muita gente é que o Nilson, já com a saúde muito debilitada, resolveu fazer aulas de russo. Para isso, ele se preparava como um aluno exemplar. Fazia todas as tarefas, preparava as aulas com antecedência. Foi realmente uma das coisas que nos últimos momentos de vida de Nilson foram muito prazerosas para ele. Eu acompanhei o Nilson muito de perto por quase 50 anos da sua vida acadêmica. Era uma troca intensa. Sempre pediu para que opinássemos nesses textos escritos por ele, seja na mídia, ou mesmo nos livros que escreveu, as questões teóricas, as questões críticas. Nós discutíamos muito sobre isso. Era um novo contato ao longo da discussão. Na verdade, ele também foi o meu interlocutor. Ele me incentivava nas aulas, nos meus projetos, nas minhas alegrias e tristezas da profissão, alguém a quem eu devo muito. Na verdade, toda essa troca tão intensa foi um momento de grande aprendizagem para mim. Eu tenho certeza de que se ele estivesse aqui, estaria extremamente orgulhoso pelo prêmio que está recebendo hoje. Eu também e nós, como família, agradecemos por esse prêmio que é um sinal de uma valorização de seu trabalho, que ele sempre exerceu com muita dignidade e com muito amor.

Complementando as palavras de Nildes Lage, a filha Angela Carvalho Lage destacou a contribuição dada pelo pesquisador a diferentes gerações:

Eu acho que esse prêmio, em particular, é muito significativo. A minha filha se formou há dez anos em Comunicação Social e ainda estudou nos livros do avô. Poucas pessoas conseguem ficar atualizadas por tantas décadas. Era uma pessoa contraditória, sem dúvida nenhuma. Meu pai era uma pessoa contraditória, mas tinha posições muito firmes. As posições dele sempre foram defendidas com muita veemência e também tinha muita ética. Acho que nos tempos em que vivemos, onde o alinhamento a um pensamento crítico, o próprio aspecto democrático, que eu acho que o jornalismo não existe sem, o jornalismo deveria mostrar a notícia, tem que obviamente, verificar, mas tem que ser a notícia. A notícia para a população e não a notícia que interessa ao poder. Eu acho que esse prêmio foi muito significativo pela premiação que é e pelo momento em que vivemos. Tenho certeza de que ele ficaria muito orgulhoso com esse prêmio, embora fosse pouco chegado a qualquer tipo de homenagem. Falando como a filha mais velha, não a que mais conviveu, mas a mais velha das filhas, ele teria ficado extremamente orgulhoso com isso. Orgulhoso com os alunos que passaram por aqui. Afinal de contas, aqui no Rio de Janeiro teve uma época em que ele deu aula em todas as faculdades de Comunicação, nas privadas e nas públicas. Quantos jornalistas ele formou, quantos hoje a gente vê conduzindo o jornalismo nacional e não passaram pelos bancos escolares com ele na frente da sala? Eu acho que esse é o grande legado: ativar o pensamento, manter retilíneo nos seus princípios.

Em sentido semelhante, a jornalista Janaina Lage, também filha de Nilson, sublinhou a marca deixada pelo pai em todos(as) aqueles(as) que passaram por suas aulas:

Fiquei muito feliz com a notícia do prêmio, porque acho que a contribuição do meu pai ao jornalismo é uma contribuição de uma vida inteira. Eu posso falar nesse caso como filha, não como profissional, porque a lembrança que tenho de minha infância é ver meu pai corrigindo trabalhos exaustivamente todos os fins de semana. Como profissional, o que posso relatar é que convivi com pessoas muito mais velhas e muito mais jovens do que eu. Pessoas que foram formadas por ele. Acho que nunca convivi ao longo de todo esse período profissional com alguém que tivesse sido indiferente a ele, que tivesse tido aula com ele e que não tivesse guardado alguma coisa disso. Acho que a contribuição dele é muito forte como professor. Como um exemplo de dedicação, de esmero, de vontade de formar profissionais de fato competentes com o mercado de trabalho que é cada vez mais difícil, que requer cada vez mais do profissional e que exige uma formação cada vez mais abrangente. Não apenas como professor, mas também como alguém que compôs muitos livros que são a base da formação de muita gente.

Como jornalista que seguiu os passos do pai na profissão, Janaina Lage destacou como o “espírito de repórter” nunca deixou Nilson Lage mesmo após as redações serem substituídas por ele pelas salas de aula:

Ao longo da vida vi meu pai manter, de certa forma, apesar de ter uma carreira acadêmica tão sólida, esse espírito de repórter, esse espírito da curiosidade. O depoimento que eu posso dar é que não foram poucas às vezes, ao longo da vida, em que conversei com ele sobre pautas. Eu nunca vi meu pai tão interessado como nos momentos em que ele aprendia algo novo, em que via um ponto de vista que ainda não conhecia, embora fosse uma pessoa que tivesse realmente convicções muito próprias e que as defendesse com muita ênfase. Acho que ele deixa um exemplo, um legado, de ética de formação, de uma preocupação para voltarmos para a base. O jornalismo hoje está sob ataque de diversas formas, tanto do ponto de vista democrático, como também do ponto de vista de mídia, de concorrência com outros meios, de inovações, de precisar fazer muito mais para obter aquilo que tinha antes. Acho que meu pai deixou o exemplo de apresentar tanto a base disso, quanto de se manter aberto para as coisas novas. Na idade em que ele estava, é raro você encontrar um pesquisador que tivesse uma presença forte nas redes sociais como ele tinha. Ele nunca se fechou para isso, ao contrário, esteve sempre aberto.

Por seu turno, a filha Clara Lage ressaltara a ligação de Nilson Lage com o jornalismo em sua dimensão ético-política: uma bandeira de vida, uma paixão e uma militância pelo pensamento crítico.

Falar sobre o meu pai, é falar do amor dele pelo jornalismo que transgredia muito a vida profissional. A ligação de meu pai com a profissão não era só uma ligação com a atividade do jornalismo. Era uma ligação com uma luta histórica, com a vida política, os personagens e a história de discursos que são fabricados com uma finalidade, uma época. São coisas que ele gostava muito de falar e de estudar. Era uma paixão dupla: uma paixão pela investigação, pelo texto, pela forma da notícia, mas também por uma visão ampla do que aquilo significava em cada momento, mesmo que eu, quando criança, não tivesse a possibilidade de entender o que era tudo aquilo. Muito cedo percebi que meu pai era um pouco diferente dos outros pais na escola em algum sentido. Por exemplo, lembro-me de uma tarefa da aula de História em que o professor pediu para que levássemos cinco nomes que nossos pais considerassem como heróis na história do Brasil. Fui perguntar para o meu pai quais eram as pessoas que ele considerava heróis, mas ele não se contentou com esses cinco. Ele me deu muitos e muitos nomes. Pessoas de séculos diferentes, com vidas e papéis na história totalmente diferentes e às quais ele tinha muito apego e falava com muito amor. Ele gostava e conhecia a história. Essas coisas me marcaram, porque eu ficava achando aquilo diferente. A mesma coisa se reproduziu quando eu tinha que levar cinco nomes de autores de músicas clássicas. Meu pai adorava música clássica. Escutava muito, mesmo nas últimas fases da vida dele. Eu cheguei lá com uns 40 autores de nomes estrangeiros, não conseguia nem pronunciar. Esses episódios me fizeram construir uma imagem de meu pai como uma pessoa que sabia muitas coisas. Não só uma pessoa que sabia de muitas coisas, mas também uma pessoa que era apaixonado por essas coisas.

Para Clara Lage, uma das grandes com contribuições de Nilson Lage como pai, educador ou jornalista foi a luta pelo rompimento com as ideias prontas e com o pensamento de senso comum:

As angústias, a tristeza dele vinham muito dentro do contexto do mundo, do país. Também foi uma criação que às vezes me deixou até confusa, pois às vezes eu tinha uma ideia que vinha muito de uma certa leitura da mídia, da escola, das pessoas em minha volta, dos adultos que eu conhecia, e aí chegava o meu pai e me dava uma outra leitura, totalmente diferente, uma explicação que eu não tinha em lugar nenhum. Quando somos crianças ficamos tentando ligar as coisas e achando que nossos pais vão defender algo positivo, mas não entendendo bem aquela argumentação, foi algo que marcou bastante a nossa relação. Essa interrogação do que ele estava querendo dizer com aquilo tudo e como encaixava o que estava dizendo no que eu estava escutando. Foi uma infância confrontada por ideias que não estavam no senso comum, que é uma marca de meu pai. Acho que essas perguntas que ele deixou para mim, essas análises que também deixou para todos, são parte do que ele considerou como missão, que é enfrentar o discurso dominante a partir da profissão de professor, de jornalista, sempre enfatizando muito a ética. O guia dele era sempre o que acreditava ser o melhor para as pessoas. Ele tinha um grande apego a isso. Quando ele faleceu, para mim, foi uma oportunidade em algum momento de perceber a grandeza dele, de como influenciou e marcou tantas vidas e também o tamanho de sua vida. Eu o conheci depois de seus 60 anos, mas nesse momento ele já tinha formado muitas pessoas que tinham a idade que tenho hoje, já tinha transformado ideias e transformado escolhas de profissão ou escolhas dentro da profissão. Percebi quantas coisas já haviam acontecido no momento em que eu nasci e a grandeza desse todo que é o Nilson Lage.

Para além da família, a vida e a obra de Nilson Lage também marcaram dezenas de gerações de estudantes – hoje profissionais do jornalismo brasileiro. A jornalista Lara Lima, que na fase final da vida do pesquisador dedicou-se à produção de um documentário sobre seu legado¹, rememorou

1 Os jornalistas Lara Lima e Carlos Henrique Guião e os professores Samuel Pantoja Lima e Eduardo Meditsch iniciaram em 2017 a gravação de material inédito com Nilson Lage para a produção de um documentário sobre sua vida e obra. Como explicara Lara Lima na mesa de homenagem: “No dia 21 de novembro de 2016, dia em que completou 80 anos, Nilson Lage escreveu um post no Facebook, era uma segunda-feira de manhã. Ele falava que viver tinha sido uma experiência fascinante. Ali, em poucas linhas, ele fez um balanço de oito décadas de vida. Naquelas linhas tinha tudo o que tinha sido importante para ele. Eu li aquilo de manhã e não consegui mais pensar em outra coisa. Aquilo foi muito impactante para mim. Havia muita gente fazendo comentários, era uma comoção geral. Comecei a ver as pessoas falando: os alunos e os ex-alunos que viraram leitores depois. Aquele dia não deu mais para nada. Eu fiquei só digerindo aquilo e senti que era necessário documentar a vida dele de alguma forma. Pareceu-me, naquele momento, inacreditável, como ainda não tínhamos feito um documentário sobre o Nilson Lage”. Em 2022, o documentário ainda se encontrava em fase de finalização. Um teaser do documentário foi exibido pela primeira vez na ocasião da mesa de homenagem durante o 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor 2021).

os inúmeros aprendizados dentro e fora de sala de aula, a começar pela experiência como jovem aluna de jornalismo:

Conheci o professor Nilson Lage quando eu tinha 19 anos. Era 1992 e mudei-me para Florianópolis para fazer Jornalismo. Acontece que naquele ano de 1992 o professor Nilson Lage também mudou-se do Rio de Janeiro para Santa Catarina para assumir como professor do curso de jornalismo da UFSC. Foi uma feliz coincidência. Chamaram-me aqui para falar como ex-orientanda dele, mas faço questão de começar pela graduação, porque foi uma experiência muito rica e muito especial. A primeira coisa que me lembro e que me impressionou muito quando cheguei na cidade, na UFSC, foi o fato de que todo mundo ali estava numa grande expectativa pela chegada do Nilson. Eu era novata, recém-chegada, caloura, fiquei sabendo que seria aluna dele. Naquela época se colocava no mural as disciplinas que iriam ter no semestre com os respectivos professores e alunos. Eu me lembro que uma moça que já estava mais adiantada no curso de Jornalismo veio para mim no corredor e falou: “Você vai ter aula com o Nilson Lage!”. Era aquela expectativa. Posso dizer que estou ainda hoje assimilando aquele primeiro semestre. Na verdade, toda aquela dose de conhecimento, aquela carga que recebi de jornalismo, ainda está sendo digerida faz 29 anos. Ele era um professor extremamente rigoroso. Rigoroso no sentido de que exigia que você correspondesse àquilo que estava ensinando. Ele nos avaliava semanalmente. Toda semana era avaliação, toda semana entregávamos redação e éramos avaliados. Tirar nota baixa era regra e eu estava dentro dessa regra. Nunca havia tirado nota baixa na vida. Isso é um detalhe muito pequeno da coisa. Na graduação, principalmente nessas primeiras fases em que você chega cru, que chega do colégio, que está entrando na profissão, ele vinha com toda uma bagagem e personificava o jornalismo. Era um grande jornalista e um grande professor. Toda aquela bagagem estava presente o tempo todo, mesmo quando você tirava essas notas baixas, mesmo quando tinha esse resultado que não era bom naquele momento. Ele mesmo conversava sobre aquilo: “Olha, isso é só um detalhe, é muito natural que isso aconteça. Vocês estão saindo do colégio, vieram com modelos de escrita do segundo grau, com vícios de escrita do segundo grau. Isso é muito normal que aconteça, vocês só precisam treinar”. Realmente quem se apaixonou pela profissão seguiu em frente. (...) As aulas dele eram apaixonantes. Primeiro, pois ele tinha muita experiência. Ele contava a sua experiência como jornalista, como editor. Ali você tinha aula de história da imprensa, história do Brasil, era tudo junto, então era muito apaixonante. Naquela Redação I, em Técnicas de Entrevista Jornalística, eram as ferramentas mais básicas. Era a primeira vez que ouvíamos falar de pautas, de

entrevistas e tudo mais. A gente aprendia as coisas mais básicas de uma forma muito bonita, porque ele sabia muito bem contar histórias. Era um bom contador de histórias, então contava de uma forma apaixonante.

Lara Lima também destacou a experiência como orientanda de pós-graduação e os aprendizados extraclasse que teve com Nilson Lage como pesquisadora:

O professor Nilson Lage foi a minha referência durante toda a vida. Depois de formada eu fui trabalhar em um jornal diário. Depois de um ano trabalhando em um jornal, senti a necessidade de estudar ainda mais. Porque era jornal diário, três pautas por dia, entrega, publica... Eu tinha a necessidade de me aprofundar em alguma coisa. Estudar alguma coisa. Deter mais tempo em alguma coisa. No jornal era muito difícil ter dois dias, por exemplo, para ficar uma pauta especial. Era muito raro. Eu resolvi fazer mestrado. Naquela época não tinha ainda o curso de pós-graduação em Jornalismo. Veio mais tarde. Então já fazia cinco anos que o professor Nilson Lage tinha se mudado do Rio para Florianópolis e estava na UFSC. Ele já estava em dois cursos de pós-graduação na UFSC: em Linguística e na Engenharia de Produção. Na Engenharia de Produção tinha sido recém-criada a área de Mídia e Conhecimento. Alguns jornalistas que tinham o interesse em fazer pós-graduação foram para essa área. Eu resolvi fazer mestrado em Engenharia de Produção e procurei o professor Nilson Lage para me orientar. Ele aceitou ser meu orientador, mas me disse o seguinte: “Olha, eu estou com muita coisa. Eu só vou conseguir te orientar se você fizer alguma disciplina comigo na Linguística. Vou ministrar Teoria da Relevância e é importante para os jornalistas. Acho que você deveria fazer”. Eu fui para a Linguística fazer matéria com ele para podermos conversar nos intervalos e ele foi me orientando. Foi uma orientação geral, vamos dizer assim, uma orientação do mestrado e uma orientação para as coisas da vida. Eu fazia mestrado e ao mesmo tempo trabalhava no jornal. Foram dois anos e meio de experiência simultânea. Foi bem pesado, no sentido de que era difícil levar o jornal e o mestrado juntos, mas foi uma experiência maravilhosa ter sido orientada por ele. Ele era muito preciso, foi muito assertivo na minha orientação e muito generoso também. Eu, naquela época, queria estudar melhor o jornalismo científico e queria entender os métodos. (...) Durante aquele tempo de muita conversa, o nosso vínculo ficou mais forte. Aquela orientação, aquela relação de professor e aluno, foi se transformando também em uma amizade muito forte.

A ex-orientanda ainda chamou a atenção para a vivacidade das ideias de Nilson Lage mesmo após a aposentadoria e o contato ativo com as redes sociais:

Eu defendi o mestrado em 2000, então já faz 21 anos. Ao longo da vida eu saí de Florianópolis, fui morar em São Paulo. Entrei no mercado de trabalho. Trabalhei em várias frentes como freelancer, escrevendo para revistas, em assessorias de imprensa, como professora. Todo esse tempo mudando de cidade, mas sempre mantive um contato com ele. (...) Fiquei muito feliz quando vi que ele estava superativo no Facebook e que tinha transformado o Facebook numa sala de aula. Aí eu pensei: “Eu vou ter um pouquinho mais de Nilson Lage. Eu já carregava comigo o Nilson Lage da graduação, o Nilson Lage do mestrado e agora eu tenho mais um pouco do Nilson Lage”. Todo dia eu ia ao Facebook. Uma coisa importante nesse ponto é que eu me identifiquei muito com os alunos e os ex-alunos que falavam ali. As falas me emocionavam muito, porque eu os vi falando das notas baixas e como eles eram felizes com aquilo. Só entende quem viveu.

A homenagem póstuma à Nilson Lage foi formalmente encerrada com a participação do ex-aluno e hoje professor Samuel Lima, da Universidade Federal de Santa Catarina, que na ocasião leu o texto “Ao mestre Nilson Lage, com amor e gratidão”, capítulo subsequente deste livro. Samuel Lima, que naquele 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo tornar-se-ia presidente eleito da SBPJor, convivera ao longo das últimas duas décadas de forma muito próxima de Nilson Lage. Uma relação de trocas intelectuais e afetos pessoais. Realizada de forma remota em razão da pandemia de covid-19, a mesa de homenagem contou ainda com a participação de dezenas de outros e outras colegas e admiradores de Nilson Lage, que registraram suas mensagens com memórias, esperanças oriundas das reflexões do jornalista-educador e de solidariedade à família. Coube à Samuel Lima, entretanto, sob inspiração da poesia de Carlos Drummond de Andrade, o registro emotivo que melhor personificou o legado de Nilson Lage para a academia brasileira:

Às margens da BR-101, sentido Sul, num crematório localizado na Palhoça (SC), nos despedimos desse ser de alma leve, complexo em suas digressões, firme e contundente em suas intervenções nos espaços da pesquisa em jornalismo, nas salas de aulas, congressos científicos, rodas de conversa, redações e espaços no mercado de trabalho, e nas confrarias dos cafés e botecos da vida. O professor Nilson Lage formou algumas dezenas de diferentes gerações de jornalistas, em sua longa carreira de mais de 50 anos em três universidades públicas de ponta: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e, por último, na Universidade Federal de Santa Catarina, na qual se aposentou compulsoriamente em 2006, quando completou 70 anos. (...) Convivi com ele nos últimos 21 anos, desde o começo do doutorado, sob sua orientação, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (Mídia e Teoria do Conhecimento), em setembro de 2000. Mentor, amigo, companheiro, professor, mestre e eterno orientador: minha carreira docente não teria existido sem a presença inspiradora de Nilson Lemos Lage. Não existe nenhuma palavra que conheça que possa expressar toda minha gratidão a ele; restam minhas lágrimas, afeto e reverência.

Assim, num misto de lágrimas saudosas e risos esperançosos, a homenagem se encerrara na tarde daquela terça-feira de novembro. Porém, não se findaram ali naquela transmissão remota as valiosas contribuições e lições deixadas por Nilson Lage à pesquisa e ao ensino de jornalismo. Pelo contrário, essas nunca esmorecerão. Que sejam vívidas e resistentes todas as sementes por ele plantadas e que desabrocham como flores no asfalto no horizonte da frágil democracia brasileira. Afinal, nunca será tarde para bradar que Nilson Lage vive!

Ao mestre Nilson Lage, com amor e gratidão

Samuel Pantoja Lima¹

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo...

Eu quase que nada sei. Mas desconfo de muita coisa.

(João Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas)

Em setembro de 2018, a jornalista Lara Lima e eu o acompanhamos para que ele pudesse receber o “Prêmio José Marques de Melo”, em Joinville (SC), onde acontecia o Congresso Nacional da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Nilson Lemos Lage, seguramente o mais notável pesquisador em jornalismo do país, recebia mais um reconhecimento de seus pares, que ele generosamente dedicou ao seu contemporâneo Marques de Melo – de quem estivera distante nos últimos anos da vida.

Dois anos antes, no começo de dezembro de 2016, a gente mobilizou o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR/UFSC) e o Departamento para fazer uma homenagem ao professor Nilson Lage, pela passagem dos seus 80 anos. Como integrante daquela mesa, coube-me fazer uma breve referência de duas obras seminais suas: “Ideologia e técnica da notícia” (lançado originalmente em 1979 e relançado em 2012, pela Editora Insular) e “Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente” (1998).

Eu abri minha fala, naquela homenagem, citando trechos de um Prefácio escrito por ele, em outubro de 1992. O livro em questão era “O conhecimento do Jornalismo” e seu autor, Eduardo Meditsch. Cito apenas a parte final desse abre, no qual Nilson dialoga com Adelmo: “Sem dúvida, como diz Adelmo Genro Filho, o jornalismo é uma forma de conhecimento; descende da mais antiga e singela forma de conhecimento – só que, agora, projetada em escala industrial, organizada em sistema, utilizando fantástico aparato tecnológico. Sua tensão permanente com o poder é estrutural, inevitável, por mais submetidos que os jornalistas estejam”.

Uma de suas reflexões teóricas mais fundamentais, a meu juízo, tem a ver com o conceito de notícia. O professor Nilson desenvolve essa categoria em sua primeira grande obra (“Ideologia e Técnica da Notícia), que iria influenciar, decisivamente, o entendimento de outro grande nome da

¹ Docente e Pesquisador do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: samuca13@gmail.com

da teoria do jornalismo. Falo de Adelmo Genro Filho, que toma para si o conceito de notícia elaborado pelo professor Nilson Lage. No “Segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo”, Adelmo escreve: “Para uma abordagem teórica do jornalismo, é imprescindível delimitar com precisão o conceito de notícia, ao invés de generalizá-lo como fazem a maioria dos autores. Nilson Lage afirma que se considerarmos a “notícia, no sentido mais amplo e desde o tempo mais antigo, tem sido o modo corrente de transmissão da experiência – isto é, a articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou – parecerá estranho que dela não se tenha construído uma teoria” (LAGE, 1979, p. 33).

Outra obra de suma importância, que também citei naquela ocasião, foi “Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente”, de 1998. É importante registrar nosso entendimento sobre o “papel cada vez mais sofisticado e potente que os meios de comunicação adquiriram nas sociedades democráticas, onde a formação da opinião pública é um elemento essencial para o exercício do poder”, citando o jornalista e pesquisador espanhol Pascual Serrano. Nesse sentido, se a opinião pública é um insumo estratégico às relações de poder na sociedade contemporânea, os meios de comunicação de massa – e de forma destacada a indústria da informação jornalística – ocupam posição altamente destacada na formação da hegemonia das ideias na complexa sociedade de consumo de massa, em escala global, hoje conectada 24 horas por dia, pelo menos para 40% dos habitantes do planeta.

Nesta direção, escreveu Nilson Lage, discutindo a condução ou formação da opinião pública via sistemas de comunicação: “As estratégias partem da situação vivida pelo público, de suas aspirações difusas (desejos de ascensão social, sentimentos de revolta, estados de solidão, depressão ou entusiasmo) e das representações socialmente existentes. Manobras grosseiras (distorções comprováveis, mentiras e insultos) podem funcionar a curto prazo, em situações peculiares (domínio estatístico de audiência, fontes oficiais, clima de tensão). Mas o que é eficiente em condições normais e períodos mais longos é um conjunto de estratégias sutis que envolve formas de coerção – como políticas salariais e de mercado – além do alcance da mídia e de seus funcionários; alinhamentos traçados por especialistas em marketing, economistas, cientistas sociais e psicólogos situados nos centros de poder”. Nada mais atual e profético, ainda que escrito há mais de duas décadas...

Foi a meu convite que ele escreveu, no começo de julho de 2020, o Posfácio intitulado “No grau zero de um mundo futurista ou de um passado tenebroso”, no livro que organizamos com artigos de pesquisadoras/es da Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ), ligada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). Em oito páginas, o mestre examina o conjunto dos textos que compõe os “Novos olhares sobre o trabalho no jornalismo brasileiro”, publicado no 2º semestre de 2020, em plena pandemia, mas centra seu foco – no longo

ciclo histórico, “do bardo ao blog”, desde o final do século XV às primeiras décadas do século XXI –, na “ascensão e declínio da verdade”. Olhando o cenário brasileiro (e internacional, certamente), Nilson argumenta: “Sem o paradigma da verdade ancorada em evidências, qualquer afirmação vale tanto quanto outra; dispensa e rejeita argumentação em contrário. A Terra é plana, Gaia vinga-se do desprezo dos homens pela natureza, a Estação Espacial Internacional fica em um estúdio da Nasa, políticos receitam medicamentos eficazes etc. Trata-se de uma nova mística, fundada no poder que alguns homens têm de impor aos outros verdades de sua eleição, como escreveu Martin Heidegger em “Sobre o conceito de verdade” (1932-1941)”. Ele finaliza discutindo a “putrefação da democracia”, abatida pelo delírio neoliberal planetário, e propõe uma saída para nós, a tribo dos/das jornalistas: “[Nós, jornalistas] armados de ceticismo, teremos que reconhecer os limites de nosso poder como fiscais ou ditadores da verdade; será melhor nos reservar a condição de intérpretes, observadores e críticos vulneráveis, com poucas certezas; e, como os malabaristas, artistas de teatro e professores primários, assumir a condição de servidores públicos, entre os estafetas e os faxineiros de ideias”.

Às margens da BR-101, sentido Sul, num crematório localizado na Palhoça/SC, nos despedimos desse ser de alma leve, complexo em suas digressões, firme e contundente em suas intervenções nos espaços da pesquisa em jornalismo, nas salas de aulas, congressos científicos, rodas de conversa, redações e espaços no mercado de trabalho, e nas confrarias dos cafés e botecos da vida. O professor Nilson Lage formou algumas dezenas de diferentes gerações de jornalistas, em sua longa carreira de mais de 50 anos em três universidades públicas de ponta: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Federal Fluminense (UFF) e, por último, na Federal de Santa Catarina, na qual se aposentou compulsoriamente em 2006, quando completou 70 anos.

Convivi com ele nos últimos 21 anos, desde o começo do doutorado, sob sua orientação, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (Mídia e Teoria do Conhecimento), em setembro de 2000. Mentor, amigo, companheiro, professor, mestre e eterno orientador: minha carreira docente não teria existido sem a presença inspiradora de Nilson Lemos Lage. Não existe nenhuma palavra que conheça que possa expressar toda minha gratidão a ele; restam minhas lágrimas, afeto e reverência. A jornalista Lara Lima, o professor Eduardo Meditsch, o jornalista Carlos Henrique Guião e eu começamos, em 2017, a gravar um material em vídeo (cobrindo algumas palestras com o mesmo fim) para um documentário sobre sua vida e obra; vamos concluir em breve, como tributo afetivo ao mestre Nilson.

Resgato, para fechar essa singela homenagem, alguns trechos de um post que o professor Nilson Lage publicou, em sua página no Facebook, em 21 de novembro de 2016, ao completar 80 anos. O texto é uma perfeita tradução de sua fina ironia, sensibilidade e capacidade de provocar risos no leitor e, ato contínuo, a mais vertical reflexão. Vejamos o começo: “Completo hoje, segunda-

feira, 80 anos. Não imaginava durar tanto. Tirando o que o tempo estragou – dois terços das funções pulmonares, um olho, a cabeleira, os dentes – a saúde é ótima, diz-me a jovem médica, mentindo como de praxe. Mas a pressão arterial é 8x12 e o colesterol HDL, alto como raramente se vê. Minha vida se passou entre mulheres: mãe, esposas, quatro filhas, netas (depois de meu pai, nenhum homem nesse círculo íntimo). As que sobrevivem estão bem: ninguém depende de mim – meta alcançada. Amigos, tive raros, mas queridos; morri um tanto com cada um dos que morreram. Alunos, muitos, depois colegas. Quanto à carreira, nada foi planejado”.

Sobre a vida, ele compartilhou, generoso: “Viver tem sido experiência fascinante. Vivendo, aprendi que o que merece ser dito não pode ser dito, frase que copio de Wittgenstein: experiências têm um aqui-e-agora que não se transmite. Descobri que a memória é como um dicionário de conceitos acoplado a cenas marcantes em que alguns detalhes são preservados e outros se perdem: assim o passado repassa-me em fragmentos de ação e emoção. Revendo os personagens, concluo que tanto os justos quanto os canalhas me foram úteis; fico devendo, a uns pelo que me iluminaram e a outros pelo que me tornaram mais forte. Aí entra o que mais me orgulha: nunca fiz mal a ninguém, nunca explorei ninguém, nunca cedi além do que devia. Paguei caro por isso, mas valeu a pena”.

E fechava aquele post inesquecível, reafirmando a defesa da educação pública, em tom quase profético: “Devo muito ao excelente colégio público em que estudei, às universidades públicas que cursei sem pagar um centavo por isso – coisa linda do Brasil. Ficaram-me dois compromissos que procuro honrar: com minha classe de origem e com o país que me deu tudo isso. O último capítulo de minha história começa agora”. Nilson Lemos Lage se encantou, na noite veloz de 23 de agosto de 2021, em Florianópolis, outrora chamada Nossa Senhora do Desterro...

Saúdo, por fim, esta extraordinária iniciativa da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), que lhe concede neste momento o maior prêmio da pesquisa em jornalismo do país – o Adelmo Genro Filho. Resgato, para finalizar um fragmento de um poema de Carlos Drummond de Andrade, que dedico ao mestre dos mestres, Nilson Lage...

A Flor e a Náusea

(Carlos Drummond de Andrade)

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjoo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralitem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde

e lentamente passo a mão nessa forma insegura.

Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.

Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

**“Escolhi minhas trincheiras para
uma luta modesta e desarmada.”**

Nilson Lage



★ 1936 † 2021

O contexto no jornalismo como objeto de pesquisa¹

Ana Paula Lückman²

Contextualizar os acontecimentos é uma atribuição do jornalismo que tem recebido mais ênfase em estudos contemporâneos, sobretudo naqueles que se debruçam na análise dos desafios da área ante as transformações impulsionadas pela comunicação digital. Informar continua sendo uma tarefa essencial, mas, num mundo hiperconectado e repleto de diferentes fontes emissoras de informação, cabe ao jornalismo, como forma de conhecimento social que observa princípios técnicos, éticos e epistêmicos, essa tarefa de extrapolar o primeiro momento da informação e contextualizar os acontecimentos de interesse público. Se essa preocupação com o contexto já aparecia com alguma regularidade em obras anteriores à disseminação da internet, na era do chamado Jornalismo Pós-Industrial os estudos tendem a destacar a contextualização como elemento importante do trabalho jornalístico.

Porém, a compreensão do que é contexto e do que está implicado no processo de contextualização não é algo que os estudiosos abordem com mais atenção. Mesmo sendo assunto de relevância teórica em outras áreas, como a antropologia, os estudos da linguagem e as artes, para o jornalismo o contexto costuma aparecer de forma naturalizada e simplificada, tanto nos manuais técnicos que ensinam a prática da atividade quanto em estudos teóricos. Essa aparente superficialidade chamou minha atenção desde os estudos do mestrado em Jornalismo e, no doutorado, propus um aprofundamento teórico que contribuísse para contribuir essa lacuna, trazendo a noção de contexto para um lugar de destaque dentro dos estudos de jornalismo.

O trabalho, concebido originalmente como tese de doutoramento³ e, depois, adaptado em livro⁴, parte de duas perguntas iniciais, que na verdade são formulações diferentes para uma mesma questão: o que é contexto para o jornalismo? Como o jornalismo contextualiza os acontecimentos? Ao trabalhar na proposta de aprofundamento teórico dessas duas noções – contexto e contextualização –, argumento pela pertinência de que elas sejam vistas como noções estruturantes do jornalismo,

¹ Texto adaptado da tese “A noção de contexto no jornalismo: uma proposição a partir da Teoria da Complexidade”, vencedora do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo em 2021, na categoria Doutorado.

² Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Educação e em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada pela UFSC, atua como jornalista no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

³ A pesquisa foi desenvolvida entre 2016 e 2020 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, sob orientação da professora Dra. Virginia Pradelina da Silveira Fonseca.

⁴ “Jornalismo, conhecimento e contexto: pensamento complexo para uma atividade em transformação” foi publicado pela Editora Insular em 2020

de maneira articulada com uma compreensão complexa do conhecimento. Nessa compreensão complexa, tenho como referência teórica central o trabalho do sociólogo francês Edgar Morin, que afirma que o conhecimento só é pertinente quando contextualizado. Dessa forma, o conhecimento produzido pelo jornalismo também exige o movimento da contextualização para realizar-se e para que o jornalismo mantenha sua relevância.

Essas reflexões estão situadas no momento histórico de configuração e reconfiguração contínuas de uma realidade midiática desafiadora para o jornalismo. Novas dinâmicas de consumo de comunicação interativa se consolidam, impulsionadas, principalmente, pelos sites de redes sociais. Ao discutir o papel do jornalismo nessa realidade, defendo que continua sendo seu papel a tarefa de informar os cidadãos sobre os acontecimentos de interesse público. Porém, é na esfera da contextualização desses acontecimentos que o jornalismo reforça sua atuação como forma de conhecimento social. As transformações impulsionadas pela nova realidade midiática possibilitaram um corte de caminho entre o acontecimento e o público: quando um fato relevante irrompe, é mais provável que ele seja primeiro tornado público pelas mídias sociais, estas operadas tanto por perfis de veículos de comunicação e de profissionais da área quanto por pessoas de interesses variados. Ao longo da tese, observo que nesse cenário atual de intensa e acelerada circulação de informações, o jornalismo é o agente social que melhor cumpre o papel de contextualizar os fatos “brutos” – ou seja, de dar sentido a ele, explicá-lo, situá-lo no momento histórico, auxiliando o leitor ou espectador no processo de apropriação crítica.

A ideia de pensamento complexo e o método da complexidade guiam as reflexões da tese, em especial por sua densa elaboração em torno do conhecimento, estreitamente ligado ao contexto. Para Morin, um fato ou informação só farão algum tipo de diferença na sociedade quando compreendidos na relação com os múltiplos aspectos a ele relacionados. E esse processo de contextualizar não se restringe a buscar antecedentes históricos do fato ou, no jargão jornalístico, “suitar” desdobramentos de acontecimentos anteriores, em coberturas sequenciais. Com apoio nos operadores cognitivos da complexidade, proponho uma concepção de contextualização e de contexto, que se propõe, então, a agregar consistência teórica a essas duas noções pouco aprofundadas na Teoria do Jornalismo.

O jornalismo como macroconceito

Inserir esses dois conceitos derivados como noções estruturantes do jornalismo implica pensá-los sempre na relação com os outros conceitos que, inter-relacionados, compõem o jornalismo. Nessa perspectiva, proponho pensar metodologicamente o jornalismo como um macroconceito: o termo se liga a outras noções de modo que a ausência de uma prejudica a compreensão do todo (MORIN, 2010). Além de interligadas, essas noções também remetem, cada uma, a outros conceitos, formando

uma constelação que forma a compreensão do jornalismo.

“Notícia” pode ser considerado o conceito por excelência nos estudos de jornalismo. Sua compreensão é o foco dos trabalhos teóricos mais relevantes na área. O clássico “News as a form of knowledge”, do sociólogo norte-americano Robert Ezra Park, é um exemplo icônico da sua centralidade. No ensaio, o autor afirma que a notícia é uma das primeiras e mais elementares formas de conhecimento da sociedade e discute as características desse tipo de conhecimento, que se situa, em sua análise, no lugar intermediário entre o senso comum, intuitivo e assistemático, e o conhecimento científico, formal e especializado (PARK, 1940). Curiosamente, em momento algum de seu texto Park utiliza as palavras “jornalismo” ou “jornalista”, mas mesmo assim o ensaio “News as a form of knowledge” costuma ser interpretado pelos pesquisadores como se o termo “News” encerrasse o sentido mais amplo de “jornalismo”.

Desde o trabalho pioneiro de Park, muitos outros autores dedicaram-se a estudar a importância da notícia no jornalismo profissional, como Walter Lippmann (2010), Michael Schudson (2003; 2010), Nilson Lage (2012), Muniz Sodré (2009), Patrick Charaudeau (2013) e Nelson Traquina (2002; 2005; 2016), apenas para citar alguns dos mais relevantes. Nesse grupo, destaco a visão de Adelmo Genro Filho (2012), que eleva a notícia à condição de categoria e a considera a unidade básica de informação do jornalismo. Nos trabalhos desses autores, jornalismo, notícia e acontecimento jornalístico surgem como conceitos relacionados, sendo que cada um desenha suas constelações de conceitos. Para Park (1940), por exemplo, o termo notícia se liga intimamente a conhecimento, em primeiro lugar, mas também a senso comum, ciência, “familiaridade com as coisas”, história e presente. Lippmann (2010) é autor de umas primeiras abordagens críticas que questionam a associação direta entre notícia e verdade e formula também a ideia de estereótipo, destacando sua interferência nos processos jornalísticos. Schudson preocupa-se com a relação entre o jornalismo, a notícia e o ideal de objetividade, enquanto Chauradeau associa a notícia com diversos conceitos, entre os quais o mais importante é o de contrato de comunicação. Lage tensiona a noção de notícia com as contradições inerentes à sua condição de produto industrial, o que a define como “comunicação de massa”, distingue notícia e reportagem enquanto gêneros textuais e associa o conceito em seu sentido ontológico às noções de verdade, interesse humano, lógica e ideologia. Já Genro Filho aborda a notícia em sua relação com as categorias singular, particular e universal, além de conhecimento, objetividade, práxis e dialética.

Esses exemplos mostram que em torno da noção de jornalismo gravita uma série de conceitos complementares com investigações teóricas relativamente diversas, tanto na bibliografia de referência internacional quanto na produção brasileira. Na reflexão epistemológica, a relação entre jornalismo e conhecimento tem avançado com trabalhos que aprofundam a compreensão de termos

e concepções geralmente naturalizados nos textos na área, ou cujos significados precisam ser revistos e ressignificados em função das transformações sociais e de novas práticas na profissão. São exemplos as investigações recentes, feitas no Brasil, em torno dos conceitos de interesse público (SARTOR, 2016), finalidades do jornalismo (REGINATTO, 2019), jornalismo alternativo (CARVALHO; BONA, 2017; JORGE FILHO, 2018), hipermídia (BACCIN, 2017), relevância jornalística (FEITOZA, 2018), etnojornalismo (KASEKER, 2018) e circulação jornalística (SOUSA, 2017). O estudo rigoroso desses significados e o aprofundamento de sua compreensão representa importante contribuição para atualizar e ressignificar, também, o entendimento sobre o jornalismo.

Nessa perspectiva é que proponho um aprofundamento conceitual para as noções de contexto e contextualização, alinhada com os estudos que consideram o jornalismo uma forma social de conhecimento e com foco na superação de uma lacuna teórica. Além dessa reflexão sobre o que são o contexto e a contextualização para o jornalismo, apresento as duas noções como elementos de extrema importância relacionados à compreensão do macroconceito de jornalismo.

O contexto nos estudos de jornalismo

Como já mencionei, a tarefa de atribuir contexto aos acontecimentos é tratada em vários estudos sobre o jornalismo e tem surgido com maior ênfase a partir de abordagens recentes que levam em conta as mudanças nos processos e produtos jornalísticos, decorrentes das tecnologias digitais. Mesmo com esse maior destaque, a preocupação com a conceituação não fica evidente. Anderson, Bell e Shirky (2013), por exemplo, descrevem o novo “ecossistema jornalístico” e situam entre as novas atribuições do jornalista profissional a tarefa de contextualizar as informações noticiadas em primeira mão por outros agentes. Também Kovach e Rosenstiel (2010; 2014) destacam a contextualização como missão importante do jornalismo na era da sobrecarga de informação, enquanto Fink e Schudson (2014) chegam a identificar uma tendência crescente em jornais norte-americanos de publicar matérias contextualizadas. Ante essa observação, feita a partir de análise de conteúdo com edições de jornais publicadas ao longo de cinco décadas, os autores sugerem o estabelecimento de um novo gênero jornalístico, o “jornalismo contextual”. O sentido atribuído à ideia de contexto parece consensual e naturalizado, mas dada a crescente importância que vem recebendo, merece uma abordagem mais rigorosa em termos teóricos.

Esse uso naturalizado dos termos contexto e contextualização no jornalismo pode estar relacionado a uma associação automática entre o texto jornalístico e a noção de contexto proveniente dos estudos da linguagem. O filólogo Othon Moacyr Garcia (2006, p. 177) explica que a linguagem é um sistema de símbolos e signos voluntariamente produzidos e convencionalmente aceitos para que se possibilite a troca comunicacional entre as pessoas, mas, na prática de seu uso, cada palavra não

necessariamente tem sentido unívoco: é apenas dentro de um contexto que se pode atribuir a ela valor singular e atual. “As palavras são elos numa cadeia de ideias e intenções, interligadas umas às outras por íntimas relações de sentido: dissociá-las da frase é desprovê-las da camada do seu significado virtual, i.e., contextual”. Nessa mesma lógica, interpreta-se a contextualização do acontecimento jornalístico, simplificada, como a relação entre o fato central e outros acontecimentos relacionados. Rodrigo Alsina (2009), por exemplo, ao enumerar as fases do trabalho jornalístico na construção da notícia, define a contextualização como o estabelecimento de relações com outros acontecimentos, que ocorre em todas as etapas da produção jornalística, desde o início da organização das informações até a elaboração da matéria em seu formato final. Falta aprofundamento teórico e metodológico para que esse processo seja efetivamente bem inserido dentro das discussões sobre o jornalismo.

A inquietação recente em torno da importância do contexto surge em meio à série de enfrentamentos que vêm sendo feitos pelo jornalismo nas primeiras décadas do século XXI, época marcada pela consolidação da internet na sociedade e pela decorrente adoção de novas formas de sociabilidade, sejam diferentes modos de comunicação interpessoal ou mediada, seja pelas redes sociais que cada vez mais se impõem no cotidiano de todas as pessoas, seja pelas possibilidades múltiplas de interação entre os outrora transmissores tradicionais e exclusivos de informação e o público, este agora com maior potencial de participação e escolha. Na chamada Era da Informação, não é apenas o jornalismo que precisa se adaptar às contingências, possibilidades e potencialidades trazidas pela sociedade em rede; também a educação, a economia, a gestão pública e o mundo do trabalho, entre outros setores, vivenciam transformações profundas. Porém, o jornalismo é integrante dessa sociedade e detentor de papel relevante na produção de conhecimento compartilhado, e, portanto, a discussão em torno das mudanças nesse campo ante a nova realidade conduz, inevitavelmente, a uma reflexão sobre o que muda no conhecimento que o jornalismo produz.

Um dos aspectos cruciais nessa virada de chave no conhecimento produzido pelo jornalismo na Era da Informação é trazer a discussão teórica sobre contexto e contextualização para um papel de protagonismo na teoria da área, superando visões simplistas que associam as duas noções apenas ao cenário em que se passam os fatos relatados, ao background histórico dos acontecimentos ou a antecedentes mais imediatos do assunto tratado. Contextualizar é um processo que envolve operações e estratégias cognitivas. Trata-se de condição indispensável para a construção de conhecimento. Para que contexto e contextualização ocupem seu lugar na constelação de conceitos estruturantes do macroconceito jornalismo, precisam ser problematizados e estudados numa perspectiva epistemológica.

O jornalismo na Era da Informação

O cenário que põe em evidência a importância do trabalho de contextualização é o do advento das mídias digitais. Um dos seus aspectos de maior relevo para a discussão aqui colocada é o que Castells (2015) nomina autocomunicação de massa, e que Thompson (2018) prefere definir como comunicação mediada on-line. Sucintamente, as duas expressões referem-se à ampla possibilidade de comunicação interativa dada às audiências, antes limitadas ao consumo dos produtos da comunicação midiática – ou a uma participação muito restrita e controlada, como por cartas do leitor em jornais e revistas, telefonemas ao vivo em programas de rádio ou, no caso do entretenimento, presença em programas de auditório. Nesse cenário, todo tipo de mensagem passou a circular de forma mais rápida e aberta, o que inclui a informação de interesse público que é o foco do jornalismo. Na autocomunicação de massa, as mensagens podem ser enviadas de muitos para muitos, rompendo a lógica de centralidade da emissão por poucos agentes específicos. A popularização do uso de dispositivos conectados à internet, aliada à consolidação das mídias sociais, contribuiu para modificar rapidamente e de maneira crucial as formas de produção e de consumo da informação jornalística. Anderson, Downey Jr. e Schudson (2016) observam que as notícias estão hoje por toda parte, vindas de “uma miríade de fontes” que vão desde os meios de comunicação tradicionais, como rádio, TV e jornais, até as novas mídias disseminadas pelas tecnologias digitais. Incluem-se aí as versões on-line dos veículos tradicionais, os websites informativos nativos digitais e os aplicativos de redes sociais.

É a propagação das mídias digitais interativas, porém, que permite que um acontecimento relevante seja noticiado por qualquer pessoa conectada à internet por meio de um telefone celular, computador, tablet ou qualquer outro dispositivo pelo qual consiga enviar mensagens, sejam elas no formato de texto ou de imagem. Embora, tecnicamente, qualquer dispositivo on-line sirva para essa conexão, é bem provável que o nosso cidadão conectado que queira compartilhar conteúdo utilize um smartphone, já que há 107 aparelhos desse tipo habilitados para cada 100 habitantes do planeta. Anderson, Downey Jr. e Schudson (2016) observam uma sutileza na informação originada desse novo produtor: o assunto que ele torna público pode ser considerado notícia se trazer uma informação relevante sobre algo que tenha valor-notícia ou seja interessante. Mas essa notícia, novidade ou curiosidade só será jornalismo quando se tratar de uma informação válida, apurada, filtrada, avaliada, editada e apresentada de forma credível e atrativa, com a mediação de textos elaborados de acordo com a técnica jornalística e suporte de recursos editoriais como fotos, vídeos ou gráficos. “Em seu melhor, o jornalismo coloca a notícia em contexto, investiga, verifica, analisa, explica e atrai. Incorpora o News judgement orientado para o interesse público” (ANDERSON; DOWNEY JR.; SCHUDSON, 2016, p. 60). Para os autores, a possibilidade aberta para que um grupo antes apenas consumidor de notícias torne-se, também potencial produtor é apenas um dos efeitos do “terremoto digital” do início

do século XXI. As tecnologias também trouxeram instabilidade às empresas comerciais tradicionais, dentro das quais foram estabelecidos os padrões do jornalismo moderno. Com a queda na receita proveniente da publicidade, as empresas cortam custos, enxugam equipes e folhas de pagamento, reduzem estruturas e extinguem produtos; alternativas como o jornalismo de serviço público, sem fins lucrativos e financiado por doadores, ou modelos de jornalismo engajado ou voltados à responsabilidade social surgem como diferenciais (ANDERSON; DOWNEY JR.; SCHUDSON, 2016).

Mesmo no cenário que Kovach e Rosenstiel (2010; 2014) preferem chamar de “era da sobrecarga de informação” ou de “disrupção digital”, os princípios do jornalismo, em sua análise, permanecem inalterados em relação ao que delinearam na obra “Os elementos do jornalismo”, publicada originalmente em 2001. Na terceira edição desse trabalho, os autores investigam quais são os princípios que constituem o núcleo da produção de jornalismo ético e responsável, assim como fizeram na virada do milênio, quando lançaram pela primeira vez a obra. Constatam que, na medida em que os contornos da revolução digital se delineiam, os elementos do jornalismo não apenas persistem: “[...] numa era em que qualquer um pode produzir e distribuir notícias, eles importam ainda mais” (Kovach; Rosenstiel, 2014, p. X). Isso porque, ao fim e ao cabo, os elementos do jornalismo pertencem ao público e norteiam a atuação dos jornalistas, enquanto o propósito basilar do jornalismo continua sendo prover aos cidadãos a informação de que eles precisam para exercerem sua autonomia com liberdade.

Porém, há mudanças importantes identificadas por Kovach e Rosenstiel nessa década e meia de análise: entre as duas primeiras edições de “Os elementos do jornalismo”, 2001 e 2007, os autores observam que o jornalismo torna-se uma prática mais colaborativa, quando se evidencia a conversação aberta entre produtores e consumidores dos produtos midiáticos. Isso ocorre tanto nos próprios espaços on-line dos veículos quanto por meio dos sites de redes sociais da “segunda onda” – YouTube, Facebook, Twitter, Pinterest, Storify, Instagram, Shapchat e outros – que conseguiram cumprir a promessa dos pioneiros blogs de que todos poderiam ser produtores de conteúdo. Essa onda de superprodução de conteúdo trouxe o nefasto impacto da crise de audiência, desestabilizando a estrutura econômica das empresas de mídia noticiosa nos anos mais recentes. Kovach e Rosenstiel identificam, então, um paradoxo nessa nova realidade: ao mesmo tempo em que se abre a possibilidade do uso de novas ferramentas para a produção de um jornalismo mais preciso, informativo e engajado, produzido em colaboração com a comunidade, a tecnologia também desestruturou o modelo de negócio do jornalismo tradicional de forma sem precedentes. Além disso, a liberdade de se expressar na rede também tem polos opostos: ao mesmo tempo em que pode representar a abertura para amplificar vozes que agem em resistência à opressão, a regimes autoritários ou a violações de direitos,

também pode dar espaço qualquer pessoa ou grupo que, em nome da liberdade de expressão, opere de forma dissimulada para manipular opiniões, disseminar mentiras, calúnias, boatos, dogmas e preconceitos (Kovach; Rosenstiel, 2014).

Nesta tese assumo o pressuposto de que o jornalismo é uma forma de conhecimento social e que, como tal, é fator constitutivo da Sociedade em Rede ao assumir a tarefa de organizar e dar sentido ao imensurável volume de informações de interesse público que circulam diariamente em todos os setores, identificando sua veracidade, validando seu valor-notícia, levantando questões em aberto, explicando temas complexos, formatando essas informações com uso de critérios técnicos específicos e publicando-as em espaços referendados, reconhecidos como meios de comunicação social, de acesso gratuito ou não. Mesmo que um acontecimento “in natura” possa ser testemunhado, registrado e divulgado por um cidadão comum por meio de suas redes sociais, propagando-se e repercutindo socialmente por meio de compartilhamentos sucessivos e mesmo atingindo as mídias informativas regulares, é o jornalista o agente com respaldo social que detém as competências e habilidades necessárias para transformar esse acontecimento bruto em acontecimento jornalístico, tornando-o público por meio de seus veículos de atuação. Se na Era da Informação o fenômeno da autocomunicação de massa parece ser um processo já integrante do cotidiano social, nesse cenário de circulação irrestrita de informações o jornalismo permanece em um lugar de relevo, em função de sua tarefa original de informar; mas torna-se especialmente relevante para a Sociedade em Rede ao trabalhar na direção da contextualização das informações de interesse público, organizando, explicando, significando, validando e esclarecendo essas informações.

A percepção da relevância desse lugar extrapola a discussão teórico-acadêmica e vem assumindo nos últimos anos contornos políticos que exigem um posicionamento claro quanto ao papel do jornalismo nas sociedades democráticas. Os desafios impostos ao jornalismo neste princípio de milênio são de diversas ordens e vêm de diferentes frentes: envolvem desde a manutenção da credibilidade e a consolidação de seu reconhecimento social até a crise da indústria de forma mais abrangente, passando pela precarização do trabalho dos profissionais, as possibilidades laborais e cognitivas trazidas pelas tecnologias ou o desenvolvimento de novas linguagens e produtos.

Assim, observar essa realidade, que representa o trabalho jornalístico propriamente dito, é importante porque trata da concretude do jornalismo, a prática social centenária que atravessa mudanças e desafios estruturais notáveis. Porém, ao abordar o jornalismo como forma de conhecimento, com olhar atento à questão do contexto, faço referência ao jornalismo enquanto campo epistêmico e ao jornalista enquanto mediador qualificado de um processo de conhecimento. Uma abordagem como a sugerida por Sandano (2015), que toma o jornalismo como forma específica de conhecimento que está além do registro dos acontecimentos do cotidiano, mas atua na articulação do caos informativo

contemporâneo. “O jornalista seria assim, caracterizado como um autor necessário para a realização da mediação qualificada que permite o diálogo e, conseqüentemente, o endossamento democrático” (SANDANO, 2015, p. 29).

O conhecimento na perspectiva complexa

Como alicerce teórico-epistemológico nessa abordagem, trago como referência central a proposta de pensamento complexo de Edgar Morin (2006), em alinhamento à perspectiva de que o conhecimento só é pertinente quando colocado em contexto. Nesse sentido, para que o jornalismo confirme sua constituição como forma de conhecimento e assuma, assim, seu potencial de transformação social, é indispensável que ele atue na contextualização dos acontecimentos, atribuição que se fortalece na Era da Informação. Para o autor francês, o ato de contextualizar é intrínseco ao processo do conhecimento, que progride, principalmente, por essa capacidade de situar a informação no conjunto em que está inscrita.

O conhecimento complexo procura situar seu objeto na rede à qual ele se encontra conectado. De maneira inversa, o conhecimento simplificador visa a conhecer isolando seu objeto, ignorando, portanto, o que o liga a seu contexto e, mais amplamente, a um processo ou a uma organização global. O conhecimento complexo objetiva reconhecer o que liga ou religa o objeto a seu contexto, o processo ou organização em que ele se inscreve. Na verdade, um conhecimento é mais rico, mais pertinente a partir do momento em que o religamos a um fato, um elemento, uma informação, um dado, de seu contexto (Morin, 2010a, p. 190).

Em minha dissertação de mestrado (LÜCKMAN, 2013)⁵, propus uma aproximação inicial do pensamento de Morin com o campo do jornalismo, fazendo dialogar algumas de suas ideias centrais com a teoria de Adelmo Genro Filho (2012). Morin constrói a parte principal e mais conhecida de sua obra em torno do método da complexidade, que tem como um dos pressupostos a necessidade de superação do pensamento simplificador para a construção do conhecimento; tal superação implica a religação dos saberes e o reconhecimento das interdependências e multidimensionalidades dos fenômenos. Ao relacionar essa ideia central à teoria de Genro Filho, para quem os fatos jornalísticos possuem, em seu âmago, aspectos singulares, particulares e universais relacionados diretamente, argumentei que a aproximação dos pensamentos dos dois autores era um caminho promissor para os estudos de jornalismo sob a perspectiva complexa – tanto no que diz respeito ao campo de estudo, que tem a ganhar com a abertura para o diálogo inter e transdisciplinar na observação do fenômeno jornalístico, considerando os múltiplos aspectos que o envolvem além do produto em si, como também na incorporação da estratégia epistemológica do pensamento complexo na observação do acontecimento jornalístico, situando-o sempre em uma realidade que só pode ser compreendida a

⁵ Vencedora do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo em 2014, na categoria Mestrado.

partir das relações entre as infinitas partes que o compõem (LÜCKMAN, 2013).

Edgar Morin e o jornalismo

Principal autor da Teoria da Complexidade, Edgar Morin nasceu na capital francesa em julho de 1921, filho único de um casal de origem sefardita e sobrenome Nahoum. Jovem, participou da resistência francesa durante a ocupação alemã em Paris e engajou-se no partido comunista, onde, na clandestinidade, assumiu o nome Morin. Define-se sociólogo “por imposição” e tem formação em história, geografia, direito, economia e filosofia. Em 1950 passou a integrar a comissão de sociologia do Centre National de Recherche Scientifique (Centro Nacional de Pesquisa Científica, CNRS), maior instituição pública francesa de pesquisa científica, onde deu início a suas pesquisas sobre cinema, imaginário e comunicação de massa. Nesses estudos, reflete sobre a cultura de massa numa perspectiva que tensiona aspectos da Teoria Crítica ao questionar a visão elitista em relação às produções culturais populares. Além de introduzir nas referências francesas o conceito de indústria cultural com uma visão mais aberta em relação à dos teóricos de Frankfurt, Morin também é pioneiro na reflexão sobre a importância da mídia e no reconhecimento dos valores dessa nova cultura (MATTELART, 2012).

Seu olhar para a comunicação de massa é atraído, primeiramente, pelo cinema, tema dos livros “O cinema ou o homem imaginário” e “As estrelas”, de 1956 e 1957, respectivamente (Mattelart, 2012). Peyrière (2018) sugere, contudo, que alguns estudos em sociologia do cinema conduzidos pelo autor na época, quando também lecionou essa disciplina na Universidade Sorbonne, possam ter permanecido pouco conhecidos porque eclipsados por seu trabalho posterior com a Teoria da Complexidade.

Esse Morin comunicólogo não se dedica com profundidade ao estudo do jornalismo, mas aborda a mídia impressa – jornais diários e revistas dirigidas ao público geral ou a grupos segmentados – em suas análises sobre a indústria cultural e a cultura de massa, considerando esse tipo de produção como “mercadorias culturais” características de uma “segunda industrialização” (MORIN, 1961). Porém, seu interesse por estudar o acontecimento no âmbito da Sociologia resultou em uma aproximação com a atividade jornalística, que Plenel (2008) atribui à sua curiosidade em relação às surpresas da atualidade e à sua recusa de, como intelectual, refugiar-se em uma “torre de marfim”. Plenel afirma que Morin evitou, em sua trajetória, erguer um muro entre o saber acadêmico e a curiosidade jornalística, escolhendo, à sua maneira, unir as duas coisas: apropriou-se do gênero jornalístico para confrontar o “acontecimento-esfinge”, o “monstro da sociologia”.

Morin foi colaborador de diversos diários franceses desde o fim da Segunda Guerra, tendo encontrado nessa produção intelectual uma forma de registrar suas observações sobre acontecimentos e singularidades a que, como sociólogo, passou a direcionar um olhar mais atento a partir de sua

Sociologia do Presente, nos anos 1960. Foi nesse período que deu início a uma colaboração contínua com o jornal francês “Le Monde” por mais de cinco décadas. No prefácio do livro “Au rythme du Monde”, coletânea com os principais textos publicados por ele no diário francês, o autor reconhece sua condição de trabalhador intermitente do jornalismo e recorda as circunstâncias do início dessa relação:

Jacques Fauvet, editor-chefe do Monde, procurava um “sociólogo” para explicar o fenômeno [o tumulto provocado por uma multidão de jovens em um show musical ao ar livre transmitido ao vivo pelo rádio, em Paris, em 1963]. Porém, nenhum dos sociólogos “normais” estava interessado na juventude nem nas mídias naquela época. [...] Foi o início de uma colaboração ininterrupta, na qual eu pude, nas primeiras décadas, saciar uma de minhas duas paixões: a primeira é o que chamo antropologia fundamental que se transforma em busca de um método de conhecimento pertinente, e a segunda é a preocupação em responder à surpresa do acontecimento, de interrogá-lo, de compreender suas origens e suas significações. É essa segunda paixão que pôde encontrar sua expressão nesse artigo assim como nos seguintes [...]. De fato, eu me consagrei ao sociodiagnóstico a quente em outros textos como o rumor de Orléans, o retorno dos astrólogos, etc. Mas foi o jornal cotidiano Le Monde que me permitiu “colar” no acontecimento sem esperar o distanciamento, como em maio de 1968, e em que evidentemente eu corria riscos intelectuais (MORIN, 2014, p. 7-8).

A participação do sociólogo, então acadêmico de uma importante instituição de pesquisa francesa, como comentarista do cotidiano em jornais diários pode parecer uma justificativa tênue para considerá-lo jornalista – ao menos no sentido pelo qual a atividade é compreendida nos dias atuais, que envolve uma formação superior, experiência, práticas, valores e uma cultura profissional. Porém, Plenel (2008) sustenta a ideia de que Morin pode ser considerado “jornalista à sua maneira”, o que soa coerente sobretudo quando se consideram as peculiaridades da imprensa francesa, com sua inclinação ao noticiário mais opinativo e analítico. “O Morin jornalista manifesta uma obstinação acompanhada de um risco: confrontar sem cessar o percurso de seu pensamento às surpresas da atualidade” (PLENEL, 2008, p. 71). Além disso, ante os intelectuais da época, arriscar-se em análises sociológicas no calor dos acontecimentos era uma aventura e também um tipo de transgressão, pois dessa forma o autor tornava público seu pensamento sociológico por meio de textos muito mais acessíveis do que aqueles que passavam pelos ritos acadêmicos tradicionais. Em entrevista concedida ao “Le Monde” em setembro de 2014, Morin admite esse aspecto conveniente da publicação de suas ideias nos jornais diários:

A vantagem de um artigo do Monde é que ele permite inventar uma sociologia do presente. Um artigo em uma revista leva meses a aparecer, anos antes de ser publicado em forma de livro, tempo demais antes de se confrontar ao presente. Eu fiz muitos trabalhos sobre as metamorfoses da modernidade [...] Mas um artigo no Monde [...] lida com os acontecimentos, com o espírito do tempo. Isto dito, eu também adoro correr riscos no diagnóstico a quente (TRUONG, 2014, on-line).

Essa intrusão do Morin sociólogo na atividade jornalística e o exercício intelectual decorrente da análise da realidade e do enfrentamento do “acontecimento-monstro” estimulado por essa experiência antecederam e, de certa forma, prepararam o projeto da obra “O método”, a que o autor se dedicou intensamente a partir dos anos 1970. Para Plenel (2008, p. 72), há uma clara “[...] relação dialógica entre a elaboração teórica da complexidade e o exercício prático do acontecimento”. A experiência do autor com os processos intelectuais característicos do trabalho jornalístico, interrogando e refletindo sobre os significados, contextos e diferentes ângulos de análise dos acontecimentos factuais, foi um dos ingredientes que contribuíram na fermentação das ideias que o levaram à Teoria da Complexidade. Evidencia-se, portanto, uma relação recursiva entre jornalismo e complexidade, com o jornalismo construindo conhecimento e sendo construído por ele.

O percurso da tese

A pesquisa que deu origem à tese aqui abordada, então, buscou avançar na perspectiva de pensar o jornalismo a partir da Teoria da Complexidade, tomando como referência crucial a compreensão do contexto no processo de conhecimento, particularmente daquele produzido pelo jornalismo. No percurso, argumento que, perante a realidade midiática configurada na Era da Informação e a consolidação de novas dinâmicas de consumo de comunicação por meio, principalmente, de mídias digitais cada vez mais diversas, é irrevogável que o jornalismo compartilhe seu papel de agente responsável por informar os acontecimentos de interesse público; mas ele mantém e incrementa de forma decisiva seu potencial transformador e sua função social quando contextualiza esses mesmos acontecimentos, afirmando-se, assim, como forma de conhecimento.

O texto inicia com uma leitura dos aspectos centrais da Teoria da Complexidade, na qual identifiquei conceitos e perspectivas que contribuem para a compreensão do jornalismo como forma de conhecimento. O macroconceito da complexidade é delineado com a identificação dos conceitos relacionados que são importantes para a área. A ideia da observação dos conceitos inter-relacionados é estudá-los não de forma isolada, mas levando em conta tanto aquilo que os distingue quanto o que eles têm de indissociável. A partir da ideia mestra de complexidade, exploro potencialidades das seguintes noções: paradigma; razão, racionalidade e racionalização; imprinting e normalização; sistema e organização; dialogia, recursividade e holograma; acontecimento, singularidade e crise.

São essas noções centrais que orientam, mais ao final da tese, o exercício de análise de conteúdo que busca identificar esses operadores em textos jornalísticos factuais.

Na sequência abordo alguns dos múltiplos significados que se pode atribuir à noção de conhecimento, em revisões teóricas que investigam as características do conhecimento produzido pelo jornalismo, resgatando o pensamento de autores da epistemologia. Responder à pergunta “o que é conhecimento?” sem incorrer na fácil solução de descrevê-lo em tipologias revela-se desafiadora, e, no que diz respeito ao conhecimento do jornalismo, as comparações com o senso comum e o conhecimento científico são quase sempre inevitáveis: ele não é nem um, nem outro. Para transpor essas soluções, recorro a pensadores como Bachelard (2004a; 2004b; 2011) e Popper (1999), a clássicos como Berger e Luckmann (2014), Moscovici (2013) e Lippmann (2010), além do próprio Morin, buscando ampliar a discussão e conduzindo-a para a abordagem focada no jornalismo.

Outro ponto de atenção no andamento da tese é a descrição do panorama do jornalismo na Era da Informação, observando as implicações do estabelecimento de uma comunicação digital onipresente na Sociedade em Rede. A emergência de um público mais ativo e participativo, a autocomunicação de massa, a multiplicação de vozes que passam a ser emissoras de informação, disputando espaço com o jornalista, a desordem informacional e outros desafios para o jornalismo são assuntos tratados.

A parte central da tese é o capítulo no qual se aprofunda a discussão teórica entre conhecimento e contexto a partir de uma revisão da bibliografia mais atual que trata do contexto no jornalismo. A partir dessa elaboração, proponho os conceitos para contexto e contextualização no jornalismo, tecidos a partir das categorias da teoria da complexidade, levando em conta a compreensão de outras noções a eles interligadas de forma recursiva, numa visão sistêmica. Entendo como contexto o recorte da realidade relacionado ao acontecimento jornalístico que será representado simbolicamente como notícia. A depender das escolhas do sujeito-jornalista, esse recorte pode ser mais amplo ou menos amplo; essa variação pode depender também de seus referenciais epistêmicos e ideológicos, das peculiaridades do meio onde a notícia será publicada ou das possibilidades empíricas de alcance do fragmento a ser recortado. Já a contextualização é o processo de articulação complexa de elementos que, na construção da notícia, busca situar o acontecimento jornalístico dentro do recorte da realidade à qual pertence, com o estabelecimento do maior número possível de conexões entre esse acontecimento e os elementos relevantes a ele relacionados, partindo dos aspectos singulares e identificando informações conexas, pertinentes e consistentes que contribuam para ampliar a compreensão crítica do tema, possibilitando, assim, a produção de conhecimento.

Considerações

Com essas definições – que, é evidente, estão abertas à discussão e certamente comportam ainda aprimoramento e aprofundamento – faço um movimento na direção da superação da lacuna teórica observada em relação à compreensão do que é contexto para o jornalismo. Ao longo da pesquisa, a inquietação inicial em torno dessa lacuna acabou por confirmar-se. E se não há definição para algo, pode-se inferir uma ausência real de reflexão a respeito desse termo e uma decorrente compreensão rasa dos elementos que o envolvem. As proposições mostraram como o pensamento complexo pode ser encarado como uma forma de observação do mundo que considera as interligações entre os muitos aspectos dos acontecimentos, dos fenômenos, das situações cotidianas que cabe ao jornalismo transformar em notícia. Dessa forma, ao operacionalizar os conceitos-chave por meio de estratégias cognitivas escolhidas de acordo com a situação a ser observada, o sujeito-jornalista, consciente e criticamente inserido na observação, mobiliza sua inteligência para escolher o melhor recorte da realidade onde o acontecimento que relata será inserido – o contexto – e constrói, nele, sua narrativa por meio da articulação complexa dos elementos relevantes na construção da notícia – a contextualização.

Apresentar as informações de interesse público de forma contextualizada é uma das nuances do trabalho jornalístico que fazem com que o jornalismo enfatize sua função social de grande relevância na Era da Informação, afirmando sua importância como mediador qualificado no ambiente comunicacional onde informações circulam de forma desordenada, acelerada e excessiva. Nesse ambiente, os critérios para se definir em que informação acreditar têm se tornado cada vez mais desafiadores para a audiência. Se assumimos com Kovach e Rosenstiel (2014) que o jornalismo tem o propósito de fornecer aos cidadãos a informação de que eles precisam para exercer sua liberdade e autonomia, podemos também ponderar que essa informação só cumprirá seu potencial transformador quando, posta em contexto, se converter em conhecimento – com a mediação do jornalismo. Compartilho com Sandano (2015) a perspectiva de que conhecer a realidade implica a possibilidade de uma intervenção consciente para sua transformação, o que remete à ideia de liberdade e livre arbítrio sugerida pelos autores norte-americanos.

O sociólogo Morin ressalta em trabalhos mais recentes que o ato de conhecer não reside no acúmulo de informações, mas sim na capacidade de contextualizar (MORIN; RAMADAN, 2014). E observa que o direito de acesso ao conhecimento vem sendo enfraquecido com a hiperespecialização e a fragmentação do saber, que tornam conhecer um direito que poucos efetivamente acessam. “É necessária uma tomada de consciência política da necessidade de trabalhar por uma democracia cognitiva” (MORIN, 2012, p. 271). O conhecimento é um valor democrático a ser cultivado, ao lado de outros valores como a participação política, a igualdade, a representação institucional, o

monitoramento das instâncias de poder, o pluralismo e o debate público.

A pesquisa que resultou na tese aqui sintetizada pôs em relevo a importância de se problematizar noções cruciais dentro das áreas de estudo, para que deixem de ser abordadas de forma naturalizada e assumam consistência teórica. Debruçar-se sobre um termo, estranhá-lo, interrogá-lo, romper com ele, investigá-lo em outras áreas do conhecimento e trazê-lo de volta, renovado, para o campo de interesse é uma experiência de pesquisa desafiadora e exaustiva. A dificuldade é um caráter fundamental e distintivo da ciência, que não pode jamais ser simples, ensina Bachelard (2004a), mas também a alegria do resultado, por mais modesto que seja, é a realização e a recompensa pessoal do pesquisador. Dadas as mudanças brutais pelas quais o jornalismo vem passando na atualidade, impõe-se que outros conceitos importantes sejam problematizados, repensados, ressignificados, atualizados e trazidos para a discussão de forma articulada: ideias como periodicidade, tempo, atualidade, apuração, enquadramento e outras noções podem ser complexificadas de modo que se superem suas compreensões comuns, o que irá contribuir para uma compreensão do jornalismo cada vez mais aprimorada.

Referência

ALSINA, Miquel Rodrigo. A construção da notícia. Petrópolis: Vozes, 2009.

ANDERSON, C.W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. Revista de Jornalismo ESPM, n. 5, ano 2, Abr./Mai./Jun. 2013, p. 30-89.

ANDERSON, C.W.; DOWNIE JR., Leonard; SCHUDSON, Leonard. The News media: what everyone needs to know. New York: Oxford University Press, 2016.

BACCIN, Alciane. O que é hipermídia? Um conceito que vai além do hipertexto e da multimídia. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 2017, São Paulo. Anais [...] São Paulo: ECA/USP, 2017.

BACHELARD, Gaston. Le rationalisme appliqué. 4. ed. Paris: Quarige/Puf, 2004a.

BACHELARD, Gaston. Ensaio sobre o conhecimento aproximado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004b.

BACHELARD, Gaston. La formation de l'esprit scientifique. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2011.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARVALHO, Guilherme; BONA, Nívea. Jornalismo alternativo: aproximações exploratórias em busca do conceito. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 2017, São Paulo. Anais [...] São Paulo: ECA/USP, 2017.

CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FEITOZA, Liliane do Nascimento Santos. Relevância jornalística: conhecimento relevante e intermediação midiática. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 2018, São Paulo. Anais [...] São Paulo: FIAM/FAAM, 2018.

FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael. The rise of contextual journalism, 1950s-2000s. *Journalism*, v. 5, n. 1, p. 3-20, 2014.

GARCIA, Othon Moacyr. Comunicação em prosa moderna. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012. (Série Jornalismo a Rigor, v. 6)

JORGE FILHO, José Ismar Petrola. Jornalismo alternativo ontem e hoje: histórico e esboço de uma definição. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 2018, São Paulo. Anais [...] São Paulo: FIAM/FAAM, 2018.

KASEKER, Mônica Panis. Apontamentos sobre o conceito de etnojornalismo. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 2018, São Paulo. Anais [...] São Paulo: FIAM/FAAM, 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Blur: how to know what is true in the age of information overload*. New York; Berlin; London: Bloomsbury, 2010. (e-book)

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir*. Porto: Editora Porto, 2001.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect*. 3. ed. rev. e ampl. New York: Three Rivers Press, 2014.

LAGE, Nilson. Ideologia e técnica da notícia. 4. ed. rev. e atual. Florianópolis: Insular, 2012.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LÜCKMAN, Ana Paula. Contribuições do pensamento complexo para o campo epistêmico do jornalismo. 2013. 96p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PJOR0040-D.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

MATTELART, Armand e Michèle. História das teorias da comunicação. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. La voie: pour l'avenir de l'humanité. Paris: Librairie Arthème Fayard/Pluriel, 2012.

MORIN, Edgar. Au rythme du Monde: un demi-siècle d'articles dans Le Monde. Paris: Éditions Archipoche, 2014.

MORIN, Edgar; RAMADAN, Tariq. Au péril des idées: les grands questions de notre temps. Montréal: Presses du Châtelet, 2014.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

PARK, Robert E. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. *American Journal of Sociology*, Vol. 45, n. 5, mar. 1940, p. 669-686. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2770043>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PEYRIÈRE, Monique; SIMONIGH, Chiara. Les partis pris éditoriaux. In: MORIN, Edgar. *Le cinéma : un art de la complexité*. Paris : Nouveau Monde, 2018.

PLENEL, Edwy. Face au sphinx [Edgar Morin et le journalisme]. *Communications*, v. 82, n. 1, 2008.

POPPER, Karl. Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

- REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2019.
- SANDANO, Carlos. Para além do código digital: o lugar do jornalismo em um mundo interconectado. São Carlos: EdUFSCar, 2015.
- SARTOR, Basilio Alberto. A noção de interesse público no jornalismo. 2016. 252f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- SCHUDSON, Michael. The sociology of news. New York/London: W. W. Norton & Company, 2003.
- SCHUDSON, Michael. Descobrindo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SOUSA, Maíra Evangelista. Percepções iniciais sobre o conceito de circulação jornalística. In: 15º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJOR, 2017, São Paulo. Anais [...] São Paulo: ECA/USP, 2017.
- THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. MATRIZES, v. 12, n. 3, set./dez 2018, p. 17-44.
- TRAQUINA, Nelson. Jornalismo. Lisboa: Quimera, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.
- TRUONG, Nicolas. Edgar Morin: inventer une sociologie du présent. Entrétiens avec Edgar Morin. Le Monde, 03 set. 2014. On-line. Disponível em: <http://bit.ly/2w3Tzpr>. Acesso em: 02 nov. 2016.

A 'arte de sujar os sapatos' com a pauta social Grande reportagem e o cotidiano dos indivíduos (extra)'ordinários'

Luiza Gould¹
Carla Baiense Felix²

Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (ADICHIE, 2009).

Muitas histórias são contadas por meio de grandes reportagens, cuja apuração pode levar de meses a anos e exige igual dedicação ao produto final, seja ele o texto, o vídeo ou o áudio apresentado ao público. Algumas têm o tom de denúncia. Em outras, o repórter se torna, perigosamente, o protagonista. Mas também há aquelas reparadoras da dignidade negada. Neste capítulo, um recorte da dissertação de mesmo nome, defendida em 2020 no Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, buscaremos entender melhor este gênero jornalístico por meio de suas características; abordaremos a dimensão aurática³ criada ao redor dele, mas seremos igualmente críticas, problematizando investidas que se distanciaram de uma representação mais justa do Outro. Além das discussões teóricas, reproduziremos aqui a análise de uma das cinco reportagens que compunham o nosso corpus: o trabalho As quatro estações de Iracema e Dirceu, publicado pelo Diário Catarinense, em 2015. Para tanto, empregaremos a Análise de Discurso de linha francesa, a partir das contribuições de Eni Orlandi (2005), intentando descobrir como se dá a constituição de discursos acerca de um casal de brasileiros e seus filhos, vivendo em situação de extrema pobreza no estado de Santa Catarina.

Grande reportagem: potencialidades e desafios do aprofundamento

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 24), o adjetivo “grande” atrelado ao substantivo “reportagem” diz respeito a um aprofundamento tanto extensivo quanto intensivo característico desse

¹ Jornalista, Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense e autora do livro A “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social. A obra é uma versão revista e adaptada da dissertação vencedora do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo, na categoria Mestrado, em 2021. E-mail: luizagould@gmail.com

² Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense e professora do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF. E-mail: carlabaiense@id.uff.br

³ Essa expressão é empregada aqui no sentido do caráter único de uma obra, que a faz ser cultuada, em referência a “aura” sobre a qual discorre Walter Benjamin (1987).

gênero jornalístico. Isso significa que à narrativa são incorporados elementos voltados à dimensão horizontal e vertical do relato. A primeira diz respeito, entre outros fatores, ao nível de detalhamento na apresentação dos dados. Já verticalmente, o aprofundamento é intensivo quando o texto contempla a raiz do tema até desdobramentos e implicações. Tecendo o encontro entre causas e efeitos, como diz Lima, o jornalista estaria apto a fomentar uma leitura complexa do real. Essa complexidade, por sua vez, é importante para o debate e a ação frente aos problemas estruturais de uma sociedade diversa e desigual.

Olhando para a nossa pesquisa, identificamos traços de tal definição em Especial 100, da Agência Pública. Essa grande reportagem multimídia de 2016 dá espaço para cem vozes falarem, mesmo elas contrariando, em sua maioria, o interesse de figuras do poder. Donos de casas na Vila Autódromo, no Morro da Providência, em ocupações e ruas no caminho dos planos da prefeitura viveram um lado do Rio Olímpico pouco apresentado pela mídia: as remoções. O especial aborda as causas das violências que marcaram esse processo (com abuso de autoridade, promessas não cumpridas, agressões físicas), explora detalhes por meio dos relatos dos personagens, mas também contempla desdobramentos (como estão essas famílias após a saída de seus espaços de origem), o que constitui o foco do material.

Para o jornal do dia seguinte, no caso do papel, ou a notícia minutos após a remoção, no caso da web, seria inviável ouvir cem histórias, construindo panorama tão amplo das situações enfrentadas pelos moradores. Esse é um trunfo da grande reportagem. Mas ele não muda o fato de que o hard news poderia e deveria ter feito mais do que esparsos registros⁴ sobre as remoções. Não era inviável acompanhar uma delas ou ainda realizar entrevistas com aqueles que se recusaram a sair e enfrentaram grande pressão, mobilizando assim a opinião pública e freando arbitrariedades do poder estatal. Houve, porém, a escolha por parte da mídia tradicional em construir uma determinada imagem a respeito da cidade do Rio de Janeiro e de sua “revitalização”.

Em seu mais novo livro, Fabiana Moraes (2022, p. 9) frisa que é preciso deixar de consagrar à reportagem o lugar de um melhor jornalismo, “[...] como se a notícia cotidiana não fosse justamente aquela que nos transpassa com maior continuidade, fomentando imaginários, dizeres e saberes”. Ela defende que a pauta, responsável por dar forma ao conteúdo jornalístico, precisa ser uma “arma de combate”, passível de ir de encontro à desumanização que a própria profissão institui quando emprega uma objetividade racista e classista; quando traduz o mundo de forma simplista. O que a pesquisadora faz é tirar a reportagem de um pedestal que outros ajudaram a construir.

⁴ Da imprensa tradicional podemos citar a Folha de S. Paulo, que entrevistou moradores da Vila Autódromo e acompanhou o atraso na entrega das casas oferecidas pela prefeitura. Na última matéria sobre o assunto, o veículo abordou a entrega dos novos imóveis. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1797472-apos-resistencia-moradores-da-vila-autodromo-recebem-casas-no-rio.shtml>> Acesso em: 23 set. 2022.

Com mais de 60 anos de carreira, o veterano José Hamilton Ribeiro é uma dessas pessoas. Ele integrou o time de jornalistas da extinta Realidade, revista que se destacou nos anos 1960 por publicar materiais de fôlego, críticos aos padrões conservadores a respeito da família, da mulher, da religião, da política, da economia, da sociedade, do mundo e da cultura. Ao falar sobre o trabalho desempenhado ali, Ribeiro o conecta ao gênero investigado aqui:

[...] a Realidade era baseada na “grande reportagem”, entre aspas. Na Realidade, isso significava que o repórter tinha tempo suficiente para uma boa pesquisa, de livros ou de entrevistas, prévia sobre o assunto, cobrindo os aspectos mais importantes daquele fato que ele iria relatar [...] Em segundo lugar, que esse texto que o repórter produzia passava então por um processo de edição de texto muito cuidadoso, muito, assim, sensível, de tal maneira que o texto, de uma reportagem dentre treze, aparecesse na revista e desse ao leitor a sensação de que ele estava lendo alguma coisa importante, interessante e escrita de modo que dava gosto de ler e prazer na leitura (RIBEIRO apud ROCHA, 2022, p. 209-210).

A partir da passagem acima, o que parece preponderante para chamar um produto de grande reportagem é uma dupla dedicação por parte de quem cria: ao assunto abordado e ao produto apresentado ao leitor. Mais do que o tamanho – e Ribeiro (2004, p. 111) fala que uma peça da revista poderia chegar a ter 6 ou 7 mil caracteres – importava o nível da entrega. Os “grandes repórteres” do veículo perdiam até 2 quilos só no processo de escrever e reescrever o texto duas, três vezes se preciso (Ibidem). Especialmente nessa descrição, há certa romantização do trabalho, o que também fica explícito quando Zé Hamilton Ribeiro explica uma espécie de equação que inventou.

Nas palavras de Ribeiro (2015), Grande Reportagem seria igual a um Bom Começo mais um Bom Final, em cima de Trabalho multiplicado por Talento, operação elevada à enésima potência. O bom começo seria necessário para fisgar o leitor diante de outros materiais que podem prender a sua atenção. O bom final seria similar àquela “sensação de quero mais e não de morte súbita”. E no meio seria preciso trabalho e talento. Quanto de cada um? “O necessário, a potência necessária, você tem que trabalhar tudo o que é preciso para que a reportagem se complete”.

É no mínimo curioso que Ribeiro recorra às Ciências Exatas para explicar esse gênero, ancorado primordialmente em histórias humanas, distantes do cálculo operacionalizado, da previsibilidade dos números. Cada elemento da equação inventada não pode ser mensurado. Seria essa uma ironia? A fórmula, no fim, é composta por variáveis subjetivas e, portanto, incalculáveis. E a potência talvez seja a componente que mais deixe evidente este caráter paradoxal. Ao mencioná-la, o jornalista conta uma história envolvendo a então Rainha da Inglaterra. Como ele relata, o veículo dirigido por Elizabeth II era capaz de percorrer todo o condado sem atolar em nenhum tipo de solo, evitando

situações embaraçosas. “Esse carro atravessava barro, subia pedra e rompia mato e não parava em lugar nenhum. E um dia perguntaram para a Rainha: ‘Qual a potência desse carro?’. ‘É a necessária” (Ibidem). Cavalos não dão conta de esclarecer o que o carro precisa fazer. Trabalho e talento nem sequer possuem unidade de medida.

Nessa comparação, o jornalista está posto como aquele que deve atravessar barro, subir pedra, romper mato, se for o “necessário” para que a reportagem se complete. É a lógica que o próprio Zé Hamilton Ribeiro tomou para si no Vietnã. Enviado como correspondente de guerra ao país, ele estava prestes a retornar à capital Saigon, mas, convencido pelo repórter fotográfico Keisaburo Shimamoto, decidiu acompanhar a investida norte-americana a uma aldeia em Quang Tri. Era seu último dia no front quando ele pisou em uma mina enquanto caminhava pela Estrada Sem Alegria, região desolada por bombas. O relato dramático da experiência e a cobertura anterior ao acidente ilustraram 12 páginas da edição de maio de 1968 da revista.

A entrega do profissional à imersão em uma grande reportagem é o motivo da escolha do título deste capítulo e da dissertação de onde ele nasce: A ‘arte de sujar os sapatos’ com a pauta social⁶. Mas, no caso de Ribeiro e de outros repórteres da sua geração, o esforço ganhava, muitas vezes, tons de heroísmo atrelado à emoção da aventura, uma combinação envolta no perigo de relegar o Outro a segundo plano. Isso pode ser constatado inclusive em trabalhos da revista Realidade. Citaremos dois deles, a título de exemplo.

Em dezembro de 1966, Carlos Azevedo publica Resgate de uma tribo. Ele participou da transferência de parte do povo Kaiabi da sua região originária, o rio Tatuy, ao Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso. Junto de Azevedo estavam o repórter fotográfico Luigi Mamprin, o indigenista Cláudio Villas-Bôas, paraquedistas da FAB e lideranças indígenas. A reportagem começa com uma página editorial em que é enaltecido o esforço dos repórteres para a “cobertura de uma história de solidariedade humana, a salvação de um povo ameaçado de desaparecimento – os índios caiabis” (AZEVEDO, 1966, p. 37). Os indígenas são apresentados como aqueles que precisam ser salvos. É destacado, em seguida, o caráter de aventura: foram 40 dias, 300 quilômetros percorridos, e os repórteres passaram por todas as dificuldades que uma floresta oferece, da fome, obrigando Azevedo a caçar, à malária que Mamprin pegou durante o percurso. A reportagem se constitui como um caderno de campo desse período. No desenrolar de dez páginas, o leitor se dá conta de como as condições adversas tornam cada vez mais desafiadora a missão do resgate e se depara com um olhar reducionista para com aquele povo.

⁶ Cunhada inicialmente por Ricardo Kotscho, a expressão “a arte de sujar os sapatos” é empregada geralmente como sinônimo da apuração que leva o repórter à rua, tal qual explica Humberto Werneck (apud TALESE, 2004, p. 527): “A um colega, intrigado ao vê-lo abancado, quase todo dia, numa cadeira de engraxate na alameda Santos, Ricardo Kotscho explicou: ‘É que eu preciso! Repórter que vai à rua suja os sapatos’”.

Por último, um velho se aproximou. Devia ter uns 70 anos, coisa rara, pois os índios em contato com os civilizados morrem mais cedo. Não falava português, mas suas palavras em caiabi, pronunciadas em voz baixa e rouca, tinham um tom cordial. Apesar da roupa suja e desbotada que lhe enfeitava a figura, mantinha um ar imponente, um jeito de quem se acostumou a mandar. Pois o velho era um chefe. Era Temioni, o último uriat (de linhagem nobre) dos caiabis do rio Tatuin (Ibidem, p. 47, grifos nossos).

O líder Temioni é narrado como “incivilizado”, trajando roupas sujas, uma figura “feia”, mas que mantém certa imponência por seu status. No fim, o Kaiabi é um pobre coitado “incivilizado” ou um insano. Sim, porque a reportagem irá questionar a decisão dos que se recusaram a partir rumo à vida nova à espera deles no Xingu. Não se pode negar que há o mérito do repórter em apresentar o conflito com os seringueiros e, a partir da descrição da blastomicose na pele do índio Tabá, revelar as doenças a que os Kaiabi estavam sujeitos. Mas, apesar dessas ponderações, cabe ressaltar que Resgate de uma tribo perde o que deveria ser seu foco.

A edição voltada para a Amazônia, em 1971, parece incorrer no mesmo erro. Trezentas e quarenta e oito páginas (embora muitas sejam de anúncios publicitários) reúnem o trabalho de 43 pessoas, entre elas 16 repórteres que andaram 1.232 horas de barco, percorreram 184 mil quilômetros de avião, “mais que uma viagem à Lua”, para trazer 30 mil fotografias e muitas histórias, contadas “do ponto de vista do herói diário” (CARTA, 1971, p. 31). É um esforço inegável, mas com o etnocêntrico desenlace na Carta do Editor de que a Amazônia seria a “última grande fronteira terrestre a ser civilizada”. O texto assinado por Victor Civita (1971, p. 3, grifo nosso) deixa perguntas ao leitor:

A Amazônia não seria o local para a maravilhosa experiência do progresso em harmonia com a natureza? Não seria a nossa ilha da Utopia onde se fará o progresso limpo e colorido que ainda existe no coração de todos os homens? Por acreditar nessa possibilidade, realizamos a nossa mais longa, custosa e apaixonada reportagem.

A partir de reflexões como essa, fruto de incursões pontuais a algumas imersões, mas também da análise discursiva de outras, chegamos em nosso estudo à consideração de que a grande reportagem contribui para um jornalismo mais íntegro e integral⁷ quando está a serviço do Outro. Não quando o repórter é o herói ou quando seu objetivo é construir um espetáculo midiático, mas quando quer conhecer seus personagens e fazer o público entender como o ser humano é multifacetado. Não parece ser o que acontece em As quatro estações de Iracema e Dirceu, como discorreremos adiante.

⁷ Fabiana Moraes (2019, p. 209) propõe aliar a subjetividade a critérios objetivos para alcançarmos um “jornalismo íntegro e integral”, aquele que observa posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais; leva em conta a estrutura social circundante; busca entender como essas questões se traduzem nas pessoas; procura fissurar representações dadas; e é autocrítico à narrativa assentada em bases positivistas ou voltada ao espetacular.

Um cotidiano contado em quatro estações

O projeto do Diário Catarinense intitulado As quatro estações de Iracema e Dirceu englobou, em 2015, um caderno especial de 24 páginas no jornal, um webdoc de cerca de 8 minutos divulgado no YouTube, uma versão do material veiculada na RBS TV, além de um especial multimídia, vencedor na categoria Internet do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos naquele mesmo ano. A procura⁸ por trabalhos no diretório da premiação, nos fez chegar a essa grande reportagem. Ela é assinada por Ingrid Bastos, com fotografias de Charles Guerra e o envolvimento de mais 10 profissionais, entre editores, designers, editor e diretor de vídeo, editores de trilha sonora e tradutores.

Durante dois anos e sete meses, a repórter acompanha a família dos agricultores Iracema e Dirceu Canofre de Campos. À época do primeiro encontro, o casal sulista garantia a própria sobrevivência e a da maior parte dos 14 filhos com uma renda de R\$ 54,00 por pessoa, figurando, segundo o Censo de 2010, entre os 102 mil catarinenses na extrema pobreza. O índice era, então, o menor percentual do país, o que fez o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) projetar Santa Catarina como o primeiro estado brasileiro com potencial para erradicar a extrema pobreza. Com base nesses dados, Bastos inicia em 2012 uma pesquisa atrás dessas famílias, que vivem realidade oposta daquela pela qual o seu estado é conhecido.

Informações de bastidores, entre elas a origem da pauta, são dadas por Ingrid Bastos em um dos áudios que entremeiam o trabalho. Nomeados Diários da Repórter, os podcasts de até um minuto são explicações da jornalista acerca do que sentiu diante de situações enfrentadas pelos Canofre de Campos e acompanhadas por ela de perto. Os conteúdos sonoros estão presentes em quatro das abas que compõem o especial. No total, elas são cinco: Família; Outono; Inverno; Primavera; Verão.

Família começa a apresentar a história de vida de Iracema e de Dirceu, resgatando memórias da infância à vida adulta de ambos. Os filhos são apresentados por meio de um slideshow, no qual fotos individuais aparecem emolduradas por uma espécie de janela de madeira. Ao lado das fotos, um parágrafo informa idade, características físicas e comportamentais, com descrição de ações, trejeitos, e das personalidades de cada um, interpretadas pela repórter. Em seguida, há uma série de imagens da moradia da família explicadas por legendas sobre seus bens, o espaço por eles compartilhado, a forma como fazem as refeições e tomam banho. Por fim, a reportagem localiza a região de Santa

⁸ O corpus da pesquisa é constituído por cinco grandes reportagens vencedoras do Prêmio Vladimir Herzog, que reconhece trabalhos voltados à promoção da democracia, cidadania e direitos humanos: Filho da Rua (Zero Hora, 2012); Dias de Intolerância (G1, 2014); O bandido está morto e agora? (Galileu, 2016); Especial 100 (Agência Pública, 2016); As quatro estações de Iracema e Dirceu (Diário Catarinense, 2015). Para chegar a elas, fizemos uma busca no diretório da premiação, considerando os trabalhos reunidos ali (a partir de 2012), que tivessem sido contemplados nas categorias Jornal, Revista e Internet, e privilegiassem conceitos explorados na dissertação, entre eles o de pessoa “ordinária” (CERTEAU, 2014), vida nua (AGAMBEM, 2010), vida “invisível” (BRUM, 2006) e contra-hegemonia (WILLIAMS, 2000).

Catarina em que vivem os personagens. Trata-se de Timbó Grande, cidade situada a 400 km de Florianópolis e com altitude de mais de 900 metros acima do nível do mar.

As demais abas constituem o que é a proposta da grande reportagem: ser uma “[...] travessia econômica e social inspirada nos ciclos da natureza” (BASTOS, 2015, online). Outono, inverno, primavera e verão ditam o encadeamento do conteúdo. O internauta acompanha como é a adaptação da família ao frio de zero grau com que lidam todo ano, mas também conhece acontecimentos que se deram em determinada época por acaso. Um exemplo é a tentativa de Iracema em requerer o restabelecimento dos depósitos do então Programa Bolsa Família, idas e vindas à cidade durante meses do outono. Nem todas as estações, no entanto, dizem respeito a cenas protagonizadas pelos Canofre de Campos. A primavera é vivida por Ingrid Bastos na Alemanha, quando no Brasil era outono. A repórter viaja à procura das origens dos antepassados de Dirceu, embora o próprio Dirceu não possa conhecer aquela primavera, o que é problematizado pontualmente. No Diário da Repórter, Bastos (2015, online) descreve o avião que a levará à Alemanha e o contrasta à “[...] casa da família de Iracema e Dirceu, minúscula, perto desse avião chamado de ‘rainha dos céus’. Eles nem sonham que estou indo para Hamburgo, de onde pode ter saído o primeiro Canofre”.

Encontrar esse vínculo europeu é a resposta do Diário Catarinense ao diagnóstico entregue pronto no quarto parágrafo do texto: “A narrativa de sua vida se faz pela ausência” (Ibidem, grifo nosso). Se produzíssemos uma paráfrase dessa sentença, com outras palavras mobilizadas para gerar novos sentidos, poderíamos dizer: “A narrativa de sua vida se faz não só pela ausência”. E, de fato, embora haja muitas ausências, há presença: da família, de um cotidiano, do trabalho, das memórias do que Dirceu já passou. Ao arbitrariamente interpretar sua vida como uma total lacuna que precisa ser preenchida, e incitar os leitores a fazerem o mesmo, a reportagem tende a encerrar o agricultor em um limbo no qual o próprio existir é desvalorizado. Estamos no âmbito da Análise de Discurso, empregada enquanto método⁹ de nossa pesquisa. Procuramos entender como Iracema, Dirceu, seus

⁹ A AD intenciona descobrir como se constituem os discursos, entendendo que a linguagem não é transparente, ou seja, os sentidos não estão postos. Eles se constituem ao longo de um processo marcado pela abordagem do que está presente e do que, apenas aparentemente, não está: os outros sentidos. Empregamos a Análise de Discurso de linha francesa na dissertação a partir do dispositivo analítico de Eni Orlandi (2005), pesquisadora que trouxe os estudos de Michel Pêcheux para o Brasil nos anos 1970. Ela orienta a busca por formações discursivas até o analista chegar às formações ideológicas. O primeiro conceito diz respeito ao que pode e deve ser dito por um sujeito a partir da posição que ele ocupa (ORLANDI, 2005, p. 45). Tomemos o exemplo da mãe que instrui seu filho a chegar cedo em casa. Ela pode fazer isso pois possui certa autoridade, que lhe é atribuída pela posição que possui. Sua fala está inscrita na formação discursiva de uma mãe. Já a formação ideológica, é o discurso que conforma os sentidos, considerando a posição ocupada em uma determinada conjuntura sócio-histórica. Se essa for uma mãe solo, preta, moradora de favela carioca, ela pode pedir para o filho retornar logo não só pelo zelo habitual de uma mãe, mas porque é perigoso subir o morro tarde da noite. A mãe precisa encontrar argumentos para se posicionar e fará isso remetendo à guerra vivida nas comunidades, com confrontos recorrentes entre traficantes de diferentes facções e deles com a polícia. A formação ideológica poderá ser procurada no discurso bélico.

filhos e a pobreza são constituídos discursivamente, de que forma os sentidos que os cercam são engendrados. Para tanto, iniciamos a análise com a formação discursiva Identidade. Vejamos três das sequências que caracterizam Dirceu:

Formação discursiva Identidade

Um homem no qual se alternam sentimentos de ternura e aspereza. Afetivo, mas também rigoroso na cobrança de trabalho e obediência. Dirceu sofre um desraizamento coletivo. Como tantos outros brasileiros, o circular de sangue nas veias não acompanha os passos dos antepassados – Aba Família

No caso de Dirceu, desconhecem-se certidões, registros, fotografias, documentos dos parentes. A narrativa de sua vida se faz pela ausência. A história registrada o torna mais pobre. A contada, o enriquece – Aba Família

Desde que há 31 anos nasceu Terezinha, a primeira filha que tem com Iracema, ele é pai e parteiro. São 14 partos – Aba Outono

A primeira sequência mostra que há uma tentativa de olhar complexo para o patriarca, considerado tanto afetivo quanto rigoroso com os filhos. É uma personalidade que reúne distintas características. Mas logo o foco muda, com alusão a um desraizamento de Dirceu. O interdiscurso nos remete à árvore genealógica, representação gráfica que demonstra visualmente as conexões familiares entre os indivíduos. Dirceu não sabe quais são suas origens, não conhece as raízes. A ancestralidade parece ser o sentido pretendido da passagem.

Mas há também o intradiscurso. Segundo Orlandi (2005, p. 32), se o interdiscurso representa todos os dizeres já ditos, o intradiscurso diz respeito ao eixo da formulação, “[...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”. A formulação do discurso está ancorada na interligação com a natureza. Em um franco diálogo com a literatura, surgem no trabalho intertítulos como Sementes ao Léu e Pomar de Filhos, metáforas para demarcar o fazer da família: a agricultura. A condição dada é a necessidade da natureza para o sustento, já que os Canofre de Campos vivem da venda do que plantam e da criação de animais.

Se agora deixarmos de lado a árvore no sentido da genealogia e passarmos a pensar no âmbito da natureza, a raiz é o que fixa o vegetal no solo e o nutre. Dizer que Dirceu não tem raiz é, portanto, retirar dele um constituinte fundamental. É como se vivesse uma pseudovida; vive, mas sem o essencial, o que será reforçado em seguida, quando se fala na narrativa da ausência. Aqui podemos dizer que Dirceu sofre uma violência. Àquele que é tido como o parteiro, por tirar do ventre de Iracema os 14 filhos, plantando uma árvore para cada um, é negada a narrativa da presença.

Novamente, não estamos refutando que haja ausências na vida de Dirceu. Apesar da pobreza não ser constituída apenas por mazelas, com ela falta moradia digna, comida, saneamento básico, acesso a serviços e direitos também básicos, falta a documentação. Mas, no caso do personagem, entendemos que a ausência, atrelada no texto principalmente ao desconhecimento sobre os antepassados, é usada para justificar uma viagem que acaba por inferiorizar Dirceu.

Fotos da família de Timbó Grande se abrem na tela. Os moradores de Esselborn ficam chocados. O ambiente desfavorecido da casa em que mora a família que vive em terras catarinenses constrange – Aba Primavera

Em artigo no qual analisam As quatro estações de Iracema e Dirceu, Denise Tavares e Renata Rezende (2017) questionam a viagem e consideram este “[...] mais um processo de conotação da estação que oferta beleza à vida: quer algo mais ‘relevante’ para a cultura branca do país, do que descobrir que você tem antepassados na nobre Europa?”. A crítica está ligada à espécie de redenção que se estabelece na história com o resgate de tal origem. É exatamente na aba Primavera, com o relato da ida à Alemanha, que o eixo da narrativa se inverte. Se até então era explorado o desalento dos Canofre de Campos, em Primavera surgem novos ares, ares europeus, para, no Verão, a família deixada no Brasil aparecer vivendo dias melhores. Voltemos, porém, às sequências da formação discursiva Identidade.

Formação discursiva Identidade

SOBRE DIRCEU

“A Dilma mora em Florianópolis?”. A pergunta vem de Dirceu e se refere à presidente Dilma Rousseff. A dúvida do agricultor, em junho de 2013, mostra o quanto os extremamente pobres ficam alheios a informações que formam o dia a dia da imensa maioria da população brasileira – Aba Inverno

Algumas dúvidas ele responde com suas próprias explicações: “Gente pobre, sem estudo e que vive ao léu deixa as coisas pelo caminho”. Mas carrega outros questionamentos: “E como se tira o sal da água do mar?”. Como se fosse possível dessalgar as águas do oceano, tal qual a carne dos porcos que abate a cada estação do ano e que põe para secar no varal fumacento do fogão – Aba Inverno

SOBRE IRACEMA

“Gente como nós vem ao mundo por nada” – Fala de Iracema na aba Família

Iracema é vulnerável na definição etimológica de quem está suscetível a alguma coisa – Aba Família

O trabalho também se apresentava à menina mirrada, que, aos 12 anos, decepava os galhos dos ervais – Aba Família

Fisicamente Iracema se parece com a mãe. Herdou feição magra, nariz afilado, cabelos lisos. Aurora, 65 anos, acha que a filha tem aparência com a falecida avó Rosa Peres da Silva, que seria filha de uma ‘índia de casta pura’ [...] Mas concordam que algo une avó e neta: o ato de parir. Rosa teve 13 filhos, um a menos que Iracema – Aba Família

Fora do ar, pé no chão. Iracema se define como uma mulher do mato. Gosta de ficar em casa cuidando dos filhos, fazendo pão para a família – Aba Outono

“Gente xucra como eu se sente muito mal nesse vaivém. Mas faço isso pelas crianças” –
Fala de Iracema na aba Outono

Majoritariamente, predomina na reportagem o discurso indireto, em que a repórter narra as cenas. Nas sequências apresentadas, vemos algumas aspas pontuais de Dirceu e Iracema, embora seja possível supor que elas figuravam em maior número, pois Tavares e Rezende (2017, p. 10) citam a presença de vídeos no projeto multimídia, com testemunhos do casal. Muito provavelmente eles se localizavam onde hoje aparecem espaços em branco no site. Na ausência desses materiais, restam poucas aparições em primeira pessoa do casal, e nelas os vemos se definirem como “gente pobre”, “gente que vem ao mundo por nada” e “gente xucra”. Como toda significação, essa é fruto das experiências individuais dos dois, do que já viveram e dos dizeres que já ouviram acerca de si e de outras pessoas. O discurso indireto reforça e amplia essa caracterização.

Em uma das sequências relativas a Dirceu, faz-se pouco caso de uma dúvida do agricultor, que não conhece o mar. Ele pergunta como se tira o sal da água. Em seguida, é feita a contraposição “Como se fosse possível dessalgar as águas do oceano” (BASTOS, 2015, online). Não se pode dessalgar, mas essa informação não faz parte do repertório de Dirceu. Na continuação da frase, é possível ainda pressupor certa ironia com o cotidiano do agricultor: “tal qual a carne dos porcos que abate a cada estação do ano e que põe para secar no varal fumacento do fogão” (Ibidem). O patriarca da família não entende o que é óbvio, fica circunscrito à mecanicidade da atividade corriqueira e está apartado do cotidiano da “maioria da população brasileira” por não saber onde vive a presidente. A pergunta “A Dilma mora em Florianópolis?” (CAMPOS In BASTOS, 2015, online) deixa intuir que alguém forneceu este dado, já que o agricultor não imaginaria de súbito uma localidade qualquer. Descontextualizada, a indagação parece ainda mais despropositada.

Iracema, por sua vez, era a menina mirrada, agora a mulher do mato vulnerável, que descende de “índia de casta pura”, mas se parece mesmo com a avó pela quantidade de filhos que pariu; ou seja, antes de tudo é uma reprodutora. E as crianças, como são representadas?

Formação discursiva Identidade

Isaque é tio. Sua infância mistura-se com a dos sobrinhos, filhos dos irmãos mais velhos, com os quais chega a uma diferença de 27 anos – Aba Família

José Dirceu. 15 anos, é de pouca conversa [...] Os sonhos de José Dirceu são simples. Para ele, o que deseja para o futuro é ter um bom emprego, que ganhe para ajudar os pais e que quando casar possa ter uma casa boa, com roupas e comida para os filhos. Se der, que ganhe para comprar um carro. Zero? “Se andar e levar as pessoas já está muito bom” – Aba Família

Vitória. Aos oito anos, aparentemente é indomável. Quando está na rua e chega visita, corre para dentro de casa. Se está na moradia, busca a porta como rota de fuga. Mas é Vitória, com suas escapadas, que melhor traduz a afeição e aflição que constituem o cotidiano dessa família vulnerável. Certa vez, o pai precisou ficar um tempo longe de casa. Era a que mais chorava de saudade. Mas então perdeu a vergonha? – Não, eu chorava debaixo das cobertas para ninguém ver – Aba Família

Os pais estão orgulhosos pela conquista do filho Moisés, 17 anos, que chegou ao ensino médio. Algo inédito na família em que a mãe nunca foi à escola e o pai só fez o segundo ano primário. O rapaz conseguiu emprego em uma fábrica de laminados – Aba Verão

Apesar de serem 14 filhos, recortamos trechos relativos a quatro deles por considerarmos passíveis de maior reflexão no que tange à identidade. Isaque é o filho mais novo dos Canofre de Campos, à época da reportagem com 6 anos. A idade logo é contrastada com sua condição de tio. A diferença de idade com os irmãos mais velhos é enaltecida, reafirmando o que o título do slideshow diz sobre eles: é um Pomar de Filhos, em tanta quantidade que é possível a Isaque brincar com seus sobrinhos.

José Dirceu é encerrado na categorização de “pouca conversa”. Seus sonhos são reduzidos a “simples”, portanto sem complexidade, um julgamento de valor presente no texto. Chamá-los de “simples” pode significar aqui que são sonhos compartilhados pela maioria das pessoas – ter um emprego, uma casa, uma família, uma boa condição financeira é uma expectativa geral da sociedade – e, nesse sentido, temos um sinônimo de sonhos “banais”. Novamente há uma intervenção questionável. Quando José Dirceu fala que deseja ter um carro, a repórter pergunta “Zero?”. Ao fazê-lo, tentando tangibilizar a dimensão do sonho do adolescente, ela dá margem à dimensão da dúvida, não só se o personagem quer um carro zero como se ele seria capaz de consegui-lo. Esta menção reforça no discurso a classe social a que pertence o jovem, já que o ponto de interrogação tira dele a certeza que não seria questionada

caso tivesse uma renda elevada. Ele se contenta com um carro que funcione, de forma que surge um novo sentido para “sonhos simples”: “simples” porque José Dirceu não sonha com o impossível.

Outra descrição que chama a atenção é a de Vitória. No caso dela, além de analisarmos o parágrafo que a apresenta, nos atemos também à sua foto. A menina aparece encolhida, no canto da janela rústica que emoldura todos os filhos. Apesar de parecer acuada, pelo posicionamento de seu corpo, o olhar e as sobrancelhas acirradas fazem supor que ela não está com medo, pelo contrário, sua expressão é de ameaça. Os sentidos completam-se quando é dito que, aos oito anos, Vitória é “aparentemente indomável”. O interdiscurso remete o indomável ao animal selvagem, que não pode ser domesticado para convívio com humanos. A escolha da foto não é ingênua: Vitória é arisca e analisa o cenário para atacar. Como um animal enjaulado quando consegue fugir, ela também dá as suas “escapadas”. Após toda essa construção, há uma tentativa de humanizá-la. Vitória chora quando o pai está fora de casa.

Já Moisés é o orgulho da família porque teve uma conquista que nenhum dos Canofre de Campos tinha tido até então: chegar ao Ensino Médio. Mais de uma passagem reforça que o caminho para uma nova vida deve vir pela educação – por exemplo, a primeira preocupação da matriarca dos Reßler, que é professora, é saber como as crianças vão na escola. Na sequência discursiva sobre Moisés, a educação é ligada ao emprego. Por mais que uma e outra conquista não sejam correlacionadas diretamente, o fato de uma ser apresentada depois da outra torna possível tal interpretação.

Esta primeira formação discursiva é muito cara a nós, pois o que pode e deve ser dito é dito por e sobre vidas anônimas postas à margem. Dentre as que figuram no conceito de pessoa “ordinária”¹⁰ de Michel de Certeau (2014), são as oprimidas; são as vidas consideradas “invisíveis”¹¹ sobre quem Eliane Brum (2006) escreve; ou ainda, são as excluídas dos direitos civis, até mesmo do direito à existência, as vidas “nuas”¹² estudadas por Giorgio Agamben (2010). Nossa pesquisa se propõe a analisar a grande reportagem social, protagonizada por esses três sujeitos, que lidam com diversas carências, mas nem por isso podem ser reduzidos a uma única característica. Esse percurso investigativo também

¹⁰ A definição de “homem ordinário”, a quem o intelectual francês dedica o seu livro *A invenção do cotidiano* é ampla. No geral, trata-se de anônimos que se utilizam de táticas no dia a dia para sobreviver. São os que experimentam “[...] a fraqueza em meios de informação, em bens financeiros e em ‘seguranças’ de todo o tipo” (CERTEAU, 2014, p. 43), mas recorrem à astúcia, ao sonho ou ao senso de humor como armas contra a realidade estabelecida.

¹¹ Em *A vida que ninguém vê*, livro vencedor do Prêmio Jabuti de 2007, a jornalista Eliane Brum reúne uma amostra do que produziu para coluna semanal de mesmo nome no Zero Hora em 1999. Ao se ater a vidas “invisíveis”, anônimos que encontrava por caminhos desconhecidos, ela mescla histórias curiosas com as vivências de marginalizados sociais, sempre crítica a quem escolhe ser cego para não se responsabilizar por essas vidas.

¹² O filósofo italiano Giorgio Agamben (2010) emprega esse termo de Walter Benjamin em seus estudos ao falar sobre a vida tornada tão insignificante a ponto de ser considerada “matável”, pois a sua existência é decidida por outras pessoas. Ele resgata o *homo sacer*, uma figura do direito romano arcaico excluído do sagrado e do profano diante de quem estaria a sombra de um assassino que, se o matasse, não seria punido. Na contemporaneidade, essa vida seria aquela mantida por aparelhos nos hospitais, à mercê de batalhas judiciais; a da cobaia humana; a da vítima forçada da eutanásia; a do judeu no campo de concentração.

perpassa o cotidiano, cuja relação com a mídia é o mote da pós-graduação¹³ que abriga este trabalho. O cotidiano é outra formação discursiva encontrada em As quatro estações de Iracema e Dirceu.

Formação discursiva Cotidiano

Solitária nas brincadeiras, junta flores no campo para enfeitar a casa imaginária que tem ao lado da real, onde mora – Descrição de Dalva na aba Família

Não possuem carrinhos, bonecas, jogos eletrônicos. Folhas de árvores, gravetos, vasilhas ganham novo sentido. Coisas típicas do universo camponês. Divertem-se entre saltos e correrias. Sobem em galhos, pescam no açude, banham-se no rio – Aba Outono

A singularidade do ambiente faz com que vivenciem o desenvolvimento dos animais e das plantas. Do nascimento dos pintinhos à morte por frio das vacas; do florescer do pessegueiro à praga que devastou o canteiro de ervas – Aba Outono

Todos os dias, quase como num ritual, a família se reúne. A chapa do fogão esquenta mais do que a chaleira e o bule. Sobre o metal, Iracema aproxima as mãos, e os dedos enrijecidos voltam a ganhar movimento – Aba Inverno

Não apenas pelo sangue que sai pelos rasgos e cantinhos da boca. Mas pela vergonha de se exporem aos olhos dos colegas. Essa não é a única ferida que os deixa acanhados no colégio. Constrangimentos chegam por outros motivos. Roupas surradas, calçados gastos, mochilas descosturadas. Também pelas unhas sujas de terra, consequência do trabalho na lavoura. São os próprios adolescentes que, ao ganharem maior compreensão da realidade, sentem-se incomodados com a situação de extrema pobreza – Aba Inverno

Nada de Papai Noel, árvore enfeitada, bolinhas coloridas. No terreiro, sobreviventes à véspera, perus se alimentavam de grãos. A tradicional Ceia de Natal não se faz um hábito. Pelo chão nenhum pedaço de papel para enrolar presentes – Aba Verão

Entre os Canofre não é exatamente a data que faz a família se reunir. Mas a folga do trabalho dos filhos adultos, a qual permite um encontro para conversas sobre trabalho

³ O Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF) se volta às relações entre mídia e vida cotidiana, analisando as contradições e potencialidades dos discursos midiáticos, sua influência ideológica, seus referenciais culturais e sua incorporação e transformação pelas práticas sociais. Disponível em: <<http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/site/index.php/programa/>> Acesso em: 25 set. 2022.

na lavoura, netos que crescem, dificuldades financeiras. Um ritual brindado com bolo e refrigerante – Aba Verão

Muitas das sequências selecionadas se referem a “coisas típicas”, que ocorrem “todos os dias”, quase como um “ritual” ou “hábito” adquirido. Trata-se da dimensão do cotidiano enquanto aquilo que é corriqueiro, definição acolhida pelo senso comum. Mas essa é apenas uma face de um conceito bem mais amplo, estudado por autores com distintos entendimentos acerca dele. Na vida cotidiana de Agnes Heller (2016) há, para além da repetição, juízos provisórios, que estão por trás da vergonha das crianças em “se exporem aos olhos dos colegas”. Diante da falta de tempo para avaliar cada aspecto da singularidade, classificamos as pessoas em tipos conhecidos, fazemos analogias e generalizações que se transformam em preconceito quando cristalizadas. Assim, “roupas surradas, calçados gastos e mochilas descosturadas” classificam os Canofre de Campos como pobres e eles passam a ser julgados. O constrangimento incomoda e as crianças pensam em deixar de frequentar a escola. A origem do dizer está em características inerentes ao cotidiano.

Esse cotidiano será contado a partir de uma valorização da natureza. Liricamente, a temporalidade da vida de Dirceu, Iracema e de seus filhos é medida em termos do nascimento dos pintinhos, da morte por frio das vacas, do florescer do pessegueiro, da praga no canteiro de ervas. E se o texto da reportagem revela que as crianças não possuem acesso a aparelhos eletrônicos, e sim colhem flores, imaginam casas, tomam banho de rio, sobem nas árvores, as fotos atestarão a alegria dessas atividades. Um exemplo é a imagem idílica da ciranda que integra a aba Verão. As crianças estão sorridentes de mãos dadas, unidas, ao ar livre, ao invés de estarem cada uma com seu brinquedo eletrônico dentro de casa. Um sentido que acaba sendo construído é que isso precisa ser resgatado. A pobreza permite uma infância mais saudável e feliz, como a de antigamente, um dizer em voga quando se discute a relação por vezes de dependência da nova geração com a tecnologia. De forma geral, as fotografias contrastam com a dureza da vida exposta verbalmente, como observam Tavares e Rezende (2017, p. 10):

A apresentação do território revela uma das estratégias do projeto, em relação à imagem que cria um franco contraste com o texto pois, enquanto este acentua as dificuldades e tristezas consideradas inerentes a uma vida que se fabula sob a linha da miséria, as fotografias, sempre muito trabalhadas na pós-produção, acentuam a beleza exuberante da floresta mista das araucárias, a vida em comunidade, a partilha dos bens, a simplicidade do cotidiano.

É como se as imagens exibissem um cotidiano mais próximo da perspectiva de Certeau (2014): aquele que é inventado, que o “ordinário” cria como forma de resistência, como tática para superar a pobreza. Encontra-se a beleza no simples para não se deixar abater pelo trabalho árduo desde tenra idade, pelos colchões abarrotados, pelo banho conjunto, pela TV ligada só de noite para economizar luz, pelas intempéries do inverno.

Também por meio das imagens, a literatura se fará presente na grande reportagem, pois elas fornecem uma perspectiva poética daquela realidade. Há um apelo ao sensível a partir da “[...] ambiência lúdica do próprio contexto da vida do homem do campo” (TAVARES; REZENDE, 2017, p. 10). Uma ambiência sintetizada no Olhar de Mateus. A equipe fornece uma câmera fotográfica ao adolescente de 14 anos e, assim, a infância retrata o que é vivido. A iniciativa concede protagonismo ao personagem que, com seu olhar complexo, verá não as dificuldades, mas o irmão brincando, as roupas no varal, os animais. O lúdico promove a liberdade do universo carcerário com o qual a família é encerrada em certas passagens do texto. Mas é inegável que igualmente se quer sensibilizar quem está do outro lado da tela.

Prosseguindo no âmbito das imagens, ao lado da fotografia da ciranda, há uma foto de toda a família, com a legenda “Cena: Sem ceia ou troca de presentes, família se reúne” (BASTOS, 2015, online). Novamente pode-se interpretar certa inclinação na reportagem a valorizar o que é considerado essencial. É como se a foto junto da legenda reforçasse que o que verdadeiramente importa não é a ceia, ou os presentes, mas a comunhão entre as pessoas, já que até os filhos de Iracema e Dirceu que não moram com os pais vão encontrá-los nesta data. O que está imbuído aí é uma crítica ao consumismo, presente ainda em outros trechos da aba Verão. Vejamos nas novas sequências da FD Cotidiano:

Formação discursiva Cotidiano

O 25 de dezembro de 2013 foi um dia como qualquer outro na casa de Iracema e Dirceu. Era Natal na cultura do mundo ocidental. Mas na moradia de madeira frestada pelo tempo não havia símbolos da mais antiga festa cristã, atualmente transformada no maior evento de consumo da humanidade – Aba Verão

Os pais não estimulam. Por viverem no campo, a propaganda tem menos influência do que se morassem na cidade. A coincidência da data natalina com as férias escolares também contribui. Longe de outras crianças, a febre do consumo não os alcança – Aba Verão

– Olha o que comprei para a gente – diz apontando para a máquina de lavar roupas, 12 quilos, coberta por um lençol na sala da casa nova para não pegar pó. Os recursos também serviram para um novo eletrodoméstico: – Eu faço pão em casa, mas volta e meia o forno estragava. Agora tenho esse forminho elétrico para fornada ainda maior – Aba Verão

Porém, somente o aumento de renda será insuficiente para provocar transformações mais profundas entre os Canofre. A trajetória dos pais está enraizada sobre abismos históricos.

Metade da vida passou, e eles estiveram privados de serviços essenciais. Iracema envelhece sob o isolamento de um analfabetismo absoluto. Em Dirceu, o desafio é compreender o cotidiano de uma família que vive em uma lógica diferente da que lhe foi ensinada – Aba Verão

A última estação contemplada no especial multimídia é marcada por uma tensão no discurso. Podemos dizer que há um movimento que questiona o modo de produção em vigor. A antiga festa cristã se transformou “no maior evento de consumo da humanidade”, construção que pressupõe certa censura por parte da repórter ao capitalismo; as crianças estão longe da “febre do consumo”, quase como que resguardadas, protegidas. Ao mesmo tempo, no entanto, há a redenção. E ela passa pela compra de eletrodomésticos. Iracema posa feliz ao lado de seu forno elétrico, onde assará mais pães, e tira satisfeita a roupa lavada da máquina Eletrolux. Não estamos aqui julgando tais aquisições da família, mas é papel do analista compreender os “gestos de interpretação” (ORLANDI, 2005, p. 26) que constituem o texto. E a narrativa, antes crítica, na sequência da compra do forno e da máquina de lavar não questiona o consumo. Aqui a formação ideológica é o cotidiano segundo a perspectiva do filósofo checo Karel Kosik (1976): a práxis utilitária, necessária para qualquer um familiarizar-se com os objetos e manejá-los, apaga o que é estruturador da sociedade. Ter os eletrodomésticos no contexto sócio-histórico que vivemos é melhorar de vida e é nisso que se pensará.

A grande reportagem termina com ares de esperança para os Canofre de Campos, após um aumento da renda doméstica. O filho Moisés passa a trabalhar, contribuindo com parte de seu salário. E a família é incluída no Programa Nacional de Alimentação Escolar. O que plantam e colhem é comprado pelo governo para a produção da merenda escolar do município. Um gráfico mostra que agora eles conseguem receber mensalmente R\$ 1.707,00. E são menos pessoas para serem sustentadas. Na aba Verão, o texto da reportagem cita nove moradores na casa, não mais 13 como antes. A vida melhorou e chega-se ao final feliz. Ou quase feliz, porque ngela Bastos consegue manter certo senso crítico. Como é possível ler na última sequência que recortamos, ela pondera que o aumento da renda por si só não trará transformações profundas. Há outros desafios e, a longo prazo, nada garante que tudo corra tão bem quanto naquele verão.

Mesmo assim, para Denise Tavares e Renata Rezende (2017, p. 13) o balanço da reportagem é este: o “esforço de compreender a vida dos Canofre de Campos” se aproxima em diversos momentos “da lógica dos realities shows, que galgam anônimos ou quase famosos ao estrelato”. Elas argumentam que não houve de fato um encontro com o Outro e dão como exemplo um dos Diários da Repórter. Bastos se estranha por Iracema não saber digitar o número da senha para receber o benefício do Bolsa Família. A repórter observa a cena enquanto se dá conta do abismo que a separa de sua fonte, o que, para as pesquisadoras, traduziria uma distância entre narradora

e personagem característica do jornalismo interpretativo¹⁴. A opção pelo poético seria tanto por conta desse afastamento quanto para seduzir, buscando na web reverter o quadro de perda de público vivido pelo impresso (Ibidem, p. 12). Elas chegam a criticar reportagens multimídia, com seu espaço ilimitado e possibilidade de multiplicar as fontes, mas ainda assim circunscritas a uma concepção que se limita à superfície, fisgando o internauta pelo sensível e por um vínculo com o senso comum, ainda que “produções inesperadas” possam abrir brechas (Ibidem, p. 14).

Ponderações precisam ser feitas. Optar pelo sensível não significa necessariamente buscar plateia para um show. Além disso, há o potencial contrário ao de reiterar o senso comum: o de envolver o público em uma narrativa que contesta verdades estabelecidas, estimulando novos olhares acerca do real. Essa é a defesa de Victor Rocha (2022) ao propor um Jornalismo Sensível, uma prática profissional atraente para quem recebe um conteúdo e, ao mesmo tempo, capaz de ampliar percepções sobre o mundo.

Podemos constatar que o Jornalismo Sensível se constrói nas diferentes fases da produção jornalística. Definimos também que um dos fundamentos deste fazer é o estímulo à empatia e o cuidado na escolha de personagens capazes de trazer contexto e dinâmica às informações. Ao unir tudo isso, o uso estratégico das sensibilidades prova-se uma via importante de renovação do jornalismo como conhecemos, caminhando de acordo com as motivações do contemporâneo, estimulando o imaginário do leitor, gerando interesse, valor social, trazendo luz à imagem do jornalista mediador e incitando uma visão mais complexa do cotidiano e do sujeito outro inserido nele. O profissional assume a sua posição de influenciável e influente colocando em evidência o papel de mediador dos fatos na produção de apresentações das realidades, tornando-se capaz de uma transferência evidente com o público, por uma experiência de trocas, e não apenas informativa (ROCHA, 2022, p. 193).

Embora examinar a aplicabilidade do Jornalismo Sensível seja instigante, não é nosso objetivo avaliar se As quatro estações de Iracema e Dirceu seria um exemplo dele, mas sim analisar a construção dos personagens no âmbito do discurso. Em relação a isso, nosso entendimento é de que o enquadramento da realidade e os sentidos constituídos reiteram o lugar comum da ausência.

Em vários momentos, parece que as vozes de Iracema e Dirceu reforçam o que já se espera ouvir.

Em outros, como na passagem em que Dirceu pergunta como dessalgar a água do mar, ela não é

⁴ Tavares e Rezende (2017, p. 7) recorrem a Edvaldo Pereira Lima, que conecta o nascimento do jornalismo interpretativo à necessidade dos profissionais em facilitar o entendimento dos fatos, incorporando para isso o contexto, com antecedentes e perspectivas futuras, além da abordagem multiangular de uma questão. Ele não cita em seu livro Páginas Ampliadas a existência de uma lógica do jornalismo interpretativo em se manter distante para se ter “clareza suficiente de expor”, mas Luiz Beltrão, que tem uma obra intitulada Jornalismo Interpretativo e é uma referência para Lima (2009), menciona a necessidade da “frieza” para a construção de matérias “realmente objetivas”: “Cada testemunho, cada documento que se recolhe é uma mescla de dados e pontos de vista, uma trama de fatos e opiniões. Separar uns de outros até formar uma imagem nítida de ambos exige esforço, requer experiência, supõe frieza” (BELTRÃO, 1976, p. 82).

respeitada. É estimulado ainda um contraste entre classes, a partir da ida da repórter à Alemanha e dos Reβler vendo os Canofre de Campos como exóticos, porém também é alertado que a desigualdade social não se resolve em um passe de mágica. Não há só sofrimento, o que a completa naturalização faria supor, e talvez o sensível seja fundamental para o cotidiano se mostrar mais complexo.

No fim, podem ser listados acertos, mas as problematizações que fizemos nos permitem constatar que a imersão por si só não garante justa representação. Parece-nos relevante o pressuposto ético do profissional aliado à constante autocrítica, sem deixar de considerar sua responsabilidade em criar imagens e fomentar leituras a respeito de vidas humanas já expostas a inúmeras violências. Inclusive a de não ter reparada a dignidade negada.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma única história. TED Global, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-133747> Acesso em: 14 set. 2022.

AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AZEVEDO, Carlos. Resgate de uma tribo. Realidade, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 37-54, dez. 1966.

BASTOS, ngela. As quatro estações de Iracema e Dirceu. Diário Catarinense, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu/menu.html>. Acesso em: 18 set. 2022.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo Interpretativo. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 1 v. p. 165-196.

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CARTA, Luís. Realidade na Amazônia. Realidade, São Paulo, ano VI, n. 67, p. 30-32, out. 1971.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CIVITA, Victor. Carta do Editor. Realidade, São Paulo, ano VI, n. 67, p. 3, out. 1971.

GOULD, Luiza. A ‘arte de sujar os sapatos’ com a pauta social: Grande reportagem e o cotidiano de indivíduos (extra)‘ordinários’. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

GOULD, Luiza. A “arte de sujar os sapatos” com a grande reportagem social. Curitiba: Appris, 2022.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

LIMA E SILVA, Ana Cristina Costa de. *Porto Maravilha: arbitrariedade, mídia e produção de consenso na construção da nova região portuária do Rio de Janeiro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

MORAES, Fabiana. *Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral*. *Extraprensa: revista da Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo*, v. 12, n. 2, p. 204-219, jan./jun. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÚBLICA, Agência. *Especial 100*. Agência Pública, São Paulo. 20 jul. 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/100/>> Acesso em: 28 set. 2022.

RIBEIRO, José Hamilton. *Eu estive na guerra*. *Realidade*, São Paulo, ano III, n. 26, p. 26-42, maio 1968.

RIBEIRO, José Hamilton. *Fórmula de reportagem*. In: DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. 2. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. p. 106-115.

RIBEIRO, José Hamilton. *60 anos de reportagem*. [Entrevista cedida a] Eliane Brum (mediadora), Carlos Moraes, Clóvis Rossi, Lúcio Flávio Pinto e Ricardo Kotscho. *Série Repórter*. São Paulo: Itaú Cultural, set. 2015. 1 vídeo (86 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u11BLsN24uk>>. Acesso em: 25 set. 2022.

ROCHA, Victor. O Jornalismo Sensível: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos. Appris Editora, Curitiba, 2022.

TALESE, Gay. Fama e anonimato. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TAVARES, Denise; REZENDE, Renata. Sob o risco do artifício: algumas questões sobre a produção multimídia “As quatro estações de Iracema e Dirceu”. Revista Fronteiras – estudos midiáticos: revista da Unisinos, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 3-16, jan./abr. 2017.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo y literatura. Barcelona: Ediciones Península, 2000.

Jornalismo e inovação: uma análise dos projetos financiados pelo Google News Initiative - Innovation Challenge em 2019

Bruna Eduarda Meinen Feil
Laura Strelow Storch

1. Introdução

O campo jornalístico tem passado por transformações significativas, que abrangem não apenas os desenvolvimentos tecnológicos acelerados, mas também dinâmicas organizacionais e lógicas de comunicação com seus públicos de interesse. A inovação, conceito que foi apropriado de outras áreas do conhecimento, vem sendo aprofundado para se pensar os desenvolvimentos no jornalismo. É importante destacar que, apesar de a inovação ser com frequência compreendida a partir de sua vertente tecnológica, inovar, por definição, ultrapassa esse recorte. Franciscato (2014) nos lembra que, para estudar essa temática de forma mais abrangente, é necessário “considerar que a atividade jornalística, assim como o próprio conceito de inovação, demanda a participação de uma complexa articulação de atores” (FRANCISCATO, 2014, p. 1335). Além dos quatro principais atores que operam tradicionalmente no campo (o jornalista, a organização jornalística, as fontes de informação e os públicos), o autor ressalta a importância de considerar outras categorias, como “as universidades e institutos de pesquisa acadêmica e os conglomerados empresariais que fomentam o desenvolvimento tecnológico com fins comerciais” (FRANCISCATO, 2014, p.1335).

Neste trabalho, é esse último grupo que nos interessa de modo particular e pretendemos explorar essa relação observando o modo como uma das maiores empresas de tecnologia do mundo, o Google, tem operado como agente de inovação no jornalismo. Além de ter como seu principal produto o buscador - que opera com a circulação e hierarquização de conteúdos, inclusive notícias -, a empresa também desenvolve ferramentas que são úteis para a apuração e a produção de conteúdo noticioso, a título de exemplo podemos citar o Google Trends e Google Alerts. Somado a isso, nos últimos anos, a empresa investiu na criação de um programa global que representa o interesse do Google no setor jornalístico, o Google News Initiative (GNI). Esse programa abrange uma série de iniciativas que incluem treinamento de profissionais, como é o caso do Google News Lab e do Training Center, e também de financiamento de projetos inovadores, tal como o Digital News Innovation Fund. Nesta pesquisa, concentramos nosso olhar de modo especial sobre o GNI Innovation Challenge. Por meio de rodadas de financiamento regional, o programa tem como objetivo capacitar projetos inovadores

e promover o desenvolvimento de novos modelos de negócios de publicação.

Considerando esse cenário de efervescências e motivados pelo desejo de entender melhor como se processam as dinâmicas da inovação no campo jornalístico, buscamos compreender quais são as características de inovação presentes nos projetos financiados pelo Google News Initiative (GNI) Innovation Challenge no mundo em 2019. De modo particular, mapeamos as iniciativas selecionadas pelo GNI Innovation Challenge em 2019 e suas respectivas organizações proponentes; fizemos um estudo com vistas a caracterizar as organizações proponentes; e analisamos os projetos selecionados, classificando-os a partir do tipo de inovação proposto. Para examinar o conjunto de projetos selecionados pelo programa GNI Innovation Challenge, utilizamos a análise de conteúdo como método de pesquisa. A rodada de 2019 abrangeu quatro grandes regiões definidas pelo desafio: “América Latina”, “América do Norte”, “Ásia-Pacífico” e “Oriente Médio, África, Turquia”. A coleta de dados empíricos foi realizada entre janeiro e abril de 2020, no site do GNI Innovation Challenge e o corpus consolidado é de 107 projetos. As nossas categorias de análise foram construídas com base na leitura de textos que apresentam tendências conceituais e estudos de caso, nos quais encontramos referências para o estabelecimento da seguinte classificação: inovação organizacional, inovação de processo e inovação de produto.

2. Jornalismo e inovação

Somente há alguns anos a temática da inovação foi incorporada pelo campo da comunicação e, em especial, pelo jornalismo. Devido ao seu caráter recente, Longhi e Flores (2017) acreditam que o debate sobre inovação vem enfrentando situação semelhante à ocorrida com o conceito de “convergência” há poucos anos, alertando assim para a importância de delinear contornos e espelhar seu sentido e práticas no campo jornalístico.

No jornalismo, Grohmann (2016) acredita que há uma idealização do termo inovação. Dessa forma, pequenas modificações, seja no produto final ou em seus processos de elaboração, são alardeadas como inovação. Para o autor, essa banalização do termo seria preocupante: “[...] se tudo pode ser considerado ‘inovador’, o que é realmente ‘inovador’? Qual o poder explicativo do termo?” (GROHMANN, 2016, p. 4). Já Creech e Nadler (2018) definem a inovação como sendo um conceito escorregadio, que predominantemente vai permear mudanças técnicas relacionadas ao âmbito dos processos de produção e distribuição das notícias, bem como dos modelos de financiamento para as empresas. Saad (2016) argumenta que a inovação é enaltecida quando a sociedade vivencia algum tipo de ruptura. Adotando essa compreensão, alguns autores da área se propõem a estudar a inovação tendo como pano de fundo a discussão sobre a crise que o jornalismo enfrenta. De acordo com Tavares (2017), a crise representa uma conjuntura de instabilidade, uma ruptura com aquilo que se conhecia

ou estava acostumado. No jornalismo, além de afetar o modelo de negócio e a sustentabilidade do ponto de vista econômico, a crise também perpassa os valores e a identidade da profissão (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011; GROHMANN e ROXO, 2015). Tendo em vista esse cenário, Bittencourt (2018) aponta que a inovação passa a ser considerada como uma rota de fuga desse quadro problemático:

A inovação, ao mesmo tempo em que abre novas oportunidades de modificação do produto jornalístico para acompanhar o progresso tecnológico, provoca a remodelação de processos e modelos que já não mais funcionam dentro de um mercado onde a geração de receita baseada na venda de publicidade não é mais suficiente para sustentar uma empresa jornalística. (BITTENCOURT, 2018, p. 77)

Corroborando com essa perspectiva, Longhi e Flores (2017) acreditam que a inovação é uma reação ligada a alguma insatisfação, ainda que não deva ser entendida como uma mera solução de problemas. As autoras salientam que em função da constância das transformações tecnológicas e do comportamento do mercado consumidor de notícias, “a inovação não pode ser vista como um elemento extra, e sim como uma necessidade para a área, que busca alternativas para sobreviver em um cenário de crise” (LONGHI; FLORES, 2017, p. 24-25). De modo semelhante, Franciscato (2010) avalia que uma dimensão mais complexa da ideia de inovação exige “considerar três vertentes deste fenômeno (tecnológica, organizacional e social), para, assim, possibilitar uma maior densidade conceitual e superar um viés excessivamente tecnológico em suas abordagens” (FRANCISCATO, 2010, p. 9).

Como podemos perceber, o conceito de inovação vem sendo aprofundado para pensar o jornalismo contemporâneo. Diversos autores têm se dedicado a estudar como, de fato, têm ocorrido os processos de inovação nas organizações jornalísticas. Em nossa revisão bibliográfica fomos capazes de identificar três principais tendências que vêm sendo descritas pelos pesquisadores do campo, são elas: 1) inovações organizacionais; 2) inovações de produto e 3) inovações de processo.

O primeiro eixo, que trata das inovações organizacionais, está relacionado ao desenvolvimento de novos modelos de negócio e estratégias de sustentabilidade financeira para organizações jornalísticas, visto que o modelo tradicional de financiamento do jornalismo, baseado na geração de receita através da venda de assinaturas e publicidade, tem sido apontado como não sendo mais suficiente para viabilizar a estrutura das redações (VIEIRA, RAVAZZOLO, 2017; ANDERSON, 2011). No contexto do jornalismo, essas inovações podem ser observadas, por exemplo, em organizações que buscam a construção ou consolidação de novos modelos de negócio, apostando na diversificação de receitas e contrapondo-se ao modelo clássico de financiamento centrado na venda de assinaturas e publicidade. Iniciativas do tipo crowdfunding, paywall e micro-pagamentos (RAMOS, 2018) são exemplos de estratégias que as empresas de mídia estão adotando como alternativa ao modelo de

financiamento tradicional. Além do desenvolvimento de modelos de negócio sustentáveis, pesquisas relacionadas ao tema apontam que inovações organizacionais também estão relacionadas à coleta de métricas da audiência - através do uso de ferramentas específicas - porque cada vez mais esses dados estão sendo utilizados para produzir estudos que balizam a tomada de decisões estratégicas em empresas jornalísticas (BITTENCOURT, VARGAS, 2018).

O segundo eixo teórico que conseguimos identificar em nossos estudos trata das inovações de produto. No campo jornalístico, inovações de produto estão intimamente associadas à migração do jornalismo para a web e o desenvolvimento de formatos narrativos como webdocumentários, especiais multimídia, newsgames, infografias interativas, longform e o uso de realidade virtual em narrativas imersivas. Mais recentemente, com o avanço de tecnologias como a realidade virtual (RV), as imagens em 360 graus, a terceira dimensão (3D) e a realidade aumentada (RA), o jornalismo revisa mais uma vez as possibilidades de produção de conteúdo (LONGHI, FLORES, 2017). O desenvolvimento de produtos noticiosos inovadores que exploram as potencialidades da web, mesclando elementos sonoros e visuais, permite ao público desfrutar de uma experiência informativa mais dinâmica e atraente.

Essas tecnologias também impactam de forma expressiva as rotinas produtivas do jornalismo e é nesse contexto que identificamos a terceira tendência que vem sendo descrita pelos pesquisadores do campo - as inovações de processo, que referem-se a “mudanças significativas nos métodos de produção e de distribuição” (OCDE/EUROSTAT, 2005, p. 23). Além de dominar novas linguagens e formatos, os jornalistas precisam aprender a trabalhar com profissionais de outras áreas (ELDRIDGE, 2018; CANAVILHAS et al, 2016) e, ainda, se manterem relevantes em meio a um cenário em que agentes não-humanos passam a integrar a redação (COSTA, 2016; ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2012), tudo isso em meio à uma pressão ainda maior pela rapidez na publicação.

É importante destacar que esses três tipos de inovação que reconhecemos em nossas leituras - inovações organizacionais, inovações de processo e inovações de produto - não acontecem, na prática, de forma isolada. Uma inovação organizacional, por exemplo, terá impacto, em maior ou menor grau, sobre as rotinas de trabalho dos profissionais e também sobre os produtos e/ou serviços oferecidos por aquela organização. Na teoria, esses três tipos de inovação são descritos de maneira independente para facilitar a compreensão e o trabalho de análise.

3. Google como agente de inovação no Jornalismo

O grupo de empresas formado por Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft, popularmente denominado GAFAM, é responsável por uma série de produtos e serviços que, por serem em sua maioria gratuitos, estão profundamente entranhados na vida cotidiana de bilhões

de pessoas em todo o mundo. Essas empresas estabeleceram um domínio nos mercados digitais e evidências indicam que, hoje, essas empresas estão entre as mais valiosas do mundo em termos de mercado de capitalização (PARCU, 2019). De acordo com a empresa alemã Statista¹, especializada em dados de mercado e consumidores, em junho de 2019, a capitalização de mercado dessas empresas estava avaliada em bilhões de dólares americanos da seguinte forma: Microsoft (1007), Amazon (888), Apple (875), Alphabet Inc. (741)² e Facebook (495).

Esse processo de expansão e incorporação das plataformas no cotidiano dos usuários, assumindo cada vez mais funções, é o que os autores têm chamado de “plataformização da internet” (HELMOND, 2015). Por um lado, essas infraestruturas funcionam como facilitadoras da inovação, diminuindo o custo de criação de novos produtos, já que não é necessário desenvolver todo um novo sistema para isso (BODLE, 2011; GAWER, 2014). Por outro, tendem a se tornar monopólios (EVANS; SCHMALENSEE, 2016).

Podemos perceber que esses monopólios exercem influência sobre um grande leque de atividades, produtos e serviços que circulam na internet, incluindo o jornalismo. Smyrniaios (2018) afirma que a maioria dos setores que fazem parte da economia digital acaba se tornando dependente dessas plataformas, que tomaram conta do processo que chama de “infomediação”: o controle da seleção, priorização e organização da vasta oferta e dispersão de informação existente na internet. Segundo Da Silva et al. (2020), as plataformas quase inviabilizaram o modelo de jornalismo estabelecido no século XX porque alteram a cadeia de valor das notícias de três formas diferentes: a) Participação: perda da autoridade do jornalista como fonte principal da informação; b) Distribuição: dependência das plataformas para alcançar a maior parte da audiência e c) Fontes de receita: perda gradual do subsídio fornecido principalmente pelos anúncios publicitários e classificados.

Em relação ao primeiro fator, a internet e as mídias digitais amplificaram a participação do público, o conceito de audiência foi redefinido, as fontes passaram a poder criar seus próprios canais de comunicação e o jornalista perdeu parte da sua posição privilegiada de acesso exclusivo a elas. Dessa maneira, assim como salienta Smyrniaios (2018), as plataformas tomaram o controle sobre o processo de distribuição e, atualmente, mais da metade do tráfego online das empresas de notícias vem do Google e do Facebook (LAFORME, 2018). O terceiro elemento que impacta na ruptura do modelo de negócio tradicional da indústria de notícias está relacionado às fontes de receita. Isso acontece porque a emergência da internet, para o jornalismo, limita o subsídio dos anunciantes publicitários aos publishers (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013).

¹ Dados disponíveis em: < [Top internet companies: global market value 2019](#)>. Acesso em: 02 dez. 2020.

² Alphabet Inc. é uma holding, empresa que controla as ações de suas subsidiárias e detém a posse majoritária de ações dessas outras empresas. A Alphabet Inc. abrange várias empresas que foram pertencentes ou vinculadas ao Google, incluindo o próprio Google. Na próxima seção deste capítulo explicaremos essa relação com mais detalhes. A capitalização de mercado dessa holding diz respeito a todas as suas subsidiárias, incluindo o Google.

É neste contexto que, em 2018, o Google lançou o Google News Initiative (GNI), um programa de abrangência global que centraliza todas as suas iniciativas voltadas ao campo jornalístico. O GNI abrange uma série de atividades que incluem treinamento de profissionais - Google News Lab e do Training Center - e também o financiamento de projetos com potencial de inovação, tal como o Digital News Innovation Fund. As organizações jornalísticas também podem utilizar ferramentas de monetização disponibilizadas pela empresa, além de outros recursos para a produção de notícias - como é o caso do Google Imagens e do PublicData.

O GNI Innovation Challenge, objeto desta pesquisa, foi lançado também em 2018 e, por meio de rodadas de financiamento regional, tem como objetivo capacitar projetos inovadores e promover o desenvolvimento de novos modelos de negócios sustentáveis para o setor jornalístico. Em entrevista ao Podcast-se do portal brasileiro Comunique-se³, Marco Túlio Pires, coordenador do Google News Lab no Brasil, diz que a iniciativa busca “oferecer um espaço para que os veículos possam se arriscar e experimentar, o que não é possível no cotidiano das organizações”. Desde seu lançamento, o programa já distribuiu US\$ 26 milhões em financiamento para redações só na América Latina.

Apesar de ter diversificado seu catálogo de produtos e serviços, o buscador - que opera com a circulação e hierarquização de conteúdos, inclusive notícias - ainda é o carro chefe da empresa. Somado a isso, Marco Túlio afirma que o Google defende a web de fonte aberta e que para que isso seja possível eles “precisam garantir a qualidade de um ecossistema de comunicação que seja saudável e os jornalistas são parte do processo de mediação desse ambiente de troca de informações”. Assim, o coordenador do Google News Lab no Brasil diz que existe um interesse do Google pelo setor jornalístico “não só do ponto de vista idealista, de missão, mas também um interesse do ponto de vista de business, de negócio mesmo”. Com essas informações, podemos compreender que o Google investe no setor de notícias para qualificar o conteúdo que circula em sua plataforma, fazendo com que as pessoas ‘confiem’ nas informações disponíveis e continuem acessá-las.

Apesar de todas as suas deficiências, Mosco (2018) defende que os jornais historicamente equilibraram os requisitos comerciais com um conjunto de valores de notícias que aspiravam à objetividade, justiça e serviço às comunidades, juntamente com padrões éticos para repórteres e editores. Nesse novo cenário digital, onde as grandes empresas de tecnologia dominam o mercado, nos parece que o jornalismo é acionado justamente com esse objetivo, de exercer sua função social e atestar a credibilidade das informações que circulam pelas plataformas. Isso pode garantir ao Google, por exemplo, que os usuários continuem utilizando seus produtos e serviços.

Para se ter uma ideia, só em 2020, o GNI investiu US\$ 6,5 milhões em organizações de checagem de fatos e entidades sem fins lucrativos de todo o mundo que trabalham no combate às

³ Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/por-que-o-google-esta-investindo-dinheiro-em-jornalismo-e-como-se-beneficiar/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

informações falsas e enganosas sobre o coronavírus. Dessa forma, como o próprio Marco Túlio Pires afirma, “o futuro [do Google] está intrinsecamente amarrado ao futuro do jornalismo. Para a gente ser bem sucedido, o jornalismo precisa ser bem sucedido”.

Considerando as discussões apresentadas até aqui, entendemos que o fenômeno da inovação é bastante complexo e, quando pensamos no contexto tecnológico, envolve fortemente a mediação desses players globais que atualmente dominam o mercado. Também consideramos que o Google é um importante agente de inovação do campo jornalístico através de dois argumentos centrais: 1) o primeiro e mais notável deles refere-se ao investimento que a empresa faz em programas como o GNI Innovation Challenge, que tem como objetivo capacitar profissionais ou apoiar financeiramente projetos enviados por organizações do setor de notícias; 2) o segundo argumento está relacionado à ideia de que até mesmo os veículos que não são patrocinados pelo Google precisam das estruturas de suas plataformas para fazer circular conteúdos jornalísticos online e alcançar o público na internet.

4. Construções metodológicas

O Google News Initiative (GNI) Innovation Challenge é um programa de abrangência global lançado pelo Google em 2018 que tem como objetivo contribuir para a sustentabilidade e a melhoria da qualidade do jornalismo na era digital. As rodadas de financiamento foram organizadas pela equipe do GNI Innovation Challenge a partir da delimitação de cinco regiões: “América Latina”, “América do Norte”, “Ásia-Pacífico”, “Oriente Médio, África, Turquia”. Em relação ao volume de investimentos, na América Latina e na Ásia-Pacífico, o Google se propôs a investir até 250 mil dólares por projeto. No caso da América do Norte, o valor é de 300 mil dólares por proposta selecionada. No Oriente Médio, os projetos selecionados podem receber um valor de até 150 mil dólares.

Em cada região do mundo o GNI Innovation Challenge estabeleceu listas de países elegíveis a participar da seleção. A seleção de regiões e países elegíveis considerou características e contextos locais de cada país em relação à produção de notícias. O GNI Innovation Challenge estabeleceu, para cada região do mundo, temas específicos. As temáticas foram resultado de debates da empresa com editores jornalísticos em diferentes partes do mundo. No caso da região Ásia-Pacífico, o foco era em projetos que buscassem o engajamento de audiências; na América Latina, projetos com foco no desenvolvimento de modelos de negócio e novos produtos; na América do Norte, propostas para geração de renda e engajamento da audiência no contexto do jornalismo local; e no Oriente Médio, África, Turquia, projetos com foco no engajamento de leitores e novos modelos de negócio.

Os projetos foram avaliados por um júri, formado por executivos do Google e especialistas externos de cada região - portanto, existe um júri diferente para cada região, ainda que os nomes não sejam públicos. A equipe analisa as inscrições e entrevista uma seleção de candidatos. Em seguida, faz

sejam públicos. A equipe analisa as inscrições e entrevista uma seleção de candidatos. Em seguida, faz uma recomendação sobre o financiamento ou não dos projetos. As propostas são julgadas com base em quatro principais critérios: a) impacto no ecossistema de notícias: os projetos devem demonstrar potencial de impactar e engajar o público; b) inovação: a equipe de seleção prioriza propostas que tenham como característica uso de tecnologia, novos modelos de negócio e novas abordagens de envolvimento do leitor; c) viabilidade: os projetos devem apresentar indicadores e métricas claros ou até mesmo um plano de negócios; d) inspiração: disposição para compartilhar conhecimento, código-fonte aberto e/ou contribuição para a melhoria geral do ecossistema.

Nossa análise tem como foco o resultado da seleção de 2019 do GNI Innovation Challenge. Buscamos compreender quais são as características dos proponentes selecionados e dos processos de inovação por eles propostos. A coleta de dados empíricos foi realizada entre janeiro e abril de 2020, no site do GNI Innovation Challenge⁴. Para organizar os dados, construímos uma tabela no editor de planilhas Excel com as colunas “região”, “país” e “iniciativa”. Também extraímos, em um documento de texto, os sumários de cada proposta aprovada, conforme disponibilizados pelo GNI Innovation Challenge. Após, realizamos um mapeamento exploratório de todas as iniciativas e seus proponentes, registrando o detalhamento de informações históricas sobre cada organização, suas características institucionais e seus modelos de financiamento.

Quadro 1 - Número de projetos aprovados por região

Região	Projetos aprovados
América do Norte	33
América Latina	30
Ásia-Pacífico	23
Oriente Médio, África e Turquia	21
Total	107

Fonte: dos autores.

Para examinar o conjunto de projetos selecionados pelo programa Google News Initiative (GNI) Innovation Challenge, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 1977; FONSECA JÚNIOR, 2012; BAUER E GASKELL, 2010; HERSCOVITZ, 2007; DENCKER E VIÁ, 2001; MOZZATTO E GRZYBOVSKI, 2011) como método de pesquisa. Depois da coleta dos materiais da pesquisa, realizamos um mapeamento exploratório de todas as iniciativas selecionadas e suas respectivas proponentes, registrando o detalhamento de informações históricas sobre cada organização, suas características institucionais e seus modelos de financiamento. A codificação do material, nesse caso, ⁴ Disponível em <<https://newsinitiative.withgoogle.com/innovation-challenges/funding>>. Acesso em: 30 out. 2020.

não foi feita à priori, os parâmetros foram sendo estabelecidos conforme identificamos a presença de determinados elementos no material em análise. Em um segundo momento da etapa de exploração do material, analisamos os sumários de cada projeto selecionado, buscando compreender os processos de inovação por eles propostos. Aqui as categorias de análise foram estabelecidas em relação com a teoria, sendo elas: inovação organizacional, inovação de processo, inovação de produto.

A última etapa consiste no tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. Bardin (1977) destaca que nesta fase os resultados brutos devem ser tratados de maneira a tornarem-se significativos e válidos. Nesta etapa final, detalhamos os padrões e redundâncias encontradas nas propostas selecionadas pelo GNI Innovation Challenge e escrevemos as nossas considerações sobre o material analisado. Considerando os critérios de inovação propostos pelo GNI Innovation Challenge, realizamos observações flutuantes dos conteúdos dos sumários que, em relação com os debates teóricos sobre sistemas de inovação e processos de inovação propostos por Sundbo e Gallouj (1999), nos permitiu a construção das categorias de análise: inovação organizacional, inovação de produto e inovação de processo.

Quanto aos tipos de iniciativas selecionadas, notamos um equilíbrio na seleção de projetos propostos por “marcas de mídia estabelecidas” nas quatro regiões do mundo - o valor rapidamente inferior na região “América do Norte” se justifica pela maior distribuição dentro da região entre distintas categorias de organizações - como agências de conteúdo e de notícias. Essa categoria totaliza 56,5% dos projetos selecionados na região Ásia-Pacífico, 56,6% na região “América Latina”, 45,4% na “América do Norte” e 57,1% em “Oriente Médio, África e Turquia”.

Quadro 2 - Distribuição geográfica por categoria jurídica dos proponentes

Categorias dos proponentes	Ásia-Pacífico		América Latina		América do Norte		Oriente Médio, África e Turquia	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Marca de mídia estabelecida	13	56,5%	17		15	45,4%	12	57,1%
Org. sem fins lucrativos	2	8,6%	6		7	21,2%	1	4,7%
Startups	1	4,3%	4		4	12,1%	2	9,5%
Empreendimentos sociais	4	17,3%	1	3,3%	1	3,0%	0	0%
Mídia independente digital	3	13%	1	3,3%	0	0%	2	9,5%
Agências de conteúdo	0	0%	1	3,3%	1	3,0%	3	14,2%
Agências de notícias	0	0%	0	0%	1	3,0%	0	0%
Empresa de tecnologia	0	0%	0	0%	0	0%	1	4,7%
Institutos de Pesquisa	0	0%	0	0%	4	12,1%	0	0%
	23		30		33		21	

Fonte: dos autores

De outro lado, a soma dos projetos selecionados nas categorias “organizações sem fins lucrativos”, “empreendimentos sociais” e “mídia independente” também nos permite reconhecer certo equilíbrio entre os selecionados. Na região Ásia-Pacífico, são 9 projetos selecionados nas três categorias, num total de 38,9%. Na América Latina são 8 projetos, que representam 26,6% dos selecionados da região. Na América do Norte foram selecionados 8 projetos nas três categorias, ou 24,2%. No entanto, na região Oriente Médio, África e Turquia a soma das categorias totaliza 3 projetos, o que corresponde a 14,2%. Além disso, nos parece relevante salientar o baixo número de universidades e institutos de pesquisa selecionados, e sua concentração nos Estados Unidos (4 projetos, que representam 12,1% dos selecionados na região).

5. Características de inovação presentes nos projetos financiados pelo Google News Initiative - Innovation Challenge em 2019

Nossa classificação levou em consideração os trabalhos de Sundbo e Gallouj (1999) que distribuem os processos de inovação em quatro tipos específicos: inovação de produto, inovação de processo, inovação organizacional e inovação de mercado. Sintetizamos as categorias inovação de produto e inovação de mercado em uma única categoria porque reconhecemos em nossa análise que, no campo jornalístico, o desenvolvimento de um novo produto está intrinsecamente associado à exploração de um novo nicho de mercado, uma vez que a geração desse novo produto é destinada a um público específico. Sendo assim, nossas categorias de análise são: inovação organizacional, inovação de processo e inovação de produto.

Ainda que existam diferenças regionais, de modo geral, o foco do programa é a sustentabilidade de negócios jornalísticos por diversos motivos. Em alguns casos os veículos estão situados em locais com um sistema jornalístico mais frágil e em outras situações os proponentes integram um substrato do sistema noticioso que tem dificuldade de se autofinanciar (como é o caso de jornais locais). Há também exemplos de organizações que têm dificuldades de arcar com os custos operacionais vinculados à tecnologia e ainda experiências comunitárias ou de nichos específicos (como o jornalismo investigativo). Observamos, num primeiro momento, que 61,3% dos projetos financiados foram categorizados como de inovação organizacional (65 projetos), enquanto 22,6% referem inovações de processo (24 projetos) e 16% referem inovações de produto (17 projetos). O GNI Innovation Challenge não disponibilizou informações sobre o projeto enviado pela organização indonésia Asumsi.Co e, por conta disso, ele não foi categorizado nesta análise.

5.1 Inovações organizacionais

Inovações organizacionais dizem respeito à "implementação de novos métodos organizacionais,

tais como mudanças em práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas da empresa” (OCDE/EUROSTAT, 2005, p.23). No caso da análise, 61,3% dos projetos financiados se referem a este tipo de inovação, e descrevem projetos que buscam a construção ou consolidação de modelos de negócio baseados em recursos providos pelos leitores e na diversificação de receitas. Pudemos observar alguns padrões relevantes entre as propostas selecionadas, como o desenho de modelos e estratégias de monetização dos conteúdos, o desenvolvimento de ferramentas open source para recebimento de recursos e relacionamento com clientes, soluções tecnológicas para relacionamento com anunciantes e, de modo mais tímido, iniciativas que buscam associar soluções tecnológicas nativas da internet para o desenvolvimento de alternativas de monetização para jornais.

Assim, uma parte dos projetos está descrita de forma genérica a partir de uma necessidade central: o desenvolvimento de um modelo de negócio que permita a sustentabilidade do trabalho jornalístico. Dentre esses casos estão experiências locais muito particulares, como da indiana Chambal Media, que tem como objetivo o desenvolvimento de um modelo de monetização viável e replicável para o jornalismo rural local. Também é o caso da Frontier Myanmar que, incluída em um contexto político particular, busca a construção de um sistema de assinaturas para conteúdos locais que permitam a sustentabilidade do jornal, de modo que ele possa fazer relatórios amplos com foco internacional e acesso gratuito. Veículos nativos digitais que buscam estabilizar sua profissionalização, como Nómada da Guatemala e a Associação Desenrola do Brasil, também estão incluídos nesse eixo de proposições.

O desenho para financiamento do negócio também inclui modelagens de programas e pacotes de assinatura, que precisam considerar a pulverização de investimentos dos leitores entre múltiplos projetos. Assinaturas personalizadas para grupos é a proposta da australiana Crikey, enquanto a PressPatron, da Nova Zelândia, sugere modelos flexíveis de assinatura, em que o leitor pode contribuir com qualquer quantia, conforme sua disponibilidade financeira. Outro exemplo bastante particular é o da japonesa Iwate Nippo, que sugere o oferecimento de um serviço especializado para consumidores idosos (parcela crescente do público do jornal), com sistema de acesso à serviços de saúde, cupons de descontos e informações por voz.

Em uma perspectiva mais específica aparece a oferta de conteúdos premium para assinantes. A migração de canal aberto para paywall ou assinaturas é um processo delicado para empresas pequenas e/ou jovens. A australiana Women’s Agenda é um exemplo: se consolidou como marca de mídia após seu sucesso como blog, mas tem dificuldades para fidelizar seus assinantes por conta das restrições financeiras de um negócio jornalístico novo e de nicho. No mesmo sentido, as norte-americanas MediaNews Group e a MuckRock Foundation têm como proposta a possibilidade de oferta de conteúdo exclusivo para “loyal audiences” e “passionate readers”⁵.

A recomendação e personalização de conteúdos aparece como proposta de melhoria do modelo

⁵ Em tradução livre: “públicos leais” e “leitores apaixonados”.

de negócio em alguns projetos, como a ZGM Daily da Mongólia, a revista CommonWealth de Taiwan, o veículo Haaretz de Israel e a Ringier Africa Digital Publishing da Nigéria. As propostas sugerem integrar um sistema de recomendação de conteúdos ao sistema de workflow da redação, de modo que os serviços destinados aos assinantes sejam baseados nos hábitos de leitura dos membros pagos.

Mas e se a experiência dos leitores pudesse ser transformada em um programa de recompensas? Estratégias de gamificação da relação entre leitor e conteúdos foram propostas por seis projetos selecionados: o Malaysiakini da Malásia, o sul coreano Maeil Business Newspaper, o Singapore Press Holdings de Cingapura, o Israel Hayom, o L'Orient-Le Journ do Líbano e o brasileiro Estadão. No caso deste último, a solução está direcionada para a construção de relacionamento com novos leitores, na faixa etária de 18 a 24 anos - o número de artigos lidos, a frequência das visitas e o tempo gasto no site do jornal são exemplos de comportamentos que contribuem na pontuação geral do leitor, que é revertida em níveis de acesso gratuito a conteúdos premium.

Outra problemática recorrente nos projetos é a incapacidade de veículos pequenos ou médios de aderirem a sistemas e serviços proprietários para gestão jornalística. Muitas das propostas apoiadas pelo GNI Innovation Challenge dizem respeito à construção de ferramentas para montagem de planos de assinatura (com capacidade de recebimento de pagamentos pelo usuário) e ferramentas de monitoramento e relacionamento com o leitor. Essas soluções são comuns no mercado digital, mas em geral possuem custos de aquisição ou taxas por transação, muitas vezes inviabilizando a adesão de pequenos negócios. Além disso, em geral não são concebidas especificamente para o negócio de notícias. Parte relevante (26,9%) dos projetos classificados como de inovação organizacional tem como proposta o desenvolvimento de ferramentas de gestão para jornais. São plataformas de crowdfunding open source (como a proposta do Hong Kong Free Press de Hong Kong) ou plataformas de micropagamento (como sugerem a argentina Periodismo.com e a chilena Revenu), além de sistemas híbridos - com possibilidade de implementação de paywall, pagamento e CRM⁶ (como é a ideia da argentina Tiempo Argentino). Dois exemplos bem peculiares são a University Radio Foundation, dos Estados Unidos, que sugere a criação de uma plataforma de crowdfunding em que os membros da comunidade possam sugerir, para veículos da região, pautas que estão dispostos a financiar, e a australiana Community Broadcasting Association of Australia, que propõe um sistema para streaming de rádios comunitárias em toda a Austrália, associada a uma plataforma para que os veículos possam receber doações financeiras. O estado-unidense Okayplayer também propõe algo parecido: criar uma plataforma de crowdfunding e micropagamento para que o leitor possa realizar doações para projetos específicos de jornalismo investigativo que sejam de seu interesse. Além destes, o El Faro, de El Salvador, o uruguaio La Diaria

⁶ Sigla da expressão em inglês “Customer relationship management”. O termo pode ser traduzido para a língua portuguesa como Gestão de Relacionamento com o Cliente. Foi criado para definir toda uma classe de sistemas de informações ou ferramentas que automatizam as funções de contato com o cliente.

e o projeto Africa Uncensored sugerem o desenvolvimento de ferramentas de interação entre leitor e veículos, como mediação de debates e proposições de pautas.

De outro lado, um conjunto de ferramentas tem como fundamento a necessidade de monitoramento do comportamento da audiência e funcionalidades para relacionamento com clientes. O projeto Zoltar News, da argentina Infobae, é um exemplo. A proposta é o uso de inteligência artificial e machine-learning para desenvolvimento de uma ferramenta que permita coleta de dados estratégicos a partir do comportamento de navegação dos leitores tanto para uso comercial, quanto para desenvolvimento de produtos e no cotidiano da redação. Já a norte-americana Maine Today propõe o desenvolvimento de uma solução que una as tecnologias open source do Wordpress (gerenciador de conteúdos) e Apache Unomi CDP (plataforma de dados de consumidores). A israelense AnyClip tem como objetivo o desenvolvimento de uma plataforma de transmissão de vídeo no estilo OTT⁷ que pode ser adicionada a qualquer site, chamada de Luminous Watch. A solução utiliza inteligência artificial e técnicas de machine-learning para que, à medida que os espectadores se envolvam com o conteúdo, a plataforma possa entender automaticamente seus interesses e organizar playlists e canais de conteúdo relacionado.

Ainda que apostem na diversificação de receitas, muitas empresas não podem abrir mão dos investimentos aportados por anunciantes. Desenvolver soluções para o relacionamento com anunciantes ou para a personalização e automatização de anúncios com vistas a conquistar novos investidores continua sendo relevante. São seis as propostas apoiadas pelo GNI Innovation Challenge neste contexto em particular. Uma das mais interessantes é da peruana Editora El Comercio, que propõe o desenvolvimento de uma solução para segmentos de marketing do tipo SME e SOHO (segmentações de marketing para pequenas ou micro empresas e empreendedores individuais). A ideia é que pequenos anunciantes possam customizar de forma automatizada campanhas de publicidade em diferentes canais de um mesmo veículo, incluindo redes sociais e distintos produtos da marca de mídia (como impresso e digital). A Local Media Association, dos Estados Unidos, pretende desenvolver uma plataforma onde projetos de jornalismo consigam identificar e contatar possíveis entidades financiadoras. Além destas, o norte-americano Scripps pretende desenvolver uma ferramenta para que anunciantes gerem peças de publicidades automatizadas para podcasts.

Por fim, duas iniciativas apoiadas pelo GNI Innovation Challenge têm como proposta o desenvolvimento de soluções tecnológicas para monetização a partir do consumo de notícias. A australiana GNM, do grupo britânico Guardian, propõe uma ferramenta para inserção automatizada de clips de publicidade de rich media em produtos de áudio, como podcasts. Ainda na linha dos podcasts, a agência de conteúdo Sowt Podcasting da Jordânia, pretende criar uma rede de curadoria de

⁷ Sigla da expressão em inglês “over-the-top” que refere-se a um serviço de mídia de streaming oferecido diretamente aos espectadores pela internet.

podcasts que tem como objetivo promover a descoberta e o interesse do público por esses conteúdos e, conseqüentemente, facilitar a monetização dos mesmos. A indiana Turkbox propõe monetizar o acesso dos leitores aos conteúdos através de um sistema em que o leitor realiza uma tarefa para visualizar a notícia. A partir do uso de recursos de captcha, a proposta do serviço é mediar as necessidades de empresas que demandam classificação de informações, repassando parte dos recursos para os veículos.

Na região denominada Oriente Médio, África e Turquia existe uma preocupação peculiar em relação ao idioma árabe, sendo que dois projetos categorizados como inovações organizacionais oferecem alternativas a essa problemática. Considerando que a estrutura semântica da internet está baseada no inglês e que os sistemas de busca têm dificuldade em encontrar projetos no idioma árabe, o projeto da Al Bawaba News pretende aplicar técnicas avançadas de machine-learning para melhorar a pesquisa semântica nesse idioma. Para isso, eles vão utilizar um conjunto de reportagens já existentes para treinar uma inteligência artificial que seja capaz de compreender e taggear conteúdos em árabe. Já a solução da startup libanesa Jawla consiste no desenvolvimento de uma plataforma que classifica, organiza e distribui notícias escritas no idioma árabe de maneira relevante, inteligente e personalizada para os usuários da Internet, fazendo com que os veículos possam atingir um público maior e ampliar sua capacidade de monetização.

5.2 Inovações de processo

Em 21,7% das iniciativas selecionadas reconhecemos propostas vinculadas à tipologia de inovação de processo (23 projetos). As inovações de processo representam “mudanças significativas nos métodos de produção e de distribuição” (OCDE/EUROSTAT, 2005, p. 23). Consideramos nesta categoria projetos que impliquem mudanças ou refinamentos nos processos de produção do jornalismo. Dentre as principais questões apontadas pelos projetos selecionados reconhecemos: o incremento em ferramentas e repositórios para trabalho com jornalismo de dados, o desenvolvimento de ferramentas técnicas para o tratamento de imagem e som, o desenvolvimento de ferramentas que colaborem nos processos de apuração e na construção narrativa, e projetos focados na interação com leitores e uso de métricas.

São oito as iniciativas vinculadas ao jornalismo de dados, o que representa 34,7% dos projetos tipificados como inovação de processos. As questões centrais, nesse contexto, são a estruturação e consolidação de bases de dados, uso de APIs para alimentação continuada de plataformas de dados e o desenvolvimento de ferramentas para que jornalistas possam construir relações entre os dados e gerar visualizações. Novamente, o esforço está em gerar soluções pensadas a partir das necessidades e das rotinas do jornalismo. Na América Latina, três projetos propõe consolidar plataformas de dados sobre temas específicos para o trabalho de investigação: no Brasil, AzMina pretende mapear os projetos

de lei e atuação de políticos no que se refere aos direitos das mulheres, enquanto Congresso em Foco pretende construir uma plataforma com dados abertos do congresso nacional e do governo brasileiro. Na Costa Rica, o Centro Latinoamericano de Investigación Periodística pretende consolidar uma plataforma com dados públicos e privados (doados à entidade) sobre corrupção em toda a região. Duas organizações norte-americanas, a ASU Cronkite School of Journalism e a ABC Owned Television Stations, aprovaram projetos para a construção de ferramentas para raspagem e visualização de dados. Por fim, uma ferramenta interessante, proposta pela brasileira Abraji, o CruzaGrafos pretende facilitar a checagem cruzada em grandes bancos de dados.

Dentre as soluções para produção de conteúdos em áudio e vídeo encontramos seis projetos, valor que totaliza 26% desta categoria, dentre os quais se destacam o brasileiro Grupo Bandeirantes e o norte-americano Michigan Radio - que pretendem construir soluções para captação automatizada de áudio, vídeo e texto. No Brasil, a rede de televisão e rádio precisa acelerar o tempo entre uma transmissão ao vivo (de áudio ou vídeo) e a sua publicação como VOD⁸ nas plataformas digitais. O sistema chamado REC será o responsável por capturar áudios e vídeos das transmissões para um repositório acessível para as redações multiplataforma. Já a ferramenta The Michigan Radio Public Meeting Tracker fará a captura de áudios e suas transcrições em texto, de modo a facilitar o trabalho dos jornalistas que precisam trabalhar com a cobertura de audiências públicas de diversas cidades, transmitidas pela internet. Além dessas iniciativas, o projeto enviado pela startup canadense Earbank tem como objetivo disponibilizar áudios de coberturas e matérias para uso compartilhado por diferentes veículos, mediando o pagamento dos direitos de uso dos materiais entre as diferentes organizações. O projeto enviado pelo veículo The National, dos Emirados Árabes Unidos, revela novamente desafios relacionados ao idioma árabe e a solução proposta por eles visa desenvolver, em parceria com o Google, uma ferramenta que realize a conversão de texto em áudio nos idiomas inglês e árabe.

Ferramentas narrativas, como a plataforma para a produção de newsgames proposta pela Asociación Convoca, do Peru, e de apuração, como o Archive Intelligence, da argentina Croma, são soluções interessantes, também aprovadas pelo GNI Innovation Challenge. No caso da Croma, o uso de inteligência artificial para a recuperação de conexões entre personagens, temas, locais de uma cobertura tem potencial de colaborar na produção de conteúdos de memória ou na cobertura aprofundada de assuntos do momento. O La Nación, da Costa Rica, sugeriu a construção de uma iniciativa de checagem de informações a partir de um consórcio de veículos locais, acelerando a capacidade de resposta de pequenas redações.

No contexto das interações com os leitores ainda encontramos uma proposta para o monitoramento de hábitos de leitura como ferramenta para tomadas de decisão dos editores sobre a

⁸ Sigla da expressão em inglês “Video on Demand”. O termo pode ser traduzido para a língua portuguesa como “Vídeo sob Demanda”

montagem de capas dos jornais - Southern California News Group, dos EUA, e uma plataforma de rede social para bairros em que o conteúdo informativo decorre da curadoria de jornalistas - a Nabur é um projeto da Wick Communications, também dos EUA.

5.3 Inovações de produto

Dentre as inovações de produto, que totalizam 17 iniciativas e representam o menor percentual (16%) de projetos selecionados, encontramos iniciativas de seis novos veículos ou editorias de jornalismo local ou segmentação, todos na América do Norte (sendo que apenas um deles no Canadá). De acordo com o Manual de Oslo, “inovações de produto envolvem mudanças significativas nas potencialidades de produtos e serviços. Incluem-se bens e serviços totalmente novos e aperfeiçoamentos importantes para produtos existentes” (OCDE/EUROSTAT, 2005, p.23). As iniciativas selecionadas pelo GNI Innovation Challenge que enquadramos na categoria ‘inovação de produto’ respondem a demandas muito particulares, de minorias por exemplo, ou estão relacionados a uma estratégia de fidelização focada no hiperlocal, como no caso dos bairros de grandes cidades e na criação de novos nichos de mercado, para consumidores de notícia ainda não atendidos pela empresa de jornalismo. Para exemplificar, a organização estadunidense Independent Television Service pretende ajudar canais de televisão locais a financiarem produções sobre comunidades de cor porque acreditam que isso proporciona uma maior representatividade e poderia gerar mais assinaturas.

Além desses, um veículo do Paquistão, Jang Media Group, foi selecionado com um projeto que pretende digitalizar as edições do jornal impresso desde seu surgimento - há 70 anos; também temos a proposta de uma plataforma de jornalismo infantil na Colômbia (organização Galvis Ramírez y Cia) e de um produto especializado na cobertura tributária no Brasil (Jota). A revista Piauí, também do Brasil, foi selecionada com um projeto chamado “refinaria de histórias”, em que pretende adaptar conteúdos publicados em sua revista impressa e portal digital em crossmídia para minisséries, filmes de ficção e documentários a partir de vídeos sob demanda.

Produtos relacionados à fake news apareceram em apenas dois dos projetos selecionados. O brasileiro Aos Fatos pretende desenvolver um monitor sobre desinformação que medirá em tempo real as peças de desinformação mais populares, buscadas e compartilhadas em todo o país, enquanto o também brasileiro Jornal do Comercio pretende disponibilizar uma ferramenta automatizada para que o leitor possa identificar quando um determinado conteúdo é verdadeiro ou fraudulento.

As iniciativas tipificadas como inovação de produto situadas na região Oriente Médio, África e Turquia somam 4 e todas elas estão relacionadas à participação do leitor e da comunidade na dinâmica de produção do veículo. Por exemplo, a proposta da Apex Admedia é o desenvolvimento de um aplicativo, o GhanaWeb, que permite que os usuários possam publicar conteúdos que eles mesmos

produziram. Além disso, podem compartilhar conteúdos de outros usuários e, se atender às diretrizes editoriais, existe a possibilidade do material ser publicado no site oficial do veículo. Já o projeto enviado pelo veículo africano Food for Mzansi quer capacitar pequenos agricultores a produzirem reportagens básicas, filmagens e edição de vídeos para contar histórias que eles consideram interessantes.

Por fim, o projeto *CodigoPostar.com*, da mexicana Editorial Martinica, tem como objetivo a produção automatizada de notícias locais, georeferenciadas por códigos postais e apresentadas em sites direcionados para cada micro-região. A proposta da organização é que o foco hiperlocal desses sites de pequena escala possam diversificar os recursos do veículo e que a automação seria um modelo de operação com baixo impacto para a redação, resultando em uma alternativa de sustentabilidade para o veículo.

6. Considerações

Este trabalho teve como objetivo geral compreender de que maneira as características de inovação se manifestam nos projetos financiados pelo GNI Innovation Challenge no mundo em 2019. Ao longo do nosso percurso metodológico, percebemos que, mesmo que o Google tenha indicado diferentes temáticas para cada uma das regiões participantes, de modo geral, a rodada 2019 do programa demonstrou especial interesse em financiar iniciativas que tenham como foco o desenvolvimento de modelos de negócio ou estratégias específicas de sustentabilidade para veículos e organizações. Essa, portanto, é uma característica relevante dos projetos selecionados e que se reflete nos resultados de nossa pesquisa. Enquadramos 65 propostas na categoria inovação organizacional, número que representa 61,3% do total de 107 projetos selecionados pelo programa. Essas iniciativas dizem respeito a mudanças nas práticas de negócio, na organização do trabalho, no gerenciamento de processos e nas relações externas à organização. A predominância de inovações do tipo organizacional justifica-se pelo fato de que as proponentes desenharam seus projetos de modo que pudessem atender aos requisitos do edital para receber o financiamento e, dessa maneira, podemos constatar que o Google é indutor de um tipo específico de inovação em cada uma das regiões participantes. Por sua vez, as categorias inovações de processo (24 projetos) e inovações de produto (17 projetos), representam, respectivamente, 22,6% e 16% do total de projetos selecionados.

Outra consideração importante sobre nossa análise está relacionada aos diferentes graus de inovação em cada uma das regiões/países participantes. De modo geral, podemos avaliar que existe uma discrepância a respeito do que é considerado inovador em cada região/país e que essa noção está associada aos efeitos das conjunturas sócio-políticas (desenvolvimento econômico, avanço do mercado de tecnologia, incentivos à inovação, entre outros fatores). Na região Ásia-Pacífico, as soluções enviadas pelas proponentes, em linhas gerais, são mais rudimentares se comparadas com as

propostas enviadas pelos Estados Unidos, por exemplo. Ainda que muito mais simples, essas soluções ainda são consideradas inovadoras se pensarmos no contexto que aquela organização ou veículo está inserido. Os projetos que descrevemos ao longo de nossa análise nos permitem questionar se é realmente possível examinar a inovação ao redor do mundo a partir de um único critério. Essa consideração sinaliza a necessidade e a importância de expandirmos a discussão sobre os graus de inovação, uma vez que as propostas enviadas estão fortemente condicionadas pelo contexto local e há uma desigualdade se considerarmos uma leitura global das propostas selecionadas pelo programa.

O nosso objeto de análise abrange um fenômeno recorrente - o financiamento de iniciativas pelas big techs - mas ainda pouco conhecido e aprofundado em pesquisas do campo jornalístico. Examinamos os projetos financiados pelo GNI Innovation Challenge na rodada 2019 a partir de uma perspectiva transnacional, o que é fundamental quando pensamos no contexto da tecnologia e da plataformização.

Embora estejamos cientes de que esse trabalho não consegue dar conta da complexidade da discussão sobre inovação no jornalismo, acreditamos que ela representa um esforço importante para compreender as transformações que estão acontecendo em nosso campo profissional. Através deste estudo, conseguimos identificar, mesmo que em linhas gerais, algumas das demandas que as organizações jornalísticas têm em diferentes regiões do mundo e os desafios que enfrentam no desenvolvimento de iniciativas inovadoras. Outro ponto que merece destaque refere-se aos diferentes graus de inovação que reconhecemos através da análise do sumário de cada um dos projetos selecionados e que estão fortemente condicionados pelas condições econômicas, políticas e sociais de cada uma dessas regiões. Também propomos um debate bastante atual - sobre o interesse do Google em financiar projetos de jornalismo com potencial de inovação - e que ainda é pouco recorrente, pelo menos na literatura nacional.

Referências

ANDERSON, Christopher William. Blowing up the newsroom: Ethnography in an Age of Distributed Journalism. In: Domingo, D; Paterson, C. (Eds), Making Online News. New York: PeterLang, 2011.

ANDERSON, Christopher William. BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Post-Industrial Journalism – Adapting to the Present. New York: Tow Center for Digital Journalism, 2014. Relatório. Disponível em: <<https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8N01JS7>>. Acesso em: 17 maio 2020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, som e imagem: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Jornalismo, inovação e empreendedorismo: questões sobre modelos de negócio em contexto de crise. LÍBERO, São Paulo - SP, v. 21, n. 41, p. 74-87, jan/jun. 2018.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; VARGAS, Greyce. A busca por inovação através de decisões estratégicas baseadas em métricas de audiência: os casos de GaúchaZH e Folha de S.Paulo. E-compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v. 21, n.3, set/dez. 2018.

BODLE, Robert. Regimes of sharing. Information, Communication & Society, v. 14, n. 13, p. 320-337, 2011.

CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan; LUNA, Diógenes de; TORRES, Vitor; BACCIN, Alciane; MARQUES, Alberto. Jornalistas e tecnoatores: a negociação de culturas profissionais em redações on-line. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre - RS, v. 23, n. 3, jan/abr. 2016.

COSTA, Andriolli Brites da. Jornalismo robô e jornalismo robotizado. Mudanças estruturais a partir da interação mediada por dispositivos. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 14, 2016, Palhoça-SC. Anais... Brasília - DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2016.

COSTA, Andriolli Brites da. Jornalismo robô e jornalismo robotizado. Mudanças estruturais a partir da interação mediada por dispositivos. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 14, 2016, Palhoça-SC. Anais... Brasília - DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2016.

CREECH, Brian; NADLER, Anthony M. Post-industrial fog: Reconsidering innovation in visions of journalism's future. *Journalism*, v. 19, n. 2, p. 182-199, 2018.

DA SILVA, Giuliander Carpes et al. Como as plataformas digitais provocaram uma ruptura no modelo de jornalismo consolidado no século XX. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 22, n. 1, p. 161-178, 2020.

DENCKER, Ada de Freitas Manetti; VIÁ, Sarah Chucid de. Pesquisa empírica em ciências humanas com ênfase em comunicação. 2^o ed. São Paulo: Futura, 2001.

ELDRIDGE II, Scott. Repairing a fractured field: Dynamics of collaboration, normalization and appropriation at intersections of newswork. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, vol 7, n. 3, p. 541-559. 2018.

EVANS, David; SCHMALENSEE, Richard. Matchmakers: The New Economics of Multisided Platforms. Cambridge: Harvard Business Review Press, 2016.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 280-304.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis - SC, ano VII, n^o1, p. 8-18. 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. *GEINTEC*, São Cristóvão - SE, v. 4, n. 4, p. 1329-1339. 2014.

GAWER, Annabelle. Bridging differing perspectives on technological platforms: Toward an integrative framework. *Research Policy*, v. 43, n. 7, p. 1239-1249, 2014.

GROHMANN, Rafael. Inovação como fórmula discursiva convocatória para as práticas jornalísticas: sentidos mobilizados por textos do Observatório da Imprensa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo - SP. Anais... São Paulo - SP: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2016.

GROHMANN, Rafael; ROXO, Michelle. Os discursos sobre o jornalista-empendedor em sites especializados na cobertura do campo profissional. Contemporânea, Salvador - BA, v. 13, n.2, p. 471-486, mai/ago. 2015.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. Media + Society, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2015.

HERSCOVITZ, Heloisa. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.

LAFORME, Ren. As Google shifts to mobile, its referrals to news sites keep growing. Poynter, 9 agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.poynter.org/tech-tools/2018/as-google-shifts-to-mobile-its-referrals-to-news-sites-keep-growing/>>. Acesso em: 30 dez. 2020.

LONGHI, Raquel Ritter; FLORES, Ana Marta. Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S. Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. In: Intercom – RBCC, São Paulo - SP, v. 40, n. 1, p. 21/40, jan/abr. 2017.

MOSCO, Vincent. Social media versus journalism and democracy. Journalism, v. 20, n. 1, p. 181-184, 2019.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba - PR, v. 15, n. 4, p. 731-747, jul./ago. 2011.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE/EUROSTAT. Manual de Oslo: proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica. 2005. Tradução para o português: FINEP. Disponível em: http://www.finep.gov.br/dcom/brasil_inovador/capa.html. Acesso em: 30 mai. 2020.

PARCU, Pier Luigi. New digital threats to media pluralism in the information age. *Competition and Regulation in Network Industries*, v. 21, n. 2, p. 91-109, 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, Porto Alegre - RS, v. 1. n. 4. p. 38-57, jan./jun. 2011.

RAMOS, Giovanni Ricardo. Novos modelos para o jornalismo regional - Um estudo do jornal Sermos Galiza. 2018. 119 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Jornalismo) - Faculdade de Artes e Letras, Universidade Beira Interior, Covilhã - Portugal, 2018.

SAAD, Elizabeth. Inovação e empresas informativas: aliados, inimigos ou em permanente estado de “discussão da relação”? *Revista Parágrafo*, São Paulo - SP, v. 2, n. 2, p. 72-87. 2016.

SMYRNAIOS, Nikos. *Internet Oligopoly: The Corporate Takeover of Our Digital World*. Bingley: Emerald Publishing, 2018.

SUNDBO, Jon.; GALLOUJ, Faïz. *Innovation in Seven European Countries: the results of work package 3-4 of the SI4S Project*. Report 99: 1, Roskilde: Centre of Service Studies, Roskilde University, 1999.

TAVARES, Camilla Quesada. O que se sabe sobre a crise do jornalismo? Uma revisão da literatura internacional. In: *Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, 15, 2017, São Paulo - SP. Anais... Brasília - DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2017.

VIEIRA, Karine Moura; RAVAZZOLO, ngela. Novos negócios em Jornalismo: um cenário de possibilidades. *Verso e Reverso*, São Leopoldo - RS, v. 31, n. 77, p.161-171. 2017.

Relatos das
Redes de Pesquisa da SBPJor

JorTec e SBPJor: parceria na reflexão e pesquisa sobre jornalismo e tecnologia

Adriana Barsotti
Alciane Baccin
Alessandra de Falco

Claudia Quadros
Elaide Martins
Maíra Evangelista de Sousa
Marlise Brenol
Mirna Tonus
Raquel Ritter Longhi

Este capítulo é dedicado ao colega Benedito Medeiros Neto, in memoriam

No ano de 2021, a Rede JorTec realizou a sua trigésima-primeira mesa coordenada no Congresso da SBPJor. De fato, foram quatro mesas coordenadas, numeradas de 28a a 31a, mantendo uma trajetória de participação ativa nos Encontros da SBPJor. Primeira rede de pesquisa filiada à entidade, a JorTec vem pensando a pesquisa aplicada em jornalismo e tecnologias digitais desde o ano de 2007. Desde a primeira coordenada, organizada em 2008, pesquisadores de todas as partes do País se reúnem para mostrar suas pesquisas e discutir os rumos do jornalismo e da tecnologia na nossa área. Como mostrado por Carlos Franciscato e Gerson Martins (2020), três núcleos temáticos centrais marcam a atuação da JorTec: o Jornalismo, as Tecnologias Digitais e as Metodologias. Daí ramificam-se as demais preocupações teóricas, conceituais e metodológicas dos pesquisadores da JorTec, que se multiplicam em coordenadas a cada evento da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Como salientaram Franciscato e Martins (2020), a respeito desses três núcleos:

No primeiro, há a grande recorrência do termo jornalismo e, em menor grau, jornalismo digital, além de modalidades mais específicas. No segundo, a própria expressão tecnologias digitais está presente com frequência, mas também foram utilizadas manifestações variadas destas tecnologias, tais como plataformas digitais, sistemas computacionais, redes sociais, sistemas de gerenciamento, etc. Em terceiro, pode-se citar que algumas comunicações coordenadas afirmaram a preocupação da JorTec no desenvolvimento de metodologias de pesquisa que convergem as áreas do jornalismo e das tecnologias digitais, assim como o destaque para tipos específicos de investigação mais característicos da JorTec, como a pesquisa aplicada e a inovação. (FRANCISCATO e MARTINS, 2020: 174)

No Congresso da SBPJor de 2021, tais temáticas continuam sendo o núcleo duro da JorTec, nesta edição incluindo abordagens no ensino do jornalismo, nas estratégias narrativas, nas modalidades jornalísticas, na tecnologia e na transparência pública da informação. Desta forma, foram realizadas quatro sessões coordenadas, que serão comentadas neste capítulo.

Um mundo de ideias, debates e intercâmbios

O ensino do jornalismo na contemporaneidade é suficiente para abarcar todas as transformações na profissão que ocorreram nos últimos anos? De que modo o jornalismo digital tem sido abordado nos cursos superiores brasileiros? Com tantos novos desafios, é necessário refletir sobre questões importantes, como o uso da Inteligência Artificial nas redações, implicações relacionadas aos algoritmos, ao Big Data, à desinformação, à ética, à literacia de dados, que implicam em novas responsabilidades e riscos para o ofício de jornalista. Esta foi a proposta da mesa coordenada “Os desafios e o ensino do jornalismo digital no século XXI”, que teve por objetivo evidenciar movimentos na pesquisa, no mercado e, sobretudo, no ensino para compreender como é possível formar um jornalista mais analítico diante do contexto de convergência.

Outro aspecto que a mesa pretendeu debater foi o da desinformação. Pesquisa feita em oito países, inclusive o Brasil, pelo Reuters Institute for the Study of Journalism, em 2021, revelou que 30% dos respondentes disseram ter visto circular "muita informação falsa" nas redes sociais sobre a Covid-19 (NEWMAN et al, 2021). De que maneira o ensino de jornalismo pode contribuir com a educação para o consumo de mídia na sociedade? Sob a coordenação das professoras Adriana Barsotti (UFF) e Claudia Irene Quadros (UFPR), foram apresentados cinco artigos científicos em torno dos temas aqui propostos.

Para situar o problema da desinformação, o artigo Fluxo Informacional e fake news: um estudo bibliométrico sobre a produção científica em crossref metadata search, Google acadêmico e Scopus, de Álvaro Pino Coviello (UFPR) e Rodrigo Eduardo Francisco Botelho (UFPR), trouxe importantes contribuições para a compreensão das abordagens sobre o tema a partir de bases de dados científicas. A partir de pesquisa exploratória e bibliométrica, os autores concluíram que existem artigos sobre Fluxo Informacional em diferentes disciplinas e artigos sobre Fake News em geral, mas sem foco no fluxo como objeto central das pesquisas. Ou seja, não existe uma produção científica específica sobre Fluxo Informacional de Fake News. No entanto, Coviello e Botelho observaram que o interesse pelo assunto está crescendo desde 2017, com publicações que começam a abordar aspectos que interessam à pesquisa dos autores.

A desinformação também foi o foco do trabalho #HoradeVotar: uma experiência multidisciplinar e de media literacy durante a pandemia, apresentado pelas professoras Adriana

Barsotti, Rachel Bertol e Bárbara Emanuel, da UFF. O #HoraDeVotar, projeto multidisciplinar de ensino e produção de jornalismo digital desenvolvido na UFF durante a pandemia de Covid-19, uniu 27 discentes, dois bolsistas, três docentes e um professor em estágio de docência. O projeto, de media literacy, teve a missão de produzir um site, uma série de podcasts, infográficos e peças para as redes sociais com o objetivo de promover o letramento midiático diante da proximidade das eleições municipais de 2020, em que havia grandes chances de a disseminação da desinformação crescer ainda mais. Além de oferecer um serviço à sociedade, as autoras chegaram à conclusão que o projeto também contribuiu para que os alunos adquirissem habilidades, capacidades, responsabilidades e comprometimento moral para se relacionarem com as mídias.

Nos três trabalhos seguintes desta mesa, as affordances tecnológicas foram discutidas no ensino e na pesquisa. A pesquisa e a prática de ensino são abordados nesses trabalhos, com foco na inteligência artificial, novas narrativas e algoritmos. Fabia Cristiane Ioscote, Claudia Irene de Quadros, Manoella Fortes Fiebig e Cleide Luciane Antoniutti, da UFPR, analisaram A inteligência artificial no ensino do Jornalismo: caminhos percorridos por cientistas brasileiros. O artigo evidenciou a produção científica brasileira sobre o jornalismo no contexto da Inteligência Artificial (I.A.) e na automatização de dados, com a intenção de observar movimentos na pesquisa e no ensino. Para tanto, as pesquisadoras seguiram caminhos percorridos por três pesquisadores brasileiros com maior número de artigos publicados sobre o tema em três anais de congressos (SBPJor, Compós e Intercom) e revistas científicas no período de 2010 a 2020. Entrevistas semiestruturadas complementaram o estudo, que apontou para a necessidade de repensar o ensino do jornalismo diante das inovações teóricas, sociais, econômicas, tecnológicas e constantes mutações do mercado.

Autor do artigo Ensino de jornalismo transmídia: uma proposta para roteirização da Reportagem Especiais, Marcos Carvalho Macedo relatou sua experiência no estágio docente na UFPE. O autor notou que, apesar de sua vocação à transversalidade, o cerne de um ensino de jornalismo transmídia deve desenvolver competências de articulação entre os conteúdos produzidos para as diferentes mídias. Ele advertiu para o fato de que o anseio pela experimentação esbarra na ausência de métodos mais sistematizados para planejamento dessas produções. O objetivo do autor foi descrever a proposta de um método para roteirização desse tipo de produção, seus fundamentos e aplicabilidade junto a estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco.

No artigo Algoritmos, inteligência artificial e Jornalismo: linhas de pesquisa possíveis, o professor Zanei Barcellos, da Universidade de Brasília, levantou algumas das principais implicações dos algoritmos e da Inteligência Artificial (IA) no jornalismo e sugeriu o agrupamento dos estudos desta área em linhas de pesquisas específicas. Para Barcellos, a divisão favorece as pesquisas necessárias para que o jornalismo mantenha-se como um dos pilares da democracia, atualmente sob risco da

ação apátrida dos grandes conglomerados digitais. As conclusões do autor se baseiam no fato de que os algoritmos e os sistemas de inteligência artificial (IA) interferem nos processos de distribuição e comercialização de notícias sem o comando ou desejo dos veículos jornalísticos que as produzem. Por outro lado, as organizações jornalísticas estão desenvolvendo seus próprios algoritmos e sistemas de IA. Daí o alerta do pesquisador para a necessidade de olhares mais atentos da academia para a questão.

Transparência da informação pública em debate

A mesa Dez anos de lei de acesso à informação (LAI) e o impacto da transparência pública digital na prática jornalística reuniu cinco artigos assinados por oito pesquisadores que trouxeram para discussão diferentes aspectos para pensar a primeira década da legislação sancionada em novembro de 2011 e seus desdobramentos. Entre os temas abordados estão uma revisão sistemática de pesquisas nos últimos dez anos, de autoria das coordenadoras desta mesa, as professoras Alciane Baccin (Unipampa) e Marlise Viegas Brenol (UFRGS), dois estudos sobre o perfil de requerentes e os conteúdos de informações públicas solicitadas, de Francisco Eduardo Gonçalves (UNB), Manuela Barbosa (UNB), Georgete Rodrigues (UNB) e Thais Jorge de Mendonça (UNB), e encerra com um estudo de caso de aplicação da LAI como fonte no jornalismo de dados, de Marília Gehrke (UFRGS), e uma proposta de problematização da LAI na curadoria de dados e verificação, assinado por Taís Seibt (Unisinos). Em comum, os artigos problematizam as políticas públicas de acesso à informação como fonte para jornalistas e para o debate de amplo interesse coletivo. Em vigor desde 2012 no Brasil, a LAI está entre as normas mais relevantes para assegurar o direito constitucional à informação porque regulamenta a disponibilidade digital, os conteúdos e os meios de acesso. A LAI é válida para todo o cidadão, porém os jornalistas utilizam a informação pública na construção noticiosa e, portanto, são diretamente interessados.

Esta foi a premissa para a revisão sistemática sobre as pesquisas de mestrado e doutorado nos programas de pós-graduação do país que abordam a temática, proposta por Baccin e Brenol. A revisão nas bases de teses e dissertações foi feita por meio de dois repositórios, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, a coordenação de aperfeiçoamento de pessoal do ensino superior do Ministério da Educação. O resultado indicou 17 trabalhos em dez anos que foram categorizados em pesquisas sobre a representação da LAI pelos jornais, sobre os processos produtivos em jornalismo e sobre o papel social dos jornalistas na democracia. Mais da metade dos estudos (10) foram publicados entre 2017 e 2020, o que levou as autoras a considerar que há um crescente interesse no tema na academia seja

pela consolidação da implementação dos recursos que levam a LAI ao centro da apuração e potencial objeto de pesquisa em jornalismo, seja pelas ameaças de obstrução ou silenciamento deste acesso por vontade política, o que se desdobra em pesquisas de intersecção entre o jornalismo e o campo das ciências políticas.

A partir do texto de Francisco Eduardo Gonçalves, foi possível ampliar a discussão sobre como os jornalistas utilizam o instrumento legal para efetivamente obter informações junto ao Governo Federal. Gonçalves levantou os pedidos de informação por transparência passiva, chamado FalaBR (ex-eSIC), apresentados pela categoria profissional no período de maio de 2012 a julho de 2021. O artigo categorizou as tipologias de respostas dadas pelos órgãos federais aos jornalistas e concluiu que essa categoria profissional tem a maior média de pedidos apresentados e também registra maior tempo de espera para receber as respostas. Os dados analisados, o número de pedidos formulados por jornalistas tem crescido, indicando uma frequência de apropriação da LAI como ferramenta de apuração. O autor levanta questionamentos em relação à seletividade pelo critério profissão, no caso jornalistas, por parte das instituições governamentais, seus gestores e servidores. Para o autor, ainda que os jornalistas não tenham obrigação de identificação, o resultado é um preocupante indicativo de movimento deliberado no retardamento das respostas e de um caminho mais longo e tortuoso para assegurar o acesso como direito, ainda que novos estudos precisem ser realizados para ampliar a problemática.

Na mesma linha, Barbosa, Rodrigues e Mendonça apresentaram uma análise sobre o conteúdo das solicitações de informações aos ministérios do executivo federal e concluíram que a LAI tem sido mais usada para requerer informações de interesse pessoal e motivação econômica do que para dados e documentos de interesse amplo e coletivo. Em relação ao público que utiliza a LAI para demandar informações aos órgãos públicos, as autoras apontaram a expectativa de que os jornalistas ocupariam as primeiras posições no ranking de demandantes, mas a hipótese não se confirmou. A profissão de jornalista figurou em 12^o lugar, dentre as profissões declaradas, com apenas 1,28% das solicitações do total, no período pesquisado. As autoras ponderam que o resultado possa ser decorrente da prática tradicional desses profissionais de contatos diretos com as assessorias de imprensa das instituições e com as ferramentas de transparência ativa, como os portais de transparência, também fonte do jornalismo de dados. O trabalho se propôs a analisar a convergência entre os fundamentos da LAI - transparência, publicidade dos atos públicos, controle social, prestação de contas, democracia, combate à corrupção e interesse público - e o conteúdo das solicitações dos usuários. O recorte de coleta foram as solicitações aos ministérios do Trabalho, Educação, Saúde, Previdência e Fazenda, entre 2015 e 2017. Do universo de 41.615 pedidos compilados, selecionou-se uma amostra de 120. Para as autoras, a amostra aponta que mais da metade dos usuários não compreende as reais finalidades da

lei.

A pesquisa de Gehrke adota como recorte o olhar sobre a prática do jornalismo guiado por dados a partir de um estudo de caso da agência Fiquem Sabendo, especializada em reportagens. A equipe utiliza com regularidade os pedidos de informações na vertente passiva da lei de acesso à informação brasileira. A discussão é ilustrada pelo caso envolvendo a denúncia à Controladoria Geral da União (CGU) e posterior abertura de dados sobre beneficiários do governo federal, noticiadas pela agência e posteriormente abordadas por outros veículos de imprensa. O caso evidencia como estas iniciativas se habilitam a contornar os obstáculos inerentes à transparência pública brasileira. Para a autora, mesmo com as limitações normalmente associadas às fontes oficiais, a LAI é usada como alternativa para investigações inéditas, permitindo, também, abertura de processos e métodos, enfatizando a transparência do método de apuração jornalística.

Também na discussão do acesso à informação pública, mas na direção da transparência ativa, Seibt propôs uma reflexão teórica sobre a prática jornalística de fact-checking, para verificação de fatos e combate à desinformação. Para a autora, o jornalismo de verificação como tipo ideal (SEIBT, 2019) abrange mudanças estruturais mais amplas, podendo ser associado a outras práticas, como a curadoria de conteúdos, ou seja, um direcionamento do leitor para informações disponíveis em bases de dados como portais de transparência e painéis publicados em sites governamentais. Muitas vezes, a curadoria é feita “sobre conteúdos já conhecidos do público”, como discursos de dirigentes políticos, entrevistas à imprensa, conteúdos institucionais, virais da web entre outros. O artigo problematiza o uso de ferramentas de transparência pública previstas na Lei de Acesso à Informação, tensionando seus limites e potencialidades frente à desinformação, considerando limitações relacionadas à disponibilidade à priori de bases de dados e a competência jornalística para a prática. A autora conclui que é pela existência de normas jurídicas que preconizam a transparência pública que este jornalismo de curadoria de dados é possível - e só é sustentável em um ambiente político democrático.

Destaque para o jornalismo móvel

Sabemos que o jornalismo, como um campo que está em movimento (DEUZE; WITSCHGE, 2016), sofre reconfigurações. Nesse sentido, o jornalismo móvel vem ganhando destaque nos últimos anos, consolidando-se como uma vertente de estudos no campo (REZENDE, 2016). Ele pode ser compreendido como o trabalho do repórter exercendo os processos jornalísticos (apuração, produção, edição, distribuição, compartilhamento, transmissão ao vivo) em condições de mobilidade (SILVA, 2013). Tal prática profissional é chamada de Mojo, abreviação para jornalista móvel (do inglês, mobile journalist) (QUINN, 2009). No âmbito dos produtos, envolve desde notificações rápidas, passando por aplicativos até conteúdos imersivos em realidade virtual e aumentada.

Dentre os marcos de tecnologias baseadas nos usos e nas apropriações de dispositivos móveis pelo jornalismo estão: SMS (Short Message Service); WAP (Wireless Application Protocol); web móvel; web apps e disseminação de produtos móveis via lojas virtuais; notificações móveis; wearables; IA (inteligência artificial) e assistentes pessoais (PELLANDA et al., 2017). Diante desse cenário, a mesa “Transformações dos processos jornalísticos frente aos dispositivos móveis”, coordenada por Maíra Evangelista de Sousa (UNAMA) e Alessandra de Falco (UFSJ/UFRJ) abarcou cinco artigos sobre a temática.

No trabalho A produção jornalística com smartphones: reconfigurações profissionais em Diário do Pará e O Liberal, Giovanna Figueiredo de Abreu e Maíra Evangelista de Sousa (UNAMA) analisam as transformações da prática jornalística com a utilização de telefones inteligentes. A partir de dados coletados em 45 questionários e em 14 entrevistas em profundidade realizadas com profissionais dos veículos noticiosos paraenses Diário do Pará e O Liberal, as autoras indicam seis características da produção jornalística com smartphones: agilidade, praticidade, ubiquidade, polivalência, trabalho contínuo e métricas.

Já no texto Teste de usabilidade em protótipo jornalístico para smartphones, Tássia Becker Alexandre (UFMT) avaliou a usabilidade de um protótipo de produto jornalístico móvel autóctone que representa uma versão em telas de um site ou aplicativo móvel do projeto Beta Redação (projeto experimental do curso de Jornalismo da Unisinos). A proposta metodológica desenvolvida foi uma adaptação do método Entrevistas Baseadas em Cenários e Tarefas. Assim, através do teste de usabilidade com um grupo de 16 estudantes de ensino superior residentes no Rio Grande do Sul, a autora aponta a importância no planejamento de interfaces que considerem as especificidades dos smartphones, o perfil dos usuários e a experiência de uso.

Com abordagem semelhante, no artigo Gerenciador de mídias sociais, processos e dispositivos móveis para auxiliar na produção de conteúdo jornalístico, Benedito Medeiros Neto, Vinícius de Sousa Santana e Edison Ishikawa (UNB) apresentam um gerenciador de mídias sociais no contexto de uma redação jornalística virtual. O objetivo é que o gerenciador atue como uma plataforma integrada para a administração das mídias sociais e integração das atividades de produção, publicação, gerenciamento de processos e comunicação. Como metodologia, adotou-se o Design Science Research, aplicando o System Usability Scale e entrevistas com alunos dos cursos de Jornalismo e de Tecnologia da Informação da Universidade de Brasília para verificar a eficácia e a eficiência do produto. Os resultados apontam para um impacto positivo no fluxo de produção de publicações.

Por sua vez, no trabalho Audiência imaginada no jornalismo digital, Greyce Ellen Nunes (PUC-Rio) discute como os jornalistas imaginam a audiência digital. A partir dos dados coletados em entrevistas realizadas com 66 trabalhadores de redações, a autora entende que os profissionais

que atuam nos veículos noticiosos tradicionais concebem os públicos com base em métricas as quais massificam o consumo. Concluindo, assim, que os profissionais podem conceber o conceito de audiência por meio de processos de projeção e imaginação e, em seguida, aplicar tal entendimento de audiência nas rotinas de trabalho.

Por fim, no texto *Dispositivos móveis e newsgames: uma possibilidade para uma sociedade de indivíduos hibridizados*, Gerson Luiz Martins e Diego de Almeida (UFMS) discutem os conceitos de variabilidade produtiva e *body modification* a fim de compreender como os dispositivos móveis conformam-se como aparelhos prontos para serem configurados e automatizar determinados ajustes de acordo com os padrões de uso de seus usuários. A partir da pesquisa bibliográfica, os autores apontam que o corpo humano pode funcionar como interface, tendo os sentidos expandidos. Com a constante troca sensorial entre dispositivos móveis e corpos humanos é construída uma relação de hibridização que estabelece novas ciber-socialidades. Nesse cenário, o consumo de jogos em smartphones cresce, reforçando a importância dos newsgames móveis como uma possibilidade para o jornalismo.

Pensando o jornalismo transmídia

Já a proposta da coordenada “Jornalismo Transmídia: conceitos, metodologias e interfaces”, apresentada à Rede Jortec em 2020, deu-se em virtude de as discussões sobre jornalismo transmídia terem se aprofundado ao longo das duas últimas décadas, o que se evidencia pelo aumento no número de publicações destinadas ao tema, tais como os textos publicados por Geane Alzamora e Lorena Tárzia (2012a, 2012b), Denis Renó e Jesús Flores (2012), João Canavilhas (2013, 2019), Renira Gambarato e Geane Alzamora (2017), e por essas últimas junto a Lorena Tárzia (2020), e, ainda, das coordenadoras desta mesa, seja em produções isoladas - Elaide Martins/UFPA (2012, 2015) e Mirna Tonus/UFU (2020) -, seja em conjunto - Elaide Martins, Mariana Castro e Isabelle Fecury Vinagre (2018); Elaide Martins e Glenda Magno Duarte (2019); Elaide Martins e Romulo Matheus Nunes Cardoso (2020). Tais textos refletem sobre conceitos, perspectivas, narrativas, convergência, galáxia semântica, ecologia midiática, planejamento de coberturas, metodologias de análise, dentre outros tópicos.

Martins e Cardoso (2020) expõem com destaque o percurso das pesquisas sobre transmídia no jornalismo no Brasil, abrangendo o período de 2000 a 2019 e com especial enfoque nas metodologias utilizadas no desenvolvimento desses estudos.

Com a proposta desta coordenada, o propósito foi promover um debate sobre a inserção da transmídia no jornalismo, observando-se suas intersecções desde os aspectos teóricos, metodológicos e conceituais até as práticas jornalísticas, passando pela produção, circulação, formatos e gêneros,

construção da narrativa, engajamento (ativismo, métricas) etc., como também por metodologias de planejamento e análise. Buscou-se, ainda, refletir sobre as plataformas digitais e o seu papel na transmediação, bem como sobre o uso das mídias sociais, streaming, mobile e outras tecnologias no âmbito do jornalismo isoladamente ou em conjunto com outras sub-áreas da comunicação, mediante discussão de cases, projetos e experiências do jornalismo transmídia, observando-se, ainda, suas peculiaridades e aspectos da inovação na comunicação.

Os trabalhos apresentados na mesa perpassam as intersecções e potencialidades da produção jornalística transmídia, dialogando com as narrativas complexas no âmbito do jornalismo independente, o cenário e tensionamentos entre plataformização e agenda setting e as relações entre jornalismo e inteligência artificial, este último adotado como tema de uma das coordenadas da Rede Jortec em 2022.

No texto *As potencialidades da produção jornalística transmídia vistas através de um projeto argentino*, a autora Ana Carla Pimenta, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), discutiu tal produção apresentando um estudo de caso do projeto *De Barrio Somos*. De acordo com ela, foi desenvolvido por uma equipe argentina de produção transmídia, do Departamento de Produções Multimídias (DCMteam) da Universidade Nacional de Rosário, para contar histórias dos clubes de bairro da cidade argentina, utilizando diversos meios, linguagens e plataformas. “O trabalho convida, através das redes sociais e dos dispositivos móveis, o usuário a participar, interagir, engajar e vivenciar experiências imersivas através de recursos em realidade virtual e realidade aumentada”, diz a autora, que abordou as características do jornalismo transmídia, a construção do projeto mencionado, e as estratégias de propagação em mídias sociais.

Em *Narrativas complexas nos meios nativos digitais: um estudo de oito arranjos presentes no Mapa do Jornalismo Independente*, Alessandra Natasha Costa Ramos e Stefanie Carlan da Silveira, da UFSC, observam os formatos narrativos constantes nos seguintes arranjos: *Passa Palavra*, *Marco Zero Conteúdo*, *Overloadr*, *Aos Fatos*, *Congresso em Foco*, *Mídia Ninja*, *Opera Mundi* e *Gênero e Número*, a fim de verificar os elementos que constituem as narrativas nesse que chamam de “ecossistema digital”. As autoras, a partir dos princípios das narrativas complexas propostos por Raquel Longhi (2020), tratam da correlação entre a complexidade das narrativas e a variedade das fontes de financiamento, por meio de um estudo exploratório combinado com o modelo de análise elaborado por Sánchez-García e Salaverría (2019).

Lia Gabriela Pagoto e Raquel Ritter Longhi, também da UFSC, discutem a influência das plataformas na dieta informativa dos sujeitos e como operam agendas próprias, causando tensionamentos na agenda setting. No artigo *Tensionamentos entre plataformas e a agenda setting: o caso leite condensado no Twitter*, as autoras selecionaram uma amostra de 100 mil tweets publicados

na plataforma sobre o caso dos gastos com leite condensado pelo governo brasileiro, observados com base na análise de redes sociais (ARS). Nesse cenário jornalístico plataformizado, no qual “o tipo de notícia visualizada online é cada vez mais determinado pelas interações entre plataformas, usuários e veículos jornalísticos”, as autoras concluem que as tensões resultam de “alterações na forma de circulação e consumo informacional; contexto político e social; e mediações algorítmicas”.

Por fim, em *Jornalismo e Inteligência Artificial (IA)* na cobertura das eleições municipais 2020 pelo Portal G1: textualidade, atualização contínua e parceria repórter-humano/robô, Marcelo Barcelos, da UFSC, e Romulo Gomes, da Uniceuma e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) investigaram “a textualidade e as características da mediação entre repórter-humano e robôs” na referida cobertura. Eles destacam que os “5.567 textos gerados por Inteligência Artificial (IA) são um marco no jornalismo do país, que experimentou sua primeira operação robusta de redação jornalística automatizada” e que tal conteúdo foi disponibilizado “em plataforma responsiva aos dispositivos móveis”, condicionando a enunciação jornalística adotada. O trabalho envolveu duas matérias de cada região do país, com redação produzida por IA e revisão de sujeitos jornalistas, e duas matérias das capitais do Maranhão e de Santa Catarina, “cujas características apontam para maior intervenção de profissionais do Jornalismo”. Conforme os autores, verificou-se a adoção de processos sinestésicos entre repórter-humano-máquina no G1, sem que a apuração automatizada prescindisse da leitura humana.

Mais forte e além

O ano de 2021 marcou uma iniciativa até então inédita na história da JorTec: a realização de uma disciplina compartilhada e em rede, “Estudos e Tendências em Cibercultura”. Reunindo professores pesquisadores em parceria com oito Programas de Pós-Graduação, representando todas as regiões do país, a disciplina foi ofertada no formato remoto, especialmente devido à Pandemia da Covid 19. Acompanhando a evolução da SBPJor, a JorTec participou, ainda, em 2021, do SBPJor em Redes, no qual organizou a mesa “Estudos e Tendências em Cibercultura”, que também foi uma aula aberta da disciplina em rede, transmitida semanalmente pelo canal da SBPJor no YouTube. A mesa reuniu os pesquisadores Jesús Miguel Flores Vivar, professor do Departamento de Periodismo y Nuevos Medios, da Universidad Complutense de Madrid- Internet Medialab (UNMSM); Adriana Amaral, pesquisadora do CNPq, professora Adjunta da Escola de Indústria Criativa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (CULTPOP); André Lemos, pesquisador 1A do CNPq, professor titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenador do Lab404/POSCOM-UFBA.

A mediação foi feita pela coordenadora da JorTec, Raquel Ritter Longhi, docente do Departamento de Jornalismo e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora do Grupo Hipermídia e Linguagem/CNPq e do Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor/UFSC).

Grande desafio para todos nós, pesquisadores, o ano de 2021 também foi um período de muitas conquistas. Apesar da Pandemia que, dentre outras situações, criou a necessidade de afastamento físico entre as pessoas, foi possível manter vivo o trabalho de reflexão, pesquisa e debate. O trabalho e a atuação da JorTec não cessaram em nenhum momento, e continuamos indo além, como uma Rede de caráter aberto e colaborativo, que se expande a cada ano em número de pesquisadores e na produção de pesquisa acadêmica, sendo assim uma porção muito representativa do panorama da pesquisa em Jornalismo e Tecnologia no Brasil.

Referências

ALZAMORA, Geane C.; TÁRCIA, Lorena. A narrativa jornalística transmidiática: considerações sobre o prefixo trans. In: LONGHI, Raquel; D'ANDRÉA, Carlos (org.). *Jornalismo Convergente – reflexões, apropriações, experiências*. Florianópolis: Insular, 2012 (a).

ALZAMORA, Geane C.; TÁRCIA, Lorena. Convergência e Transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. *Brazilian Journalism Research, SBPJor*, v. 8, n. 2, 2012 (b), p. 23-35.

BARBOSA, Manuela; RODRIGUES, Georgete; MENDONÇA, Thais de. A Lei de Acesso à Informação (LAI) no Brasil: análise da convergência entre os fundamentos da lei e o conteúdo das solicitações dos usuários. In: *Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021*. Disponível em: <https://abre.ai/fcLV> Acesso em: 18 out. 2022.

BARCELOS, Marcelo; GOMES, Romulo. Jornalismo e Inteligência Artificial (AI) na cobertura das eleições municipais 2020 pelo Portal G1: textualidade, atualização contínua e parceria repórter-humano/robô. In: *Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021*. Disponível em: <https://abre.ai/jornalismo-ia>. Acesso em: 20 out. 2022.

BRENOL, Marlise; BACCIN, Alciane. Dez anos de LAI e a pesquisa sobre o acesso à informação pública pelo jornalismo. In: *Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021*. Disponível em: <https://abre.ai/10anosdelai>. Acesso em: 18 out. 2022.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: Denis Renó, Carolina Campalans, Sandra Ruiz e Vicente Gosciola. *Periodismo Transmedia: miradas múltiples*. Bogotá: Edit. Universidad del Rosario, 2013, p. 53-68.

CANAVILHAS, João. Journalism in the twenty-first century: To be or not to be transmedia?. In: *Journalism and Ethics: Breakthroughs in Research and Practice*. IGI Global, 2019, p. 842-855.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando? *Parágrafo*, v. 4, n. 2, 2016. p. 06-21.

FRANCISCATO, Carlos e MARTINS, Gerson. Desafios e tendências da Rede JorTec na interface entre Jornalismo e Tecnologias Digitais. In: MARTINEZ, Mônica, DA SILVA, Marcos Paulo e STORCH, Laura (orgs.). *Pesquisa em jornalismo e ética profissional*. Brasília: Sbpjor, 2020, pp. 172-181.

GAMBARATTO, Renira R; TÁRCIA, Lorena P. Transmedia Strategies Journalism - An analytical model for the news coverage of planned events. *Journalism Studies*. v.18, n.11, 2017. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1127769>

GAMBARATO, Renira, ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. *Theory, Development, and Strategy in Transmedia Storytelling* (1st ed.). London: Routledge, 2020. <https://doi.org/10.4324/9780367343057>

GEHRKE, Marília. A Lei de Acesso à Informação como fonte no Jornalismo Guiado por Dados: o caso da agência Fiquem Sabendo. In: *Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/fiquemsabendo>. Acesso em: 18 out. 2022.

GONÇALVES, Francisco Eduardo. 10 anos de LAI: um estudo sobre pedidos de informação formulados por jornalistas junto ao governo federal. In: *Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/pedidos-informacao> . Acesso em: 18 out. 2022.

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. *Brazilian Journalism Research*, v. 8, n. 2, p.97-117, 2012.

MARTINS, Elaide. Convergência e Narrativa Transmídia no Jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais. *Brazilian journalism research*, v. 11, n. 2, p. 184-203, 2015.

MARTINS, Elaide; CASTRO, Mariana; FECURY VINAGRE, Isabelle. TRANSMÍDIA E REDES SOCIAIS: aspectos da inovação no telejornalismo. *Revista Observatório* , [S. l.], v. 4, n. 3, p. 571–600, 2018. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2018v4n3p571. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4711>. Acesso em: 21 out. 2018.

MARTINS, Elaide; DUARTE, Glenda Magno. Concepções do jornalismo transmídia – em busca de um conceito. *Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 3, n. 3, p. 56-75, 2019.

MARTINS, Elaide; CARDOSO, Romulo Nunes. Da gênese às metodologias: a transmídia no jornalismo em pesquisas de 2000 a 2019 no Brasil. *Paradoxos*, 5(2), p.120–134, 2020. <https://doi.org/10.14393/par-v5n2-2020-58159>

NEWMAN, N.; FLETCHER, R.; SCHULZ, A.; ANDI, S.; ROBERTSON, C.; NIELSEN, R.K. *Digital News Report 2021*. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2021. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021>> Acesso em 20 set 2021.

PAGOTO, Lia Gabriela; LONGHI, Raquel Ritter. Tensionamentos entre plataformas e a agenda setting: o caso leite condensado no Twitter. In: *Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021*. Disponível em: <https://abre.ai/tensionamentos>. Acesso em: 20 out. 2022.

PELLANDA, Eduardo Campos et al. Mobilidade e jornalismo digital contemporâneo: Fases do jornalismo móvel ubíquo e suas características. In. *Jornalismo móvel: linguagem, gêneros e modelos de negócio*. Covilhã: Livros LabCOM, 2017. p. 197-218.

PIMENTA, Ana Carla. As potencialidades da produção jornalística transmídia vistas através de um projeto argentino. In: *Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021*. Disponível em: <https://abre.ai/potencialidades-transmidia>. Acesso em: 20 out. 2022.

QUINN, Stephen. *MoJo - Mobile Journalism in the Asian Region*. Singapore: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2009.

RAMOS, Alessandra Natasha Costa; SILVEIRA, Stefanie Carlan da. Narrativas complexas nos meios nativos digitais: um estudo de oito arranjos presentes no Mapa do Jornalismo Independente. In: *Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021*. Disponível em: <https://abre.ai/arranjos-independentes>. Acesso em: 20 out. 2022.

REZENDE, Ivan Satuf. Aplicativos agregadores de informação jornalística para dispositivos móveis: uma exploração pela Teoria Ator-Rede. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2016.

RENÓ, Denis P; FLORES, Jesús. Periodismo Transmedia - Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos. Madri: Fragua, 2012.

SEIBT, Taís. A importância da Lei de Acesso à Informação (LAI) no combate à desinformação: pensando a curadoria de dados públicos como “jornalismo de verificação”. In: Anais do 19^o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://abre.ai/curadoria-dados> Acesso em: 18 out. 2022.

SEIBT, Taís. Jornalismo de verificação como tipo ideal: a prática de fact-checking no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil: UFRGS, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/193359> Acesso em: 18 out. 2022.

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo móvel digital: o uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. 2013. 408f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

TONUS, Mirna. Um percurso naturalmente transmidiático. *Paradoxos*, 5(2), p. 265–280, 2020. <https://doi.org/10.14393/par-v5n2-2020-58676>

Jornalismo sonoro diante da longa pandemia e do extremismo político

Luãn Chagas¹
Valci Zuculoto²

Marcelo Kischinhevsky³

A Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) completou dois anos de afiliação formalizada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) em 2021, promovendo diversas atividades no período, sendo um dos destaques as três sessões coordenadas com expressiva participação de pesquisadores e contribuições aos estudos em jornalismo sonoro. Início de uma trajetória institucional que evidencia o compromisso da pesquisa em áudio e radiojornalismo em produzir conhecimento acerca das profundas transformações contemporâneas da comunicação, em especial do jornalismo, nestes tempos disruptivos que atravessam não apenas a nossa área, o nosso país como o mundo inteiro.

O 2021 foi mais um ano em que o rádio e as mídias sonoras, seus pesquisadores, professores, estudantes e profissionais continuaram enfrentando determinantes mudanças destes tempos, sobretudo com a pandemia de Covid-19 e as ameaças à democracia na comunicação, no jornalismo e no país, ainda mais dificultadas, entre outras mazelas específicas do nosso campo, pelos cortes nos investimentos em educação e pesquisa, precarização das condições do trabalho e arrocho salarial e violência contra os jornalistas e constrangimentos ao exercício da profissão.

No 19^o Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, em novembro e ainda em modo remoto pelo segundo ano consecutivo, os trabalhos das coordenadas da RadioJor, como não poderia deixar de ser, já apresentaram resultados concretos de investigações acerca da cobertura jornalística sonora em relação à pandemia, por exemplo. Nossos artigos e debates também prosseguiram na busca de métodos e técnicas específicas de investigação em áudio e radiojornalismo e com ouvidos atentos nas suas reconfigurações atuais mais marcantes, como a migração de centenas de emissoras

¹ Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com estágio doutoral na Universidad Complutense de Madrid. Coordenador da RadioJor. Membro do Grupo de Pesquisa Ciclo e do Núcleo de Estudos Radiofônicos (NER). Email: luan.chagas@ufmt.br

² Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Comunicação (PUC-RS) e Pós-Doutora (UFRJ). Coordenadora adjunta da RadioJor. Diretora Científica da Alcar, coordenadora da Rádio Ponto UFSC e líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/UFSC/CNPq). E-mail: valzuculoto@hotmail.com

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e dos cursos de Jornalismo e Radialismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), onde dirige o Núcleo de Rádio e TV, é doutor em Comunicação e Cultura pela mesma instituição e bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: marcelo.kisch@eco.ufrj.br.

das ondas médias (AM) para a frequência modulada (FM) e, principalmente, a evolução do podcasting jornalístico. Denotou-se, assim, a maturidade investigativa da rede, pois, embora ainda em seus primeiros passos como rede institucionalizada, integrantes da RadioJor já construíram um histórico de pesquisa e produção com ênfase no jornalismo sonoro, atuando em outros grupos e espaços acadêmicos, principalmente no bojo e a partir do Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Intercom, que já supera 30 anos de existência. No evento nacional de 2021, a RadioJor também contribuiu com três oficinas de formação em pesquisa, abordando temáticas igualmente conectadas com a realidade contemporânea.

Em tempos de polarização e extremismo, acentuados pela pandemia de Covid-19, o jornalismo sonoro tem enfrentado desafios sem precedentes. O rádio informativo constitui elemento central na dieta midiática de milhões de brasileiras e brasileiros, rivalizando em determinados horários com a audiência da TV e das plataformas digitais e ganhando com folga em termos de credibilidade, graças à intimidade e proximidade proporcionadas pela comunicação sonora. Nesse contexto, emissoras de rádio vêm se tornando palco de disputas, com programas de entrevistas e noticiários muitas vezes sendo apropriados por políticos e empresários negacionistas que burlam o ideal de objetividade do jornalismo, de ouvir igualmente os diversos lados para propiciar o debate do contraditório, construindo, assim, narrativas eticamente indefensáveis.

Com esta compreensão do panorama atual, a live “Radiojornalismo, política e democracia”, realizada pela Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor), em setembro de 2021, procurou debater o papel do radiojornalismo na informação de interesse público e o dever de profissionais de não promover falsas simetrias ao equiparar, por exemplo, fontes científicas e porta-vozes da desinformação. Para tanto, reuniu os pesquisadores Madalena Oliveira (Universidade do Minho, Portugal), Manuel Fernández-Sande (Universidad Complutense de Madrid), Sonia Virginia Moreira (UERJ) e Luiz Artur Ferraretto (UFRGS), sob a mediação de Valci Zuculoto (UFSC) e Marcelo Kischinhevsky (UFRJ). A íntegra da live, parte da série SBPJor em Redes, está disponível no canal do YouTube da associação – em <https://www.youtube.com/watch?v=wDmzSqSEmeQ>. O evento contribuiu para a trajetória de internacionalização que a RadioJor vem buscando trilhar desde o começo.

Ainda em 2021, a RadioJor, em conjunto principalmente com o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares Comunicação e o GT História da Mídia Sonora da Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia, deu continuidade à revisão histórica em relação ao pioneirismo do desenvolvimento do rádio no país. Foi signatária de manifestos e seus pesquisadores participaram de debates em eventos para chancelar o advento do meio no Brasil com a Rádio Clube de Pernambuco, a partir de 1919, três anos antes do que muitos

autores afirmavam no passado. Também continuou atuando, por meio de suas pesquisas e atividades, na defesa da comunicação e da radiodifusão pública.

Já durante o 19^o Encontro, em novembro, as oficinas da RadioJor, para contribuir com a formação em pesquisa, foram “O Canvas para Podcast”, ministrada por Andrei Rossetto (UFRGS) e Gustavo Chagas (UFRGS); “História das Mulheres no Radiojornalismo”, por Valci Zuculoto (UFSC) e Juliana Gobbi Betti (UFSC); e “Roteiro em Podcasts Noticiosos: planejamento e sonorização” com Luãn Chagas (UFMT) e João Alves (UFOP). A conexão com as temáticas do contemporâneo cenário midiático jornalístico imprescindíveis de investigação se evidencia nestas oficinas, como a que abordou, com recorte no radiojornalismo, a necessidade de (re)visitar a história profissional das mulheres no rádio, agregando a perspectiva de gênero nas pesquisas sobre o meio (BETTI; ZUCULOTO, 2021).

Em 2021, a RadioJor promoveu três mesas coordenadas no encontro anual da SBPJor. A Sessão 1, sob o título “Panorama contemporâneo do radiojornalismo brasileiro”, tratou da centralidade da definição conceitual de radiojornalismo, estratégias e orientações metodológicas específicas para a pesquisa em jornalismo sonoro, análises de produções em áudio e radiojornalísticas em termos de formatos e linguagens em emissoras públicas, privadas, comunitárias e educativas e no podcasting, além da inovação em mídia sonora. Discutiu a abrangência do rádio informativo, destacando a migração de emissoras AM para a faixa FM, fenômeno que tem resultado no avanço das redes radiofônicas, ameaçando o rádio local bem como a diversidade de vozes. Desta forma, buscou evidenciar e compreender o cenário contemporâneo do jornalismo sonoro nos múltiplos contextos do radiofônico e do áudio no Brasil, refletindo igualmente a construção do conhecimento, a conformação e as demandas presentes do seu campo acadêmico e seus estudos. Esta sessão contou com cinco trabalhos. Foram os seguintes:

- 1) O podcast como laboratório para um Jornalismo Educador: uma perspectiva inspirada em Paulo Freire – Eduardo Meditsch (UFSC/UnB);
- 2) Análise do produto radiojornalístico: proposta de categorias e técnicas específicas de pesquisa – Arnaldo Zimmermann e Valci Regina Mousquer Zuculoto (UFSC);
- 3) Tensionamentos no dial catarinense com adesão às redes musicais na Migração AM-FM: o radiojornalismo ameaçado – Karina Woehl de Farias (SATC);
- 4) Experiência, emoções e narrativa sonora no podcast Medo e Delírio em Brasília – João Alves e Debora Cristina Lopez (UFOP);

5) Apontamentos para a construção de metodologias de pesquisa em radiojornalismo – Marcelo Kischinhevsky (UFRJ).

Na Sessão 2, tratou-se das “Dimensões e especificidades do radiojornalismo brasileiro”, refletindo, no seu geral, sobre as mediações técnicas e ideológicas do jornalismo, as novas rotinas produtivas, os valores da comunidade interpretativa de radiojornalistas e radialistas, o trabalho em emissoras de radiojornalismo, constrangimentos organizacionais, produção multitarefa, a seleção das fontes, modelos e formatos de programação, linguagem, interação com ouvintes, negacionismo, políticas públicas e financiamento de emissoras. Particularmente, trouxe análise sobre os desafios do áudio e radiojornalismo frente à crescente desinformação no ecossistema midiático, no contexto da pandemia de Covid-19. Os cinco trabalhos desta mesa foram:

1) Nem tudo tem dois lados: a cobertura sobre a vacina no programa Os Pingos nos Is da Jovem Pan – Luãn Chagas e Marcio Camilo da Cruz (UFMT);

2) Registros de jornalismo científico radiofônico no Brasil em tempos de Covid-19 – Paulo Roberto Santhias (UFSC/UBI-PT);

3) Podcast Frei Caneca e as novas possibilidades para a comunicação pública em mídia sonora – Kleber Nunes, Patrícia Mendes e Luis Augusto de Carvalho Mendes (UFPB);

4) Radiojornalismo de proximidade e desinformação no contexto da Pandemia de Covid-19 – Nelia Rodrigues del Bianco (UFG/UnB) e Hélder Samuel dos Santos Lima (UFG);

5) Jornal Rádio Universidade na sintonia da Rádio Universidade FM (106,9) – Izani Mustafá (UFMA-Imperatriz) e Nayane Cristina de Brito (UFSC).

A Sessão 3, intitulada “Reconfigurações do radiojornalismo na atualidade”, avançou em debates sobre estas transformações em suas mais diversas plataformas de circulação e consumo. Discutiu as novas conformações da linguagem sonora na construção de áudios informativos em podcasts, webrádios e emissoras de antena, entre outros dispositivos e suportes, como aplicativos. Refletiu estas reconfigurações no contexto do rádio expandido e hipermidiático, dos processos de convergência midiática e remediação e do recente avanço do chamado jornalismo narrativo pessoal, sobretudo em podcasting. Debateu, ainda, em que medida a audiência se apropria dos conteúdos radiojornalísticos multiplataforma e como estes auxiliam a construção de vínculos afetivos e empatia. Esta sessão incluiu

seis artigos:

- 1) As muitas histórias do blog ao podcast jornalístico – Álvaro Bufarah Junior (Universidade Presbiteriana Mackenzie);
- 2) As ressignificações identitárias do migrante brasileiro no consumo afetivo do rádio expandido – Bárbara Maia (UERJ);
- 3) Webrádios e radiojornalismo: uma reflexão sobre a atual configuração de quatro emissoras no estado do Piauí – Paulo Fernando de Carvalho Lopes e Mariana Gomes dos Santos (UFPI);
- 4) O radiojornalismo esportivo na era das transmissões pelo Facebook: o impacto da imagem no processo interativo com a audiência – Bruno Balacó (UFC);
- 5) Relatos sonoros de um crime: o Caso Evandro pela ótica do True Crime – Carlos Jáuregui (UFOP) e Luana Viana (UFJF);
- 6) Mapeamento sistemático da literatura sobre podcasts jornalísticos: um panorama entre 2004 e 2020 – Janete Pinto Cahet Farias (UFS).

Todos os artigos das coordenadas RadioJor 2021 podem ser acessados nos Anais do evento em <https://proceedings.science/sbpjor-2021/eixos-tematicos?lang=pt-br>.

Para avançar na sua consolidação enquanto rede de pesquisa nacional, a RadioJor ainda definiu a preparação de uma pesquisa coletiva com integração de pesquisadores de todo país, que será lançada no próximo encontro de 2022 e elegeu um conselho científico e uma nova coordenação. O conselho é composto pelos pesquisadores Eduardo Meditsch, Luiz Artur Ferraretto, Marcelo Kischinhevsky e Nelia Del Bianco, mais a atual coordenação da rede, formada por Luãn Chagas como coordenador e Valci Zuculoto como coordenadora-adjunta.

Considerações

No contexto de uma longa pandemia, que se arrasta com sucessivas ondas e números variáveis de casos e vítimas, o radiojornalismo foi desafiado, em 2021, também pela radicalização política, que trouxe consigo novas dinâmicas de circulação de conteúdo de desinformação e negacionista. Nesse contexto, uma nova pesquisa foi iniciada pela rede, buscando enfocar o jornalismo sonoro diante do conturbado processo eleitoral, com claras ameaças à democracia e ao estado de direito. Tomando-se indicadores de qualidade, entre outros parâmetros, pesquisadores do campo vêm se dedicando a acompanhar a representação dos acontecimentos no rádio e no podcasting, com dados preliminares sobre a pré-campanha (até junho de 2022) a serem apresentados no encontro da SBPJor.

Esperamos, nos próximos anos, avançar no aprofundamento de reflexões sobre o rádio em suas interfaces com a política e a informação de interesse público, para superar o cenário distópico atual, em que o negacionismo solapa índices de vacinação, ameaçando trazer de volta graves enfermidades como a pólio, e a partidarização de parte da mídia sonora abala a credibilidade de veículos e reforça a grande divisão social em torno do chamado viés de confirmação – perspectiva que corrobora visões de mundo construídas ao longo do tempo, mesmo que sem qualquer ancoragem na realidade.

São muitos desafios, não só para o radiojornalismo, mas para o jornalismo como um todo, que exigem nossas atenções e respostas assertivas. Esperamos poder continuar contribuindo nesse sentido.

Referências

BETTI, J. G.; ZUCULOTO, V. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In.: Encontro Nacional de História da Mídia, 13, 2021. Anais eletrônicos [...] Juiz de Fora, MG: Alcar, 2021.

As tessituras da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporânea

Alda Costa
Maurício Guilherme Silva Jr.
Mara Rovida

É Walter Benjamin (1985) quem nos ajuda a tecer a escrita deste texto, quando afirma que as narrativas não se esgotam jamais, pois conservam suas forças e, depois de muito tempo, ainda são capazes de desdobramentos. Essa foi e é a premissa da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), implantada em 2015, quando se propõe a mobilizar reflexões teóricas e movimentos epistêmicos e analíticos (atividades inerentes à configuração das narrativas a partir de critérios e valores que representam um modo próprio de ver, pensar e falar sobre a realidade), que se renovam na interpretação das experiências e sociabilidades dos sujeitos contemporâneos.

Pensamos a narrativa como discurso contextualizado e, por consequência, aberto e em constante construção. É com e pela narrativa que as pessoas organizam e compreendem o seu estar no mundo e suas relações do eu com o outro. Para os integrantes dessa Rede, a comunicação humana assume a forma de narrativa, uma vez que a experiência sempre remete ao significado que os sujeitos dão às relações e interações que estabelecem. Assim, ao serem externalizadas, as narrativas se transformam e transformam o social, a partir dos contextos em que estão inseridas, com a resignificação dos sentidos que as pessoas têm de si, do outro e do mundo.

A Renami, desde seu embrião – gestado em 2008, a partir de sessão livre com a participação de Mateus Yuri Passos, Monica Martinez, Marta Maia, Eduardo Ritter, Claudio Coração e Alice Baroni, que planejaram, para o ano seguinte (2009), a criação de coordenadas – até a atualidade, tem congregado pesquisadores, docentes e discentes das mais diversas instituições de ensino brasileiras, públicas e/ou privadas, que pensam e problematizam as narrativas com a finalidade de compreender as formas de vida política, social e cultural. Ao longo desse período, a Rede ganhou robustez, fortaleceu suas tramas, por meio da organização de debates, empreendeu reflexões em suas mesas coordenadas, integrou grupos de estudo e pesquisa nacionais, materializou os debates em apresentação de artigos científicos para revistas qualificadas e promoveu a produção de seis livros, como resultado do processo de rede.

De modo semelhante, outros movimentos têm sido empreendidos, com a finalidade de buscar parcerias e de promover o fortalecimento dessa rede de pesquisa – dentre os quais, está a proposição, em 2022, do Grupo de Trabalho Estudos de Narrativa, na reativação dos GT da Associação Nacional

dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS). A proposição teve como base a ampliação do campo de estudos de narrativas, a partir da consolidação de diversos grupos e redes de pesquisa surgidos no Brasil, bem como da publicação de dossiês em periódicos, livros-coletânea e livros autorais. A justificativa para tal criação foi pautada na vocação do diálogo interdisciplinar, nas questões emergentes da área da Comunicação e nas novas possibilidades tecnológicas, assim como no reconhecimento das mais diversas subjetividades e vozes sociais, que durante séculos foram silenciadas, e nos jogos de força em torno de noções como verdade e legitimidade enunciativa.

A Renami tece suas relações com um vagar sobre questões que permeiam as tramas conceituais, teóricas, epistemológicas, analíticas e empíricas das pessoas ou das coisas no mundo, refletindo a narrativa como portadora da experiência na linguagem. Nessa perspectiva, nosso tecer, como não poderia deixar de ser, está alinhavado em pensar o mundo a partir das experiências vividas pelas pessoas. Exemplo disso foi o acontecimento da pandemia de covid-19, que produziu sentimentos e sociabilidades diferenciadas, logo, novas narrativas. Esse período colocou em ‘suspensão’, por mais de dois anos, formas de vidas que, até então, eram familiares às pessoas. Neste ponto, inclusive, fazemos um parêntese para lembrar que retomada presencial do evento da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, a SBPJor em 2022, após dois anos sendo realizado de forma remota, devido à pandemia. Dessa forma, se podemos empreender lições preliminares sobre esse grave momento vivido pela sociedade mundial, destacamos a importância conceitual, teórica e analítica de se refletir as narrativas dessa realidade, considerando dimensões relevantes, entre elas, a de reaprender a noção do outro, ou sentir a falta do outro (aqui entendido como algo ou alguém que é diferente de mim e a partir do qual ou de quem defino a minha intersubjetividade).

O distanciamento das pessoas, realizado como medida de proteção, provocou novos modos de viver juntos na pandemia. Esse afastamento, que inicialmente parecia ser passageiro, manteve-se por um longo período, de modo a demandar que as pessoas ressignificassem suas experiências e narrativas. Se encontramos meios de estar com o outro por meio dos dispositivos tecnológicos, esses mesmos meios se revelaram insuficientes para satisfazer o anseio humano de estar em contato “para com o outro”¹, uma vez que constatamos que eles (os dispositivos), mesmo considerando sua relevância nas nossas relações, não eram suficientes para exercitarmos, de forma ‘nua e crua’, nossos sentidos de sentir, tocar, ouvir, ver e saborear a nós mesmos, os outros e o mundo. Evidentemente, este é um longo capítulo, que ainda precisa ser explorado, sobre as experiências da covid-19. Aqui, apenas o pontuamos, pois se faz necessário demarcar nossa inserção na apreensão do tempo vivido que envolveu a todos.

¹ Usamos o termo “para com o outro” para demarcar uma relação intersubjetiva em que não há ordem ou hierarquia entre os envolvidos na relação, assim como para marcar uma relação ética, no sentido de que cada envolvido se responsabiliza para com o outro, assegurando sua dignidade como humano.

Ao narrar uma história, não estamos pondo em cena uma sequência de fatos e ações, mas buscando interpretar os significados das experiências nela envolvidas. Assim, se a narrativa nos permite organizar, em determinado contexto espaciotemporal, a nossa vida, ela nos dá uma percepção copernicana do mundo, do outro e de nós mesmos, baseada não somente no que aparece, mas, sobretudo, no que se sente. É esse sentir que dá a importância conceitual e a robustez analítica e epistemológica da narrativa no entendimento de nosso atual mundo pós-covid-19 (se assim pode ser pensado ou chamado o momento do agora).

O sentido das reflexões narrativas

Percebemos que tudo o que nos faz humanos está no domínio da narrativa e, talvez por isso, todos possuímos uma programação narrativa. Aprendemos por meio delas, e também aprendemos a lê-las desde muito cedo, ao mesmo tempo em que vamos aprendendo a falar, a ouvir, a compreender e a nos comunicar. Porém, conforme a filosofia da linguagem desenvolvida por Vilém Flusser (2007), tudo isso não significa que a língua e o desenvolvimento da linguagem como forma de comunicação humana sejam um legado natural da humanidade, algo biologicamente definido. A língua, assim como a narrativa, que já está no mundo quando nascemos, é arbitrária, contudo não natural. O que acontece é que, assim que as aprendemos, e passamos a pensar de forma programada por elas, tudo o que lhes diz respeito se articula de modo que sejamos levados a esquecer sua artificialidade.

Diante disso, pensar narrativamente passa a ser inevitável; o mundo passa a ser uma grande história a ser lida, descoberta, contada e recontada. A narrativa se vincula socialmente à língua e ao tempo, para conferir sentido ao mundo humano, para dar razão à vida. No horizonte narrativo, estão todas as criações humanas, a cultura, as artes, a história, o imaginário, assim como todas as referências que constituem nossa sociedade. A própria compreensão do eu, o desenvolvimento da faculdade da imaginação como um processo de “recuo para a nossa própria subjetividade” (FLUSSER, 2007), o que objetivamente é a base da diferenciação entre o que é o ‘eu’ e o que é ‘o mundo’, constituem-se num processo de fundo narrativo.

O mundo é um grande texto a ser decifrado, conforme indica Lévy (2010), ao falar das tecnologias da inteligência que usamos para memorizar histórias. As histórias do mundo já estavam aí quando chegamos e continuarão depois que nos retirarmos dele. Porém, nós mesmos, cada um de nós, também somos “eus” narrativos. Desse modo, lembramos que, na sociedade midiaticizada, segundo Luís Martino (2010), muitas vezes encenamos nossa própria identidade e construímos narrativas sobre nós mesmos.

A Renami, em seu círculo discursivo, reflete as narrativas como provenientes das múltiplas experiências das pessoas no mundo. Chimamanda Adichie (2019) alerta para o fato de que não há

narrativa única, ao enfatizar sobre os perigos de uma história única, considerando que narrativa é poder. O domínio da narrativa só é possível por quem detém o poder, e a possibilidade de contar múltiplas histórias de si, que, por consequência, produzem múltiplas visões de si, é prática dos poderosos. Ou seja, quem tem a capacidade de projetar uma única narrativa sobre si mesmo está fadado a se cristalizar em estereótipos, o que implica desvalorização, invisibilização e dominação.

Dessa forma, compreendemos a narrativa como ferramenta política, como instância que pode ser usada a serviço de diversos interesses, como ferramenta de liberdade ou aprisionamento. Como ferramenta analítica, ela nos fornece elementos múltiplos, que nos ajudam a nos situar e localizar nas mais diversas situações, possibilitando-nos ler e compreender o mundo como um texto, em que todos os elementos se conectam à grande história humana e dela passam a fazer parte.

A Renami e seu caminhar...

A escrita acima configura o caminhar dessa Rede. Ao longo de sete anos de existência, a Renami tem-se consolidado como rede, tecendo, amiúde, relações entre as diversas realidades e vozes sociais. Entendemos essas vozes sociais nos moldes bakhtinianos, isto é, relacionadas a diferentes posicionamentos, pontos de vista, posturas ideológicas e culturais. É um caminhar com desvios e encontros, de acordo com a própria experiência do pesquisar, pois falamos de lugares diversos e diferenciados, realidades múltiplas, mas constituídos em redes de relação e interação.

De 2015 até a atualidade (2022), a Renami tem consubstanciado sua existência, conforme destacamos acima, com reflexões, debates, mesas coordenadas, pesquisas e produções bibliográficas. Reforçamos o compromisso assumido no embrião de sua criação, de tentar interpretar a contemporaneidade pelas narrativas que o contemporâneo faz de si, sendo constituída de pesquisadores que acabam por ocupar o lugar tanto de sujeitos quanto de objetos dessa dinâmica (SOSTER; PUCCININ, 2017).

Apontamos e destacamos as produções como materialidades do que vem sendo feito por essa Rede, com o objetivo de socializar, visibilizar e divulgar os esforços teóricos e analíticos sobre as narrativas. Até agora, foram seis livros produzidos, coletivamente, como resultado das pesquisas realizadas por seus diversos integrantes, conforme se detalha no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Produção de livros coletivos

Ano	Título	Objetivo	Nº de Autores e Autoras	Capítulos	Organizadores
2017	Narrativas midiáticas	Aborda a arrancada conceitual do campo das narrativas jornalísticas, compondo um conjunto de artigos que revela a pioneira busca da delimitação de um objeto singular, entre a diversidade e a complexidade conceitual e epistemológica narrativa.	23	34	Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Quatrin Piccinin
2018	Narrativas midiáticas	Aborda o interesse pelo estudo das narrativas, refletindo a diversidade de angulações possíveis das produções em curso, assim como um dos lugares privilegiados da produção de sentidos na contemporaneidade.	20	3	Marta R. Maia e Monica Martinez
2019	Narrativas midiáticas	Aborda as narrativas não ficcionais e as narrativas jornalísticas, pensando o jornalismo e a exposição da verdade dos fatos, o relato objetivo, com o uso do recurso de técnicas da ficção literária ou visual.	25	18	Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Piccinin
2020	Narrativas Midiáticas	Aborda as diferentes noções hegemônicas presentes em narrativas da comunicação (ficcionais e não ficcionais), frequentemente pacificadas e normalizadas, as quais são tensionadas e desafiadas nesse e-book.	44	27	Marta Maia e Mateus Yuri Passos
2021	Narrativas midiáticas	Afinal, o que é narrar senão dar sentido à realidade? Compreendemos, portanto, protagonismo como tudo aquilo que, ao mudar a realidade em que se insere, transforma, para melhor, esta mesma realidade e o que se diz dela.	34	21	Demétrio de Azeredo Soster e Mara Rovida
2022 (no prelo)	Narrativas midiáticas	Aborda representações críticas do caos social, ambiental e político. Epistemologias ao revés dos relatos hegemônicos. Ética das possibilidades. Narrativas éticas e cidadãos diante do mal-estar atual. Narrativas de intervenção social, narrativas de soluções e outras formas de narrativas propositivas.	43	28	Mateus Yuri Passos e Karina Barbosa

Fonte: Produzido pelos autores.

Em 2021, promoveu-se o I Simpósio da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas, com a temática “Tensionamentos contemporâneos nos estudos das narrativas”, realizado de maneira virtual e transmitido pelo canal da Renami, no YouTube. A programação foi constituída de cinco mesas compostas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, com temáticas que abordaram diversos aspectos da compreensão teórica e conceitual das narrativas, conforme informações constantes no Quadro 2:

Quadro 2 – Evento da Renami

Temática	Convidados	Datas
“Jornalismo literário: cenários contemporâneos de pesquisa”	Manuel João Coutinho (Universidade Nova de Lisboa); Mônica Martinez (UNISO); Mateus Yuri Passos (UMESP).	16/06/2021
“Narrativas plurais, protagonistas diversos”	Miriam Cristina Carlos Silva (UNISO); Agnes Arruda (UNISO); Mara Rovida (UNISO).	18/06/2021
“Narrativas jornalísticas e cobertura sobre saúde em tempos pandêmicos”	Dione Moura (UnB); Ramón Sallaveria (Universidade Navarra- Espanha); Fabiana Paccinin (UNISC).	23/06/2021
“Jornalismo narrativo, deslocamentos e subjetividades”	Fabiana Moraes (UFPE); Fernando Resende (UFF); Marta Maia (UFOP).	23/06/2021
“Narrativas em movimento: semioses, complexidades e ecossistemas ciclo-turísticos comunicacionais”	Maria Luiza Cardinale Baptista (UCS/S – UFAM/AM); José Ramalho (Universidade Lusófona – Portugal); Demétrio de Azeredo Soster (RENAMI).	24/06/2021

Fonte: Produzido pelos autores.

A Renami também marcou presença, em 2022, na quarta edição da “SBPJor em Redes”, promovida pela SBPJor e pelas redes de pesquisa da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Este ano, a mesa organizada pela Renami abordou a temática “Narrativa(s) e democracia”, tendo como provocação pensar a realidade brasileira, mas não somente isso. O evento também buscou refletir o momento em que as relações sociais, as estruturas de poder e os arcabouços democráticos enfrentam tensões em territórios dos mais diversos, levantando uma série de questionamentos que parece, naturalmente, se avizinhar da pesquisa acerca dos processos comunicativos. De que modo, afinal, têm-se delineado os contornos (retóricos, estéticos etc.) da arena política na contemporaneidade? As múltiplas possibilidades de construção narrativa permanecem a estruturar e a manter as bases (comunicativas) necessárias às participações, às negociações e aos compartilhamentos, na esfera pública, dos diversos atores sociopolíticos? Como se configuram, hoje, as narratividades aptas

a ampliar a reflexão sobre o status da democracia e a natureza da vida ética?

A Renami também marcou presença, em 2022, na quarta edição da “SBPJor em Redes”, promovida pela SBPJor e pelas redes de pesquisa da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Este ano, a mesa organizada pela Renami abordou a temática “Narrativa(s) e democracia”, tendo como provocação pensar a realidade brasileira, mas não somente isso. O evento também buscou refletir o momento em que as relações sociais, as estruturas de poder e os arcabouços democráticos enfrentam tensões em territórios dos mais diversos, levantando uma série de questionamentos que parece, naturalmente, se avizinhar da pesquisa acerca dos processos comunicativos. De que modo, afinal, têm-se delineado os contornos (retóricos, estéticos etc.) da arena política na contemporaneidade? As múltiplas possibilidades de construção narrativa permanecem a estruturar e a manter as bases (comunicativas) necessárias às participações, às negociações e aos compartilhamentos, na esfera pública, dos diversos atores sociopolíticos? Como se configuram, hoje, as narratividades aptas a ampliar a reflexão sobre o status da democracia e a natureza da vida ética?

Quadro 3 – Mesas coordenadas

Ano	Título	Objetivo
2021	1ª Mesa Renami de Jornalismo narrativo, sujeitos e testemunhos	Objetivou refletir sobre as narrativas contemporâneas e as possibilidades de sua compreensão no contexto da produção jornalística, em especial a que se configura por sujeitos em relação, ou seja, na ação narrativa advinda da confluência entre narrador, personagens e público, pensando, ainda, o lugar do testemunho no processo. Os trabalhos aqui apresentados evidenciam uma nova ordem de apropriações e cisões, principalmente nas estabelecidas em torno das hegemonias narrativas, visto que novas experimentações na área contribuem para mudanças profundas nos modos de produção, circulação e recepção na esfera social. Os artigos problematizam o papel do jornalismo em interface com outras áreas do conhecimento, considerando que as fronteiras estão cada vez menos delimitadas, além de refletir sobre a articulação de sentidos sobre problemáticas do contemporâneo em narrativas ofertadas em diversos suportes midiáticos.
2021	2ª Mesa Coordenada da Renami de Jornalismo narrativo, sujeitos e testemunhos	Objetivou refletir sobre as narrativas contemporâneas e as inúmeras possibilidades proporcionadas pelas produções jornalísticas configuradas e reconfiguradas pelos sujeitos em relação, produtores, jornalistas, personagens/fontes e públicos. Os trabalhos apresentados buscam discutir o lugar do jornalismo hoje, tanto nas coberturas da atualidade, como nas experiências narrativas estéticas diversificadas, o que evidencia uma nova ordem de apropriações e cisões, principalmente nas estabelecidas em torno das narrativas do campo ou na relação entre jornalismo, memória e testemunho, visto que novas experimentações na área contribuem para mudanças profundas nos modos de produção, circulação e recepção na esfera social. Os artigos problematizam e refletem os modos de se relatar histórias de vida, de si e a produção de sentidos engendrada pela construção da narrativa sobre o “outro”, sejam pessoas públicas ou anônimas, além de explicitarem diferentes aspectos das disputas pelas memórias
2021	Mesa Renami de Narrativas jornalísticas plurais – potencialidades experimentadas	A comunicação jornalística pressupõe interação, diálogo entre sujeitos em todo seu processo, da apuração dos acontecimentos à fruição pelo público, passando pela elaboração da narrativa. Nesse sentido, as experiências jornalísticas que visam evidenciar essa pluralidade que faz parte da própria comunicação e se valem dessa multiplicidade de perspectivas são refletidas pelos autores dos trabalhos que compõem esta mesa coordenada da Renami. Assim, discute-se a relação dialógica como parte da prática jornalística que leva em conta a alteridade e revela a pluralidade, a diversidade e as possibilidades, inclusive, de experimentação narrativa que vão do flerte com os formatos ficcionais até as experiências de tecnologias digitais. O fazer jornalístico impresso em narrativas diversas, em formato e em perspectiva, é revelador de experiências que parecem testar as potencialidades dessa prática comunicacional.
2021	Mesa Coordenada IALJS/Renami de Jornalismo Literário	Os trabalhos da comunicação coordenada se debruçam sobre aspectos distintos do jornalismo literário, conjunto de gêneros discursivos situado na fronteira entre jornalismo e literatura que vem sendo objeto de investigação acadêmica desde os anos 1970. Nesta edição da mesa realizada em parceria com a International Association for Literary Journalism Studies, os textos se voltam ao aprofundamento da cobertura da realidade por meio das narrativas de JL – especialmente ao pensar a dimensão epistemológica das práticas de jornalismo literário e o estabelecimento de diversas tradições de representação e interpretação de realidade por meio da apuração jornalística e imersiva e da produção textual a partir de estruturas e retóricas narrativas.

Em 2022, o encontro da SBPJor (20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo) retorna ao formato presencial, após dois anos sendo realizado de forma virtual. Após esse período de afastamento, novos desafios são impostos às entidades, considerando os cortes de recursos sofridos pelas instituições de ensino e pesquisa e a crise política vivida no país.

No 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, a ser realizado de 8 a 11 de novembro, na Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Benfica, a Renami contará com duas mesas: a) “Experiências da narrativa jornalística contemporânea; e b) Jornalismo narrativo, sujeitos e testemunhos”. A primeira, “Experiências da narrativa jornalística contemporânea”, em sua ementa, mobiliza a reflexão acerca das diversas modalidades das narrativas jornalísticas contemporâneas e de suas enunciações e narrações dos fenômenos sociais e da individuação dos acontecimentos cotidianos. Nessa perspectiva, o ato de narrar é configurado como modos de compreensão e entendimento do mundo em que se vive, e as narrativas, entre outras visadas conceituais e metodológicas, como lugar de produção de conhecimento, ações e performances socioculturais.

Nessa perspectiva, é relevante pensar as narrativas como representações sociais que indicam os nossos modos de ver o mundo e a inscrição dos sujeitos nesse mesmo mundo. Na condição de produtor de sentidos, o jornalismo ordena os fatos de maneira própria, constituindo-se em importante componente da experiência das pessoas, em que, a partir das narrativas produzidas, forma uma compreensão do mundo que se supõe real. Reporta-se a experiência como o estar no mundo, a maneira como o apreendemos e nos relacionamos com ele, com o outro e a alteridade. Busca-se, assim, entender como as narrativas jornalísticas, nas suas diversas inscrições, indo da tessitura sobre o campo científico ao dia a dia dos indivíduos, elaboram o processo de percepção e interpretação dos fatos, configurando as relações interativas entre os indivíduos, as coisas do mundo e as temporalidades que marcam o contexto histórico, social e cultural. A coordenada também objetiva problematizar e tensionar as construções e representações dessas narrativas, pois não são tais qual o que ocorre no mundo, mas resultados de processos socialmente organizados e regulados que dão sentido às experiências. As narrativas são pensadas com o objetivo de analisar, entender e conhecer o jornalismo e o seu fazer, assim como as práticas profissionais em suas diversas coberturas.

A segunda mesa, “Jornalismo narrativo, sujeitos e testemunhos”, em sua ementa, propõe refletir sobre as narrativas contemporâneas e as possibilidades de sua compreensão no contexto da produção jornalística, em especial a que se configura por sujeitos em relação, ou seja, na ação narrativa advinda da confluência entre narrador, personagens e público, pensando, ainda, o lugar do testemunho no processo. Os trabalhos aqui apresentados evidenciam uma nova ordem de apropriações e

cisões, principalmente naquelas estabelecidas em torno das hegemonias narrativas, visto que novas experimentações na área contribuem para mudanças profundas nos modos de produção, circulação e recepção na esfera social.

Nesse diapasão, os artigos publicados problematizam o papel do jornalismo em interface com outras áreas do conhecimento, considerando que as fronteiras estão cada vez menos delimitadas; além disso, refletem sobre os modos de se relatar histórias de vida, de si e sobre a produção de sentidos engendrada pela construção da narrativa sobre o “outro”, sejam pessoas públicas, sejam anônimas, além de explicitarem diferentes aspectos das disputas pelas memórias. Eles ainda problematizam a noção de testemunho no jornalismo, antes associado especialmente à presença concreta no espaço do acontecimento, e observam, ainda, a reconfiguração das vozes narrativas na sociedade midiaticizada, as hegemonias discursivas e os tensionamentos possíveis a partir da subjetividade na narrativa jornalística. Os artigos, aqui apresentados, tensionam conceitos, concepções, práticas, linguagens e perspectivas que situam as narrativas em suas mais variadas dimensões.

As tessituras da Renami continuam em ampla expansão e com potencialidades teóricas, metodológicas e analíticas de seus integrantes, considerando que cada vez mais pesquisadores refletem sobre as narrativas e a mediação que elas possibilitam entre o indivíduo e a realidade.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. Obras escolhidas, v. I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 224 p.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Comunicação e identidade: quem você pensa que é. São Paulo: Paulus, 2010. p. 189-198.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin. Apresentação In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas [recurso eletrônico]. – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. 313 p

Três anos febris: a RENOI e a crítica da mídia nos tempos da Covid-19 e de ataques ao jornalismo

Rafiza Varão¹

Mesmo o dilúvio não durou eternamente.

Veio o momento em que as águas escuras baixaram.

Sim, mas quão poucos sobreviveram!

(Bertolt Brecht, Lendo Horácio)

Contexto

Não será em 2022. Contudo, em setembro deste ano, Tedros Adhanom, diretor da Organização Mundial de Saúde (OMS), anunciou que “o fim da pandemia está à vista”², ainda que seja difícil de ser divisado com clareza. Enquanto este texto é redigido, os estragos da era da Covid-19 continuam a se acumular em dimensões mastodônticas, mesmo com a redução quantitativa em casos e mortes, com grave participação do Brasil nos números. O mundo tem hoje quase 700 milhões de casos e quase 7 milhões de mortes; o Brasil está próximo das 700 mil mortes, com 35 milhões de casos. Cerca de 10% das mortes por Covid-19 aconteceram no país. Isso faz com que a cada dez de nós, sete conheçam alguém que morreu pela doença³. Além dessa tragédia numérica e humana, os brasileiros enfrentaram a ocultação de dados, a desinformação, políticas de morte e o negacionismo nesse período – cujo maior símbolo talvez seja a recusa inicial da compra de vacinas pelo governo e, posteriormente, a rejeição à vacinação de crianças e adolescentes. Assistimos, desde o início do comando das medidas de enfrentamento à doença pelo general Eduardo Pazuello (o terceiro ministro da Saúde durante a pandemia), a crescentes restrições à correta divulgação de informações sobre a Covid-19. Também testemunhamos o aparecimento de verdadeiros pangolins brasileiros, como o Placar da Vida⁴, que informava o número de recuperados da doença, se inserindo numa narrativa não só de negar a gravidade do vírus, mas de tornar positiva a catástrofe no cenário brasileiro. O Placar também passou a omitir as mortes, conforme pode ser visto na figura abaixo.

¹ Professora do Departamento de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI). Email: rafiza@unb.br.

² Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/fim-da-pandemia-esta-a-vista-diz-oms/>. Acesso em 21 set. 2022.

³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/sete-em-cada-dez-brasileiros-conhecem-alguem-que-morreu-de-covid-19/>. Acesso em 27 set. 2022.

⁴ O Placar da Vida foi suspenso com a saída do general Pazuello do comando do Ministério da Saúde.

Figura 1: Placar da vida.



Fonte: Bahia Notícias ⁵.

Essa abusiva falta de transparência e o uso da pandemia como propaganda levou a uma série de reações por parte da imprensa, como a criação de um inédito consórcio entre G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL. O consórcio foi criado na tentativa de divulgar os dados omitidos, de interesse público, a partir das informações obtidas das secretarias de saúde do país, e continua ativo.

Pode-se considerar, empírica e hipoteticamente, que a reação quase imediata dos veículos de imprensa frente ao claro ataque ao direito à informação só foi possível pela intensa desavença entre a Presidência da República e os veículos de comunicação – e que se agravou nos três últimos anos. O último Relatório de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, publicado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), aponta que

⁵ Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/248715-governo-omite-numero-de-mortes-em-placar-da-vida-e-foca-em-brasileiros-salvos.html>. Acesso em: 27 set. 2022.

[...] Já em 2019, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação a 2018.

Em 2020, a situação agravou-se. Houve uma verdadeira explosão da violência contra jornalistas e contra a imprensa de um modo geral. Em comparação com o ano anterior, o aumento de casos foi de 105,77%. E, em 2021, essa situação mantém-se praticamente inalterada, com jornalistas sendo atacados cotidianamente.

O presidente Jair Bolsonaro, assim como nos dois anos anteriores, foi o principal agressor. Sozinho ele foi responsável por 147 casos (34,19% do total), sendo 129 episódios de descredibilização da imprensa (98,47% da categoria) e 18 de agressões verbais a jornalistas. (FENAJ, 2022, p. 4)

Assim, entre 2020 e 2022, a Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI) organizou suas sessões coordenadas em torno de três eixos, em que as análises sobre a mídia privilegiassem todo contexto de pandemia, incluindo aí a situação delicada em que a imprensa brasileira passou a atuar:

- 1) As questões envolvendo jornalismo, transparência, credibilidade e direito à informação;
- 2) A reflexão sobre jornalismo, liberdade de expressão e democracia;
- 3) O papel da crítica da mídia diante dos desafios que o jornalismo enfrenta nos anos 20 deste século.

Os eixos sinalizam e reforçam o compromisso da RENOI não só com uma observação da mídia de forma crítica e responsável, a partir da expertise de seus membros e colaboradores, mas com a própria SBPJor, como uma organização que estimula a pesquisa do jornalismo também pelo viés da criticidade e responsabilidade. Nesses três anos de pandemia, o trabalho da RENOI se soma aos dos colegas das demais redes no sentido de pensar o jornalismo nesses momentos urgentes, conturbados e febris.

A Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI)

A Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI) foi fundada em 2005, apenas dois anos após a criação da SBPJor, sendo uma das mais antigas redes de pesquisa do Brasil, com atuação contínua. Sua criação foi convocada pelo Observatório da Imprensa, site de crítica da mídia idealizado pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), por sua vez fundado em 1996. A ideia de uma rede de observatórios aparece originalmente no largamente citado texto de Victor Gentilli e Alberto Dines⁶ “Chamamento às escolas de Jornalismo: criemos juntos a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa”, publicado na edição 48 do próprio Observatório da Imprensa, e que merece, mais uma vez, ser mencionado aqui.

⁶ Segundo Gentilli afirma que o texto que idealiza a RENOI foi, na verdade, escrito com o jornalista Alberto Dines. In: GENTILLI, Victor. A RENOI 1405. Mensagem recebida por <rafiza@gmail.com> em 14 de maio de 2020. Acesso em: 27 set. 2022.

O OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA convida as escolas e cursos de jornalismo no Brasil para, em parceria, estruturarmos a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa, RENOI.

[...]

O objetivo fundamental da Rede é tentar montar um painel do jornalismo brasileiro, com ênfase para o jornalismo local de cada região. Estimulados e pautados pelo Observatório da Imprensa, e acompanhados por um professor, estudantes de jornalismo farão avaliações, estudos, trabalhos, diagnósticos e pesquisas dos jornais, revistas, telejornais e radiojornais. Estarão, deste modo, consolidando e ampliando as experiências brasileiras de crítica de mídia e abrindo, nas escolas de jornalismo, um espaço privilegiado para a sua prática. (GENTILLI, 1998)

Com quase 18 anos, a RENOI hoje corresponde a uma rede de vasta ramificação, sem morçadças centralizadoras, atuando nas três frentes da ação universitária: ensino, pesquisa e extensão, congregando diversos pesquisadores e observatórios da mídia no país. A rede é parceira do Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas (fundamental no processo de criação da Lei de Acesso à Informação no Brasil e responsável por importantes cobranças aos poderes públicos relacionadas à ela) e, desde 2020, integra a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD), iniciativa que “interliga projetos e instituições de diversas naturezas que trabalham e contribuem de alguma forma para combater o mercado da desinformação que floresce em nosso Brasil”⁷.

Durante a pandemia, cabe ressaltar os esforços realizados pela RENOI para aproximar seus membros e concretizar metas a partir de um planejamento anual mesmo com as limitações dos encontros remotos (e com as possibilidades que estes oferecem). Desse modo, a rede realizou, entre 2020 e 2022, a reformulação de sua logo, o primeiro censo de observatórios e a sua primeira disciplina conjunta, lecionada pelos seus diversos atores individuais, professores de programas de pós-graduação e graduação, de todas as regiões do país, e ofertada de agosto a novembro de 2021. Intitulada “Crítica da Mídia”, a disciplina teve a participação de 17 professores, aqui apresentados pela ordem de aulas ministradas: Liziane Guazina, Rafiza Varão, Álisson Coelho e Fernando Oliveira Paulino (UnB); Danilo Rothberg (Unesp); Victor Gentilli, Rafael Paes Henriques, Rafael Bellan e Edgard Rebouças (UFES); Samuel Lima e Rogério Christofolletti (UFSC); Gerson Luiz Martins e Marcos Paulo da Silva (UFMS); Sérgio Gadini e Marcelo Bronosky (UEPG); Gilson Porto (UFT); Josenildo Guerra (UFS).

⁷ Disponível em: <https://rncd.org/sobre-nos/>. Acesso em: 27 set. 2022.

Figura 2: Logo atual da RENOI, de autoria de Louis Popov.



Fonte: Arquivos RENOI.

Figura 3: Capa do primeiro Censo de Observatórios, realizado pela RENOI.



Fonte: Arquivos RENOI.

A RENOI ainda tem composto importantes parcerias internacionais, como as desenvolvidas com a Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAI) e com Rede Lusófona pela Qualidade da Informação (RLQI), no Centro de Estudos do Século XX da Universidade de Coimbra (CEIS20-UC). Também merece destaque a parceria com a Universidade Técnica de Dortmund (TU Dortmund), na qual pesquisadores da RENOI têm atuado na pesquisa Global sobre Mídia e Accountability.

Para o ano de 2023, a rede prepara a nova edição do Censo de Observatórios, a realização da segunda edição de sua disciplina, a publicação de livro com os principais trabalhos apresentados ao longo dos três anos aos quais este texto cobre, e a comemoração de sua maioridade.

Sessões Coordenadas pela RENOI durante os Congressos da SBPJur em 2020, 2021 e 2022: um amálgama

A RENOI ofereceu o total de seis mesas nos encontros da SBPJur de 2020, 2021 e 2022 – duas em cada ano –, conforme os eixos de preocupação apresentados anteriormente, que sinalizam e embasam as pesquisas realizadas por seus membros, bem como as discussões contemporâneas acerca do jornalismo e da crítica da mídia, de forma mais ampla.

2020

A Sessão Coordenada 1, “Jornalismo, Democracia, Transparência e Acesso à Informação”, coordenada por Danilo Rothberg (Unesp) e Gilson Porto (UFT), focou sobretudo na LAI, conforme sua chamada:

Considera-se urgente debater, no âmbito da RENOI, as implicações que as ações anti-transparência e contrárias ao direito à informação trazem de forma imediata ou posteriormente. Assim, a mesa coordenada Jornalismo, Democracia, Transparência e Acesso à Informação busca perscrutar essas questões, podendo ser abordados os seguintes temas (em estudos de natureza empírica ou teórica): reflexões históricas sobre a LAI; prospecções quanto ao futuro da LAI; acesso à informação em meio à pandemia da Covid-19; relações entre jornalismo, democracia, transparência, direito à informação e novas políticas públicas; panoramas de entraves à LAI. (RENOI, 2020, p. 2)

Os textos aprovados e apresentados foram:

Tabela 1: Textos da Sessão Coordenada “Jornalismo, Democracia, Transparência e Acesso à Informação”.

Título	Autor
“Direito à informação e apoio à democracia na América Latina”	Danilo Rothberg, Carlo José Napolitano e Caroline Kraus Luvizotto
“Desinformação e transparência: estudo sobre o efeito da terceira pessoa na atuação jornalística”	Francisco Gilson Rebouças Porto Junior
“Regras e guias de transparência em dois conglomerados midiáticos brasileiros”	Rogério Christofolletti e Denise Becker
“Atos de jornalismo e news promoters na pandemia da covid-19: as finalidades jornalística”	Thalita Mascarelo
“Accountability e saúde: desafios do direito de acesso à informação na pandemia de Covid-19”	Luma Poletti Dutra

Fonte: A autora.

A Sessão Coordenada 2, cujo tema foi “Jornalismo, Violência contra profissionais, Responsabilidade Social e Media Accountability”, foi coordenada por Rafiza Varão (UnB) e Fernando Oliveira Paulino (UnB), tendo como objetivo discutir “jornalismo e democracia; violência e ameaças contra profissionais; estudos comparativos; credibilidade jornalística e governo Bolsonaro; jornalismo e responsabilidade social; jornalismo como atividade essencial; media accountability” (RENOI, 2020, p. 4).

Os textos aprovados e apresentados foram:

Tabela 2: Textos da Sessão Coordenada “Jornalismo, Violência contra profissionais, Responsabilidade Social e Media Accountability”.

Título	Autor
“Ataques à imprensa no canal de Jair Bolsonaro no YouTube: um estudo no contexto da pandemia de COVID-19”	Ana Marta M. Flores
“A dimensão ética do conceito de verdade e suas relações com o jornalismo: antes e durante a pandemia”	Rafiza Varão
“Presidente Jair Bolsonaro, a disputa pela verdade e a narrativa contra o jornalismo em contexto de pandemia”	Márcio Ribeiro Garoni e Paula Caroline Zarth Padilha
“Literacia mediática e accountability da mídia nas salas de aula: como desenvolver tais temas com professores, estudantes e comunidade escolar no ensino fundamental?”	Milena Marra, Fernando Oliveira Paulino, Jairo Faria, Yuri Soares Franco, Fernando Molina, Luana Melo, Mariana Bitencourt Santos, Luiggi Fontenele, Patricia Bezerra, Anne Caroline Silva e Beatris Silva de Deus
“Responsabilidade social e violência contra mulheres: o caso Sandra Gomide 20 anos depois”	Lais de Mello Rocio e Victor Israel Gentili

Fonte: A autora.

2021

A Sessão Coordenada 1, “Liberdade de expressão, jornalismo e democracia”, coordenada por Danilo Rothberg (Unesp), Gilson Porto (UFT) e Liziane Guazina (UnB), focou sobretudo nas questões envolvendo suas palavras-chave, com recorte para os lugares ocupados pelo Brasil nos rankings internacionais de liberdade de expressão, nos relatórios nacionais sobre o assunto, e no aumento dos ataques aos jornalistas no país, especialmente verificado pelos relatórios anuais da FENAJ. Foram selecionados trabalhos dentro do seguinte escopo: “prática e qualidade jornalística, participação no jornalismo, responsabilização da mídia e ética profissional” (RENOI, 2021, p. 2).

Os textos aprovados foram:

Tabela 3: Textos da Sessão Coordenada “Liberdade de expressão, jornalismo e democracia”.

Título	Autor
“Violência contra jornalistas como barreira a media opening na América Latina”	Juliano Domingues
“A Política do Cercadinho: o relacionamento do governo Bolsonaro com a imprensa”	Ebida Santos, Liziane Guazina, Julia Schiaffarino
“Liberdade de imprensa e jornalismo: estudo sobre o efeito da terceira pessoa na atuação jornalísticas”	Francisco Gilson Rebouças Porto Junior
“Theory and practice of participation on BBC’s Question Time”	Daniele Ferreira Seridório, Danilo Rothberg
“Violência de Estado contra jornalistas: impactos práticos e éticos das perseguições do governo Bolsonaro”	Rogério Christofolletti

Fonte: A autora.

A Sessão Coordenada 2, “Tendências, permanências e rupturas em crítica e literacia mediática”, foi coordenada por Rafiza Varão (UnB) e Fernando Oliveira Paulino (UnB) e teve como objetivo discutir a prática da mídia de forma, ao mesmo tempo, histórica, conceitual e contextual. A mesa recuperou a necessidade das ações de crítica da mídia se autoavaliarem, constituindo também uma iniciativa de reflexão teórica sobre o assunto. Desse modo, foram selecionadas pesquisas sobre: “história da crítica da mídia (regional ou nacional), história de observatórios de mídia, tendências em crítica da mídia, rupturas em crítica da mídia, fundamentos epistemológicos da crítica da mídia, literacia mediática” (RENOI, 2021, p. 4).

Os textos aprovados e apresentados foram:

Tabela 4: Textos da Sessão Coordenada “Tendências, permanências e rupturas em crítica e literacia mediática”.

Título	Autor
“Comunicação Comunitária: 20 anos de literacia mediática”	Fernando Oliveira Paulino, Milena Marra, Mariana Ferreira Lopes
“Defensorias das audiências no México. Ferramentas para a Literacia Mediática”	Laura Martínez Aguila
“Imparcialidade no jornalismo: um protocolo (preliminar) de aplicação”	Josenildo Guerra
“Um caminhar vacilante: sobre verdade, erro e crítica da mídia no caso das vacinas vencidas noticiado pela Folha de S. Paulo”	Rafiza Varão

Fonte: A autora.

2022

Para o ano de 2022, que marca o retorno da SBPJor presencial, na cidade de Fortaleza, a RENOI realizou chamada para duas mesas que dão prosseguimento ao trabalho realizado nos dois outros anos aqui apresentados. Espera-se que a discussão, o avanço nas proposições e a reunião de rede apontem caminhos fecundos para o próximo ano.

A Sessão Coordenada 1, “Credibilidade no jornalismo”, a ser coordenada por Rogério Christofolletti (UFSC), selecionou trabalhos sobre

[...] confiança pública nos meios, credibilidade jornalística, crise de confiança nas instituições, transparência, direito à informação, desafios profissionais, desafios da indústria jornalística relacionados à confiança das instituições, e deterioração da confiabilidade dos meios. (RENOI, 2022, p. 1)

Tabela 5: Textos da Sessão Coordenada “Credibilidade no jornalismo”.

Título	Autor
“A credibilidade que está nos manuais de jornalismo: orientações profissionais na literatura técnica”	Rogério Christofolletti
“Métodos de apuração e de avaliação de qualidade em jornalismo: condição da credibilidade baseada em dados”	Josenildo Guerra
“Transparência jornalística em produtos visuais: um estudo de caso da série Fluência em Notícias de GZH”	Denise Bibiano Becker Santos, Kalianny Bezerra de Medeiros
“Ética e credibilidade no jornalismo: uma breve revisão dos conceitos na literatura internacional”	Raphaelle Batista
“Em busca da credibilidade perdida: reconfigurações da práxis jornalística diante dos novos atores digitais”	Marcio Martins Calil, Katia Lerner

Fonte: A autora.

A Sessão Coordenada 2, “Liberdade de expressão, democracia, cenários de desinformação e o papel da crítica midiática”, que será coordenada por Danilo Rothberg (Unesp), buscou pesquisas sobre: “relações entre jornalismo, democracia, liberdade de expressão, autoritarismo, populismo, violência contra jornalistas, desinformação, políticas de comunicação e crítica mediática” (RENOI, 2022, p. 1).

Os textos aprovados foram:

Tabela 6: Textos da Sessão Coordenada “Liberdade de expressão, democracia, cenários de desinformação e o papel da crítica midiática”.

Título	Autor
“O ensino de jornalismo frente à desinformação: a experiência do Observatório Internacional Estudantil da Informação”	Fábio Henrique Pereira, Cristine Marquette, Liliane Machado, Nathália Coelho, Rafiza Varão
“Desafios da pesquisa em jornalismo sobre populismo e credibilidade”	Danilo Rothberg, Paulo Ferracioli, Andresa Caroline Lopes de Oliveira
“O Jornalismo no ecossistema desinformativo: hipersexualidade do corpo feminino”	Ana Prado, Regina Lima, Kelvyn Gomes
“Access to information in Brazil as a citizen right: a case study of the channel Saúde sem Fake News”	Suzana Cardoso

Fonte: A autora.

Considerações

Após 17 anos, as ações desenvolvidas pela RENOI durante os mais graves anos da pandemia de Covid-19 reafirmam o comprometimento da rede com seus propósitos, como serviço público, e que aparecem no “Chamamento às escolas de Jornalismo: criemos juntos a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa”, na convocação feita pela Observatório da Imprensa:

Ao estimular a produção de crítica de mídia nas escolas, o Observatório da Imprensa avança em seus objetivos de permitir à sociedade civil um "controle do Quarto Poder". Escolas, professores e estudantes de jornalismo cumprirão, assim, uma ativa função cívica perante a sociedade civil. (GENTILLI, 1998)

A rede espera continuar contribuindo para o avanço da pesquisa em jornalismo no país, seja pela atuação individual de seus membros ou nas entidades coletivas, produzindo material científico que estimule pontes entre o mercado e a academia, no sentido de oferecer perspectivas na construção de um jornalismo responsável e ético, em anos menos (ou mais) febris.

Referências

FENAJ. Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil 2021. 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em: 27 set. 2022.

GENTILLI, Victor. Chamamento às escolas de jornalismo: criemos juntos a Rede Nacional de Observatórios da Imprensa. Observatório da Imprensa, 5 jul.1998.
Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/mat050798a.htm>. Acesso em: 27 set. 2022.

RENOI. Chamada RENOI SBPJOR 2020. Documento não publicado, 2020.

RENOI. Chamada RENOI SBPJOR 2021. Documento não publicado, 2021.

RENOI. Chamada RENOI SBPJOR 2022. Documento não publicado, 2022.

A realização do evento na modalidade virtual no contexto da pandemia

Janaina Visibeli

O 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo estava programado para ser realizado em Fortaleza, no Ceará, na Universidade Federal do Ceará – UFC, no entanto, em razão das incertezas da pandemia do Covid-19, que permaneciam no ano de 2021, o 19º Encontro foi realizado, pelo segundo ano consecutivo, na modalidade virtual. Como o 18º Encontro foi vivenciado neste formato virtual, em 2020, a Diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo pode ajustar os procedimentos e aprimorar os aprendizados vividos na realização do Encontro no formato virtual.

Apesar das perdas de vivências e trocas entre pesquisadores, que só são possíveis nas relações face-a-face presenciais, que acontecem nos corredores e nas pausas entre as apresentações, a manutenção do evento na modalidade virtual permitiu que pesquisadores de diferentes localidades participassem do Encontro, em razão da facilidade apresentada pela relação mediada por tecnologia.

Neste ano houve mudanças no Estatuto da SBPJor que alterou o formato das submissões de trabalhos as sessões coordenadas das Redes. As mudanças foram necessárias, principalmente, por causa da sobrecarga do Comitê Científico da SBPJor para análise dos trabalhos submetidos as sessões coordenadas das Redes. As propostas de alterações foram decididas em reuniões colaborativas, que contaram com a participação de representantes de todas as Redes de Pesquisa da SBPJor e sua Diretoria. A Rede de Pesquisa Trabalho e Identidade no Jornalismo – RETIJ – participou das duas reuniões realizadas. A primeira reunião tratou apenas de esclarecer as propostas apresentadas. As propostas, por sua vez, foram levadas pela coordenação da RETIJ – para o grupo de pesquisadores que participaram da fundação da Rede. O objetivo era analisar as opções apresentadas e indicar a que melhor respondia a realização do evento e seria defendida na reunião de deliberação das normas. Os apontamentos feitos pelos colegas, foram levados para a segunda reunião que votou as novas regras da constituição das Sessões Coordenadas das Redes.

As mudanças nas regras de constituição das Sessões Coordenadas

Até 2020 os pesquisadores submetiam resumos expandidos às Redes de Pesquisa da SBPJor. De acordo com os trabalhos submetidos as coordenações das Redes definiam o número de sessões coordenadas, suas ementas e indicava quais seriam os trabalhos apresentados em cada Sessão. As Sessões com os trabalhos eram encaminhadas ao Comitê Científico para aprovação. Esta dinâmica

garantia o diálogo das Sessões com os trabalhos que seriam apresentados no Encontro Nacional, mas sobrecarregavam o Comitê Científico da Associação. A partir da aprovação dos resumos, os pesquisadores encaminhavam os trabalhos completos para apresentação no evento e publicação nos anais.

Sem a submissão prévia dos resumos expandidos, para a proposição das sessões coordenadas e suas ementas, cada Rede criou uma estratégia de proposição das sessões. A RETIJ abriu uma consulta a lista de pesquisadores da Rede para levantar temas e o interesse deles em participar do 19º Encontro, com submissão de trabalhos a Rede. O retorno dado pelos pesquisadores permitiu a coordenação da RETIJ indicar as temáticas e ementas de três Sessões Coordenadas, intituladas: Jornalismo e Pandemia; Reestruturação no Jornalismo; Alternativas no Jornalismo. A proposta foi submetida à aprovação do Comitê Científico da SBPJor. As Sessões aprovadas, foram disponibilizadas na plataforma GALOÁ, por meio da qual é feito o processo de gestão das submissões e avaliações de trabalhos, permitindo que ao submeterem os trabalhos os pesquisadores indicassem a Sessão Coordenada na qual gostariam de participar.

Participação da RETIJ no 19º Encontro

Para estimular a participação de pesquisadores a submeterem trabalhos às Sessões Coordenadas da RETIJ, a coordenação da Rede divulgou a chamada nas principais listas integradas por pesquisadora(e)s da Comunicação e Jornalismo (SBPJor, Compós, Intercom), além da lista de associadas e associados da RETIJ. O movimento possibilitou a chegada de nova(o)s pesquisadores à Rede, permitindo uma renovação das discussões.

Para estimular a participação de pesquisadores a submeterem trabalhos às Sessões Coordenadas da RETIJ, a coordenação da Rede divulgou a chamada nas principais listas integradas por pesquisadora(e)s da Comunicação e Jornalismo (SBPJor, Compós, Intercom), além da lista de associadas e associados da RETIJ. O movimento possibilitou a chegada de nova(o)s pesquisadores à Rede, permitindo uma renovação das discussões.

Houve a submissão de 12 trabalhos completos, aliados às cegas por pareceristas inscritos na Associação, ou indicados pelas coordenações de Rede e pela Diretoria Científica. Cada trabalho foi avaliado às cegas por dois pareceristas e em caso de empates, eram enviados a um terceiro parecerista que indicava o desempate. Ao final, onze trabalhos foram recomendados ao Encontro. Pelas novas regras de composição das Sessões Coordenadas, foi necessário realizar um rearranjo dos trabalhos nas sessões, porque houve a exclusão da sessão Jornalismo e Pandemia.

A primeira sessão coordenada, “Alternativas no Jornalismo”, aconteceu em 10 de novembro e realizou debate entre pesquisadores que estudam grupos e coletivos que investem na estruturação

de novos arranjos jornalísticos e estabelecem diferenciações em relação ao modelo convencional de jornalismo, realizado por organizações jornalísticas denominadas mainstream. Nesse debate, interessava observar as características diferenciais entre diversos modelos de jornalismo, e como esses elementos subsidiam repercussões nas práticas e identidades da(o)s jornalistas, configuram momentos de discussão relevantes para a compreensão das ideologias presentes na produção jornalística. A sessão teve a apresentação de cinco trabalhos:

1- Iniciativas de arranjos jornalísticos no Tocantins e em Goiás: relações de trabalho e modos de fazer jornalismo alternativo, com autoria de Marluce Zacariotti (UFT); Ingrid Pereira de Assis (UFT) e Valquíria Guimarães (UFT).

2- Autores-arranjo: uma proposta de categoria no jornalismo independente cearense, com autoria de Rafael Rodrigues da Costa (UFC), Mayara Araújo (UFC), Raphaele Batista (UFC).

3- Sustentabilidade de projetos de jornalismo independente no Youtube, com autoria de Samuel Lima (UFSC) e Vinícius Augusto Bressan Ferreira (UFSC).

4- As dramáticas do uso de si dos jornalistas durante a pandemia de Covid-19, com autoria de Janaina Visibeli Barros (UEMG), Jamir Kinoshita (USP), Naiana Rodrigues (UFC) e Yonara Santana (USP).

5- Ethos de resistência jornalística na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira, com autoria de Leopoldo Pedro Neto (UFMS) e Marcos Paulo da Silva (UFMS).

A segunda sessão, intitulada “Reestruturação no Jornalismo”, aconteceu em 11 de novembro. A partir do contexto contemporâneo de mutações do mundo do trabalho dos jornalistas, a sessão tratou do debate sobre a reestruturação produtiva da atividade, abarcando temas como a financeirização do capital, plataformização do trabalho e precarização de suas condições de trabalho, que são dimensões também percebidas nos processos de realização do trabalho da(o)s jornalistas, e que repercutem no condicionamento de suas identidades e nos produtos que resultam de seu trabalho. As ‘crises’ identificadas na produção jornalística que evidenciam essa correlação de fatores, e seu conhecimento com o objetivo de qualificar perspectivas e desdobramentos futuros. Essa sessão, teve a apresentação de seis trabalhos:

1- Os jornalistas do Espírito Santo (ES): aspectos das condições de trabalho nas maiores redações capixabas, com autoria de Rafael Bellan (UFES) e Vitor Guerra Silva (UFES).

2- Alterações em rotinas produtivas e indícios de precarização do trabalho jornalístico durante a pandemia de Covid-19, dos autores Tamires Ferreira Coêlho (UFMT) e Marcos Vinícios Fagundes Salesse (UFMT).

3- Jornalista em home office: as materialidades das tensões no lar e na virtualização do trabalho, com autoria de Ana Flávia Marques da Silva (USP); Camila Acosta Camargo (USP); Cláudia Naciolini Rebechi (UTFPR); Daniela Ferreira de Oliveira (USP) e Rafael Grohann (UNISINOS).

4- Jornalistas metrificados: valores profissionais conflitantes no ambiente de plataformização e lógica neoliberal, das autoras Janaina Kalsing (UFRGS) e Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS).

5- Estudos sobre rotinas de produção e processos de trabalho jornalístico na pandemia da Covid-19: um panorama do estado da arte em pesquisas da SBPJor, de autoria de Patrícia Lima (UFSC) e Matheus Nascimento (Estácio).

6- Reconfigurações do trabalho e da identidade de jornalistas: reflexões com base em pesquisa no período de pandemia de Covid-19, dos autores João Augusto Moliani (UTFPR); Roseli Figaro (USP); Fernando Felício Pachi Filho (FTT) e Cláudia Nonato (USP).

Com a intenção de estimular o debate, cada texto teve um parecer feito por outro pesquisador que participava da sessão coordenada. Os pareceres foram socializados anteriormente para os autores e eram apresentados imediatamente após a apresentação dos trabalhos. Esta dinâmica, já vem sendo adotada pela Rede desde sua formação e se mostra bastante produtiva para interação entre diferentes pesquisadores.

Planejamento para 2022

A reunião de encerramento da RETIJ foi separada em dois momentos. Inicialmente houve a apresentação dos resultados preliminares da pesquisa Nacional sobre o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, por Samuel Lima, da UFSC que foi o coordenador da pesquisa feita em rede, como se descreve abaixo.

A segunda parte, tratou do planejamento da rede e da eleição da nova coordenação, que passou

a ser de responsabilidade das pesquisadoras Janaina Visibeli (UEMG) – na coordenação – e Marluce Zacariotti (UFT) – na vice coordenação. Houve destaque aos trabalhos feitos por Edgard Patrício, a frente da rede, que permitiu ampliar o grupo de pesquisadores que têm participado dela e sua penetração junto à diferentes programas de pós-graduação e grupos de pesquisa no país.

A partir das discussões geradas, os pesquisadores da rede optaram por não estabelecer novas atividades, uma vez que para 2022 havia, ainda, todo o trabalho de análise e leitura dos dados gerados pela pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro: produção de relatório final e outros produtos, como as análises por segmentações regionais e temáticas diversas. A reunião permitiu que novos pesquisadores da rede pudessem fazer parte do comitê que realizará as atividades de análise.

A pesquisa em rede: Perfil do Jornalista Brasileiro 2021

Para fortalecer a Rede de pesquisadores em Trabalho e Identidade dos Jornalistas, os grupos de pesquisa e pesquisadores, que participam da RETIJ, na reunião de 2020, acordaram a realização de uma pesquisa coletiva, que realizaria um novo levantamento sobre o Perfil dos Jornalistas Brasileiros para o ano de 2021, em referência a pesquisa de mesmo nome, realizada em 2012, sob a coordenação de Jacques Mick, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A pesquisa foi realizada durante o período de 16 de agosto a 01 de outubro de 2021, sob a coordenação de Samuel Lima, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para realização dos trabalhos, foi constituída um comitê da RETIJ que junto à pesquisadores da UFSC representado pelos pesquisadores Jacques Mick e Janara Nicoletti, pesquisadores do Lastro da UFSC, Janaina Visibeli, professora da UEMG e pesquisadora do CPCT/ECA-USP, João Augusto Moliani, professor da UTFPR e pesquisador do CPCT/ECA-USP, Rafael Paes Henrique, professor da UFES, Edgard Patrício, do PráxisJor/UFC e Marluce Zacariotti, da UFT. Além dos pesquisadores da RETIJ, a pesquisa também contou com vários pesquisadores do Laboratório de Sociologia do Trabalho – Lastro/UFSC, todos os pesquisadores atuam como voluntários. A comissão se reuniu no ano de 2021 para produção dos instrumentos de pesquisa, levantamento da amostra, contato com associações e entidades de classe, divulgação da pesquisa e análise dos dados.

No Brasil há pouca sistematização de dados sobre os profissionais jornalistas em atividade. O apagão das informações, impacta diretamente na organização da categoria para garantir condições decentes de trabalho. Nesse contexto, a pesquisa Perfil dos Jornalistas Brasileiro 2021, buscou saber “quantos e quem são os jornalistas brasileiros, no começo desta terceira década do século 21?”. Objetivava identificar divisão da categoria por gênero, cor-raça, escolaridade, funções, distribuição geográfica dos profissionais e outros aspectos sociodemográficos identificáveis. Além de permitir a comparação dos dados coletado em 2021 com o que se observou em 2012. Nesse sentido, também

teve como objetivo aprofundar a análise sobre indicadores da precarização do trabalho jornalístico e seus impactos na saúde dos trabalhadores; além de refletir sobre os efeitos da crise do jornalismo sobre a configuração profissional da categoria.

Ao total 7.029 jornalistas responderam ao online survey. A expressiva participação dos profissionais na pesquisa foi o resultado do trabalho dos pesquisadores da rede, dos grupos de pesquisa, mas também do apoio das organizações nacionais da categoria: ABI, ABEJ, ABRAJI, APJor, FENAJ e sindicatos filiados, além da SBPJor, que assegurou a visibilidade da pesquisa e sua penetração no território nacional. O resultado da significativa participação das e dos jornalistas, permitirá que sejam realizadas análises por regiões do país e, também, para alguns estados, como Ceará, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, que tiveram mais de 300 respondentes.

Um panorama inicial dos dados gerais e o relato da experiência da pesquisa em rede, foi apresentado no 18^o Encontro Nacional de Pesquisadores, durante o seminário de Programas de Pós-graduação em Jornalismo e, também, na reunião de planejamento da RETIJ. O encontro virtual, permitiu que pesquisadores pudessem ter contato com as informações preliminares da pesquisa e a metodologia de organização dos trabalhos. Os debates colaboraram para indicar algumas demandas existentes, por parte da comunidade científica, para tratamento dos dados.

A análise dos dados foi dividida entre os pesquisadores para produção do Relatório Final de Pesquisa, entregue no início de 2022 e disponibilizado para download gratuito, na página <https://perfildojornalista.ufsc.br/>.

Disciplina Transformações no Mundo do Trabalho da(o)s Jornalistas

Com o apoio da Retij, sob a coordenação de Edgard Patrício (UFC), um consórcio de 12 PPGs da área de Comunicação (UFC, UEPG, UFRR, USP, UFMG, UFPI, UFMS, UFPB, UFMT, UFG, UFMA, UFS) se articularam para oferecer a disciplina ‘Transformações no mundo do trabalho da(o)s jornalistas’. A iniciativa, inédita no meio acadêmico da pós-graduação no Brasil, foi estruturada em 13 painéis temáticos, e contou, entre regulares, especiais e ouvintes, com a representativa participação de estudantes de 23 programas de pós-graduação do Brasil e dois do exterior.

A ideia era traçar um panorama das transformações que vêm se verificando no âmbito do Jornalismo e da atuação da(o)s jornalistas. Os painéis temáticos tiveram a participação de pesquisadora(e)s e jornalistas locais, nacionais e internacionais, na intencionalidade de perceber como o ecossistema do Jornalismo se insinua por diferentes contextos. As temáticas dos 13 painéis indicaram as principais preocupações da Retij na pesquisa em jornalismo.

i) Reflexos da pandemia na produção do jornalismo; ii) As crises e o jornalismo: da dimensão

econômica à crise de legitimidade e confiança; iii) Precarização e plataformização do trabalho de jornalistas; iv) A disseminação de informações não jornalísticas de expressão noticiosa; v) Gêneros jornalísticos e hibridização de conteúdos; vi) A qualificação das audiências; vii) O papel das fontes na coprodução de notícias; viii) Pode o subalterno falar? Desterritorializações críticas no jornalismo; ix) Desigualdades de gênero e raça na construção da cultura jornalística; x) A feminização no jornalismo e as transformações no mercado de trabalho; xi) As alternativas de modelos de negócios; xii) A cultura colaborativa remota; xiii) Desafios formativos em Jornalismo.

Além das discussões ocorridas durante a disciplina, os painéis foram transformados em episódios do podcast PapoCom, produzido pelo grupo de pesquisa PráxisJor – Práxis no Jornalismo (PPGCOM/UFC). Esses episódios estão à disposição de todos os PPGs e de toda(o)s a(o)s pesquisadora(e)s, e podem também servir de material assíncrono para os cursos de graduação, facilitando a articulação com a pós-graduação.

Participação nas lives SBPJor em Redes

A SBPJor em Redes é uma atividade promovida pela SBPJor e realizada pelas redes de pesquisa que fazem parte da Associação. Trata-se de uma série de lives em que cada uma das redes compõem uma mesa de convidada(o)s para discutir temáticas relacionadas à atuação da Rede. A atividade ao vivo é realizada pelo canal do Youtube da SBPJor que permite que os debates realizados possam ser disponibilizados após o evento para pesquisas e consultas posteriores. Mais do que uma oportunidade de divulgação das redes, trata-se de um espaço de produção de conhecimento e difusão científica.

A Retij ficou responsável por abrir a série de lives de 2021. Com a mesa “Organização do trabalho da(o) jornalista: impactos da pandemia”, a rede buscou discutir as condições do trabalho, as mudanças no processo produtivo, os desafios e aprendizados vividos na realização do fazer jornalístico no contexto da pandemia.

A mesa teve mediação de Edgard Patrício, coordenador da RETIJ e pesquisador da UFC, e contou com a participação três debatedoras: Ana Flávia Marques, que é jornalista, integrante do centro de estudos de mídia alternativa Barão de Tararé e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho - CPCT/ECA-USP; Larissa Gould, jornalista que trabalha no Brasil de Fato e Janaina Visibeli, professora da UEMG e pesquisadora pelo CPCT/ECA-USP.

Contatos para novas filiações: retijsbpjor@gmail.com

As contribuições da Rede Telejor e do telejornalismo na **luta pela preservação e ampliação dos direitos humanos e da cidadania**

Cárlida Emerim¹
Ariane Pereira²

1. Telejornalismo: um serviço social

A perspectiva de democratização dos meios de comunicação social relegava a força e o poder do telejornalismo como instrumento potencializador da democracia e dos direitos humanos. Simultaneamente, desmerecia suas características ao julgar a mídia pelos seus empresários e desmoralizavam os profissionais telejornalistas, reduzindo suas habilidades a possuir “rostinhos bonitos”. Ocorre, porém, que o telejornalismo sempre foi um espaço de grande potencial de mobilização social – um poder inerente a sua essência de televisão e, que, na contemporaneidade, assumiu, também, espaços virtuais a partir de diferente telas e plataformas.

Durante a pandemia de Covid-19 (2020, 2021 e ainda em 2022), o telejornalismo se mostrou um lugar de referência na busca por informações sobre a doença e o vírus, assim como de estabilidade socioemocional, uma vez que o mundo e a realidade no entorno mostravam-se incertos e caóticos. De forma geral, o telejornalismo praticamente se reinventou ao enfrentar os desafios estéticos e de linguagem impostos pelos protocolos sanitários. Os jornalistas de TV foram para a linha de frente, corajosamente se colocando em risco para ofertar um serviço de qualidade à sociedade, atuando, assim, numa função fundamental: a de oferecer informações checadas e apuradas sobre o que estava acontecendo no mundo, no Brasil e localmente.

Na sequência, ao cobrir os desdobramentos da crise sanitária mundial (que, em pouco tempo, deu vazão a outras crises, principalmente, a econômica e a humanitária), o telejornalismo seguiu se fortalecendo ao desmentir e combater a crescente onda de desrespeito aos direitos humanos e a eclosão de notícias falsas que constróem narrativas distópicas e de cunho político-ideológico, baseadas na segregação das minorias e no fortalecimento/manutenção do autoritarismo.

Ao acompanhar de perto a realidade social, a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (TeleJor) sempre acreditou no potencial democrático do telejornalismo e, mais ainda, na capacidade

¹ Coordenadora da Rede TELEJor (2020/2021). Professora e pesquisadora na Graduação (JOR) e Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). carlida.emerim@ufsc.br.

² Vice-Coordenadora da Rede TELEJor (2020/2021). Professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em Guarapuava/Paraná. ariane@unicentro.br

de abrangência e de acessibilidade das narrativas audiovisuais. Nessa direção, cabe também enfatizar que a liberdade de expressão, tão cerceada nos últimos tempos, também permitiu comprovar a criatividade e a competência elocutória do telejornalismo para narrar os fatos do mundo e fazer crer sobre seus discursos. Características fundamentais, então, para que os modos de produção e os modelos narrativos do telejornalismo pudessem demonstrar sua função social não só como um serviço à população, mas como um campo do jornalismo de extrema relevância para a sociedade democrática.

2. Funcionamento da Rede TeleJor

O telejornalismo é compreendido pela TeleJor como o jornalismo audiovisual produzido e distribuído para as diferentes telas, a partir de diferentes modelos narrativos e exibido em plataformas diversas. Os integrantes da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, espalhados pelas cinco regiões do Brasil, compreendem o telejornalismo como um objeto de ensino, pesquisa e de propostas de extensão. Perspectiva que foi sendo construída, passo a passo – com planejamento e avaliação frequentes, ao longo dos últimos 17 anos, desde que a TeleJor foi criada a partir da “compreensão de que o telejornalismo tornou-se, ao longo das décadas, o espaço privilegiado para as discussões sociais, culturais, políticas e econômicas, ganhando, portanto, um lugar central na sociedade brasileira do tempo presente” (PEREIRA, FINGER, 2022, no prelo).

Uma síntese dos ideais que movem os integrantes da TeleJor, de acordo com o primeiro coordenador da Rede, Flávio Porcello, está na introdução do primeiro livro lançado pelo grupo e organizado por ele, Alfredo Vizeu e Célia Ladeira.

“O telejornalismo ocupa hoje um lugar central na vida dos brasileiros”, diz a introdução de *Telejornalismo: a nova praça pública* (Editora Insular, 2006), e acrescenta acentuando que “os telejornais são hoje a principal fonte de informação da sociedade brasileira: mais barata, mais cômoda e de fácil acesso”. Por essa razão o telejornalismo deveria ser estudado de forma intensa e aprofundada e, como já dizíamos naqueles tempos iniciais, este foi apenas o primeiro de muitos passos que já demos e ainda deveremos dar em direção ao aprofundamento da pesquisa acadêmica para uma melhor qualidade do ensino e prática do telejornalismo. (PORCELLO, 2011, p.43-44)

Ideais e ideias que tem encontrado ressonância entre os pesquisadores brasileiros. Exemplo disso é o envolvimento de 72 pessoas na pesquisa em rede – que teve como tema telejornalismo e direitos humanos – proposta pela TeleJor e realizada no ano de 2021. Essa mobilização científica para compreender o fazer telejornalismo e propor novas perspectivas teórico-epistemológicas e práticas reuniu pesquisadores sêniores (doutores) e pesquisadores em formação (doutorandos) de 31

universidades do país – 22³ públicas e nove privadas⁴, e uma do exterior⁵.

As pesquisas anuais da TeleJor são realizadas a partir da definição de um tema macro, discutido em reunião com os pesquisadores que integram a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. Desde 2018, essas investigações se subdividem em dois grandes grupos – um voltado ao aprofundamento teórico, visando a formulação de conceitos e metodologias que permitam que as pesquisas na área possam avançar; e outro que busca sistematizar pesquisas empíricas sobre as experiências e as práticas telejornalísticas em contextos socioculturais diversos. Assim, entre novembro e maio, os pesquisadores atuam de forma mais imersiva nas temáticas da pesquisa para depois, iniciar a apresentação dos resultados.

Essa rotina de trabalho exige o estabelecimento de uma estrutura que tem regras fixas e outras que necessitam ser atualizadas anualmente. Para tanto, há um núcleo central da Rede, chamado de Conselho Consultivo, que é integrado pelas ex-coordenadoras e pelas atuais coordenadoras. Esse grupo se reúne sistematicamente – virtual ou presencialmente – em encontros de trabalho que ocorrem nos intervalos dos eventos regionais e nacionais das principais associações de jornalismo e comunicação, e também durante estes congressos.

Após ouvir as sugestões dos pesquisadores do grupo, o Conselho Consultivo avalia as ideias e seu possíveis encaminhamentos para a definição da temática anual. É nesse momento que é divulgada uma Chamada Pública, visando a integração de pesquisadores membros ou não da TeleJor à pesquisa que, na sequência, terá seus resultados publicados em livros. Atendendo à chamada, recebemos propostas de desenvolvimentos de trabalhos que são avaliadas individualmente e como cada um delas se integra com as demais, complementando umas as outras. Nessa etapa, o Conselho Consultivo sugere encaminhamentos para as pesquisas. As coletâneas com os resultados das pesquisas em rede lideradas pela ReleJor são lançadas entre setembro e novembro do ano em curso.

A TeleJor tem, ainda, como características específicas: 1. a reunião de ideias e a distribuição dessas demandas entre os pesquisadores, integrantes ou não da rede, seguindo a tradição democrática do grupo; 2. a interlocução direta com os profissionais que atuam no mercado de telejornalismo e na

³ Universidade de Brasília; Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Londrina; Universidade Estadual do Centro-Oeste; Universidade Estadual do Piauí; Universidade Estadual Paulista; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal de Campina Grande; Universidade Federal de Goiás; Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade Federal de Pelotas; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal de Roraima; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal de São Paulo; Universidade Federal de Sergipe; Universidade Federal do Pampa; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e Universidade Federal do Tocantins.

⁴ Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Centro Universitário Campo Real; Escola Superior de Propaganda e Marketing – São Paulo; Escola Superior de Propaganda e Marketing – Sul; Faculdades Integradas Hélio Alonso; Faculdade Pinheiro Guimarães; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade do Sagrado Coração; e Universidade Tecnológica de Curitiba.

⁵ Erasmus University Rorredam, na Holanda.

mídia de produção de conteúdo em jornalismo audiovisual, com vistas a oxigenar e testar as propostas de estudo, além de contribuir para a maior qualificação dos profissionais através da circulação de conhecimento.

A Rede TeleJor também atua em parceria com o GP Telejornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), pois muitos pesquisadores da TeleJor também integram esse Grupo de Pesquisa. União que potencializa as pesquisas desenvolvidas bem como amplia o alcance da divulgação dos resultados, além de ajudar a fortalecer duas de nossas principais entidades científicas, a SBPJor e a Intercom.

3. As atividades de pesquisa em 2021

Em meio a pandemia de Covid-19, foi registrado um acirramento dos casos de violência contra jornalistas no exercício da profissão e, também, foi presenciado o aumento no número de ataques e de desrespeito aos direitos humanos. Diante deste cenário, atentos aos desdobramentos das imagens em movimento no mundo, os pesquisadores da Rede Telejor perceberam que era necessário voltar a atenção para a compreensão dessas questões emergentes, advindas de uma sociedade absorva em campanhas de desinformação e de descredibilização do jornalismo, das instituições de ensino, de saúde e da própria ciência.

Nesta direção, o tema central escolhido pela TeleJor para a pesquisa em rede realizada em 2021 foi a correlação entre telejornalismo e direitos humanos. Temática fundamental na contemporaneidade, tendo em vista algumas das principais reivindicações sociais em tempos pandêmicos – como o direito à saúde, seja através da vacina ou de atendimento digno; ou o direito à dignidade, tanto pelo emprego quanto pelo auxílio emergencial. Demandas sociais que têm como ancoragem a vida humana e que são amplificadas quando ganham status de notícia e, sobretudo, quando são registradas/disseminadas pelas telas (da TV ou dos dispositivos eletrônicos). Assim, o ponto focal de nossas lentes encontrou-se nos modos de fazer a cobertura e no narrar/discursivizar temas correlatos aos direitos humanos, para como essas relações humano-sociais se concretizam nas redações televisivas, para como essa temática é reverberada nos telejornais, e para o desrespeito ao direito ao trabalho por parte dos jornalistas. Ao falar sobre direitos humanos, nossas pesquisas também se voltaram para a obra de Paulo Freire, cujo centenário foi comemorado em 2021, e seus desdobramentos para os estudos em telejornalismo.

Assim, em 2021, foram publicados três livros pela Coleção Jornalismo Audiovisual, editada pela Insular, de Florianópolis. O volume 11, intitulado Teorias do telejornalismo como direito humano, reuniu 15 capítulos desenvolvidos por 29 autores, todos doutores. O objetivo do livro foi o de propor constructos teóricos e mostrar como o telejornalismo tem defendido a democracia e os direitos humanos, além de mobilizar e engajar mais a sociedade, através do trabalho desenvolvido

em diferentes emissoras e em diversas telas de visão. O livro é dividido em dois eixos. O primeiro – Telejornalismo e direitos humanos: uma interface necessária - conta com oito capítulos que abordam as relações possíveis entre o telejornalismo e os direitos humanos, propostas conceituais para a análise do jornalismo audiovisual. Assim, integram essa parte da coletânea, os artigos “Telejornalismo, Direitos Humanos e as relações possíveis”, de Cárilda Emerim; “Cidadãos, autoridades, vítimas e especialistas: uma proposta metodológica para análise do telejornalismo”, de Ana Carolina Temer e Letícia Renault; “Telejornalismo de subjetividade como espaço de visibilidade para os direitos humanos”, que tem como autores Maura Oliveira Martins e Rafael Barbosa Fialho; “Perspectiva de gênero em telas: acréscimos ético-informacionais à dramaturgia do telejornalismo”, proposta de Iluska Coutinho e Ariane Pereira; “A narrativa telejornalística: entre os usos e os abusos do esquecimento”, de Cristiane Finger e Christina Musse; “Telejornalismo pós-hegemônico: na construção de uma nova Ecologia dos Meios”, redigido por Valquíria Kneipp; “Telejornalismo, cidadania e convergência: responsabilidade com a informação na contemporaneidade”, de Leila Nogueira; e “Os saberes pedagógicos de Paulo Freire na mobilização dos dispositivos (tele)jornalísticos”, de autoria de Laerte Cerqueira, Alfredo Vizeu e Elane Gomes. Integram o Eixo 2 - As narrativas de direitos em telas – outras seis propostas teórico-metodológicas para a análise do jornalismo para telas. São elas: “Jornalismo em telas na vertical como forma possível de narrar temas correlatos aos direitos humanos”, de autoria de Marco Aurelio Reis, Cláudia Thomé e Fabiana Piccinin; “O ataque aos direitos humanos de jornalistas de TV e as estratégias de resistência”, de Fabiana Siqueira, Giovana Mesquita, Livia Cirne e Vitor Belém; “Representações midiáticas da Covid-19: a experiência do telejornalismo em saúde”, proposta de Edna Mello e Liana Vidigal; “Migrações, midiatização e Direitos Humanos: contribuições conceituais e metodológicas para pensar o telejornalismo”, de José Tarcísio Oliveira Filho e Débora Antunes; “Inclusão, acessibilidade e direitos dos deficientes visuais: reflexões sobre audiodescrição no telejornalismo brasileiro”, redigido por Michele Negrini, Marislei Silveira Ribeiro e Paulo Eduardo Lins Cajazeira; e “A pedagogia libertadora de Paulo Freire: atual e necessária para o ensino de telejornalismo”, último texto de Flávio Porcello publicado pela TeleJor.

Direitos humanos nas telas: reivindicações sociais e representações de sentido narradas pelo telejornalismo é o título do Volume 12 da Coleção Jornalismo Audiovisual. Também lançada em 2021, a coletânea reúne 28 autores, que apresentaram desdobramentos da pesquisa em 12 capítulos, divididos em dois eixos. Os capítulos mostram a força produtiva do telejornalismo na contemporaneidade, não só como um instrumento potencial para a divulgação dos direitos essenciais e, também, para a denúncia das violações e desrespeito aos Direitos Humanos. Ao defender estas premissas, o Eixo 1 - Os múltiplos sentidos dos direitos humanos a partir do telejornalismo apresenta ao leitor seis artigos: “Telejornalismo público e autonomia editorial: entre a censura e as margens

de manobra”, de Heitor Costa Lima da Rocha e Acsa Roberta Macena da Silva; “#GloboLixo e a liberdade de imprensa: uma análise de ataques aos telejornalistas”, de autoria de Valquíria Kneipp e Francisco das Chagas Salles Júnior; “Jornalismo audiovisual e (in)formação em telas: os saberes de Paulo Freire na prática jornalística do Jornal Nacional”, escrito por Simone Teixeira Martins, Gustavo Pereira, Luiz Felipe Falcão e Iluska Coutinho; “Direitos Humanos e Telejornalismo: construindo experiências transformadoras na sala de aula”, de Egle Müller Spinelli e Isabela Afonso Portas; “Protagonismo do jornalismo audiovisual em séries documentais em streaming com temática correlata aos direitos humanos”, assinado por Cláudia Thomé, Marco Aurélio Reis, Aurora Miranda Leão e Vanessa Coutinho Martins; e “A romantização da pobreza no telejornalismo: um estudo de casos múltiplos”, de Ingrid de Assis e Cárilda Emerim. Já o segundo eixo – intitulado Os direitos humanos sob a ótica de repórteres e reportagens – apresenta outros seus estudos: “Desigualdades sociais brasileiras em pautas nas reportagens de Chico Regueira no Jornal Nacional”, de Fabiana Siqueira, Laerte Cerqueira e Ana Paula Goulart; “Telejornalismo e direitos humanos: performance e experiência do repórter Caco Barcellos no local do acontecimento”, redigido por Leandro Olegário e Matheus Felipe; “Telejornalismo, violência policial e direitos humanos: uma análise da cobertura da operação que resultou na morte de 15 pessoas no Rio de Janeiro”, de Fábio Canatta; “Nove minutos de vinte e quatro segundos: análise de uma reportagem sufocante”, assinado por Rosane Martins de Jesus e Jemima Bispo de Jesus; “Uma brecha negra no telejornalismo”, de Gabriela Machado Ramos de Almeida e Heidy Vargas; e “Silêncio ensurdecido no fluxo live e TV: a não cobertura televisiva pós pronunciamento da República com carta de ideação suicida”, de autoria de Soraya Ferreira e Matheus Bertolini.

A chamada pública e a adesão para a pesquisa em rede liderada pela TeleJor em 2021 resultou, ainda, em uma terceira coletânea – Telejornalismo e direitos humanos: pesquisas e relatos de experiências, volume 13 da Coleção Jornalismo Audiovisual, composto por 15 capítulos, desenvolvidos por 28 autores. Esses textos apresentam discussões sobre as múltiplas urgências do tempo presente deixando como legado as reflexões e análises como vestígios dos tempos turbulentos que vivemos agora, não permitindo que tantas omissões e violações aos direitos humanos caiam no esquecimento. Os cinco textos que integram o Eixo 1 – Em defesa dos direitos humanos pela interface Telejornalismo e Educação – são: “A nova televisão e os direitos humanos na USP”, de Luciano Victor Barros Maluly, Mônica de Fátima Rodrigues Nunes Vieira e Vinícius Guedes Pereira de Souza; “Canal Reload: produção de conteúdo para jovens como direito à informação”, de autoria de Washington José de Souza Filho; “Jornalismo audiovisual na educação básica: uma ferramenta de combate à violência contra a mulher”, redigido por Ariane Pereira, Íris Tomita e Renata Caleffi; “Em Pauta TV UFPel: questões de gênero relacionadas às mulheres no telejornalismo”, de Michele

Negrini, Marislei Silveira Ribeiro e Willian Machado da Silva; “Saúde pública no telejornalismo universitário: reconfigurando estratégias pedagógicas no ensino remoto”, olhar proposto por Roberta Roos e Vivian Belochio. São também cinco os artigos que compõem o Eixo 2 - O telejornalismo como locus para a reflexão acerca dos direitos humanos: “Práticas em liberdade e autonomia: diálogos entre Paulo Freire e o telejornalismo público”, de Mayra Fernandes; “Telejornalismo enquanto território de direitos: lugar de fala e de legitimação de discursos”, de autoria de Deisy Fernanda Feitosa e Kellyanne Carvalho Alves; “O dever dialógico no telejornalismo”, por Gilze Bara; “50 anos de som e fúria: a música, os populares e os direitos humanos nas celebrações do Jornal Hoje”, de Jhonatan Mata; e “Construindo ethos para o telejornalismo nas campanhas institucionais da Rede Globo”, redigido por Rosane Martins de Jesus. O último Eixo, o de número 3, tem como título A cobertura telejornalística de temáticas ligadas aos direitos humanos e engloba mais cinco desdobramentos da pesquisa em rede: “Memórias narradas da repressão: o direito à memória e a (re)construção da ditadura nos depoimentos e entrevistas de jornalistas ao canal da “Comissão Nacional da Verdade” no YouTube, de Rosali Nunes Henriques, Pedro Augusto Silva Miranda e Talita Souza Magnolo; “Telejornalismo e linchamento no Brasil (1986 – 2017)”, cujo autor é Aldenor Pimentel; “‘CPF Cancelado’: o jornalismo policial a serviço da ideologia bolsonarista”, de Karoline Fernandes e Nadi Presser; “A cobertura da temática emprego na pandemia: uma comparação entre a abordagem do Jornal Nacional e do Jornal da Cultura”, por Leire Mara Beviláqua; e “Imunes ao luto: visibilidade midiática e a necropolítica às pessoas transgêneras”, olhar de Sérgio Rodrigo Ferreira.

Para além da pesquisa em rede sistematizada e disseminada em três livros, a TeleJor também propôs e organizou três Mesas Coordenadas para o Encontro Anual da SBPJor. Uma delas partiu da constatação de que, nos últimos anos no Brasil, os profissionais do telejornalismo têm sido alvo de ataques de diferentes graus e natureza. Da busca por deslegitimar emissoras, narrativas e repórteres às tentativas de agressão física, os jornalistas têm convivido com censuras e silenciamentos. A proposta da coordenada O Telejornalismo como lugar da resistência e da defesa dos Direitos Humanos, então, foi refletir sobre a atuação do jornalista de TV como uma atitude de resistência ao tentar oferecer acesso ao jornalismo audiovisual como conhecimento e prática de liberdade. As discussões, assim, partiram do pressuposto de que, no Brasil contemporâneo, os telejornais têm se configurado como espaço de defesa dos direitos humanos por meio das práticas de cidadania de seus profissionais. Nesse cenário de múltiplos ataques ao jornalismo, procurou-se, por exemplo, desvelar os métodos, processos e princípios éticos do exercício profissional quando o telejornal se posiciona frente a essas agressões. Sob essa mesma lente, pode-se evidenciar em que medida surgem nas telas narrativas de mobilização sobre o papel de repórteres e quais estratégias são acionadas na autocompreensão do papel de noticiar sobretudo durante a pandemia de Covid-19 e a própria pandemia. Dessa forma, outro

aspecto que gerou reflexões durante a mesa foi o referente à cobertura pelos telejornais do binômio direito à vida (via ciência)/negacionismo (a partir da disseminação de fake news). Entendendo que o telejornalismo é um forte instrumento para desvelar desequilíbrios, denunciar, cobrar transformações e revelar, de maneira pedagógica, os responsáveis por negligenciar a garantia de direitos humanos básicos do cidadão, os trabalhos também discutiram como o (tele)jornalismo encontra brechas, ou seja, de quais dispositivos lança mão para vencer barreiras. Coordenada por Cárilda Emerim, essa mesa contou com seis reflexões: “Jornalismo sob ataque: narrativas de resistência na cobertura de agressões no Jornal Nacional”, de Iluska Coutinho, Simone Martins, Gustavo Pereira e Luiz Felipe Falcão; “Telejornalismo de brechas: as pautas sociais e os direitos humanos nos telejornais”, cujos autores são Alfredo Vizeu, Ana Paula de Andrade, Fabiana Siqueira e Laerte Cerqueira; “Narrativas do jornalismo audiovisual na pandemia: o embate entre a defesa dos direitos humanos e o apoio ao discurso oficial”, proposta de Edna Mello Silva, Claudia Thomé e Marco Aurélio Reis; “A guerrilha da informação: como os jornalistas de televisão se articulam contra as agressões e na defesa dos direitos humanos”, de Christina Ferraz Musse, Fernanda Lília de Almeida e Mariana Ferraz Musse; “Contra todas nós: narrativas dos ataques de Bolsonaro às jornalistas no jornalismo audiovisual”, de autoria de Fabiana Piccinin e Carine Prevedello; e “Fatos e pessoas: uma análise de iniciativas de humanização do jornalismo da TV Globo na cobertura da pandemia”, de Valquíria Kneipp e Francisco das Chagas Sales Júnior.

Principal forma de acesso ao mundo no Brasil e presença constante nas circulações em mídias sociais digitais, de que maneira os telejornais dão a ver em suas edições a questão dos direitos humanos? Essa foi a pergunta norteadora da Coordenada de número dois da TeleJor no SBPJor 2021. Intitulada Respeito e desrespeito aos Direitos Humanos nas narrativas telejornalísticas, a mesa refletiu sobre os enquadramentos e as construções das narrativas apresentadas no jornalismo para telas, considerando o ato de noticiar episódios de desrespeito dos direitos humanos, e sua capacidade de ir além da denúncia, narrando formas de acesso aos direitos humanos em sua pedagogia. A proposta da mesa incluiu, portanto, de estudos de caso a reflexões mais conceituais e, ainda, sobre o ensino de telejornalismo a partir da perspectiva dos direitos humanos. As discussões englobaram, por exemplo, reflexões acerca de temas ligados aos direitos humanos, como as mortes decorrentes da Covid-19 e, também, do negacionismo frente à pandemia; ou as mortes resultantes de operações policiais - sobretudo em comunidades que estão à margem das cidades e, acima de tudo, das decisões de poder, mas também na busca por criminosos foragidos; ou como são noticiadas as mortes de crianças vítimas de variados tipos de violência, bem como as mortes decorrentes de suicídios. As reflexões, portanto, também voltaram sua atenção para a presença do sensacionalismo em algumas coberturas (tele)jornalísticas, como uma estrutura, simultaneamente, narrativa e mercadológica que

renova, a cada cobertura, as formas de explorar e violar os Direitos Humanos, fazendo, inclusive, apologia à violência simbólica e desrespeitando o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em apelo à multiplicação da audiência. Ao entender o tom, a abordagem, a seleção de entrevistados, as características narrativas e as possíveis subtrações dos Direitos Humanos, a mesa também proporcionou um olhar para o ensino das práticas produtivas do telejornalismo em diversas situações - do respeito à afronta aos Direitos Humanos e ao Código de Ética dos Jornalistas, até a busca pela inclusão dos diferentes grupos sociais, como as pessoas com deficiência, nas atividades laboratoriais do jornalismo audiovisual. Coordenada por Ariane Pereira, a mesa contou com seis trabalhos: “Da transmissão ao vivo ao setembro amarelo: porque o telejornalismo precisa aprender a falar sobre suicídio”, de Cristiane Finger e Eduarda Lopes; “Telejornalismo e presunção de culpa: uma análise do tratamento dado às vítimas da operação que resultou na morte de 15 pessoas no Rio de Janeiro”, assinado por Fábio Canatta; “A cobertura jornalística no caso Iázaró Barbosa na TV Record: reflexões sobre sensacionalismo, violação dos direitos humanos e as relações com o ensino das práticas”, de Cárilda Emerim, Giovana Mesquita, Lívia Cirne e Vitor Belém; “Telejornalismo fronteiriço e direitos humanos: estudo de caso aplicado à cobertura noticiosa sobre as migrações venezuelanas em Roraima”, por Tarcísio de Oliveira Filho; “Desafios do Ensino em tempos de pandemia: o ensino remoto para pessoas com deficiência”, proposto por Paulo Eduardo Cajazeira, Michele Negrini e Roberta Ross; e “A morte do menino Henry – A exposição da criança vítima de violência no telejornal”, de Laria Letícia Renault e Ana Carolina Temer.

A coordenada (D)O lugar da alteridade na cobertura de pautas sobre desrespeito aos direitos humanos objetivou discutir como se dá a atuação dos jornalistas de televisão quando o que está em pauta são temas de flagrante desrespeito aos direitos humanos, procurando evidenciar qual a perspectiva adotada e se esta é de valorização dos indivíduos enquanto seres humanos. Um dos aspectos privilegiados da coordenada foi o do exercício do telejornalismo a partir de uma perspectiva de gênero. Afinal, a igualdade entre homens e mulheres constava, já em 1948, como uma das premissas da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Porém, longe de ser uma realidade para muitas mulheres e meninas ao redor do globo, foi incluída pela ONU (Organização das Nações Unidas) como uma das metas – a de número 5 - dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a serem alcançados até 2030. Desse modo, a coordenada propôs perceber se os telejornais contribuem para colocar a mulher em evidência ou se são agentes da construção e manutenção das avenidas de silêncio que são interpostas às mulheres e responder até que ponto as mulheres têm direito de fala ou são invisibilizadas nos e pelos telejornais. As discussões também buscaram mapear as representações femininas em narrativas noticiosas audiovisuais, bem como os mecanismos acionados na cobertura jornalística sobre a violência contra a mulher. Os cinco trabalhos apresentados nessa

mesa, coordenada por Iluska Coutinho, foram: “O (des)respeito aos direitos humanos tomou conta das telas? Uma análise da construção jornalística da representação de uma criança vítima de abuso sexual”, de Bárbara Schlaucher; “O abraço proibido de Drauzio Varella: reflexões sobre mídia, direitos humanos e o trabalho ideológico das prisões”, assinado por Carla Procópio; “Avenidas de silêncio: a invisibilidade das mulheres nos telejornais”, de Ariane Pereira e Reanata Caleffi; “A cobertura jornalística da violência contra a mulher: um olhar sobre o dossiê Mulher 2020 (ISP-RJ)”, de autoria de Mozarth Dias; e “Telejornalismo e gênero: representações femininas nas notícias de TV”, de Leila Rodrigues.

Todas as três coordenadas mobilizaram grandes debates e conseguiram manter uma audiência média de 35 participantes.

4. As propostas para 2022

Motivo de preocupação desde as eleições presidenciais, primeiro, nos Estados Unidos e, depois, no Brasil, a desinformação mostrou-se extremamente perigosa durante a pandemia de Covid-19 e seguiu sendo um risco durante 2022. Nos últimos anos, assistimos a um crescimento exponencial das formas de produção e de acesso a vídeos, de natureza e origem diversas, o que multiplicou a possibilidade de contato com informações falsas, mentiras e boatos.

A desinformação é, assim, um problema contemporâneo, reforçado no Brasil pela ausência de regulamentação da comunicação e pelo baixo conhecimento acerca do funcionamento da mídia em nossa sociedade, gerando, entre outros riscos, a não diferenciação entre conteúdos informativos-jornalísticos e a emissão de opinião a partir de conteúdos inverídicos. Os conteúdos audiovisuais, portanto, ao circularem e se propagarem indiscriminadamente a partir da ação de atores não identificados e de agentes maquínicos, são portadores potenciais de um valor de verdade (decorrente de seu formato consagrado a partir do telejornalismo) que conferem uma certa credibilidade à mentiras numa sociedade movida pela pós-verdade, essa espécie de verdade individual, em que cada um acredita apenas no que lhe convém e rechaça toda e qualquer outra perspectiva. Podendo ser compreendida como um dos resultados da exacerbação das culturas narcísica e hedonista, a era da pós-verdade é o tempo do engano e da mentira, na medida em que os sujeitos estão propensos a aceitar como verdadeiro apenas o que tem convergência com suas crenças, possibilitando, assim, a proliferação de inverdades, de boatos; dando corpo a desinformação. (PEREIRA; FINGER, 2022, no prelo)

Os vídeos e as telas, dessa maneira, são, simultaneamente, conteúdo e espaço de informação (quando integram o espelho de um telejornal, por exemplo) e modos de distribuição de notícias

falsas ou desinformação também são conteúdo e espaço de informação. Foi pensando, então, no jornalismo para telas como possibilidade de troca de conhecimento na medida em que oferece e dissemina notícias submetidas à processos de qualificação, além de ser um locus privilegiado para reforçar a importância desses processos, que a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo propôs a temática da pesquisa a ser realizada em rede pelos seus membros e outros pesquisadores que buscam integrar-se a ela a partir de novembro de 2021.

Assim, estabeleceu-se que os esforços da atual pesquisa devem procurar demonstrar que, ao ser responsável pelo estabelecimento de uma certa “dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2012) – ou seja, de normas e padrões para a produção de notícias em vídeo, o jornalismo feito para telas é, concomitantemente, o caminho para o combate à desinformação e a prática que possibilita a valorização da notícia. Essa proposta foi pensada para valorizar não apenas o telejornalismo enquanto prática profissional e área de pesquisa, mas sobretudo os sujeitos que estão por trás e a frente telas. Com isso, queremos, enquanto rede de pesquisa, evidenciar o jornalismo audiovisual como uma prática que influencia, constante e rotineiramente, nas nossas formas de sociabilidade, nos nossos modos de ser e estar sujeito no mundo.

Referências

COUTINHO, Iluska. Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão em Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (Orgs.). Teorias do telejornalismo como direito humano. Florianópolis: Insular, 2021.

_____; _____; FINGER, Cristiane. Direitos humanos nas telas: reivindicações e representações de sentido narradas pelo telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2021.

_____; _____; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio. Telejornalismo e direitos humanos: pesquisas e relatos de experiências. Florianópolis: Insular, 2021.

PEREIRA, Ariane; FINGER, Cristiane. Rede TeleJor: a contribuição da pesquisa em rede para o conhecimento do telejornalismo brasileiro. 2022. No prelo.

PORCELLO, Flávio. Desafios, limites e possibilidades da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo. BJR, vol. 7, n. 11, 2011.



Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo